

SAGRADO E TERRÍVEL AR

Robert Kurvitz

2013

Sumário

PREFÁCIO DA TRADUÇÃO ORIGINAL	4
PREFÁCIO DA TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS BRASILEIRO	5
1. CHARLOTTE SJÄL	6
2. REUNIÃO DE CLASSE	7
3. NÃO-ENTIDADE	17
4. VIDKUN HIRD	19
5. ZA/UM	27
6. FRANTIČEK O VALENTE	35
7. O MUNDO ESTÁ DANDO ERRADO, O TEMPO ESTÁ DESARTICULADO	37
8. VENDEDOR DE LINÓLEO	51
9. SAGRADO E TERRÍVEL CHEIRO	62
10. BOA NOITE, ANNI	64
11. SELF-CHILLER	73
12. ZIGI	82
13. CASAMENTO QUÍMICO	85
14. LISTA DE AUSENTES	104
15. MOFO	116
16. ENTROPONAUTA	119
17. HARNANKUR	129
18. TRÊS TORTAS DE CARNE EM MASSA DE ÓLEO	131
19. EU NÃO SOU UMA PIADA	144
20. EPÍLOGO – LUZ BRILHA ATRAVÉS DE TUDO	155
BONUS – CENA DELETADA – MÃE DE KHAN	159
GLOSSÁRIO	161

*“Meu coração não descansará até que
descanse em você.”*

Santo Agostinho

PREFÁCIO DA TRADUÇÃO ORIGINAL

Essa tradução é resultado de um amor profundo pelo mundo de Elysium, que primeiro veio à vida para as audiências anglófonas através do memorável jogo Disco Elysium.

Somos alguns fãs que (assim como muitos outros) queriam devorar tudo que estivesse dentro desse mesmo universo após terminarmos nossas jogatinas repletas de lágrimas e emoções. Ficamos muito animados quando descobrimos a existência de um livro, todavia rapidamente tristes quando ficou evidente que não estava disponível em inglês - pior ainda, o original estoniano também havia parado de ser impresso na época em que o descobrimos.

Uma investigação mais profunda revelou que uma tradução para o inglês foi planejada, estava mesmo em produção até determinado momento, mas caiu em incerteza e aparente adiamento indefinido por causa das complexidades decorrentes da luta pelos IPs da ZA/UM e dos problemas jurídicos.

Apesar disso, decidimos seguir em frente e arranjar a tradução nós mesmos. Conseguimos (com certo esforço) adquirir uma cópia do original estoniano “Püha ja õudne lõhn”, e usamos de nossas próprias finanças para pagar por um tradutor profissional e, para finalizar o trabalho, um editor de língua inglesa.

O que você tem diante de si é o resultado de vários meses de trabalho duro voltados não apenas para levar o texto original para o inglês, mas também para lidar com complexas expressões e novos conceitos envolvidos no livro, de forma a ser fiel tanto ao autor original, quanto para as traduções existentes do jogo Disco Elysium. Houveram muitos casos nos quais tivemos que coordenar bem o trabalho do grupo todo, a fim de trazer os melhores significados para cada palavra, sentença ou conceito. Óbvio que não tivemos acesso ao próprio autor (embora adoráramos ter tido!), então em determinadas situações tivemos que seguir nossas próprias interpretações e adaptações - se cometemos erros, nos desculpamos de antemão e esperamos que nos vocês nos perdoem. Como conteúdo bonus que não está no livro mas o completa bem, temos duas postagens do blog “www.zaum.ee” que era administrado pelo coletivo ZA/UM nos anos 2000, infelizmente já defunto; traduzimos eles diretamente dos arquivos do blog. Também adicionamos um glossário como referência para termos menos familiares e nomes de lugares, como descrições tiradas do Disco Elysium.

Nem precisamos dizer que no momento em que uma tradução “real” for criada com a aprovação do autor seremos os primeiros na fila para ter uma cópia, esperamos que você faça o mesmo!

Se você achou esse trabalho útil e quer recompensar nosso esforço, qualquer quantia em BTC é bem vinda aqui (mas apenas se o seu coração quiser):

bc1qglm0paegamuk0s39ej2h7xtdugyxy4apql206e

Aproveite e lembre-se: No Truce With The Furies!

Truri and The Translation Team, 2023

PREFÁCIO DA TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Essa tradução para o português brasileiro foi realizada individualmente por mim ao longo de mais de um ano, se iniciando em setembro de 2023, e se encerrando em outubro de 2024.

Embora o livro não seja necessariamente grande, sua tradução do inglês se prolongou por esse tempo pois sempre foi um projeto secundário e paralelo aos meus afazeres e projetos de vida e faculdade.

Minha intenção com o projeto foi possibilitar e/ou facilitar a leitura da obra, que até então só estava disponível na versão original em estoniano, e na de certa forma recente tradução ao inglês (base para minha tradução ao português).

Logo, esse projeto é uma carta de amor à obra, a Robert Kurvitz, a Disco Elysium e todos que se envolveram nele, e à comunidade falante de português.

Se trata de um livro de difícil leitura, passando por tradução dupla até chegar ao português, então não garanto 100% de qualidade, mas asseguro que nesse 1 ano de tradução procurei manter a máximo de fidelidade possível ao mesmo tempo que tentava deixar a obra legível e compreensível para leitores do português.

Estou absolutamente aberto a correções e sugestões, as quais introduzirei na tradução quando eu tiver a oportunidade.

Acho, por fim, importante ressaltar que o trabalho pesado que possibilitou de fato a existência dessa versão foi realizado pela equipe original de tradução, que tiveram o trabalho de contratar profissionais que pudessem fazer uma tradução digna da obra de Kurvitz para o inglês.

Espero que meu humilde trabalho possa fazer alguma pequena diferença e permitir que mais e mais pessoas possam se imergir mais profundamente no mundo de Elysium.

Boa leitura.

u/_PolarB33r_

1. CHARLOTTEJÄL

Esse resort de verão perto de Vaasa engoliu quatro garotas Lund. Junto com seus pequenos ossos e peles bronzeadas, uma era inteira desapareceu. Seis quilômetros de litoral sinuoso, uma área de banho popular nos anos 50: fileiras de trocadores, grandes juncos farfalhando no vento. Aqui você encontra a era pela qual os conservadores lamentam. Quando os pais podiam deixar seus filhos irem para a praia sem supervisão, com dois réal nos bolsos de seus shorts de verão, para sorvete e passagem de ônibus. Balançando suas cabeças em preocupação e escondendo as notícias de Messina, Graad e Gottwald, onde - pelos menos assim parecia a eles - toda semana pequenos esqueletos eram encontrados na fornalha de alguém¹. Toda semana a filha de alguém, que estava sendo mantida em um porão por trinta anos, escapava às ruas e pedida por ajuda.

Mas não aqui.

Aqui tem social democracia. E as macias flores de pêssego da social democracia, seus gentis programas sociais, é dessas coisas progressivas que a alma destrozada da humanidade começa a se sentir melhor. Esse estranho ímpeto técnico de construir uma sala subterrânea secreta nunca chegará nessas redondezas; aqui temos sistema de ventilação, cujas aberturas no gramado são disfarçadas de moinhos de barro em miniatura.

Esses sombrios e febris transtornos mentais, são acalmados na névoa gelada dos arredores; a brisa de distantes geleiras azuis congelam esses pensamentos doentios da cabeça dos homens. Vaasa. Você preferiria viver aqui.

E então, numa manhã de quarta-feira, quando há nuvens brancas no céu azul, quatro irmãs

– Maj (5), Anni-Elin (12), Målin (13), e Charlotte Lund (14) – vão para a praia nadar juntas. Elas levam dois réal em dinheiro, quatro pares de roupas de banho, comes e bebes, e duas toalhas grandes em duas bolsas de praia. Às 9:30 da manhã elas embarcam no bonde movido a cavalos vindo de Lovisa, um subúrbio de Vaasa. O condutor do bonde lembra bem delas. Hoje, vinte anos depois, é o ponto alto do dia para Roland, que vive num asilo, quando pode falar sobre isso: “A mais velha comprou passagens para todas. Para Charlottesjäl. Quarenta centavos. Dez centavos por passagem. Se elas tivessem ido sequer uma parada a frente, teria custado vinte centavos cada passagem. Eu lembro muito bem. É onde as linhas do interior começam e a tarifa é o dobro do preço. Mas minha nossa, que garota linda! Tão educada também! A mais velha, Char-lot-te!” o velho soletra rimando. “Eu não sabia ainda, li no jornal depois. E então fui direto à polícia, sem demora, todo segundo valia.”

Às 10:25 da manhã as garotas desceram na praia de Charlottesjäl. Elas agradeceram o condutor do bonde uma a uma, visto que eram boas meninas. Está quente na praia naquela manhã, e tem apenas algumas pessoas.

As garotas então encontram Agnetha, a vendedora da sorveteria. Agnetha é ainda uma estudante a vinte anos atrás e trabalha na sorveteria como emprego de verão. Målin e Anni-Elin compram quatro sorvetes: dois de baunilha, um de limão e um de chocolate. O restante das meninas não pode ser visto. As persianas estão puxadas para bloquear o sol, e a única janela descoberta é a próxima ao caixa, apresentando uma exibição comercial. Numa manhã de dia de semana a clientela é esparsa, a jovem Agnetha conhece as garotas e suas bem definidas preferências de sabor. Hortelã-pimenta, o favorito de Målin, não está disponível naquele dia, e isso gera uma pequena confusão. Inesperadamente, em adição

¹ Aquecedor de alvenaria

ao sorvete, as meninas também comprem três tortas de carne em massa de óleo. Isso leva a conta a um real e cinquenta centavos. As garotas deixam a loja e Agnetha nota um Homem as acompanhando através da janela descoberta próxima ao caixa. Não há nada mais que Agnetha consiga lembrar sobre o Homem. Idade, altura, roupas, se havia mais de um homem - ou, como Agnetha se questionaria mais tarde - se sequer havia um homem?

Essa é a última vez que as meninas foram vistas.

As quatro filhas de Ann-Margret, que havia assumido o cargo de Ministra da Educação dois dias atrás, e do fabricante de papel Karl Lund, desapareceram. A imprensa inicia, com o caso, um romance que dura anos, cada pequeno detalhe é trazido em colunas de jornal, e então as garotas Lund são profundamente levadas à memória da nação. A história de desaparecimento em si se tornou um dos casos não resolvidos mais prestigiosos do Cinturão do Real.

Aproximadamente 12:40, cinco horas e vinte minutos antes das seis, quando as garotas deveriam chegar em casa, e mais ou menos trinta minutos antes delas irem à sorveteria, três garotos sentam na sala de estar. O sol está brilhando através das cortinas listradas, fazendo a sala parecer dourada, os garotos são colegas de duas das irmãs. O menino alto e sardento está segurando um telefone em seu ouvido.

“Vai logo, liga logo, vai!” apressa o garoto loiro que está atrás.

“Bom, não deixa uma boa impressão eu ligar três horas antes do combinado...”

O imigrante gordo de Iilmara puxa a manga do garoto alto: “É sério, Tereesz, liga. Alguma coisa tá errada!”

“Eu sei, eu sei,” fala Tereesz, com o discador debaixo de seu dedo.

O terrível ruído do tempo se aproxima, o som mais violento do mundo. Não há mais uma luz dourada que cai sobre a sala, mas um Pálido muito profundo. Todas as distâncias são ali intransponíveis, tem um *horror vacui* entre cada objeto.

2. REUNIÃO DE CLASSE

Inayat Khan serve para si um copo de mors². Uma gota do líquido rosa cai de seu queixo para sua gravata. O terno não serve direito, e os botões estão quase estourando. Isso faz parecer que ele é um idiota.

“Um idiota gordo com uma gravata azul claro,” ele pensa. “Eu não devia ter vindo.”

“Vai lá, reveja seus amigos! Quem eram mesmo? Aquele von Fersen, ele era um garoto legal e...”

“Ele não era meu amigo, ele era um psicoterrorista. Eu o odiava, aquele oportunistazinho arrogante.”

“... ele se tornou um homem de estima agora...”

“Ele se tornou um carreirista inescrupuloso, um cara vil, um racista também. Eu lembro do que ele me chamou. Quer que eu te fale do que ele me chamou, mãe?”

“... e o Tereesz e o Jesper! Jesper também é muito conhecido hoje em dia...” “Bosta de camelo. Mãe, ele me chamou de bosta de camelo.”

Khan observa a fita magnética rodar no leitor. Os discos de plástico rodam na máquina duma maneira hipnotizante, o imã se torna música, uma música calma, e por um momento aqueles pontos luminosos parecem sair das paredes e do chão do auditório novamente. Como estrelas no céu, ou um enxame de águas-vivas no fundo d'água. Os pontos de luz dançam no vestido branco de Målin Lund, e sua mão começa a suar na cintura da garota. O que você disse? O tempo para, a música desaparece e os olhos verde escuro de Målin Lund são refletidos no grossos óculos de materialista dialético de Khan.

Hålla mig här...

“Uh...” Uma mulher, provavelmente de outra classe, para perto do homem. Ela começa a dizer algo, mas depois finge pegar um lanche. Nenhum dos dois veio. Khan está sozinho, e a mulher de terninho está de terninho. Não consegue simplesmente ficar ali, porém tem que aguentar de algum modo.

Ele tira uma caneta mágica de seu bolso. Ali, abaixo do vidro, Sapurmat Knežinski, presidente do Presídio da República Popular de Samara, dá seu histórico sorriso preto e branco diretamente à câmera. À sua esquerda, um homem com cara de rato está encostado no corrimão do barco, vestindo uma jaqueta preta de couro da polícia secreta. “Contemple, o elusivo comissário!” Diz Khan, apertando o botão da caneta. O homem com cara de rato desaparece sob o vidro. Sobram apenas o presidente do Presídio, Sapurmat Knežinski em pessoa, junto com Uhotomsky, um adulator, que é excepcionalmente adepto em fazer críticas vergonhosas. Onde antes havia um comissário, agora há apenas um corrimão vazio. Agora você pode ver a parte da ponte que estava antes atrás do comissário.

“Muito interessante.” diz a moça de terninho, olhando para trás minunciosamente. Khan tira uma mecha de cabelo presa à sua testa. Em sua outra mão, ainda segura

² Uma bebida de frutas muito popular na Rússia e outro países eslavos, feita de frutinhas, particularmente Lingonberry e oxicoco, ou às vezes mirtilo, morango, framboesa, etc. É não carbonatada e feita ao misturar as frutinhas com açúcar e suco de limão e depois ferver a mistura; também pode ser feita ao combinar o suco puro com água adoçada.

uma caneta, para a qual ele agora olha com um sorriso abstraído, murmurando para si, “Tem um comissário, não tem um comissário.”

O sorriso estremece por um momento e então desaparece do resto de queixo duplo do homem. Os grande e tristes olhos de Khan observam o movimento dos adultos no saguão. A promoção de 56 clama uns pelos outros. Apertos de mão são dados, e fotos de crianças são mostradas de dentro das carteiras.

Tem um comissário, não tem um comissário.”

Um homem nos seus trinta anos senta no piso parquet em uma sala espaçosa. O parquet está com seu verniz fresco, o cabelo loiro do design de interiores cai sob suas sobranceiras. Ele senta com suas pernas cruzadas, com suas finas mãos brancas entrelaçadas. Quando o homem olha pra cima, o interior da sala é refletido de volta a ele das janelas que vão do chão ao teto. Atrás dele, na luz fraca – o minimalismo esquelético da mobília do designer, a bancada de pedra da kitchenette, e dois auto falantes analógico em pé como obeliscos pretos. Um espírito solitário paira sob a sala. Um sobretudo Perseus Black bege está pendurado num suporte e uma sapateira guarda sapatos brancos de veludo que valem 3000 real.

Sua mão está no *interruptor ajustável*, a luz diminui. As reflexões da sala somem e fora da janela um começa um mar de samambaias. O brilho verde escuro some na escuridão abaixo dos abetos. Geralmente, ele senta aqui ouvindo música, mas hoje a noite está tão quieta que você consegue ouvir a chuva caindo sobre as samambaias.

Jesper de la Guardie também usou muito pó mágico em seus vinte anos, quando ele e seus colegas pensadores desenvolveram a mundialmente famosa linguagem de design *Illdad minimal*. Na época eles se esgueiravam entre a cafeteria do Sindicato dos Arquitetos e os banheiros de um prestigioso escritório de design de interiores, parabenizando uns aos outros por inventar o futuro, tomando água de garrafa: “Esse projeto que estamos fazendo, *ele domina*, através de sua linguagem de imagens vamos definir cognição visual humana pelo próximo século” e “Um dia vou escrever *um livro* sobre isso!. Gente sem bom gosto é gente malvada, o mal é de mau gosto. É assim tão impossível, portanto, que design de interiores simples e limpo faça do mundo um lugar melhor?”

Pó mágica saiu então de moda, mas água engarrafada permaneceu nela. Jesper bebe um gole e se levanta, ajusta a gravata de seu suéter de gola V, tira o telefone do gancho e chama um taxi.

As luzes do cubo de concreto embaixo dos abetos desligam assim que o veículo sai com Jesper pela floresta escura, deixando para trás uma nuvem de combustível queimado. Na casa vazia, um telefone toca entre as paredes de vidro – um aparelho branco em uma mesa cúbica de madeira com uma excepcionalmente linda aparência.

Está escuro.

O agente Tereesz Machejek da Polícia Colaborativa Internacional desce de um trem em Magnesium Hall. A chuva que aumenta constantemente faz os monólitos de aço dos carros brilharem. Ali ficam eles imponentemente, suspensos por um corrimão de cordas no céu acima da plataforma. Sobe vapor de debaixo do vagões, de imãs quentes, e derivam em nuvens ondulantes no asfalto da plataforma. Machejek pega suas malas com o condutor e se move com a multidão até o prédio da estação de trem.



Figura 1: Trem Magnético (por Aleksander Rostov)

Uma moeda cai no buraco do telefone público. O som da chamada começa a tocar e o agente da Polícia Colaborativa Internacional praticar dizer “olá” de uma forma normal e relaxada enquanto segura o telefone. As sardas em suas bochechas e ponte nasal desapareceram completamente com o tempo, seu rosto em um olhar severo permanente. Ninguém atende, o homem pega o endereço junto com direções de sua maleta e decide pegar o trem.

A silhueta sombria do Magnesium Hall é imponente perante a cidade. Luminosas cabines de elevador descem de suas entranhas até Vaasa como dentes-de-leão ao vento. Em uma delas, Agente Machejek observa a única metrópole dos países nórdicos brilhar sob seus pés. A janela do elevador está pingando de chuva, e na distância, a baixa e plana cidade no Mar do Norte se dissolve em um arquipélago de luz. Apenas o masto fino do Telefunken fica acima da sombria massa verde de edifícios. Motos fazem curvas ali, emanando brilho dourado, e o trânsito em círculos é suave como um sonho. Ali está Königsalm – um centro comercial

– e diretamente abaixo está Saalem, onde as luzes coloridas do distrito de imigrantes fluem no asfalto. Bondes conduzidos por cavalos emergem de debaixo da cobertura do picadeiro, sobem os morros, e desaparecem em sons de galope abaixo de suas castanhas verdes e brilhantes. As faixas se espalham pelas centenas de parques de Lovisa, levando a ilhas universitárias e moradias sociais, nas quais a cidade vai silenciosamente dando lugar a florestas de coníferas. Longe dali, nos subúrbios, as luzes se apagam e Machejek sente os resorts de verão, as praias vazias e a floresta de pinheiros tendo calafrios na chuva. A partir dali, a Katla verdadeira começa, e sobre seus escuros cumes de contorno nítido, e seus vales, os ventos gélidos se aproximam de trás da órbita invernal³, já no fim

³ “Órbita invernal” faz referência a um arco limítrofe similar ao Círculo Ártico em nosso mundo.

de setembro.

Folhas de castanheiras voam debaixo da cobertura do prédio do picadeiro até o pavilhão de espera, no qual uma mulher com voz de bebê anuncia os números de rota e os atrasos por um auto falante. A armação da estrutura ecoa de volta a ela, folhas estão grudadas no vidro do pavilhão e nas janelas dos bondes, e o ar está preenchido com o cheiro de estrume. O agente da Polícia Colaborativa sobe no carro lotado, maleta em mãos. Em cima da maleta o contorno das isolas, emblema da Polícia Colaborativa, voa como uma ave de rapina.

“Detetive particular,” mente Khan. Ele não é um detetive particular. Um detetive particular é uma fusão fantástica. Ela pega emprestado a obesidade e o cabelo oleoso de sua própria carreira como coletor de souvenirs de desaparecimento no porão de seus pais e mistura a isso seu mais bem sucedido colega de classe Tereesz Machejek, um agente da Divisão de Pessoas Desaparecidas da Polícia Colaborativa Internacional. A fusão fantástica serviu Khan muito bem em diversas ocasiões. Esse não é um dos casos.

“Perdão, não te ouvi direito. A mulher de terninho está distraída.

“Detetive particular. Mais especificamente – procuro por pessoas desaparecidas. Então, quando a polícia desiste, amigos e familiares, principalmente familiares, vem a mim. E então eu... Eu faço o que posso.” Ao fundo, Sven von Fersen apresenta a um antigo professor uma coleção de seus arrogantes artigos de administração, parecendo muito cosmopolita. Você não imaginaria que pessoas com pele amarela e nomes exóticos seriam referidas como bosta de camelo em seu vocabulário.

“Ah...” ele se vira para Khan. “Então você está procurando por elas. Ainda.”

“É, tá bom, foi isso mesmo, no início. É verdade. Mas também aprendi isso e... uma coisa levou à outra.” O homem de gravata azul clara está suando. Ele está perdendo a paciência. “E além do mais

– e daí, escuta! Metade das conversas daqui são sobre o assunto. Me diz se você não está interessado.”

“Em primeiro lugar, metade das conversas daqui não sobre *aquela* assunto. Você acha que são, mas não são. E em segundo lugar, é claro, estou sim, mas acho que a coisa toda é, bem, triste.”

“O que é triste?”

“Esse assunto. As pessoas que ainda falam dele Eles ainda publicam no jornal que viram alguma mulher com a aparência que Målin ou Anni teriam hoje em dia, dentre outras coisas.”

“Vai se fuder!”

As pessoas próximas à mesa de lanches se calam e olham na direção de Khan e von Fersen. A mulher de terninho está ficando desconfortável. Ela desvia seu olhar. O homem suado com óculos de materialista dialético enfia a metade restante do pretzel em sua boca e sai em direção ao bengaleiro.

Castanheiras em frente ao ginásio balançam ao vento. Folhas voam nas escadas, calçadas e poças lamacentas. A superfície da água brilha assim que o carro para freiando. A porta do taxi fecha e então um par de sapatos de veludo branco que valem três mil reais pisam na poça. O design de interiores pragueja enquanto dá três grandes passos para longe da poça. Aceitando irritadamente as manchas de lama em seus sapatos, coloca sua maleta

debaixo do braço e sobre as escadas para o saguão.

Está quente no interior, cheira a cola. Jesper anda pelo saguão, o desgastado piso de parquet rangendo sob seus calçados. Ele pega seu crachá do voluntário sorridente e coloca no bolso traseiro de sua calça.

“Você deveria colocar ele em seu peito, eles servem para que todos possam se reconhecer.”
“Sim,” diz Jesper. E mantém a etiqueta em seu bolso.

Retratos do anuário e fotos de classes estão alinhadas na estante. VIII. B. Um garoto loiro e baixo com um cabeça grande demais para seus ombros e uma mecha de cabelo penteada para trás de sua orelha. À esquerda há um gordo imigrante de Iilmaraa com uma gravata desajustada. O pequeno Khan encara a câmera com um olhar embaçado. Sugerem ao kojko alto com sardas na fileira de trás de “lanklets” que tire seus óculos. De modo a parecer menos fracassado.

Lentamente, o olhar do homem se move através das fileiras VIII B, com uma ansiedade crescendo em seu coração. Sua imaginação lhe precede. Em algum lugar no meio da fileira das garotas, brilha um amontoado massivo de reações de fusão de hidrogênio, uma constelação distante de matéria.

Foi a oito anos atrás que o esboço fino de Jesper apareceu pela primeira vez na capa brilhante de um livreto de design. Deve-se admitir que os holofotes tiveram ainda assim que ser divididos com outros dois visionários cocainados. Ali estavam eles, os três em um ensaio fotográfico, sentados no sofá deles. A *Softbox* estava se difundindo, Fakkengaff estava tocando, e debaixo daquilo tudo se lia “pioneiros”, “o futuro”, “sofisticado” e muito mais, o que ele lembra muito bem. Duas horas depois, Jesper sentou sozinho em seu cubo luminoso, elástico de cabelo em mãos, em uma morbidamente enorme pilha de fotos de classe e recortes de jornal. Bastou uma olhada nos abetos balançando ao vento para a tomar conta a tentação de checar novamente se o cheiro sumiu. O elástico de cabelo foi colocado “lixo doméstico”, e a pasta das garotas em “embalagens”. Jesper ficou em pé no meio da sala e exalou profundamente. Basta. Acabou agora.

Mas onde estão eles? Por que não estão aqui? Por que nenhum deles veio? Desapontado, Jesper já está dando um passo para trás a fim de olhar todas as fotos propriamente, quando de repente um homem de trinta e quatro anos para no meio do saguão.

Esse homem ainda vive com sua mãe.

Início da primavera, vinte anos atrás.

O pequeno Inayat Khan cai de cara em uma poça de lama com uma fina camada de gelo. Seu suéter de lã em formato de rena está lamacento, e sangue vermelho escuro pinga de seu nariz. Apesar de vários avisos e sugestões preocupada para que fique parado no chão, o garoto consegue levantar, devagar e cambaleante, caindo mais um vez. Finalmente, ele fica cara a cara com Sven von Fersen, apenas alguns metros de distância. A lama seca em sua cara, suas mãos levantam em uma pose de luta desajeitada. Seus punhos tremem de raiva e humilhação.

“Ei, cê sabe o que ele disse?” von Fersen começa novamente.

O pequeno lacaios desprezível sabe o que Khan disse, mas ainda pergunta, “Me diz, o que ele falou, Sven?”

Sven não é mesquinho com sua resposta: “Ele levou a Málin pra casa e beijou ela. Cê acredita nisso, Khan a Sanguessuga levou ela pra casa, a Sanguessuga Khan beijou ela!”

Risadas ecoam, e o lacaios rapidamente acrescenta: “Por que cê tem que falar essas besteiras tão ofensivas? É sua própria culpa! Se você fala besteiras ofensivas, é sua própria

culpa. Cê acha que é legal a Målin ter que escutar essas besteiras ofensivas? Hã? Cê acha?”

Lágrimas de fúria desenham linhas nas bochechas do garoto com suéter de rena. Ontem depois da escola, Khan deixou sua imaginação correr solta. Foi um erro terrível. O sol surge de trás duma nuvem, e ele já vê, no círculo de espectadores a algumas dezenas de metros dali, como o cabelo loiro de Målin Lund brilha como uma auréola. A garota cora de vergonha Charlotte, a mais velha das irmãs, coloca sua mão no ombro de Målin, e viram de costas com suas jaquetas de primavera.

“Cê não acha que seu suéter deveria ter alguns, sei lá, *camelos*?” um grito ressoa como uma cimitarra pelo pátio da escola enquanto Khan avança desesperadamente em direção a von Fersen. Ainda que ele se desvie um pouco, em sua cabeça ele vê como a afiada lança do herói épico de Amistad, Ramout Karzai, perfura o peito do inimigo.

A distancia diminui, e uma colisão animalística parece inevitável. Mas de repente, no canto de seu olho, ele vê um fator desconhecido que o para, a outra mão levantada como uma placa de pare contra o peito rígido de von Fersen.

Com seus braços esticados, Jesper, com uma mecha loira em sua testa, cospe seu chiclete e solta uma barragem de argumentos do tipo “Quem se importa Sven, não fode”. Khan tenta se livrar do aperto de seu colega, com sua bochecha ralada e seu nariz sangrento manchando o ombro de Jesper.

E assim ficam. O sino toca, o intervalo de almoço acabou. O pátio se esvazia de crianças, e Jesper limpa seu ombro com um guardanapo. “Então você beijou a Målin?” ele pergunta.

“Não. Mas eu levei sim ela pra casa. E foi muito bem. Muito bem.” “Exceto que isso não foi *tão* bem.”

“É.”

“Essa é a mesma camisa! Khan, me diz que essa não é a mesma camisa!” “Jesper!”

Dois adultos ficam de pé num bengaleiro e dão um aperto de mãos pela primeira vez em anos. O sorriso oscilante de Jesper carrega uma pitada de ternura. Ele começa: “Eu acho que me comportei duma forma meio rude na última vez que nos vimos. Eu entendo agora – foi um erro.”

Khan simplesmente ri em resposta. Sua barba por fazer de dois dias balança junto com o queixo duplo de seu amigo.

“Eu deixei uma impressão de ignorância em você.” Tendo dito isso, Jesper pausa por um momento para pensar no que ele planejou em seguida. “Eu tenho *notícias*. Algo novo.” Ele aponta para sua pasta e faz um olhar questionador para Khan. “Ou você, sei lá, virou um chef no meio tempo?”

“Cê sabe, eu sou sempre *hardcore*.”

Sem nem lembrar uma reunião de classe, Khan pega sua jaqueta do bengaleiro e eles vão em direção à porta.

“Olha lá, um comissário em desaparecimento!” “Nada mal.”

“Fiz um pro Tereesz também. É uma versão especial. A mesma imagem, mas adivinha o que acontece se você virar ela um pouquinho mais?”

“O que acontece?”

“Uhotomski desaparece *também!* Um pombo também. Ele está meio atrás do Uhotomski.”
“Se não, metade de um pombo ficaria parado no ar.”

“Exato.”

Gotas de chuva caem do guarda-chuva do Agente Machejek, e uma baforada flutua na sombra do guarda-chuva e desaparece no vento. Com seu “Astra” na boca, o homem dobra o mapa e o coloca em sua maleta. Em sua frente está o gramado da escola, onde dois homens correm através duma cortina de chuva prateada em sua direção. O kojko dá um passo para trás em sua capa cinza com padrões de ossos de peixe. Ele abre espaço em seu guarda-chuva, é enorme. É o guarda-chuva padrão da Polícia Colaborativa.

“Ele pediu desculpas?”

“Pedi, ” Khan responde por Jesper.

“Ali... tá *de boa?*” Machejek aponta para o prédio da escola.

Khan balança a cabeça e Jesper elabora: “Vamos para a cidade ao invés disso. Conheço um lugar. Um lugar novo.”

Os três homens sob o grande guarda-chuva andam até não poderem mais ser vistos. O tilintar distante de sinos se aproximam enquanto as cortinas prateadas se juntam nas costas dos amigos ...

Oito anos atrás.

... até que a fita de formato Stereo 8 faz cliques diante do leitor magnético, agulhas debaixo de pequenas lampadas alcançando doze decibéis. O ritmo é insuportavelmente suave, ainda mais que pó mágico. Ou sei lá, é difícil dizer. O ritmo vem daqui, do mundialmente famoso estúdio de gravação de Vaasa. O ritmo foi feito por alguém semi-mítico, Fakkengaff, que pode ser um imigrante Oranjese, um DJ e um produtor musical, mas na verdade é um grupo de pessoas ou uma máquina no céu. O pó mágico, entretanto, veio de uma aeronave pirata através do Pálido não mapeado. O pó mágico foi feito por um escravo sonhando com uma revolução e um supervisor que vigia os campos com um rifle. Fakkengaff fez o ritmo de um modo em que as garotas começariam a dançar e os garotos poderiam dar uma boa olhada. O escravos com machetes fizeram o pó mágico para que o *La Puta Madre* não mandasse sua família para o fuzilamento. Por seis meses, o pó mágico maturou no platô de altas montanhas de Irmala, nos dourados raios de sol. A águia do mundo, com suas asas de mil quilômetros, impediu o sol de cair do céu azul turquesa. O lugar no qual o ritmo parece ficar debaixo d’água por meio minuto e depois volta – ainda mais incrível do que soava!

– Fakkengaff sussurrou para o espírito da devassidão. Ele tinha asas angelicais, mas o hálito próximo da orelha do DJ agachado atrás de mesa de mixagem era quente, cheirando canela e malícia primitiva.

Meu Deus, que amável torpor no nariz. Meu Deus, o quão bom é esse lugar no qual o ritmo sai da água. Tão triste. Ainda mais feroz do que antes. O quão maneiro eu sou?!! Eu tô na capa dali, eu tô muito maneiro na capa dali. Sou um pilar de luz, vertical, e tem uma sala escura à minha volta. E é isso, isso é tudo o que há, tá vendo?

Os convidados no sofá cúbico branco de Jesper e atrás da mesa multifuncional trocam impressões acerca da exibição mundial. Taças socialistas de champanhe também brindam. Jesper só, dançando como um raro galo albino. Da garrafa de água em sua mão direita, gotas peroladas voam nas janelas.

Como tempos que já foram e se acabaram, as ruas de Vaasa se movem através da janela do taxi. Um grande cavalo preto range seus dentes, sua respiração subindo de suas narinas. Algo doce penetra o coração quebrado do agente da Polícia Colaborativa. A chuva diminui, e jovens lentamente dobram seus guarda-chuvas na escuridão. Entradas de metrô, familiares nomes de lugares. Um garoto de bicicleta vira numa rua paralela na qual postes de luz amarela estão fumegando. O trânsito e reflete nas janelas dos prédios e das lojas fechadas até uma autoestrada subir acima das calçadas. A cidade em movimento surge de vez em quando através de rachaduras nas beiradas, e um menino pequeno acena para Machejek da janela de um carro que vai passando.

Na Ponte Königsalm, os postes que vão passando se tornam uma linha pontilhada. A silhueta cinza da prestigiosa área residencial é imponente sob a água, onde a casa de Tereesz ficava quando ele morou em Vaasa enquanto criança. À frente, depois do parabrisas do carro, começa o distrito de ilhas que tinha uma reputação duvidosa vinte anos atrás. Como Jesper vai explicando, cuidadosos esforços de desenvolvimento e algumas galerias inovadoras fizeram dele a nova “tendência” depois de Östermalm.

“Burguês e boêmio, cê quer dizer?”

O taxímetro faz um tique, ali dentro está quente e escuro. Jesper nem dá atenção ao comentário jocoso de Tereesz.

“Ei, fala logo,” Khan sai do assunto misturado de desenvolvimento urbano e reunião de classe.

“Preciso de um projetor. Tem uma fita também, falo quando chegarmos na cafeteria ‘Cinema’.” “Mas mostra a *xuxinha* pra gente.” Tereesz também implora.

“Qualê, não começa. Eu não carrego ela comigo, joguei fora. Foi um momento totalmente esquisito...”

Um sorriso astuto surge na cara de Khan: “Jesper, não seja um estraga-prazeres!” “É, não seja um estraga-prazeres, compartilha com a turma.”

Jesper olha para fora da janela. “Não.”

Um instante de silêncio passa. O zumbido das rodas na estrada, o clique do sinal de seta. Khan e Tereesz olham um para o outro, rindo abafado, e Jesper finge ser indiferente, olhando pela janela. Só um pouco depois ele sente a obrigação de continuar a conversa.

“O que você disse para o Fersen? O papo de detetive?” “Xuxinha! Jesper, a xuxinha! Mostra ela!”

De uma maneira resignada, o designer de interiores pega no bolso de seu sobretudo Perseus Black uma caixa de jóias.

Tudo era tão bom, e agora é tão triste. Falar de estéticas **funk!** e futurismo com a esposa fotografa de um jovem desenvolvedor imobiliário sob a janela, tinha ali uma sensação de que tudo ficaria como está para sempre, que a normalidade nunca voltaria. Mas agora, a mulher cantando através do auto falantes monolíticos diz dez mil vezes em sequência que está apaixonada, apaixonada, apaixonada... Para além da janela, o cinza da manhã afunda nas samambaias frias e molhadas. Não parece assim mais. Que a música é sobre Jesper. Agora é só alguma cantora em um estúdio. Talvez eu deva fazer aquilo de novo. Acabei de fazer, mas não me sinto melhor. Não sei, talvez deva fazer ainda assim.

Um minuto depois, na leitosa luz cinza no centro da sala, está uma versão de Jesper de la Guardie que acaba de fazer vinte e seis anos que acabou de se tornar peixe grande. Sua camisa cor de café está desabotoada, suas narinas vermelhas, e em sua boca um sorriso de irritado escárnio.

“Então A festa acabou. Vão para casa.”

Ninguém o ouve, Fakkengaff está muito alto. Com o botão de stop do tocador de fitas formato stereo 8 debaixo de seu dedo, o pilar de repente fica em silêncio no meio da luz. Começam se viram.

“A festa acabou. Vão pra casa, seus sujos.”

Os olhos vítreos e a boca monstruosamente desdenhosa de Jesper se prostram conforme roupas e bolsas de mão são vergonhosamente procuradas. Um tapinha no ombro de um colega visionário rende um olhar que pode destruir amizades humanas para sempre.

A esposa fotografa do jovem desenvolvedor imobiliário fica um pouco para trás em relação ao grupo e então retorna ao cubo de concreto. “Tornozeleira!” ela mente. Pernas longas em sandálias com tiras, uma corrente de prata em volta de seu tornozelo enquadra a próxima visão triste. Jesper senta ao redor das sacolas de lixo espalhadas no canto da cozinha. Ele olha para cima e encontra o rosto gentil da esposa do desenvolvedor imobiliário no meio dos miolos de maçã, garrafas vazias de água e embalagens de macarrão feitas a mão. A praia enevoadada de setembro refletiva em seus olhos mostra que Jesper não está interessado. Suas condolências – não obrigado. Os juncos altos farfalham no vento, e as silhuetas dos vestiários em fila sob o céu cinzento. Quatro garotas correm pela areia e desaparecem no ar.

Em sua mão direita, o designer de interiores segura uma xuxinha rosa. Khan olha para Jesper, com uma caixa de jóias debaixo de seu nariz. Suas sobrancelhas estão franzidas, ele está preocupado. O carro balança assim que para. O motorista do taxi estica sua cabeça na cabine mas rapidamente vira de volta após ver a expressão nos rostos dos homens.

“O cheiro sumiu.” diz Khan. “Eu sei.”

Tem algum muito errado com isso.” “Eu sei.”

3. NÃO-ENTIDADE

A Conferência de Romangorod diferencia dez tipos de pessoas desaparecidas. O nono tipo, não-entidade, é uma violação flagrante da Carta Internacional de Direitos Humanos. A pessoa não só foi eliminada por um órgão de violência do Estado, mas qualquer documentação da existência dele(a) também se perde. Esse caso particular de desaparecimento político, a maldição da memória, foi infringido em várias figuras históricas, com graus de sucesso variados. No caso de Mesque, por exemplo, a perda de pelo menos dez por cento da história da país todo pode ser estimada estatisticamente. Não podemos nos aprofundar nos exemplos de sucesso – seria impossível falar de um dia que não aconteceu. Mas pequenos sinais são deixados por todos nós, e o censor também é humano.

Pois então, pode acontecer que o cidadão apagado seja, graças à sua não-entidade, uma figura histórica consideravelmente mais reconhecida do que seu colega que simplesmente levou um tiro na cabeça atrás de uma lixeira. Que outra narrativa proeminente poderia ter salvo o assassino do Partido Comunista de Samara Julius Kuznitsky da obscuridade da história se não aquela foto engraçada? Conforme as técnicas de gravação se desenvolvem, adiciona-se ainda mais processos complicados na antiga arte de remover a face do imperador das moedas. Num bem lubrificado, degenerado e burocrático país de trabalhadores, uma limpeza de seus cartões de ponto não é nenhum desafio. Mas na era fotográfica, e em alguns exemplos particularmente curiosos da era do filme, a limpeza requer uma certa sutileza técnica. Um que podemos admirar é o caso do anteriormente citado comissário desaparecido Julius Kuznitsky, cujo desaparecimento foi fabricado pela varinha mágica do editor da foto quando estava a bordo do barco a vapor “Mazov” naquela sombria manhã de domingo.

Julius era um homem nojento, um caipira sem educação. Seus jovens olhos não viam a revolução mundial – o vôo estelar do comissário começou depois, em Samara. Sem ter a mínima imaginação da ideia de Mazov, contudo, ele não pensou muito em dar às suas vítimas títulos com conotações políticas incriminatórias. Foi isso que ferrou ele no fim. Aparentemente, um dia o Presidente do Departamento, Sr. Knežinski, simplesmente não aguentou mais a vergonha. “Me diz, Kusnja, como que o camarada Zdorov pode ser um contra-revolucionário quando a revolução foi a cinquenta anos atrás? E por que as crenças do camarada Bronski Landzovlik-Knezhinskyist são ‘irreversivelmente de mente fechada’? Eu sou Knežinski, Sapurmat Knežinski, esse é meu nome!”

Em alguns círculos, as duas imagens – a original e a editada – se tornaram um popular fenômeno cultural. O sorriso de rato que Kuznitsky tinha em sua cara naquele dia agrega valor espiritual à curiosidade. Só olha pra ele! Quem não gostaria de apagar esse fuinha sujo da existência da história?

Ainda mais triste é a história da terceira figura naquela mesma fatídica foto. Aram Uhotomski, leal amigo revolucionário de Mazov no Governo de Onze Dias, um notavelmente talentoso agrônomo, geneticista e um dos três cultivadores da batata amarela de Ulan.

Uma figura apolítica extraordinária, cujo comportamento despretensioso e contribuição indispensável à dieta das classes trabalhadoras do mundo o salvou de um total de três destituições. Isso antes da imparcialidade científica de Uhotomski no XXI Plenário de Geneticistas ofender os sentimentos de alguém. Aconteceu que a genética moderna é simplesmente incompatível com a *tabula rasa* da filosofia do Kneshinskyismo, no qual, dentro do estado de mente revolucionário, até sementes de groselha podem ser convertidas em figos.

Horrorizado, Uhotomski descobriu que estava se intitulado verme enquanto falava

na frente do presídio. Nunca tendo escrito críticas sobre si mesmo, o pobre estudioso exagerou tão descaradamente que mesmo na atmosfera de auto-depreciação até aí exuberante, foi difícil para os presentes escutarem suas palavras. Desde sua performance memorável, o nome de Uhotomski tem sido associado especificamente com o epíteto do rastejamento. Completamente compromissado como figura histórica, o piedoso presidente Knežinski decidiu poupar a memória de um camara mais velho e antes muito mais digno e o levou para trás de uma lixeira durante o Processo Nove, e depois removeu todos os vestígios da existência de Uhotomski. Todavia, a falsificação histórica falhou, visto que o editor distraidamente deixou uma última foto sem ser processada, na qual Uhotomski ainda estava presente. A mesma em que o comissário Julius Kuznitski havia antes desaparecido na obscuridade.

Tecnicamente a mais impressionante, contudo, é a história da queda à desgraça de Ignus Nielsen – um profeta e o educador de Mazov. Apesar de ser uma notável figura histórica do movimento comunista, ele se tornou um espírito sem corpo nas mãos dos censores de Vaasa. O sanguinolento e apocalíptico personagem de Mazov de repente se tornou muito menos pesado para a imagem dos países nórdicos social-democratas. Eles então associaram seu desaparecimento a Graad, junto com a revolução recém derrotada. Para o desespero dos censores, duzias de horas de material filmico foram gravados durante o tecnologicamente avançado Governo de Onze Dias, nas quais o ícone revolucionário estava quase sempre acompanhado por seu melhor amigo e camarada de armas, Nielsen. Destruir todo o material levantaria suspeitas. E foi assim que um cinzento citoplasma elíptico pairou permanentemente à direita de Mazov. Demoraram décadas para os historiadores desvendarem esse mistério sinistro.

Ainda hoje, muitos acreditam que o citoplasma é o próprio Comunismo.

4. VIDKUN HIRD

Um filme de 12 milímetros está rodando no projetor. Khan está sentado no sofá com Machejek, olhando com suspeita para sua caneca de café quadrada em pires quadrado. Ele pega uma colher para misturar o açúcar, a aproximando cuidadosamente da caneca. O café de nome “Cinema” é todo branco e de vidro. Jesper, que está sentado em uma cadeira branca e ajustando o projetor, está cercado de paredes de vidro a prova de som. A tela branca cai sob a placa de vidro, e o sofá no qual estão Khan e Machejek também é branco. No meio do café que se assemelha a uma vitrine de vidro, está a estátua de um tigre. Só tenha cuidado para não quebrar nada – vai te custar uma fortuna.

“Deixa eu adivinhar,” o agente gira seu “Astra” entre seus dedos, o deixando macio do jeito que gosta. “O design é seu?”

“É de um dos meus alunos’. Esse lugar é como a tela de um cinema, uma folha lisa e branca, e nós somos *projetados* aqui, entendeu? Como que é? Não é confortável, a tela, sacou?”

“É meio desconfortável.”

“Bom, ele é meio apreensivo mesmo, mas o garoto é talentoso. Ele precisava de um projeto com alta visibilidade, e esse é o único lugar no qual ele consegue ficar rapidamente atrás do projetor. Então vamos manter a mente aberta, tá bom,” Jesper e o tigre olham para Khan. Os olhos vítreos do tigre são mais brilhantes do que os do designer de interiores.

“Ei cara, eu tô sim!”

Machejek pega um lápis e um caderno do bolso de sua jaqueta.

“Então,” Jesper começa, “Um dos parentes de um colega meu trabalha como cinegrafista. Faz documentários. No outono passado, ele me disse do seu novo projeto. Com Gessle. Vocês conhecem Konrad Gessle?”

“Ele costuma fazer principalmente coisas criminais, né?”

“Não só isso. Gösta, esse é o nome do cinegrafista, falou de quão com medo ele está de fazer o projeto e me perguntou se deveria continuar. Ele tem um filho agora, e tals. O negócio é o seguinte, o filme é sobre – e então fiquei interessado – Vidkun Hird.” “Ai meu Deus!”

“Eu não quero nada sobre Vidkun Hird!”

“Calma, calma! Eu também, isso já foi feito antes, ele estava em Arda, não tinha como estar em Vaasa e etc. Mas eu decidi ficar de olho nisso, sabe? E então, duas semanas atrás, Gösta veio falar comigo. Ele estão no quase numa descoberta. Vidkun Hird ficou com eles em Kronstadt por seis meses...”

“Mentira!”

“...e ele tinham uma estratégia: impressionar Hird. Gessle gosta do Hird, Gessle é nórdico, branco como a neve, bem letrado, e um bom debatedor. Daí, Hird quer impressionar o entrevistador, começa a falar, a se exhibir. Gessle deixa a impressão de que já houveram um monte desses estupradores altamente imaginativos, e o que Vidkun Hird não conseguiria fazer?”

“Aham...”

“Nos primeiros três meses. Vidkun só deu dicas, atiçou a curiosidade, lançou datas suspeitas, falou sobre a praia. Gessle nem percebe, discute filosofia com Vidkun, superação do bem e do mal, tenho tudo anotado aqui,” Jesper dá uma batidinha na pasta em cima da mesa cúbica de vidro. “Daí um dia, Hird não aguentou mais.”

O homem aperta um interruptor e uma pequena lâmpada no coração do projetor se acende. “Tenho que deixar avisado,” ele olha para Khan. “Aqueles de nós que cujas profissões não envolvem valas e crianças desaparecidas podem levar as Vidkun vai falar ao coração.”

Tereesz coloca uma sexta colher de açúcar em seu café preto e para por um instante. Após uma muito óbvia pausa, ele enfia seu já apontado lápis no apontador e finge se manter ocupado, com um sorriso amargo no rosto.

“Cara, quando que cê vai perceber? Valas e crianças desaparecidas – esse é o seu domínio também.”

“Beleza Khan,” suspira Jesper, “valas e crianças desaparecidas. “Esse é o meu domínio.”

“Valas e crianças desaparecidas?” Tereesz abrupta e alegremente levanta sua caneca de café super adoçado ao ar e aguarda.

“*Skål!*” exclama Khan.

“*Skål,*” diz Jesper, pegando uma fatia de limão do copo de água. Como suas sobrancelhas franzidas devido ao gosto azedo, ele a mastiga.

“E a fita, Jesper?” “Ohh...”

Um superhumano, estuprador, abusador de crianças e antigo membro do partido fascista “Hjelmdall” do NFD, Vidkun Hird aparece na tela branca. Com uma mão algemada a uma cadeira, a outra em sua bochecha de forma cavalheiresca, o filósofo futurista está ciente da presença da câmera. Com isso em mente, ele levanta seu nórdico queixo de buldogue para um ângulo nobre; ele então olha para cima e para baixo com seus olhos. Com seu cabelo cuidadosamente penteado para um lado de jeito que um homem de trinta anos faria, e sua perna dobrada sob seu joelho. Poderia se dizer que Vidkun é um homem vão. Se recusando a ser registrado na história com seu macacão colorido de presidiário, ele agora fala com Konrad Gessle vestindo um uniforme das camisas negras. Essa foi só uma de suas muitas condições.

“Algumas pessoas nascem postumamente,” ele se gaba no dialeto ancestral de Arda. O palavreado arcaico injeta um charme rural ao seu sutil sentimento moderno. O relógio de seis dígitos na mesa indica que é a terceira hora de entrevista em 12 de agosto.

“Você sabia, Vidkun, que eu defendi uma tese de mestrado nas línguas árdicas anciãs? Eu posso trazer escondido um pouco de literatura para você.”

“Ah, isso seria muito gentil de sua parte Konrad, você sabe o que sinto da coleção dessa biblioteca.” Ambos murmuram como que em concordância.

“Arda é a língua inerente de nossa tribo,” continua Vidkun num tom de declaração, “Seu vocabulário foi adaptado e desenvolvido pelos antigos caçadores de mamutes que colonizaram as planícies de Katla milênios atrás. Arda tem certas vantagens semânticas em questões básicas de sabedoria, vantagens que faltam nas pessoas continentais. Arda é a nossa natureza, Vaasa atualmente – uma metrópole bastarda. Regressou para continental, infiltrada por Graad. Essa linguagem rala é incapaz de expressar a verdade. Todas as sentenças nessa compota disgênica acaba expressando a mesma coisa: estigma internacional. O próximo século verá nossa tribo voltar à sua língua original. Será o nascimento de uma nova era em termos de sabedoria!”

“Você falou bastante sobre isso. Também li suas anotações sobre o assunto. É tudo muito interessante, mas você não acha que seu próprio personagem histórico está sabotando pontos mais delicados de sua doutrina?”

“Quê?” Os olhos de Hird acendem de repente. As ranhuras em suas bochechas se alargam e sua boca se endurece com desdém.

Konrad finge não perceber a mudança de humor de Vidkun e continua: “Por mais que eu veja lógica nas suas observações, não acha que é meio difícil as pessoas verem a validade científica de algo saindo da boca de um condenado por abuso infantil?”

“Procriação é uma tradição totalmente diferente para nossa tribo do que a propaganda moderna de pornô social nos apresenta, com seu romantismo e não sei mais o que. Você sabe disso, Konrad. Um dia, quando suas morais impotentes levar as pessoas continentais à extinção, você vai perceber o que estou te falando.”

“Bom, vamos olhar pela perspectiva de um cidadão comum...”

“Um cidadão comum deixa sua filha ir pra escola junto com pretos e ciganos, desde a infância no caldeirão racial. Um cidadão comum deixa sua filha ser estuprada lá. Você entende que é isso o que acontece quando quatro garotas são colocadas numa escola do tipo.”

Konrad nota o que o filósofo murmurou para dentro, mas ele ignora isso. “O cidadão comum é quem você vai considerar como leitor no futuro. O cidadão comum escolhe se sua visão vai ser colocada em prática ou não. Você está falando da nação! Acha mesmo que ele não vai notar? Que o autor é um fascista...”

“Nacionalista.”

“Um fascista e estuprador metódico, com uma sentença perpétua por pelo menos quatro assassinatos, e um livro que é uma mistura de filosofia, história, eugenismo e estupro!”

“História. História, Konrad. Você é um cara esperto, mas sua educação gay é aparente. Você ainda acha que história é feita com teses de mestrado e sei lá mais o que...”

“Bem, como ela é feita então?” o entrevistador veterano não perde a calma. “Estuprando?”

Vidkun pega uma folha de papel do caderno de Gessle bem debaixo de seu nariz. Um soldado da marinha com uniforme azul invade o enquadramento após o movimento súbito e acerta o pulso do tribal com um cassete de borracha. Hird estremece de dor, e a folha voa pelo ar. O mundialmente famoso documentarista Konrad Gessle, indicado três vezes ao prêmio Oskar Zorn, levanta sua mão em direção ao soldado. Mesmo abaixando seu cassete, o soldado se mantém vigilante ao lado do homem, encostando em seu pulso.

“Um caneta,” Vidkun olha com raiva para Gessle.

Com um punho cerrado em volta de sua caneta, o detento lança olhares triunfantes ao soldado, “Você! Por favor me devolve agora minha folha.” O cassete já estava ameaçadoramente levantado quando Gessle rapidamente arranca uma nova folha e coloca na mesa de metal, na frente de Hird.

“Você percebe agora? A cruzada,” o cabelo cuidadosamente penteado de Vidkun está bagunçado, com uma única mecha castanho-clara suspensa na frente de seus olhos. Com seu cotovelo segurando a folha no lugar, Hird tenta colocar a caneta no papel, ela parece afiada e perigosa em sua mão. O homem de repente fica irritado: “Por favor solve minha outra mão. Não consigo fazer desse jeito.”

Com o olhar suplicante de Gessle, o soldado pega um molho de chaves de seu cinto. Agora, Hird fala diretamente aos espectadores: “Milhares de anos atrás, nosso ancestrais vieram

pra cá, para a borda do mundo, para essa terra. Eles vieram pra cá com trenós movidos por cachorros, através do tremendo Pálido. Apenas as criaturas mais obstinadas mantiveram sua integridade mental durante essa transição histórica. As criaturas continentais de mente fraca foram deixadas lá, no cinzento vazio. Nossos ancestrais disciplinados simplesmente os separaram da manada. Aqueles que perderão sua razão. E assim, apenas os purificados, Haakons, Gudruns e outros primogênitos inabalavelmente determinados pisaram no solo de Katla vindos da cratera cinzenta. Dentro de cinquenta anos, esse primogênitos caçaram todos os mamutes em Katla. Eles floresceram.” Vidkun Hird estica seu braço agora livre vitoriosamente e começa a desenhar pequenos pontos em uma folha de papel.

“Essa é uma lei eugênica fundamental, Konrad. Quanto mais desafiador o ambiente, mais o ser humano evolui além das barreiras da estepe. Aqui, nesse território nevado e escuro... Homens não foram feitos para viver aqui. Só para sobreviver, uma tendência superhumana tem que emergir.”

Gessle dá de ombros em antecipação, não interrompendo e acenando com a cabeça em concordância. “Uma tendência superhumana não é limitada por amarras da moral. Uma tendência superhumana é um desejo deliberado. Tudo é possível para ela, nada é proibido. Pelo sangue, na escuridão da noite, de um inverno para outro, é passado de geração para geração. Até em você, Konrad, tem uma tendência superhumana.”

Konrad acena com a cabeça. A face de Vidkun Hird toma um tom não sadio de vermelho. A vermelhidão é algo entre uma febre e uma reação alérgica. “Todos nós, inclusive você, somos responsáveis por amplificar essa entidade primordial dentro de nós. Assim como a mandíbula de um predador fica mais forte comendo carne. Responsabilidade... responsabilidade com nossa matilha. Para que eles também tenham grandes mandíbulas, que possam segurar muita carne.”

Vidkun admira a obra de arte com um sorriso orgulhoso que não parece encaixar em sua cara. A câmera ainda não mostra exatamente o que tem na folha, mas Gessle a aproxima para perto da figura.

“Uma criatura rara. A do meio. Um tesouro único.”

O projetor vibra, Jesper pega uma cópia laminada da folha de Vidkun de sua pasta e coloca sob a mesa. A folha mapeia cautelosamente uma constelação pouco familiar, uma constelação elegante de dúzias de pontos. O queixo de Khan cai em horror. O agente da Polícia Colaborativa Tereesz Mechejek calmamente faz uma anotação em seu caderno.

“Você não tem ideia, Konrad, de quão violentamente eu fodi ela. Você não pode imaginar...” Hird ainda está falando quando Jesper apressadamente desliga o projetor.

Junho, vinte anos atrás.

Está escuro e gelado num morro da floresta de pinheiros perto da costa. O sol escaldante paira sobre o topo dos pinheiros, mas apenas alguns feixes de luz conseguem atravessar a areia e raízes entrelaçadas para chegar ao solo da floresta, como pontos luminosos no fundo do oceano. Por um momento, tem um completo silêncio abaixo das árvores. A cem metros dali, você consegue ouvir as urze sendo esmagadas sob os tênis dos garotos que vão se aproximando, até que a brisa do mar fazer os pinheiros balançarem de novo. Os troncos das árvores balançam suavemente, um emaranhado de pilares alaranjados com feixes dourados ao lado, vindos do sol. O doce cheiro de seiva flutua pela floresta. O empoeirado cheiro de camomila, um buquê doce e amargo, penetra nas narinas de Tereesz. Um fósforo é aceso, e densas bufadas de um “Astra” roubado varre todos os cheiros, uma trilha de

fumaça nitidamente definida num único feixe de luz. Tereesz relaxa, com seu corta-vento em cima da cabeça. Ele pratica fazer anéis de fumaça na luz. Apenas a alguns quilômetros, na cidade, está a casa de campo diplomática de seu pai. A casa, tão perto da popular praia de verão, fez de Tereesz um garoto popular três semanas atrás no começo das férias de verão. Assim que os passos dos outros podem ser ouvidos atrás do morro, Tereesz sopra um pequeno anel por dentro do anel de fumaça maior.

“Ó!” Eu consegui...” ele exclama, arruinando sua obra de arte.

“Quê?” Jesper, vestindo shorts e uma blusa de marinheiro, pergunta assim que chega no morro. “O que você fez?”

“O anel de fumaça passou por dentro do outro.” “Cê tá fumando agora?!” pergunta Jesper, assustado. “Quer um? ‘Astra’ É o mais forte.”

“Me dá um Tereesz, quero um.” Khan, ofegante, surge atrás de Jesper. Um binóculo com alça de couro está pendurado em volta do pescoço de Khan.

“Toma,” Tereesz joga o pacote para Khan, que derruba alguns enquanto se atrapalha com suas mãos. Exausto, o garoto ainda assim consegue não deixar cair e o levanta sob seus óculos.

“Maneiro,” Khan dá uma olhada profissional no pacote. As estrelas brancas percorrem o papelão azul.

“Sem sentido,” diz Jesper de canto de boca, e se afasta de Tereesz, para o topo de outro morro para analisar a área.

“Essa camiseta sua que é sem sentido,” Tereesz levanta preguiçosamente e oferece a Khan um fósforo da caixa.

Jesper aperta seus olhos e levanta sua mão como um capitão, analisando o solo da floresta diante dele.

“Sem sentido, é? Anni não acha isso. Sabe, ela me *elogiou* por isso. Ontem.” “Ela elogiou mesmo é?”

Jesper se vira para Khan. O garoto tenta dar uma tragada.

“Ei, Khan, você lembra que no vestiário Anni disse que era uma camiseta bonita?” “Ela disse. Tereesz, ela disse mesmo.”

“Fersen se intrometeu como um idiota e disse pra Anni que ela estava com um vestido lindo antes que eu pudesse. E algo sobre o cabelo dela também. Foi bem engraçado.”

“Uma oportunidade de ser educado nunca é desperdiçada,” Khan anuncia com um sorriso, tossindo um pouco de fumaça.

“Vamos.”

Três garotos se move pelos feixes de luz que deslizam por entre as árvores, em direção ao topo do morro. Khan joga fora seu cigarro que falhou em acender e começa a girar seus binóculos. Sua mochila balança quando ele acelera morro abaixo. Descendo os morros, os outros garotos pulam por cima de arbustos de urze, apenas Jesper se preocupa com seus shorts brancos e caminha dignamente com as mãos nos bolsos, como numa caminhada ao entardecer. O som do oceano nas árvores aumenta mais e mais conforme eles se aproximam do ponto usual deles no morro.

A cerca de madeira contém avisos de perigoso de desmoronamento, onde um pequeno pedaço do morro está caindo. Atravessando a rua de pedestres e subindo pelos arbustos debaixo da placa, Khan explica a Tereesz: “Olha, ele o chamam de Mar do Norte, mas na verdade é um oceano. Teoricamente, ele se estende para o seu Mar Igressi através do Pálido. Ele chega em Graad. Isso faz o Mar do Norte ser inter-isolar. Então é na verdade um oceano. É uma questão de classificação.”

Juntos pela terceira semana, os três tentam manter suas conversas mais acadêmicas quanto possível. Para impressionar a todos com seus personagens intelectuais quando voltarem no outono. Jesper, deslizando cuidadosamente pelos arbustos de trás, continua: “Nós não temos uma palavra para oceano em Katla, tudo era simplesmente ‘mar’.”

Um enorme corpo d’água verde azulado se expande à frente dos garotos no beira do alto desfiladeiro. As nuvens se espalham no céu azul pálido, e o brilhante sol branco se reflete como uma listra na água abaixo. As ondas do oceano magética e preguiçosamente quebram pela longa faixa de areia. Charlottesjäl. O vento desaparece por um momento, e uma onda de calor acerta a cara dos garotos. Insetos emergem das folhas das primaveras selvagens fluorescentes. A costa se curva em direção ao mar debaixo de um penhasco rochoso, até a ponta da península onde o hotel Havsänglari se localiza. Tem pequenos pontos humanos na areia com guarda-sois listrados em vermelho e branco. Os garotos sentam em uma faixa de grama entre espinhos, onde o íngreme morro arenoso some de vista. Tereesz teorizou diversas vezes como alguém poderia teoricamente pular desse morro rochoso – ele cairia numa duna de areia levemente inclinada numa altura de três metros e depois deslizaria de joelhos. Jesper se preocupa demais com suas roupas num caso como esse, e Khan é simplesmente um covarde. Mesmo agora, Tereesz é o que sente mais perto da beira, enquanto Jesper implora a Khan pelo binóculo. Os pontos de sol refletem nos olhos de inseto curvados do binóculo. No escuro e gelado coração das lentes, a imagem de pessoas abaixo na praia, turistas de verão do norte com suas toalhas e guarda-sois, é ampliada. A imagem é ainda mais nítida para Khan, que ajusta sua esquerda: +7, e sua direita: +4, lentes de prescrição. Khan comprou o binóculo com seu próprio dinheiro em Vaasa, numa loja para caçadores.

Quando Jesper termina de escanear a praia, é a vez de Tereesz. Com almofadas de borracha se pressionado sob seus olhos e bochechas ainda mais sardentas por causa do sol, ele admite: “Ainda não, é só dez horas. Elas vão vir.”

Enquanto Khan e Tereesz comparam marcas de cigarro – a porcaria de Vaasa é considerada bem medíocre, enquanto os decentes de Graad são mais potentes – Khan acena ansiosamente a tudo. No meio tempo, Jesper mira sua mira sniper para a praia, se recusando a desistir. Uma pequena mira para um guarda-sol branco, mas não acha as flores vermelhas que procura. Linhas verticais se movem por famílias jovens, castelos de areia colapsados, e banhistas de pele escura, parando em duas garotas loiras por um momento antes de continuar – não é elas. Jesper ajusta seu foco. Mais ou menos 200 metros dali, um leve sentimento familiar invade seu coração, uma constelação distante, uma comunhão material. Ele acena sua mão para sinalizar aos garotos que algo está acontecendo. Khan e Tereesz protegem seus olhos do sol e olham para a praia abaixo.

Refinando o foco de suas lentes de marca Zeul, o pálido véu rosa se afia em um estômago aos olhos de Jesper. Respiração balança a lente ocular do umbigo da garota até seu plexo solar, onde as curvas de seu peito se juntam num anel que segura a parte de cima de seu biquíni de bronzamento. Laços brancos cortam seus ombros, e seus seios sobem e descem sob o tecido conforme ela respira. O roda do meio do binóculo clica duas vezes, e o campo de visão expandido foca na toalha de praia bege assim que a garota deita de bruços. Um flash de cabelo loiro acinzentado e bochechas familiarmente redonda sob óculos de sol. Anni-Elin Lund preguiçosamente se apoia seus cotovelos e enfia sua cabeça em uma revista para garotas. Acima de seu pequeno traseiro, uma

estranhamente delicada constelação de marcas de nascença percorre coluna abaixo, se estendendo para as asas de suas escápulas.

Um horror gelado penetra pela vedação das janelas para dentro da cafeteria “Cinema”, onde três mentes tentam manter a tensão superficial de lidar com tudo pelo vigésimo ano. Khan dá de ombros: “Quem sabe disso? Quem sabe? Não li uma palavra sobre isso nesse tempo todo. Não falam em lugar nenhum!”

Tereesz coloca seu lápis na mesa.

“Isso se chama fato controlado. É deliberadamente deixado fora de descrições pessoais. Até de documentação oficial. Tenho esses trinta casos em mente e não há uma palavra sobre eles. Ele sabe. Olha pra ele!”

A cara de Jesper continua imutável. Ele já passou por isso. “É por isso que Gösta me procurou. Os oficiais só deram de ombros. Talvez eles ouviram no serviço que eu conhecia as garotas. Estávamos todos confusos. Hird não explicou mais nada também. E a propósito, eu não acredito nessa merda. Hird gosta mesmo é de Gudruns peitudas.”

“Não encaixa na descrição, não é cronologicamente possível,” Khan se anima, “Ele estava a seiscentos quilômetros de distância cinco horas antes, comprando cambotas e juntas para sua maldita máquina de estupro... Sei lá, algum tipo de tampões de juntas.”

Por causa do ruídos de construção da infame máquina de estupro, o vizinho de Vidkun Hird finalmente chamou a polícia e esse foi o começo de seu fim. Inayat Khan, todavia, olha seriamente no olhos do agente da Polícia Colaborativa.

“Tereesz. Você tem que reabrir o caso. Continuar a investigação. De alguma maneira ele tem que saber de algo, e é a única pista desde as cartas. Você tem que fazer isso.”

“Você nem imagina como as coisas estão atualmente. É o pior momento para desenterrar coisas antigas. Não há mais apoio do exército, tudo está em um semi-estado de guerra. Ninguém sabe se Oranjenrijk ainda existe. Eles vão me demitir se eu recomeçar esse bagunça...”

“Não, Tereesz, você ainda deve fazer algo sobre isso.” Jesper, agora um pouco irritado, não está interessado em uma guerra mundial iminente. “Você é quem faz isso, é o seu trabalho. Faça!”

“Calma, calma! É claro, vou levar isso pra lá. Eu tive um pressentimento sobre isso desde que você me convidou para a reunião de classe. Cê acha que pensei que você estava nostálgico ou algo do tipo? Meu caso particular está sempre aberto, cê sabe, ele não fecha. Você só tem que torcer para que os locais colaborem calmamente. Todos eles odeiam cooperar. Muito raramente alguém se importa em olhar se algum dos documentos de interrogatório foram assinados.”

Khan sorri astutamente. “Documentos de interrogação? Então você está indo para Kronstadt?” “Amanhã.”

“Bom saber que você ainda é de boa, Tereesz.”

Jesper também sorri, um pouco desconfortavelmente, devido à suas bochechas avermelhadas e tom insistente. “De boa mesmo! Tá ótimo então.”

Tereesz concorda. “É algo muito bom. Vinte anos. Não deve existir qualquer esperança a esse ponto.”

“Mas há esperança?” Jesper inteligentemente balança sua cabeça ainda muito grande para seus ombros.

“Sim. Muito bem Jesper. Você fez muito bem.”

“A conta, por favor!” O designer de interiores, que esteve fora da ativa pelos últimos dois anos, estala seu dedo para o garçom e aponta seu dedo indicador para a mesa. As noites não tem sido fáceis para ele. Mas hoje é diferente. Hoje Jesper pode conceder a si mesmo pequenos prazeres. Pequenos prazeres bobos. A noite chega fora das janelas do cubo, no escuro, onde tudo é possível. É possível encontrar elas dentro de um canto escondido do mundo, no gelo permanente do Lago Vostok, ou no Deserto de Erg, onde Ramout Karzai desapareceu sem deixar vestígios, fundo nos pulmões de Graad... Você ainda pode encontrá-las. Como eram na época. Pequenas. E através disso, ficar pequeno também. Acima das nuvens, aos pés de Corpus Mundi, você só precisa levantar o véu de gotas de chuva para conseguir tocá-las... “Vocês foram tão corajosos por não desistirem!” Todo mundo esqueceu da gente, o céu da noite pontilhado por estrelas frias, o domo azul escuro do céu girando sobre nossas cabeças, mas sabíamos que vocês ainda estavam nos procurando.”

5. ZA/UM

Anni-Elin Lund tira seus óculos escuros e é cegada por um súbito raio de luz. Um turbilhão vermelho-azulado de cores na iris da garota respinga em suas pupilas e a esfumaçada maquiagem dos olhos brilha na luz. A pequena cabeça de Anni se vira de lado como a de um gatinho. Um coelho solar pula da revista da garota para a areia, e da areia para o guarda-sol, conforme os olhos da garota o acompanha.

“O que tá rolando?” Tereesz pergunta, balançando suas pernas na beira do morro. “Não sei, Målin está lá agora também. Ela tá de pé...”

“Que ela tá de pé eu consigo ver daqui,” interrompe Khan impacientemente.

“Ela tá parada ali, e eu tenho que admitir, aquela roupa de banho com bolinhas vermelhas não fica nada mal nela. É de duas peças, como é a moda agora, e ó! Ela é tão... nossa.” O sorriso de Målin em direção ao binóculo se torna pretensioso, e tem uma pitada satisfação maliciosa em seus olhos. Sua mão levanta acima de sua cabeça de modo a acenar demonstrativamente. A figura desaparece assim que Jesper esconde as lentes traiçoeiras debaixo de sua barriga.

“No chão, todo mundo no chão!”

Khan escuta o sangue fluindo sob suas orelhas e sente seu braço latejar, seu está enfiado pela metade num arbusto espinhoso de quadril de rosa. Tereesz, que simplesmente se jogou de costas rapidamente, agora olha para o pálido céu de junho. Uma solitária água marinha plana no alto. Parece que o pássaro está apenas pendurado no ar.

“Khan, olha, uma água!”

“Que porra de água, aí!” O arbusto de quadril de rosa afiadamente lembra Khan de sua presença.

“Não se mexe, você tá fazendo barulho no arbusto,” Jesper resmunga no meio, deitado de bruços com os binóculos em mãos.

“Bom, se elas já nos viram, então não faz muita diferença se o arbusto fizer barulho ou não. Ei, olha o que elas tão fazendo!”

“Olha você,” Jesper passa o binóculo para Khan.

O arbusto faz barulho novamente conforme Khan, vestindo uma larga camiseta de verão, sai dele com binóculos em mãos. Ele levanta sua cabeça e tenta ficar invisível atrás da grama alta. Apressadamente, ele move seu binóculo para baixo na praia para o guarda-sol com flores vermelhas e para na toalha de praia. Para sua surpresa, ele só vê a pequena Maj sentada e olhando pra frente. Suor escorre pelos óculos de Khan conforme ele começa a ficar preocupado. Premonitivamente, ele move seu olhar para mais perto da pedra aos pés do morro até o pequeno binóculo de ópera ficar apenas a cerca de 100 metros de distância, encarando diretamente as suas lentes. Parada ali com uma mão na cintura é a esbelta Charlotte, a mais velha das irmãs com seu cabelo castanho-avermelhado fluindo pelo vento. Essa linda e aterrorizante criatura do primeiro ano do ensino médio está tão longe de alcance do imigrante Khan quanto uma cadeira no parlamento. E agora ela está tão perto que mesmo sem o binóculo de ópera de Målin seu olhar penetra nos olhos miseráveis de Khan. Olhos esses que ele agora esconde ao invés de amplificar com seu binóculo.

“Meu Deus, elas tem um pequeno binóculo,” Khan informa a reunião emergencial.

“Então é pra cá que elas estavam apontando ontem, eu sabia, devia ter te falado...”

“Quê? Tereesz?” Jesper fica bravo de repente, “Então elas já sabiam, você deixou a gente cair direitinho numa armadilha!”

“Eu esqueci, desculpa. Eu pensei que elas estavam olhando aquela águia. Cê sabe, o ninho é perto aqui do morro também...”

“Enfia essa águia no cu.” Khan ri muito disso e Jesper continua: “Agora tudo o que temos que fazer é levantar e acenar pra elas e é isso. Eu não sei o que vamos falar sobre esse show de horrores com o binóculo. Eu real não sei.”

“Tenho uma ideia,” Tereesz levanta determinadamente, enquanto Khan o segura pelas calças. Num instante, entretanto, as três esbeltas garotas, amontoadas na praia abaixo, vêem um loiro magricela e depois dum momento, o ligeiramente gordo garoto de Iilmaraa, desajeitadamente de pé ao lado de Tereesz.

“E aí, meninas!” Tereesz exclama. Målin se assusta e cobre sua boca assim que a alta e reta figura pula da ribanceira tão alta quanto um prédio de quatro andares.

Na manhã seguinte, vinte anos depois.

As olheiras nos olhos do homem se curvam ao redor das maçãs de seu rosto. Abaixo de seus olhos tem duas agudas protuberâncias, como nas aves de rapina. Sulcos nos dois lados de suas bochechas – espera, preocupação. A persianas nos escritórios da Polícia Colaborativa foram fechadas faz tempo aos seus olhos de coloração arbitrária; ninguém pode olhar pra eles e saber o que está acontecendo atrás das cortinas. O agente da Polícia Colaborativa também tem uma barba recém feita que se estende um pouco para frente, um longo pescoço acinzentado, pele marcada por fumaça se acumulando sob uma camisa branca. Uma fina gravata preta se pendura no colarinho de sua camisa. A chuva noturna parou, mas ainda está frio e ventando. Com sua mão esquerda, ele puxa o colarinho de sua jaqueta para mais perto e fuma com sua direita.

Parado assim na proa de um pequeno navio de patrulha de fronteira, um jovem oficial de Vaasa perto de Tereesz, com uma caneca de café fumegante em mãos, pergunta, “O que vai fazer em Kronstadt?”.

“Infelizmente, não posso responder essa pergunta,” murmura mecanicamente Tereesz, seus olhos fixos no horizonte do outono. Uma revoada de gaivotas levanta dos juncos do porto e gritam sobre a água gelada assim que o motor do barco liga com um ruído. Um sopro de gasolina e um arco íris químico na água.

“Cafê?” o jovem tenta retomar novamente a conversa. “Não, obrigado.”

Tereesz sente gotas de água em seu rosto. Refrescante. O baixo céu cinzento não tem sol nessa manhã, apenas luzes de aeronaves circulando acima da cidade, e a silhueta metálica do enorme cruzador de Graad permanece na baía como um fantasma. *Järmspöken*, eles o chamam, fantasmas de ferro. Ninguém gosta dessas embarcações sinistras por aqui. Encontro com fantasmas. Em guarda, sim, mas contra quem? Quem declarou guerra a quem? Ninguém. E Graad, com seu guarda-chuva de aço, não vai conquistar corações por aqui, e até Tereesz, que se parece com um nortenho mas fala e fuma como um homem de Graad, não consegue ir muito com seu papo de terra-mãe Zsiemsk, a ocupação de cem anos e o massacre de Yugo-Graad. Sim... e também Frantiček o Valente.

Óbvio, ele queria ser como Frantiček o Valente. Ainda quer. Todos os kojkos querem ser como Frantiček o Valente. Ocupar posições, ser promovido, içar as bandeiras de Sigismund o Grande novamente. Ousadia, joie de vivre como a relampejante troika!

O que aconteceu?

Um solitário barco de patrulha de fronteira abre caminho pelo Mar do Norte. As ondas batem pesadamente no barco, e em breve Tereesz jogará fora seu cigarro para não escorregar no convés. As condições desfavoráveis para fumar faz passar frio lá fora ser inútil, então ele vai sentar num banco da cabine. Ele tenta não olhar em direção à cidade, abaixo na sinuosa costa onde Charlottesjäl é localizada. Ó, como ele queria ir pra lá! Uma vez ele foi pra lá, quatro mil quilômetros de Graad pelo trem magnético do Pálido, não chamou Khan nem Jesper, foi direto para Charlottesjäl e só sentou lá feito idiota. E então voltou pra casa. Outra semana através do Pálido. Ele e Jesper ainda estava brigados por causa do desentendimento no restaurante, e só ficar com Khan pareceu sem sentido também. Isso foi no feriado de solstício de inverno dois anos atrás. Essas foram suas férias. O departamento de psiquiatria o baniu de viajar por um ano. Foi considerado perigoso demais atravessar o Pálido tão frequentemente.

Com um torniquete em sua boca, Machejek perfura a claramente visível veia em seu pulso com uma seringa de vidro e metal.

Mas ele ainda quer ver como os juncos se curvam sob o vento. É tão bonito de se assistir o oceano banhar gentil e calmamente a praia. Em algum lugar na névoa distante, há uma silhueta de um morro rochoso. E água, água gelada. Gotas de chuva. É bonito de se assistir.

A mãos veiúdas de Tereesz afagam amorosamente a maleta preta em seu colo.

“*Haadramutkarsai!*” grita o pequeno Inayat Khan da beira do morro e pula. O sol brilha. Lhe dá frio na barriga como que se houvessem cem metros de queda, mas a queda dura apenas um momento. De repente, seus pés batem na areia. Por alguns momentos, ele afunda seus pés na areia e desliza mais devagar. O pequeno Khan sente as raízes cutucando suas nádegas e as rochas arranhando suas costas, sua camisa saindo de dentro de suas calças. Seus óculos pulam de sua cara e um animado e sardento Tereesz corre para pegá-los. As garotas correm em direção ao seu corpo surrado.

“Você é maluco!” exclama Anni. Tem uma razão para estar alegre.

Mas não para o pequeno Jesper. Ele está agora sozinho lá em cima, olhando para o morro, para seus shorts brancos, sua camisa de marinheiro e para o morro novamente.

“Não,” ele franze seus lábios, pega a mochila que Khan deixou pra trás e pega o caminho mais longo pela floresta. Ele anda o mais rápido possível, que ainda não é trotar indignamente. Do caminho coberto de pinheiros, o menino vira na ponte suspensa entre as duas subidas e então desce os degraus para o calçadão do outro lado. A jornada para a praia parece durar pra sempre. Ele já pensa nas besteiras horrorosas que Khan deve estar falando. Como que ele deveria colaborar com algo não coordenado?

Se passa apenas meia hora até Jesper chegar na praia e parar impotente perante as vazias toalhas de praia das garotas.

“Com licença, você por acaso teria visto onde foram as garotas que pularam dali?” ele aponta para o penhasco ao fundo. Foi pedido ao velho que vigiasse as coisas das garotas. Jesper decide que seja lá onde estejam, não podem demorar muito. Após um momento se aquecendo no sol, ele senta na toalha de praia com flores. Depois de debater se deveria tirar sua camisa ou não – está ficando quente – ele decide ter bom gosto e deita na toalha do jeito mais *maneiro* possível. O maneirismo reside na posição indiferente em que seus braços se cruzam debaixo de sua cabeça. Jesper está mais interessado nas nuvens agora. Ele está em pensamentos profundos agora. Ele está pensando.

E então seu nariz é atingido por uma minúscula, atômica unidade de perfume. Lírios do

Vale, respiração e pele humana se dissolvem diante de seus olhos. Jesper vira sua cabeça, e através da bege planície da praia, ele vê: um mundo de coisas fragrantas, estranhas e femininas. Ali estão vestidos de verão brancos e pálidos com laços amarrados tão terrivelmente certinhos, pequenos cintos e bugigangas inúteis, o bracelete requintado de Anni; e nas cestas tecidas tem apenas o tipo de comida que as garotas gostam. Jesper não se lembra nada dessas comidas, mas certamente não há muito. Garotas não gostam de comer. Disso ao menos Jesper sabe.

Em uma fascinação imbecil, ele levanta sua mão até o pequeno frasco quase saindo da bolsinha. O frasco do perfume é em formato de romã. O líquido dourado através do vidro cor de framboesa flui e Jesper assiste em fascínio. O mundo desaparece. Ainda segurando a garrafa, e sem nem entender o porquê, sua mão coloca sorrateiramente o pequeno laço de cabelo no bolso da sua camisa de marinheiro. Ele joga seu corpo pra trás novamente e olha o sol através do vidro do frasco. Por um breve momento, ele está no mundo vermelho-framboesa da romã, quando de repente, como que do nada, as longas pernas de Charlotte se elevam sobre ele. A pequena Maj olha ele direto nos olhos de cima dos ombros de Tereesz: “O que ele tá fazendo com seu frasco, Anni?”

As sinapses flamejantes na cabeça de Jesper começam a fazer conexões assim que o feitiço é quebrado, e ele não deixa uma surpresa casual transparecer em sua cara.

“*Revacholiere*,” ele pronuncia de forma suculenta, e então finaliza como se fosse um profissional veterano, “*Granate*, número 3, uma ótima escolha, notas fortes, natural, o zimbro dá meio que uma arejada... Não, ótima escolha, que posso dizer. É seu, Anni?”

Jesper senta quieto e imperturbado. Khan e Tereesz olham com excitação em direção às garotas, especialmente Anni, que lambe um sorvete de limão com um sorriso.

“É meu sim,” ela diz, um pouco arrogante de início, depois ficando mais educada: “Sua mãe é uma perfumista, não é?”

“É mais sobre importar do que produzir. Ultimamente. Mas ele tem papeis e tals. Cê sabe, eu fui pra fábrica de perfumes de Revachol para ver como o *Granate* é destilado.”

“Você foi pra Revachol?!” Até Charlotte está impressionada. Ela é meio que uma deusa na escola, um ano acima com suas roupas caras e garotos do ensino médio. E agora os olhos da deusa se arregalam em surpresa. As orelhas de Jesper ficam vermelho fogo.

“Uma vez, sim, as colegas da minha mãe a convidaram para um tour.”

Tereesz, que esteve segurando a bandeira bem ao alta, pensa que agora o perigo maior passou, Jesper deveria voltar com os pés no chão. “É por isso que você cheira como uma flor!”

A pequena Maj nos ombros de Tereesz ri ruidosamente de tudo o que o garoto diz. Ele teve sorte. Tereesz nunca poderia imaginar que era algum tipo de imã de crianças, mas aquele salto corajoso já o levou à tona por três quartos de hora. Khan está completamente inútil. Ele consegue pegar cada terço das iscas de Tereesz mas então não sabe o que fazer com elas e só balbucia.

Anni senta perto do corado Jesper. “Eu acho o Jesper cheiroso. Tá longe de cheirar como meias e vestuários.”

“É bem horrível,” diz Målin suavemente.

“Honestamente, é tudo culpa do von Fersen,” Khan marca agora seu primeiro ponto, “F... Fersen tem essas meias de educação física. Não é normal como elas cheiram.”

Tereesz dá um suspiro de alívio. A fila para o sorvete já estava bem longa. Nem Khan nem Tereesz são os melhores em render papo numa emergência e o plano de Tereesz era

evitar o assunto a todo custo até Jesper chegar. Por sorte, Maj veio a seu resgate e demandou estar nos ombros de Tereesz e sua falazada constante fez todos rirem.

Tereesz sente que agora é hora de finalmente tratar do assunto. Ele tira Maj de seus ombros e olha sugestivamente para Jesper, mencionando casualmente, “Você pegou as coisas contigo né?” Cigarros? Binóculo?”

Anni-Elin não cai nessa de “cigarros”: “Que que é isso de binóculo que tava contigo? Nós já vimos algo brilhando o tempo todo ontem. Como um pequeno espelho. Foi bem emocionante!”

“Ah, só observação de pássaros, cê sabe, tem um par de águias marinhas aninhadas ali...”, Tereesz mal consegue começar, quando até Målin sorri maliciosamente: “Observação de pássaros.”

Anni dá uma risadinha perto de Jesper, e Charlotte, a deusa má, é ainda mais afiada: “Sim, observação de pássaros é de fato popular com os cavalheiros hoje em dia.”

Jesper está vermelho vivo, mas em uma profunda fenda na cara sardenta de Machejek, Frantiček o Valente levante sua galante cabeça. Tava na hora! Ele corre por Tereesz, jogando cuidado ao vento, em direção ao mais brilhante e improvável prêmio. Como é costumeiro para nós, os kojkos sujos: é tudo ou nada.

“*Golqbeczko moja*,” diz Tereesz Machejek com um charmoso sorriso, “bem, talvez tenhamos visto pássaros ainda mais raros.”

Muitas vezes, tudo ou nada significa nada para nós kojkos sujos. Mas não naquele dia. Naquele dia quente de verão, vinte anos atrás. Char-lot-te! Seus ombros arredondados movem-se para frente, suas clavículas se destacam. Debaixo dos arcos de suas sobrancelhas, frios olhos verdes se acendem com um sorriso, com a luz de uma estrela distante. Para Tereesz.

Ele diz: “Oportunidade!”

Tereesz está tão feliz! Tudo está indo tão bem. Sombras crescem, horas passam, e areia branca se torna amarela, e então laranja listrado por sombras. As garotas colocam as toalhas de praia em seus ombros, e a pequena Maj boceja e pega no sono debaixo de um cobertor. O vento para, fica em silêncio. Um reino. Bondes puxados por cavalos à distância. Ruas rodas guincham, música distante do quintal de alguém. A praia se esvazia e o céu se torna um gradiente azul-violeta. Tereesz conta às garotas sobre a casa de campo diplomática de seu pai, planos para o verão e sobre o dia seguinte. Cabines de vestiário retas fazem sombras na praia como ponteiros de relógio. Listras de nuvens surgem sobre a água suave, suas coaguladas barrigas lilás, o ciano, o magenta, e o frio e profundo laranja do horizonte. Målin experimenta os óculos de Khan, Khan não enxerga nada através dos grandes óculos escuros de Målin. Apenas as formas da garota tremulam como luzes de velas de ponta cabeça.

“Tragam cidra de maçã!” Grita Anni-Elin conforme as portas do bonde se fecham. Quatro cavalos pálidos saem do lugar, a cabine brilha amarelada no crepúsculo do entardecer, e a pequena Maj, com asas de anjo em um vestido branco, dorme no colo de Målin. Uma varinha mágica de fada madrinha cai de sua mão no chão arenoso da cabine.

Três garotos estão de pé no ponto do bonde, fazendo caras de surpresa entre si conforme o bonde vira na esquina e desaparece de vista.

O morno e azedo hálito fazem os lençóis de linho do hotel vibrarem rentes à boca do vendedor de linóleo.

Vendedor de linóleo. Vendedor de linóleo. Vendedor de linóleo. Com a mão esquerda em sua nuca, ele puxa o laço duplo de lençóis em volta de seu pescoço formando um nó. O nó é cego e muito bem apertado. A porta da sacada do oitavo andar ainda está rachada e ar frio está entrando, no quarto do Havsånglar. Da sacada, há uma vista magnífica da praia abaixo no final do entardecer. No piso de junco da sacada, um telescópio com uma caixa refletora, montado em tinta protetora, é desmontado por sua base. Modelo de escoteiro. Atrás do telescópio há uma câmera modificada. Nessa sacada, e apenas nessa sacada, não em uma sala adjacente nem no corredor, pois esse não é modo como o vendedor de linóleo gosta dessas coisas... Então é só nessa sacada daqui que ele ouve a intensa respiração do mal.

Vinte anos depois, de tardezinha.

Vidkun Hird encara um perturbado agente da Polícia Colaborativa na frente da janela bloqueada da sala de interrogação. Desprezível. Hird veste seu macacão cinza de prisão. Na fita refletiva está escrito “Vidkun Hird” e seu número com uma abreviação alfabética. O agente tira sua jaqueta e a joga cuidadosamente em frente à janela. A camisa tem manchas de suor debaixo de seus sovacos. Os movimentos do agente são descoordenados. Na frente da camisa está um recém impresso distintivo com o código de identificação de visitante. O ventilador zumbe.

“Ei, você tá b ê b a d ol!” Vidkun olha por cima de seu ombro para o sargento em guarda na porta, “O cheiro de bebida tá subindo na minha cabeça... Por favor me tira daqui, não tô no clima.”

Vidkun sorri enquanto ouve fragmentos da conversa de Machejek com o agente carcerário.

“Cinco minutos... dez minutos... a vida de uma criança está em risco...”

A porta fecha atrás do guarda, e uma chave de procedência duvidosa aparece brevemente nas mãos de Tereesz.

“Ma-chee-jekk,” Vidkun pronuncia, “Você é um kojko! Você é tipo um vira-lata graadiano, alguma forma de vida bidimensional.” Ambos os braços e pernas de Hird estão algemados dessa vez, os ferros massivos dobrando desconfortavelmente seus braços atrás de suas costas. Mas apesar disso, ele de alguma forma senta como um nobre.

“Você mentiu. De quem você conseguiu o desenho?” Os olhos de Tereesz estão turvos, o homem pisca raivosamente.

“Escuta, você ouviu falar sobre aquele estudo de eugenia que elogia a mente humilde dos kojkos?”

“De quem você conseguiu o desenho, p o r c o?”

“Um intelectual, sabe, recomenda cruzar seu tipo com negros. Supertrabalhadores.”

“Cala a boca!” Tereesz abaixa a cortina de ferro das janelas da sala de interrogação. Abruptamente. A persiana cai com um ruído, e imediatamente há o som do agente penitenciário nervosamente colocando as chaves na fechadura.

“Idiota, você quer ir pra cadeia ou algo assim?” Estamos seguindo a *Declaração* aqui. Não estamos em algum tipo de anarquia de Graad.

Na sala em janela, na limpa luz da lampada de ferro do hall, Tereesz Machejek está de pé próximo a uma mesa, desfazendo sua maleta. O forro de dentro comporta exatamente uma caixa metálica e na caixa, em letras brancas, está escrito “ZA/UM”.

Os olhos de Hird se arregalam em pavor. Há batidas de trás da porta.

“Você não ter permissão pra isso! Você tem que ter permissão! Me mostra sua permissão!”

“O que você disse? Não consigo te ouvir, um p o r c o tá gritando o tempo todo.” Tereesz bate na cara de Hird com a caixa metálica. Sangue cai no macacão cinza de prisão.

Hird lamuria e um ponto de osso branco é visível em seu nariz. O homem desmaia. Ameaças abafadas podem ser ouvidas de trás da porta, mas a chave de diamante de Tereesz chocalha na fechadura.

“Eu sou o agente Tereesz Machejek da Polícia Colaborativa Internacional, Mirova, Graad, eu tenho o direito legal de interrogar, e se você mexer nessa porta de novo...” A bateção para por um momento e o ZA/UM abre com um clique. Tudo acontece rápida e habilidosamente, poderíamos dizer. Tereesz puxa a tubulação amarela com cânulas penduradas do enchimento de espuma da caixa, aperta o grotesco aparelho em forma de fole em torno de seu pulso com um cinto, e puxa a mangueira de borracha até ficar esticada no braco rígido de Vidkun Hird. Balançando um pouco, ele coloca a mangueira no aparelho e daí e coloca a agulha na veia de Vidkun. Uma pequena gota vermelha do sangue com tendências superhumanas de Hird flui diretamente na cânula.

Passos apressados podem ser ouvidos de trás da corina de aço, e bota pesadas no chão da prisão. Reforços. A tampa do aparelho abre com um clique no pulso de Machejek. Uma fileira de frascos aparece, cheios de líquido amarelo, como dentaduras com fumaça de cigarro debaixo do lábio superior, um sorriso exagerado sem expressão. Um quieto chiar e o primeiro frasco clica em seu lugar. Os foles no topo da tampa tremem por um momento, e então o aparelho no pulso de Machejek começa a respirar silenciosamente como um bichinho. O líquido amarelo cor de urina é bombeado para o pulso de Vidkun Hird. Ele abre seus olhos e começa a chiar em pânico.

“Você sabe o que é isso? Maldito suíno!” Tereesz chia por entre os dentes, bem na frente da cara inchada de Vidkun.

Um pouco de sangue e saliva saem da boca do homem para a cara de Machejek, conforme ele gira seus olhos por medo e grita: “Eu menti. Você tá certo. “Eu... Eu nunca vi elas, meu colega de cela...”

“Eu não me importo com o que você pensa.”

“Não tô pensando em nada, eu tô te dizendo, eu tinha um colega de cela, muitos anos atrás, Deerek...”

“Eu não me importo com o que você pensa, eu quero sua verdade.” O olhos de Tereesz estão terrivelmente esbugalhados. Ele pega a mordaca do braço de Vidkun e a veia, inchada com mescalina e ácido lisérgico, visivelmente encolhe.

De repente, Vidkun pressiona seus dentes tão fortemente que eles parecem que vão quebrar a qualquer momento. “Você não pode tirar nada de mim. Agora você não pode tirar nada de mim,” ele balbucia loucamente, “Eu sou tão forte!”

O bateção pode ser ouvida de trás da porta.

“Eu amo o fato de você achar isso. É melhor se você achar isso,” Tereesz ofega, colocando outra cânula no aparato. É para ele. Com olhos fixos em seu pulso, ele espeta a agulha em sua veia.

O primeiro frasco está vazio, o próximo Tereesz compartilha com Vidkun, animadamente balbuciando diante de sua boca: “É uma máquina de moer. Você nem imagina o quanto eu vou te foder com ela agora.” O líquido amarelo-urina atravessa a barreira de sangue e cérebro de Vidkun, e em sua cabeça, debaixo de seu crânio, uma enorme pressão aumenta como uma bolha de ar. Com rosto do homem apertado entre suas mãos, Tereesz começa a gritar. Sua voz chega à cabeça de Hird como estática, pura violência rugida.

“Eu vou fazer de você um cretino, tá sentindo?”

A escápula de Vidkun cede à pressão das mãos do agente e abre como um botão de flor. Parece que algo está nascendo dela. As algemas de Vidkun chocalham inutilmente, o homem tenta segurar a substância que está saindo de sua cabeça com suas mãos. Pedacos de seu cérebro ainda caem de seus dedos ao chão. Ele não consegue, é muito escorregadio, e tem demais.

“Eu consigo seu sua buceta, cê tá aberto na minha frente, eu vou te abrir,” Tereesz ofega, vendo Vidkun Hird inteiro se abrindo na sua frente.

O homem treme sob as unhas afiadas do agente e tenta falar com todas suas forças, dizer a ele o que está procurando, dizer isso em linguagem humana, mas sua boca não funciona mais. E esse tempo todo, conforme Tereesz flutua em sua cabeça como um tigre na água, Vidkun vê apenas uma imagem refletida de volta do espelho de Tereesz. Naquela superfície gelada, onde Vidkun escapa da carnificina devastadora em sua própria cabeça, os olhos verde-escuro de Charlotte Lund olham para ele. Fundo nas pupilas, a chance dada a Tereesz brilha fracamente. É tão bonito e infinitamente triste que quando Tereesz colapsa por exaustão atrás da mesa de interrogatório, Vidkun começa a chorar.

A costa de Vaasa brilha diante dele, e as ondas noturnas quebram no casco do navio de guarda da fronteira aos seus pés. Um amarelado domo de luz brilha acima da cidade pela distância. Ele parece indescritivelmente divertido, todas aquelas brancas e amarelas luzes na cidade cabem na mão de Tereesz. E mesmo estando frio ali fora, ele não está vestindo um casaco. As abas de sua jaqueta estão abertas, e as manchas de sangue de Vidkun Hird ainda estão em sua camisa branca. As mãos do agente da Polícia Colaborativa estão confortavelmente algemadas, e um policial jovem o ajuda a se manter de pé no convés.

“Que tipo de estrago você fez por lá?” pergunta o policial.

“*Se eu te compus uma sinfonia,*” diz uma voz estalante no rádio transistor. “Ei, obrigado por me deixar sair, foi uma noite linda.”

“Ok...” o policial começa a rir baixo. “Você poderia aumentar o volume dessa música?” “Quê?”

“Eu prometo que não vou pular no mar, aumenta ela!”

“Eu tô mais preocupado com você cair no mar, mas ok então.” O policial entra na cabine do barco e depois no convés. Por cima do barulho das ondas e do motor, uma melodia massiva e um falsete de um homem diz, “*Se eu te compus uma sinfonia, para te mostrar o quanto você importa para mim...*” Tereesz começa a bater seu pé. Com o mesmo alívio que ele apenas sente depois de usar “ZA/UM,” ele suspira para o policial, “Sabe, eu acabei de resolver o desaparecimento das crianças Lund.”

“Quê?”

“Você realmente não conhece? É bem famoso!” “Quando foi isso?”

“Ah, muito tempo atrás, você ainda nem tinha nascido. Mas não importa, eu me sinto tão bem agora. Eu acho que resolvi ele!” Tereesz ri. É uma risada sombria, mas genuína, muito genuína, e a noite sob o Mar do Norte ri de volta para ele.

6. FRANTIČEK O VALENTE

Às vezes, o desaparecimento mais triste é aquele continua não resolvido. Antes de virar uma usina hidroelétrica, a Peremennaya Veera era só o Rio Veera, no qual a estrela da ópera Nadja Harnankur se jogou de sua alta popularidade. Poderia ter ficado nisso: Nadja simplesmente sumiu numa noite de outono de uma eletrizante performance, seu soprano divino ainda ecoando na casa de ópera. Estava certo o velho, que disse ter visto andando pela ponte com seu pijama? Ou estava certo o admirador fanático que disse ter encontrado ela um ano depois em Revachol? Talvez há alguma verdade na narrativa paranóica do romancista de pulp, na qual Nadja é na verdade uma espiã de Mesque, niilista e profeta do fim dos tempos. Quem pode dizer com certeza?

Mas uma coisa é certa. Ninguém precisava ver os restos mortais de Nadja emergindo da lama do reservatório em seu pijama. Ninguém precisava ver a colônia de mexilhões no buraco de seus olhos, o sorriso morto de seus dentes dourados, ou a expressão de choque da equipe de construção da usina hidrelétrica.

Futilidade. Futilidade forma o mundo. História é uma estória de futilidades, progresso é uma sequência de futilidades. “Desenvolvimento!” diz o futurista. “Perda,” diz o rebelde. “Ressaca!” grita o moralista na fileira do fundo. “Fracasso,” diz o rebelde irado. “Tempo é cinza,” ele diz. A falha do Criador é uma introdução para a era. Kras Mazov atira na própria cabeça e Abadanaiz toma veneno com Dobrev nas ilhas Ozonne. O vento joga areia por cima de seus ossos debaixo das palmeiras. Quem poderia saber? Boa gente do mundo todo se junta. Professores, escritores, e trabalhadores migrantes se amontoam em trincheiras... Jovens soldados desertam suas unidades. Que lindas músicas eles cantam. Crianças valentes são as favoritas da história, e assim parece a elas, e elas balançam bandeiras brancas com prateadas coroas chifradas.

E elas perdem.

Golpes são esmagados. Anarquistas são empilhados em valas comuns no Grande Azul. Comunistas, expulsos da isola de Graad, recuam para Samara e se tornam um degenerado estado de trabalhadores governado por burocratas. O desaparecimento dos amantes revolucionários é resolvido trinta e cinco anos depois quando os esqueletos abraçados de Abadanaiz e Dobrev são encontrados na costa de uma ilha não nomeada de Ozonne pelo filho de oito anos de idade de Riche LePomme, Eugene, durante um passeio na tardezinha dum sábado. Vestindo shorts e uma rede para borboletas, ele fica parado e olha perplexo para os ossos de seu passado conforme eles se abraçam. Ofuscados e lisos. Onde um começa e o outro termina? O tempo misturou eles como um baralho. Após isso, Riche constrói um hotel ali junto com um agora mundialmente famoso centro de saúde.

As o maior fracasso não é como a revolução mundial de Mazov acabou em banho de sangue e depois derrota, nem é como os ossos dos amantes revolucionários são agora expostos na sala de espera da aromaterapia. Com a revolta interna suprimida, Graad se torna um poder mundial, um nação gigante, suas cidades prosperando e o luz do crescimento brilhando da órbita como uma rede cintilante. Nações inteiras desaparecem do mapa do mundo. Nações nas quais Mazov tinha antes muitos apoiadores. Nações como Zsiemsk. Nações cujas pessoas são depreciativamente chamadas de “kojkos”. E acontece por tanto tempo que eventualmente eles começam a se chamar disso.

Tereesz Machejek tem sete anos de idade. Seu pai é um kojko modelo, um diplomata, e um adulator de usurpadores que ainda não o levou para o colégio em Vaasa. A cidade é uma zona de catástrofe ecológica, um assentamento humano pós-megalópole e pré-necrópole, em seu

penúltimo estágio de desenvolvimento. Polyfabricate se espalha para a fronteira de Zsiemsk e Yugo. O monstro engole os centros históricos Zsiemsk – a velha cidade real de Ferdydurke, e os parques de pinheiros de Lenka. O verão começa, e na escuridão dos sótãos, um nome é sussurrado. Crianças o gritam nos quintais das casas. As folhas das árvores farfalham na rua quieta, e apenas o eco daquele nome ressoa no ouvido do miliciano de Graad.

“Frantiček o Valente...”

O mais valente do kojkos. Uma estrela de cinema, um revolucionário. Foi recentemente que as revoltas foram brutalmente suprimidas na primavera, e a agora nada tem se ouvido dele por dois meses. É dito que ele se esgueira fundo na taiga, na reserva Yakut, e adquire habilidades especiais dos sacerdotes indígenas. Coisas fantásticas! Suas maçãs do rosto de águia das estepes e olhar saudosista, sorriso gentil, como se o sol estivesse nascendo acima da taiga. Um sorriso que ele guarda apenas para aquelas raras ocasiões quando suas sobrancelhas sérias estão franzidas por preocupação... Sua face audaz aparece em filmes proibidos na fábrica de camisas, nas quais as mulheres são valentes, costurados no tecido branco de regatas e calcinhas. Não, Frantiček o Valente está em Samara! Negociando. Ele está vindo com as tropas da República Popular! Não seja ingênuo, Frantiček está lá longe em Kola, na cabana de Ignus Nilsen. Eles nunca vão achar ele! Quietos! Frantiček o Valente não se esconderia! Ontem mesmo, ele foi visto na fila para comprar carne, ele agora tem uma barba falsa e um avental de açougueiro, ele se chamou de Vozam Sark, leia ao contrário!

Mas os meses passam e nenhuma notícia surge, e logo é outono. Poeira industrial cai como véu de luto nas folhas douradas e vermelhas. Em outubro, uma história completamente diferente começa a circular em Zsiemsk. Quieta e tímida. Frantiček o Valente foi levado um tipo atrás de uma lixeira.

7. O MUNDO ESTÁ DANDO ERRADO, O TEMPO ESTÁ DESARTICULADO

Inayat Khan rola sem descanso em sua cama, localizada no térreo, debaixo da janela de um sótão. Lá fora, estava ficando tarde e a pálida luz dos postes se infiltrava no quarto. O sótão estava cheio de lixo velho, como que parado no tempo, com partículas de poeira brilhando na cinzenta luz vindo através da janela. Debaixo de cortinas nas mesas, tinham silhuetas escuras de souvenirs evaporados. Os porta-retratos nas paredes formavam quadrados escuros, com suas sombras caindo no chão e desaparecendo. No centro do sótão, tinha uma delicadamente brilhante caixa de vidro, chamando atenção. Pequenos objetos estavam esperando em muitas prateleiras. “Acorda, querido colecionador! Por quanto tempo você vai dormir? Nós sabemos que você não está dormindo.” Os dedos de Khan tateiam a cabeceira. Sem qualquer esforço sério, ele revira coisas e procura pelo botão no tocador de fitas. De repente, parece mais prazeroso se enrolar debaixo do lençol ao invés disso. Sapatos de pedestres estão batendo no pavimento molhado lá fora conforme eles voltam do trabalho, e Khan faz um esforço desesperado para dormir um pouquinho mais. “Ah, qualél!” dizem seus animados brinquedos. “Deixa a gente ouvir a sua divertida música de acordar!” Os músculos do coração atrofiado de Khan começam a se contorcerem um pouco por causa do pequeno esforço e não há mais sono. Sua mão alcança a cabeceira, seu dedo passando pelas teclas de marfim do toca-fitas. Debaixo das cortinas, os objetos permanecem em suspense. E então tem um clique, e antes do gentil arpejos de uma guitarra e o suave som de um órgão elétrico, a fita sibila vazio por alguns compassos.

♪ *Faz muito, muito, muito*

tempo

Como eu pude te perder...

Uma alta, forte batida de bateria com baixo vindo pelo canal esquerdo.

♪ *...quando eu te amava?*

Em calças de pijama, Khan levanta para uma posição de sentado pelo som do rufar da bateria. Colocando de lado as peles de cobra dos lençóis, o homem coloca seu pés em suas pantufas de ponta fina. Seu queixo não barbeado balança em um último bocejo até ele abrir seus grandes olhos de amêndoa e colocar seus óculos. Khan bagunça seu cabelo e começa a preguiçosamente cantar junto. Ele tem uma linda voz.

♪ *Faz muito, muito,*

muito tempo

Agora estou tão feliz que te achei

Com a barriga peluda pendurada levemente sob a parte de baixo de seu pijama, ele toca a próxima parte em sua bateria de ar pessoal...

♪ *Como eu te amo*

...e aperta o interruptor com seu pé. A velha lampada liga e desliga, em sincronia com o toque da bateria. O filamento zumba por um momento e depois para. Um dodecaedro autografado pelo desconhecido compositor dodecafônico *comte* de Perouse-Mittrecie afunda de volta da luz dourada à escuridão. Quando as luzes acendem denovo, o título na contracapa do – “*Los Desaparecidos*” – emerge da fraca escuridão.

♪ *Tantas*

lágrimas, eu

estava

procurando

Tantas lágrimas,

Eu estava esperando

Essa parte gruda na cabeça, cantando alto e sem vergonha, Khan se move pelo porão como um músico. Uma fileira de luzes no teto revelam as coisas cuidadosamente organizadas nas mesas. Ficheiros de madeira levantam em ordem alfabética, na parede um retrato de Nadya Harnankur em um medalhão oval, um mapa do deserto de Erg com a suposta rota de Ramout Karzai para as dunas, para pedir uma audiência com Deus. E tachinhas marcam os lugares nos quais ele pode ter encontrado o fim de sua jornada. Conforme vai passando, Khan puxa as cortinas das mesas e enigma atrás de enigma se revelam diante dele. Doze navios de miniatura verde e dourados com relevos sericites de dragão, male mau o tamanho de um dedão, alinhados. Fileiras de remos em um mar falso azul escuro com cristas brancas onduladas; as linhas de vela amarelo-papiro dos pequenos navios estão orgulhosamente abaixadas. Homens em armadura de junco estão de pé à bordo, flamulas se agitando em suas lanças. É a expedição Gon-Tzu de mil homens. Ao comando do imperador de Safre, eles içaram velas da costa de Samara para o leste, mais de três mil anos atrás. Eles procuram pêssegos que podem fazer o imperador ser imortal. Para nunca mais voltarem. Dois milênios e meio depois, sinais de seu assentamento são encontrados no leste, nas ilhas Anise. A expedição de Gon-Tzu não podia voltar. O imperador era cruel e feroz, um tirano, e não existem pêssegos que podem fazer alguém ser imortal. Todos esses amados objetos – bugigangas, coisas deixadas para trás – de algum modo tocam Khan. E como a dor é aguda! Que estranho... ele nunca entendeu completamente o que é isso. E apesar disso um sorriso aparece na boca de Khan, o sorriso de um gato gordo que tem seu queixo acariciado. Acima da mesa, debaixo da luz de uma luminária verde, é tudo sobre as garotas. Recortes de jornais, anotações espalhadas, e ali no meio, cópias das “Cartas de Målin”. A análise de caligrafia resultou em uma extraordinária precisão de 95%. As cartas chegaram um ano e meio depois daquele último dia de Charlottesjäl. Para os pais da garota. “Tá tudo bem. Nós estamos com um Homem,” escreve alguém que diz ser Målin, “nós te amamos.”

Khan coloca o bule de café no fogão e a música fica suave e quieta, como no início. É sua parte favorita. No mundo todo. Ele poderia ouvi-la para sempre. Ele balança sua cabeça com um sorriso amargo e coloca suas mãos sobre seu coração.

♪ *Agora eu consigo te*

ver, Te sentir

Como que fui te perder?

Lá fora, você consegue ouvir as rodas girando conforme o veículo para em frente à casa. Começa a chover e gotas de água podem ser vistas na janela do porão. O toca-fitas faz um “clique” e a música acaba. Há um calendário na porta que ninguém se importou em virar a página por dois meses. Ainda é agosto, e sob o dia vinte e oito está escrito “Dia Internacional dos Desaparecidos”. É o dia 28 de agosto apenas em honra deles. Esse é o dia.

“Ini, seu amigo Jesper está aqui, escova seus dentes primeiro!” A mãe de Khan grita da cozinha acima. O homem coloca sua esticada blusa de pijama e se dirige às escadas do porão.

No meio do quarto, em uma caixa de vidro, está “*Harnankur*”.

Dois anos atrás.

A taças de cristal estão zunindo. O alvoroço de sábado a noite no restaurante da Torre Telefunken. Atrás das janelas panorâmicas, Vaasa se espalha. Um magro fantasma. Escuridão, neve e luzes. Os preços são caros aqui, mas não um caro *de mau gosto*. Esse não é o caminho, a clientela tem vigor social demais para isso. A comida é cinco estrelas, mas a companhia? Alta classe! Olha, ali está o presidente do Departamento de Comunicações com sua esposa. E o CEO do Freibank com a cativante cantora Pernilla Lundqvist e um homem de negócios de Vesper jantando. A charmosa cantora está comendo uma salada, com azeitonas, enquanto o CEO recomenda lagosta para o parceiro do homem de negócios de Vesper. Ela é deliciosa aqui, você tem que experimentar! E ele ali, perto do acadêmico barbudo, ele não é Konrad Gessle, quatro vezes indicado ao prêmio Oskar Zorn? Um homem muito inteligente... O CEO do Freibank está, obviamente, vestindo P. Black. Uma loucura... E olha! Ali está um *perdedor* de trinta anos de idade! O perdedor mora no porão de sua mãe. O perdedor está usando a mesma camisa azul clara de quando ele se graduou da escola primária.

“Nós te odiamos,
perdedor!” “Quem
deixou ele entrar?”

“É tão triste de se ver, ele provavelmente está em um *encontro*. Tão patético! Aquela mulher não disse uma palavra a ele por dez minutos... Escuta esse silêncio, eu poderia me enforcar!”

“E se eu der algum dinheiro a ele? Só um pouquinho, tipo dez réal, talvez ele se sentiria melhor?”

“Perdedor nojento, não dê nada a ele, eu *odeio* ele!”

“Ele certamente não consegue pagar a conta!” Ele certamente não irá – risos histéricos – só aquele vinho é tipo quarenta réal, hahhah-haa!”

“Eu te odeio, perdedor, morre, eu te odeio tão *terrivelmente*!”

Khan está suando novamente e tenta cobrir suas orelhas com suas mãos... Balançando sua cabeça, piscando seus olhos, qualquer coisa para acabar com essa humilhação incessante, até que de repente – silêncio! Um mulher morena com rosto fino sentada do lado oposto a ele gira a taça de vinho. O tédio é sufocante. A mulher olha para o teto panorâmico, para mesa marrom escura com lindo formato debaixo de seus braços. Então, de repente, um lampejo de inspiração!

“É um lugar lindo. Tem um design novo aqui, acho. Eu lembro... Da última vez que estive aqui, tudo estava completamente diferente.”

A cara de Khan se ilumina. “Sim-sim! Meu amigo que fez! Ele gosta desse tipo de coisa, mínima, e limpa. Eu ainda não saquei exatamente o que há com tudo isso, mas eu acho que ele meio que... Inventou isso. Ele é bem famoso.”

“De la Guardie?”

“Jesper. Sim.”

“Você conhece ele? Ele é tão talentoso.”

“Ah, é claro. Jesper e eu somos amigos já faz muito tempo. Antes dele ser famoso. Para ser

perfeitamente honesto...” Khan sorri nervosamente, “...Eu não acho que conseguiria reservas aqui. Se, bem...”

“Ah! Eu estava pensando.”

“O que você estava pensando?” Khan pergunta, mas a mulher morena não responde. Está em silêncio novamente. Khan olha através da sala para os convidados, os quais, por um momento, não parecem olhar de volta a ele em desprezo. De volta à mesa de Konrad Gessle, ele vê uma mulher introduzindo um homem magro com cabelo loiro para o cineasta de documentários. O garçom também nota sua presença e corre para servir o cavalheiro “o de sempre”. Água gelada com uma fatia de limão. Em um terno cinza-escuro com corte na cintura e uma fatia de limão entre os dentes, o cavalheiro aparenta ser muito jovem e de alguma forma elegantemente insone. O jeito chique como ele mostra sua camiseta branca simples debaixo de sua jaqueta é inconfundível. Ele pode bancar ela. A camiseta tem a capa icônica do álbum de algum dançarino famoso.

“Jesper!” Khan exclama desapropriadamente alto através das mesas. Sua acompanhante hesita um pouco e então olha interrogativamente em direção à mesa de Gessle e Jesper.

“Ali está ele,” Khan diz alegremente, como se aliviado, para a morena do outro lado da mesa. Ele levanta para que seu amigo possa ver melhor onde Khan está.

“Jesper, ei!”

Desse jeito, com manchas de suor no sovaco de sua camisa esticada, ele fica de pé no meio do restaurante panorâmico da Telefunken e observa Jesper franzir suas sobranças incomodado, esticando seus braços na direção de Konrad Gessle. Ele finge não o conhecer.

“Ai!”

É uma quente tarde de sábado, dezoito anos atrás, e um arbusto de cinórrodo arranhou a perna de Anni debaixo de sua curta saia. A garota sai brava dos arbustos e Jesper, o médico, trota para seu lado.

“O que aconteceu? Deixa eu ver!” Anni levanta sua saia um pouquinho e então desiste. “Ah, não é nada, arbustos bobos... Oo!” ela para no meio da frase e sua boca fica parecida com aquela vogal, “Tão bonito!”

“Lindo,” diz o pequeno Jesper, ainda vendo a perna de Anni em sua mente, a borda plissada da saia de tênis dela sendo levantada. Khan empura os arbustos pro lado e Charlotte e Målin andam pela beirada do morro, de queixos caídos.

“Sério, eu vejo o porquê de vocês ficarem vadiando por aqui o tempo todo. Um vento tão bom...” A brisa joga o cabelo castanho-avermelhado de Charlotte em sua cara. A garota cerra os olhos, joga cuidadosamente o cabelo para o lado e faz: “Mmm...”

O vento joga pétalas brancas ao ar. Parece que a pequena Maj em seu vestido está flutuando acima dos arbustos farfalhantes. Ela desenha formatos no ar com uma varinha de fada madrinha e se sente a pessoa mais importante do mundo. Ela está no ombro de Tereesz, que não se importa nenhum pouco com os espinhos do cinórrodo. Ele caminha através deles e coloca Maj na grama. Tereesz está todo arranhado e sorri estupidamente. A brisa salgada vai parando, o ar está perfumado com o doce fragor de flores. Insetos zumbem. Os sete male mau cabem no gramado do esconderijo dos garotos, e esse era o plano. De qualquer forma, Jesper está contente. O garotos não conseguiram dormir por toda a noite. Rindo, fazendo planos para o dia seguinte, esgueirando por aí. Podemos dizer que o clima mudou. Tereesz foi contra vir para as rochas por causa da longa jornada e pelos espinhos. Jesper, junto com Khan, acharam que ainda era o melhor lugar. E era! As garotas estão impressionadas com a vista, Khan introduz a classificação, o poder para

atravessar o Pálido e a capacidade do cruzeiro antigo de Graad cintilante no horizonte. Parece que Målin ainda não começou a bocejar. E o melhor – está ventando, mas o clima está tão quente que Anni ainda quer se bronzear. Målin abre sua toalha de praia e para perto de Khan com Maj, que vai bamboleando. Khan está forçando sua memória, mas infelizmente ele não consegue falar nada mais interessante que aeronaves antigas. Ele deixa Tereesz e Jesper carregarem a conversa. Ele deita de costas e fecha seus olhos.

O brilho laranja do sol, o som da água, e o tinir das ferramentas, tudo esfriando quietamente, e no sonho de ciência popular do garoto, é outono espacial lá em cima na órbita. E a vibração, como sempre. Está começando a ficar frio. A membrana epífise, sem rosto nem fundo, se espalha além dos gigantes cumes. Esquecidos no céu, esses satélites de comunicação anciões calibram suas barrigas enferrujadas na direção da curvatura da terra. Juntas articuladas de catapultas mudam de posição, pedras guincham na beirada da estratosfera como uma revoada de guindastes, e unidades de comunicação estalam no éter. Um conjunto de olhos compostos do aparelho de medição olham para baixo onde a costa sul da isola de Katla floresce brevemente em um temporal de verão. Como um sonho lindo, uma faixa de terra cochila no frio berço de mapas de mil quilômetros e redemoinhos ciclóidais. É o passado, se aproximando, consumindo tudo. O Pálido está por toda parte. Mas as florestas verde escuras de matéria e a costa branca, o cintilante espelho solar do Mar do Norte, o arquipélago de Vaasa e a pequena Charlottesjäl ainda resistem. E quanto menos matéria resta, quanto menor é a área na qual você a comprime, mais estranhamente ela brilha.

Os sete deitam em um semicírculo numa faixa de grama no cume rochoso, com as ondas se quebrando abaixo. Acima, há uma nuvem em forma de algodão saindo de um castelo no ar, e as cidades das nuvens se refletem nos óculos curvos de Khan. Ele abre seus olhos. Charlotte Lund, feita totalmente de matéria perfumada, tira seu vestido de verão por cima de sua cabeça numa vez só. Sua curvas arredondadas e pele bronzada vem à visão. Tereesz sente suas finas articulações, elas raspam nele. Está quente. Anni está envergonhada de suas marcas de nascença e deita de costas com óculos escuros como arco de cabelo. Jesper não ousa falar nada sobre isso, mesmo que ele queira muito vê-las. E Målin, modestamente, desata o laço da cintura de seu vestido e sente o vento soprando por debaixo de sua saia. O tecido do vestido flutua como uma vela. “Cidra!” anuncia Tereesz, desnudando seu torso. E de fato, das profundezas de sua mochila emerge uma garrafa de três litros, adquirida através de uma operação de complexidade sem precedentes noite passada. Gotas d’água cintilam no vidro, a tampinha hermética assovia ao abrir, e um pequeno e vaporoso fluxo de dióxido de carbono se levanta da boca da garrafa. A cidra de maçã espuma e borbulha, a espuma acumulando em volta das bolhas.

As garotas ficam com água na boca, mas a pequena Maj fica confusa e bebe de sua limonada com pedaços de limão flutuando. Tereesz cuidadosamente coloca a garrafa gelada na bochecha quente de Charlotte. Seu pai vai descobrir no próximo final de semana que a cidra sumiu, bem quando queria a oferecer para os donos da galeria e os curadores na festa de jardim para cooperação cultural. Mas Tereesz não se importa. Olha o quão bonita ela é, Charlotte, e o quão feliz ela a faz. E seu pai é só uma capitulador acadêmico, um kojko modelo, um bajulador de usurpadores. Frantiček o Valente não pensaria grandes coisas dele.

“Por que você tá tão quieto?” pergunta Målin suavemente, para que os outros não ouçam, e rola em direção a Khan.

As orelhas de Anni ficam de pé. “Estranho *você* dizer isso. Minha!” ela provoca.

“Ah, fica quieta,” Målin ri com uma suave, morna gargalhada que Khan consegue ouvir em seu ouvido. “Fala... você tem sempre uma apresentações tão legais. De história e ciência natural...”

Khan pula em sua carteira e triunfantemente levanta seu punho ao ar. “É! É! Aquela

estória do pêssego foi tão encantadora!”

“Anni, não interrompe...” Målin franze, “Calma, que estória de pêssego?”

“Diz pra gente Khan, é bem espalhafatosa. Aquela Ilmaraa, a frota, o imperador...”

Finalmente, Khan abre a boca. “*Isola* errada, cara. *Samara*.” “Ah,

desculpa, eu não disse isso, cê sabe, dum jeito racista.”

“Muito engraçado, Jesper. Enfim...” Agora Khan também vira um pouco em direção a Målin, cuidadosamente, para não tocá-la, “Você estava doente na época, eu lembro.” Khan lembra muito bem, ele quis adiar a apresentação para que sua performance não fosse desperdiçada, mas a professora não entendeu as nuances da situação. “Em Samara – mais precisamente em Safre – há uma mitologia na qual os pêssegos tem um papel importante. Se as ilhas Anise tem cerejas, lá eles tem pêssegos. Eles nascem silvestres por lá, você pode pegar pêssegos da floresta. Damascos, pêssegos e nectarinas, todas vem de Samara. Até hoje, muito da fruta é trazida pra gente pelo SRV através do Pálido. Målin acena obedientemente. “Sim. Muito, muito tempo atrás. Quando Katla nem era povoada ainda, o imperador de Safre mandou seu mais famoso explorador. Gon-Tzu, para trazer pêssegos que o fariam imortal...”

Vinte anos depois.

A cidade de Vaasa está azul. Os postes ornados na hora do rush da rua Königsmalm. O domo cinza escuro do céu e a multidão com roupas nortenhas que passa debaixo dele como a migração de fantasmas de um conto de fadas. A cabeça de Tereesz está girando; ele não fuma faz muito tempo. Sua cabeça está inchada e latejante, nicotina pressionando seus olhos, os sons desaparecendo, ficando abafados. Ele senta nos degraus em frente à delegacia, com o cauda de seu casado debaixo dele. Uma fina garoa umedece sua cara de sono.

Cinco minutos atrás, roupas foram jogadas em sua cara e deixaram ele ir. Os últimos restos do sonho ainda permanecem. Eles ecoam em sua mente, um monstro deslizando na polida linha d’água, logo abaixo sua consciência acordando, dando a ele uma enxaqueca latejante. “Perigo,” ele costuma responder, ele é feito de violência, mas de vez em quando ele é o Homem. Ele torce o arbusto de cinórrodo, e olha para eles no cume rochoso. Ele está sempre ali, querendo arrancar eles, mas esperando pacientemente. Na floresta de pinheiros onde ele fumou cigarros, Tereesz se vê esgueirando de trás de um caminhão, de um para outro. Ele se agacha na ponta dos binóculos de Khan, segurando a pequena Maj que cai no sono e as portas do bonde conduzido por cavalos fecha. Ele é engolido, sem fundo, nada há abaixo dele, e tudo pode colapsar em cima dele a qualquer momento. Alguns dias restantes. O resto de sua vida virá em breve. Falsa e terrível. Então, quando elas entrarem na água na última noite na praia secreta para garotas, ele vai para seus lençóis e fuça nas suas coisas. O homem mastiga uma tortas de carne em massa de óleo e o observa através das persianas. Tereesz é Agnetha, uma funcionária da sorveteria, e o Homem tem um novo rosto toda vez que passa pela janela. No canto de seu olho. Ele veste Vidkun Hird como fantasia, um Khan adulto do qual Tereesz agora sente medo por alguma razão, e algumas vezes ele é o pai de Tereesz. Tereesz se sente envergonhado mais tarde no dia quando vê seus amigos ali, mas não há nada que ele possa fazer.

Devagar, timidamente, ele cria seu caminho pela multidão, temendo trombar em alguém, irritar alguém. Pessoas em roupas escuras fluem pelas ruas, num largo cruzamento o os sinaleiros brilham e riquixás motorizados param no vermelho, fumaça saindo de seus escapamentos, e motores vibram. Num trevo, ele balança junto com a multidão, e acima dele, brilham luzes de neon vagamente acesas, e uma modelo de lingerie gigante sorri no

alto da parede da loja de departamento. As luzes duma fileira de telefones para taxis. Quando Tereesz entra no taxi, começa a chover lá fora pra valer. As janelas do carro estão molhadas e em algum lugar nas memórias de Vidkun Hird – ou em seu próprio sonho de cárcere, Tereesz não tem certeza – um monstro agacha acima delas e coloca os corpos rasgados das garotas juntos novamente numa quimera.

“Cê sabe...” O granizo chia debaixo da roda do taxi, e as pedras de granito chocalham. Khan olha para fora da janela. “Tem uma coisa... que eu contei para você antes... sobre mim.” O carro para na frente da sua porta, em Salem. Uma mulher morena segura uma bolsa em seu colo, o homem abre a porta de seu lado. “Isso geralmente não vem a tona. Só não vem. Mas você deveria saber isso sobre mim. Que na real...” Ele desce e se inclina na cabine: “... Eu sou o maior expert do mundo em desaparecimentos.”

Khan bate a porta do taxi, dá três passos na calçada para as escadas externas, insere a chave e entre no corredor da casa de madeira. O som de um motor pode ser ouvido lá fora, e o carro liga. Dentro está escuro e quente. Batatas estão fervendo na cozinha. “Mãe, foi terrível!” Khan pega o telefone, o aparelho é pendurado na parede, e os números estão no teclado no papel de parede. “Absolutamente terrível, nem pergunta!” Seus dedos amarelos pulam nas teclas, um série de dezesseis dígitos. Uma conexão interisolar, às custas de quem responde.

“Senhor Ambartsumian, foi me dado seu número por um leilão.”

“O senhor Ambartsumian não está disponível agora,” a voz do secretário responde, quietamente e duma distância.

“Não, você não entende, eu estou ligando sobre o “Harnankur”. Era suposto que eu recebesse meu manual da aeronave. Isso é muito importante... perdão, você consegue me ouvir?” O linha estala e a chamada está desaparecendo no Pálido. O barulho do tempo.

Dois anos depois.

“Você ouviu algo sobre o Tereesz?” Jesper pergunta assim que ele entra no corredor de Khan. O doce cheiro de pobreza sopra em seu nariz. O que é? Canela? Pão rançoso?

“Não, eu ainda não ouvi nada. Na real eu ia perguntar pra você sobre isso. Essa coisa toda, tenho que dizer, me preocupa,” Khan guia Jesper, seu roupão flutuando, direto ao porão. “Roupas,” ele aponta para um prego cima das escadas.

Jesper se sente desconfortável. Aquele mesmo cheiro estranho, que nem antes. Como odeia ele. Ele preferiria viver na rua, preferiria queimar essa porra toda do que aguentar esse cheiro. Acima de tudo, ele teme que pobre e velha mãe de Khan vá pular de algum lugar a qualquer momento. Mas Khan insistiu sem recuar: vamos fazer isso na casa dele, ele não quer se incomodar pra ir na cidade, faremos isso na casa dele ou nada feito. Jesper, com seus erros passados, não tinha como argumentar. Com um coração pesado, ele desce o último degrau para o porão. Mas aí, o garoto dentro dele toma conta.

“Uau!”

“Pois é. Não é muito pobre, podemos dizer.”

“*Poderíamos dizer,*” a grande cabeça de Jesper gira em seu pescoço. “Ó!” ele exclama, “Gon-Tzu!” Ele cutuca o pequeno homem parado na proa do primeiro navio na frota de Safre com seu dedo indicador. O pequeno Gon-Tzu, male mau do tamanho da ponta de um dedo com longos e caídos bigodes como um dragão de Samara, segura uma flâmula com brasão do imperador. Na outra mão do homem está a bússola do tamanho duma cabeça de alfinete, um aparelho que ele diz ter inventado sozinho.

“Eu montei isso um ano atrás. Lembra, na última vez eu só tinha os barcos montados, ainda sem pintura.

Khan para orgulhosamente no meio do quarto.

“Calma, o que é *aquilo*?” Jesper aponta para o mostruário brilhante atrás dele.

“Isso.. é a jóia da minha coleção! Esse é o meu precioso! Jesper, esse é o

‘Harnankur!’” “O original?!” Jesper se aproxima do mostruário reverentemente.

“Claro que não, não seja inocente. Ele custa mais do que *você*,” Khan ri com superioridade profissional. “É uma cópia. Uma de duas existentes.”



Figura 2: Harnankur (por Aleksander Rostov)

A frágil silhueta do “Harnankur” se espalha por detrás do painel de vidro do mostruário. Jesper passa a mão pelo vidro, que é mais alto do que ele, e procura o interruptor para acender as luzes.

“Olha aí, debaixo da base, um interruptor grande.”

Jesper acende as luzes e não é o mostruário que liga, mas as luzes brilhantes da própria antiga aeronave com seus dez andares. A maquete é pendurada no meio do mostruário, suspensa no ar por fios invisíveis, como um cisne de madeira prateado e envernizado. No convés da primeira classe, atrás de paredes de vidro cristalino, pequenos candelabros brilham pelo salão de quatro andares. Pequenas pessoas estão congeladas, tentando descer a escada em espiral. Parece tão leve! Frágil. Arcos de prata se esticam como velas no casco da nave e convergem na proa como o brasão da imperatriz de Šest, em forma de cisne e coberto por placas de níquel.

“É incrível, não é, que eles acharam que algo como isso poderia passar pelo Pálido. Olha! Ali tem uns cobertores.” Khan está tão feliz de poder finalmente mostrar isso para alguém. “Cobertores! Essas pequenas cestas tem cobertores para o lado de fora! Coisa ridícula. Sentando bem no Pálido. Com sua garota. Honestamente, eu poderia olhar pra isso o dia todo!”

“Eu entendo agora. Não é, bem, não é tão ruim...” Jesper circula ao redor do mostruário e

compartilha suas descobertas com Khan, como se ele não estivesse olhando para isso todos os dias pelos últimos dois anos, sentando em uma poltrona perto da maquete.

“Senta ali, tem uma vista particularmente boa,” ele aponta para a cadeira. Jesper não tem nem tempo de sentar da cadeira: “Calma, os propulsores, eles...”

“Agora volta pro interruptor, e gira ele mais um pouquinho,” Khan diz com um astuto e ardiloso sorriso. Jesper coloca suas mãos em sua testa e seu queixo cai. Os grande propulsores prateados do cisne, afiados como facas – seis deles para controlar nos lados, debaixo da aeronave, apontados para o chão em diferentes ângulos, e dois ainda maiores na popa – começam a rodar devagar e então com um zumbido cada vez mais alto. As lâminas individuais desaparecem, deixando apenas brilhantes e nebulosos discos. As hélices são tão grandes e dinamicamente direcionadas que Jesper teve a impressão de que o navio está prestes a decolar do mostruário e ir embora voando, desaparecendo do quarto e da história.

O casco do navio tem a linda inscrição “*Harnankur*” no alfabeto de Graad.

Jesper tira a tampa da sua garrafa de água e Khan faz café para si mesmo. Eles sentam no beira do mostruário, em poltronas. Olhando para o navio, o designer de interiores agora sente a mesma esperança boba com a qual algumas vezes Khan o consegue infectar. Ainda vestido seu roupão de manhã e calças de pijama, aquele gato preguiçoso bebe seu café quente, e Jesper olha pra ele em surpresa. “É sete da noite, me diz que você não tava *dormindo*?”

“Meio depressivo, eu sei.”

“É isso mesmo,” Jesper dá uma risada sombria e então encara o “*Harnankur*” por um longo tempo. “Eu me pergunto por que ele não ligou? Tereesz. De uma vez. Estou me inquietando por duas noites. Está me deixando maluco.”

“Eu não estou me inquietando. Eu sou assim mesmo, com um estilo de vida noturno o tempo todo. Meio que um estilo artista,” Khan sorri. “Talvez ele descobriu algo do Hird e começou duma vez.”

“Então você não acha que o próprio Hird tenha feito alguma coisa...”

“...feito algo? Pfft! Dificilmente. Fantasia! Você nem imagina o quanto esses caras conseguem mentir. Eu matei dez! Eu matei cem mil, matei mais que o Ernő Pasternak! Eles tem tudo em números e fama. Mas aquele desenho era...”

“Um-a-um” Eu sei!”

“Exato. Alguma coisa deve sair disso.”

“Alguma coisa, sim.” Jesper levanta e pega sua bolsa do pendurador de casacos. “Mas eu não acho que Tereesz está pescando algo por aí. Até onde sei, nós temos, cê sabe, um combinado. Que quando é sobre as garotas, fazemos isso juntos.”

“Tá certo...” concorda Khan, mas de canto de olho ele ainda espreita seu olhar para “*Harnankur*” com uma distração misteriosa. Até que um macio pacote preto cai em seu colo.

“Olha! Uma... é... mulher conhecida comprou para mim. Ela deve ter pensado que eu ganhei peso. Ou algo assim. Deve servir em você.” Khan tira uma camiseta novinha da Perseus Black do pacote com escrito “P.B.”

“Valeu cara!” ele está sinceramente agradecido.

“Você pode jogar fora aquele trapo com babados agora.”

O cabelo kojko cor de batata de Tereesz está molhado por causa da chuva e parece quase preto.

“Com licença, você teria troco para dez réal?” ele se abaixa atrás do balcão inteiro do quiosque em seu grande casaco.

A adolescente masca chiclete indiferentemente. “Não, não temos.”

“Muito bem, então quero a coisa mais barata que você tiver – uma caixa de fósforos, por exemplo – e por favor me dê moedas de troco.”

“Desculpa senhor, não vendemos fósforos.” Nada é mais desagradável do que uma adolescente reclama. A garota estica o chiclete azul-pasta-de-dente entre sua boca e seus dedos.

“Droga, e ‘Astra’?” “Quê?”

“ ‘Astra.’ ” “O

que é isso?”

“... Um pirulito. Me dá aquele pirulito ali, agora!” Um pirulito sabor framboesa com espirais de caramelo faz cliques contra os dentes tortos de Machejek. Ele empilha moedas que fazem barulho dentro do telefone público. A cabine tem um doce cheiro de chuva, é bom assistir como as gotas d’água fluem vidro abaixo. Tereesz gosta da cabine. O pirulito é bom também. Ainda bem que não tinham fósforos. Com o telefone pressionado entre seu ombro e ouvido, ele disca os números. Sua mente limpou bastante. O caramelo é doce e a framboesa é azeda, igualzinho como framboesas são. Droga, Jesper nunca tá em casa! Na mesa, debaixo do telefone, o caderno com o emblema da Polícia Colaborativa está aberto nos números de telefone. Os dedos molhados de Tereesz deixam manchas nele.

“K, K, Kabroleva, Khan.” O disco do telefone faz barulho novamente e do lado de fora do vidro duzias e duzias de pessoas entram e saem da loja e departamento. A águia marinha do Freibank flutua por cima da fachada do banco, fumegante e dourada por causa da chuva.

“Olá, eu gostaria de falar com Inayat Khan.”

“É você, Tereesz?” A preocupada voz da mãe de Khan estala no receptor. “Sim senhora, o Inayat está em casa?”

“Escuta Tereesz, me escuta aqui. Não comece a se atormentar com aquilo denovo. Sabe, eu vi a mãe das garotas um dia...”

“Sim, é claro, escuta senhora...”

“Nós acabamos conversando um pouquinho...”

É, entrou numa orelha e saiu pela outra. O papo da mãe de Khan é um estraga prazeres. “Senhora! Por favor diga ao Inayat que vou ligar, é urgente. Perdão.”

“Mãe! Quem é?” O grito de Khan ecoa de longe, “É o Tereesz?”

“Não, é Pernilla Lundqvist, uma de suas muitas admiradoras,” a velha diz sarcasticamente. Passos podem ser ouvidos descendo a escada para o porão e carros passando. Um jato d’água contra a porta da cabine telefônica.

“Tereesz!”

“Oi Khan! Escuta, cadê o Jesper, estamos com pouco tempo.”

“Aqui,” a voz de Jesper responde de longe. “Tô aqui. Jesper.” Não há nada mais prazeroso do que ouvir as animadas vozes dos seus amigos quando se está de ressaca do ZA/UM.

“Escuta, você precisa ir para Lovisa rápido. Casa de repouso ‘Skymning’. Procura em algum lugar, sei lá, na lista telefônica. Horários de visitam acabam às oito.”

“Ok, ‘Skymning’. O que tem lá?”

“Deerek Trentmøller. E, cê sabe, eu acho que... O círculo de Kexholm. “Tereesz, o círculo de Kexholm é uma história de terror para mulheres!”

“Seria bom se fosse.”

“Por que você acha que não é?” Jesper tenta se espremer atrás do telefone, “Khan, pergunta pra ele por que ele acha que não é.”

“Por que você acha que não é?”

“Escuta, vamos falar disso no local, tá bom.”

“Ok, vamos pegar um taxi. Jesper, você tem dinheiro pra taxi?” “Sim.”

“Ok, vamos pegar um taxi!”

O que se segue é só o peso e massa do tempo e espaço entre lugares, a viagem de taxi: pedestres em roupas escuras, um céu cinzento, e nuvens de fumaça do motor. Tereesz Machejek. Momentos de outono como trânsito tranquilo numa fileira. Sim, a mãe de Khan viu a mãe das garotas na sala de espera do médico. E daí que elas eram suas quatro filhas? Quem é ela afinal? “Perder todas as suas filhas em sua dia. Consegue imaginar como é sentir isso?” Mas me diz, o que essa mulher fez para *achar* elas? E daí se ela “encontrou sua paz”? A preocupada voz da mãe de Khan estalou no telefone: “Se a mãe das garotas conseguiu conciliar, você não poderia...” Não podemos. Sabe, nós somos *mnemoturistas*. Nós amamos as garotas – sim, eu ousou dizer – nós amamos elas mais. Até esse momento, a cidade de tarde passando pela janela do taxi, onde o mundo está dando errado e o tempo desarticulado, é um crime. Precisa ser retificado. Solucionado. Sem paz. Sem trégua com as fúrias.

E escuta! O trânsito desliza pela janela lateral, distantes toques de trombeta, longas notas que mudam de lugar. Esperando. Uma hora, duas horas, três horas, noite, a manhã seguinte, semana que vem, inverno, primavera, um ano, ano que vem, dez, vinte anos. Crepitantes ruídos temporais vindos de um céu nublado. A chuva de verão quer se libertar-se! Garotos, um pequeno *mnemotour*? Por que você tá parado aí, choramingando, você é tão *mnemoturista*?! Alguns estão explorando o Pálido entre as isolas, eles são chamados entroponautas, e uns estão descobrindo novas terras, mas você! *Mnemoturistas*! Quando o senso de normalidade rastejar à superfície denovo, deixe para trás os cascos vazios de seu presente e entre novamente nos dias maravilhosos!

O ar está pesado por causa da chuva iminente. Andorinhas voam sobre a água, pegando insetos. Jesper estar com aprovação.

No começo, apenas algumas gotas pesadas caem, sem serem notadas. Ainda está tão calor, com o sol brilhando como uma lâmina branca entre as nuvens. E os arqueólogos de Safre estão nas Ilhas Anise procurando vestígios da expedição de Gon-Tzu. Mas Jesper sabe o que está por vir. Essas repentinas mangas d’água sempre esgueiram dentre as nuvens de verão de Katla. E Jesper também sabe qual o momento de ligar o rádio de manhã. “Previsão do tempo de hoje,” o locutor diz. É tudo parte do plano.

Khan se aproxima de Målin enquanto conta uma estória. Ele já consegue sentir a bainha de sua saia pinicando seu queixo. Os outros escutam a estória de Khan, mas Jesper busca os guarda-sóis de praia dos arbustos. Ele abre o guarda-sol das garotas, bem quando uma trovoada ressoa pela cobertura de nuvens iluminada pelo sol. Anni levanta sua cabeça e ri. A ensolarada cortina de chuva estronda pela praia e pelo morro. Seguindo o sinal de Jesper, dois outros guarda-sóis se abrem: Khan abre o seu sem interromper sua estória, e Tereesz cobre tanto Charlotte, que ouve com seu queixo apoiado em sua mão, quanto a pomposa pequena Maj. Maj trançou seu crescido cabelo de garoto em pequenos tufos que formam rabos de cavalo. A manobra é executada brilhantemente. O cavaleiros apenas sorriem pretensiosamente ao riso das garotas.

“Tão morna! Sente!” Anni estica sua mão por debaixo do guarda-sol em direção à chuva. Suas costas se curvam na frente de Jesper. O garoto murmura algo em resposta e observa encantado o caminho de pássaro da marca de nascença nas costas curvadas de Anni. Sua mão quer se aproximar e contar as estrelas. O empoeirado cheiro de chuva permeia profundamente em suas narinas. O quão longo é o tempo de exposição da memória?

“Ó!” Anni estende seu pescoço e balança sua cabeça na chuva. “Você é tão diferente quando não está na escola.”

“Aham,” acena Målin em concordância, “preparado!”

“Meio que, *mais velho*, poderia se dizer?” Tereesz franze interrogativamente para Charlotte.

“Ei, eu vi você uma vez na fila do almoço,” a garota ri e morde o canudo no copo de cidra de maçã com gás. “Eu realmente não conseguiria dizer.”

“Mas na época Tereesz ainda era um garoto,” Jesper provoca. “Agora, entretanto... É um homem.”

Målin está chegando mais perto. Debaixo do terceiro guarda-sol, tem só o espaço suficiente para a garota se encolher. As espirais douradas de cabelo caem nos joelhos de Khan, e a chuva bate no guarda-sol de praia. A garota abaixa sua cabeça e olha para cima em direção a Khan, grande e exótico, com cintilantes olhos verdes. Khan engole em seco. Målin é a única garota que não quer cidra.

“Como a estória acaba?” Sua voz vem de algum lugar não familiar: “Por que eles não voltaram?”

“Bom, essa é a questão,” Khan tosse, “Por que eles não voltaram então?”

Målin de repente começa a rir, cruéis covinhas aparecendo em seu deleite: “Eles não queriam dar seus pêssegos imortais para o imperador estúpido!”

“Besta,” Khan deixa escapar por acidente, “Não existem pêssegos imortais!”

Charlotte se senta: “Mas talvez existam, como poderia saber? Você acha que foi assim, que esse Gon-Tzu e aqueles mil marinheiros não ousaram voltar, pois o imperador mataria eles, certo? Mas se eu fosse Gon-Tzu,” Charlotte olha para a pequena Maj e desenha bigodes de dragão com seus dedos, “e achasse os pêssegos imortais – eu não contaria para ninguém! Eu os compartilharia secretamente, apenas com meus melhores amigos. E então viajaríamos pelo mundo juntos por mil anos. E veríamos as maravilhas que as pessoas inventam!”

“Você me daria pêssegos imortais também, Lotte?” A pequena Maj olha para sua irmã mais velha.

“É claro. Quando você crescer, vou te dar algumas.”

“Por que eu tenho que crescer?”

“Para que você seja uma jovem moça para sempre, e não uma besourinha,” provoca

Charlotte.

“Não...” Tereesz balança a cabeça de Maj e observa o cabelo da terrível Charlotte passar pelos ombros dela como um pincel, com o queixo orgulhosamente levantado, “...não *tão* bonita.”

Khan e Jesper, assustados pela súbita mudança de estratégia de Tereesz, não sabem o que dizer. Charlotte expira, e seu peito se esvazia lentamente. Acontece uma explosão capilar em suas bochechas.

Tereesz encara ela: “E eu? Poderia ganhar também seus pêssegos imortais?”

“Veremos.” A garota dá um sorriso e se recompõe: “Mas antes, *você* deve me trazer uma coisa.”

“Só me diz o que.”

Khan vê, de canto de olho, Målin secretamente trocando olhares com as garotas. Algo está acontecendo.

Anni puxa sua saia de tênis acima de suas pernas bronzeadas. “A próxima vez é nossa, não é? No nosso local. Não ache que não temos nosso próximo lugar secreto,” seus olhos brilham em direção a Jesper, “O que vocês vão fazer no sábado?”

Os garotos não vão fazer nada no sábado: “Absolutamente nada, deixa eu checar meu calendário – nada!”

“Nós vamos pro campo por uma semana. Jardinagem,” as costas de Anni se arqueiam, ela fica na ponta dos pés e desliza a cinta de sua saia pelo quadril, “mas podemos nos encontrar na praia sábado de tardezinha?”

“É claro. Não, é claro. Absolutamente,” os garotos dizem em uníssono.

A bolsa de Charlotte tilinta. Os olhares das garotas refletem de volta entre os garotos como trigonometria. A chuva para, mas algumas gotas ainda caem. O sol brilhante emerge de trás de uma nuvem, e a deusa do primeiro ano se espreguiça em seus raios, colocando suas mãos sobre as orelhas de Maj e olha para os garotos com olhos semicerrados: “Essa é a nossa metade. Tragam anfetamina de cereja.”

“O que?!” Jesper está estupefato, de queixo caído.

“An-fe-ta-mi-na de ce-re-ja,” Anni soletra. Sua língua vermelha toca seu céu da boca no som do “d”.

“É uma anfetamina,” Charlotte fala factualmente. Seu peito sobe e desce enquanto ela respira e fala. “Só que, *cê* sabe... especial. É *muito* bom. E queremos usar com vocês.”

Silêncio.

Cinórrodos encharcados fumegam no

sol. Uma águia marinha flutua pelo

céu.

“Maj vai ficar em casa, né...” Tereesz ainda está pensando naquelas tranças engraçadas penduradas em sua cabeça. Khan e Jesper olham ele fumando seu “Astra” perto de Charlotte.

“É claro, besta!”

“Davai então,” ele grita, “vamos resolver isso!”

Målin sorri, alegria infinita refletida em seus olhos, de frente a Khan. Como cabe a uma filha de professora, ela começa a dar instruções: “O número do Zigi tá na carteira. Liga

pra ele então, ok? Ele vai ter.”

8. VENDEDOR DE LINÓLEO

O Vendedor de Linóleo viaja de cidade em cidade. Em Norrköping, ele vendeu linóleo pelas margens de um largo rio congelado. Pequenas igrejas de madeira e ruas estreitas. O Vendedor de Linóleo admirou a arquitetura de madeira e o silêncio congelante do Norte. Às nove da noite, as ruas estavam vazias e o vento soprava pela cidade. O vento soprava, as caudas dos casacos balançavam, e neve grossa caía no teto das casas. Caiu neve no coração do Vendedor de Linóleo. Fileiras de postes laranjas. Que imagens oscilavam em sua mente naquela noite? Eu seu quarto alugado, debaixo de um cobertor. Que estórias, que paciência. No jardim do vizinho, o Vendedor de Linóleo admirou dois irmãos: rostos como engrenagens, bocas franzidas, e bochechas vermelhas pelo frio. E em Arda, no início das montanhas, onde fiordes cortam nos vales entre os picos. Casas na cor de argila vermelha nos pés de um gigante nevado. E de noite, quando o vidro das janelas brilhou no escuro como pequenos olhos e os escurecidos dentes das montanhas expostos ao céu. Mas o sorriso delas não eram nada comparados com o sorriso do Vendedor de Linóleo.

Ele praticou. Abaixando o queixo como uma lagarta, levantando o lábio superior. O homem não espelho do quarto de hotel se tornou manhoso. E se ele entrasse assim? Em um porão de teto baixo e paredes de concreto. Como seria ver algo assim? Olha agora, beldade, olha para mim agora.

Então, quando a fábrica de linóleo fechou, os tempos ficaram difíceis. Mas o Vendedor de Linóleo se levantou. Ele fez novos contatos e conheceu importadores. Uma nova fábrica de linóleo abriu. E seja onde ele fosse, seja lá o que ele visse, ele sempre queria ver mais. Ele vendia linóleo, mas imaginava a si mesmo como um fotógrafo. Para ele, o mundo preservou suas paisagens escondidas e fornhalhas de beleza que nenhuma outra pessoa podia ver.

Como uma criança com um caleidoscópio, ele desmontava as formas. Em Graad, acima da órbita de inverno, o Vendedor de Linóleo estava vendendo linóleo. O trem magnético estava furioso no platô do norte. Do lado de fora das janelas estava escuro e a aurora estava acima da planície. No banheiro do vagão restaurante, o escuro túnel da montanha engoliu o trem. E então, quando o Vendedor de Linóleo saiu dele, suas mãos estavam cheias de vidro quebrado. Onde foi parar a charmosa mandala de flor? Ela acena, escondida, é interessante mas desaponta com sua feia estrutura, uma amostra. O Vendedor de Linóleo perdeu sua paciência. Seus nervos gananciosos estavam em fúria. Jelinka. Em Polarasul, um homem passou neve em seu rosto, mas a neve apenas derreteu por causa de seus nervos quentes.

Agora ele descansa, tentando tomar conta de si mesmo. Ele trabalha, vendendo linóleo para lojas de construção, escritórios de design de interiores, e revendedores. Linóleo marrom. Linóleo com flores. Ele vem lá do norte de Vaasa. Em Kexholm, vendendo linóleo nos jardins suburbanos de elite de Lovisa, ele vê algo novo. Algo que ele nunca pensou que veria. Ele vê outro Vendedor de Linóleo. Só que ele não é de fato um Vendedor de Linóleo. No parque gay, em um colchão, ele fala com o Inspetor de Passagens sobre Vaasa, o sentimento de segurança, escolas, e educação liberal. O bosque de álamo farfalha. E o resto também. Eles tem novas ideais e conhecimento. Eles contam entre si suas estórias. O Locatário de Equipamento de Jardinagem, o Podólogo...

“Instruções.” Tereesz olha para o relógio de prata que seus colegas do Departamento de Pessoas Desaparecidas lhe deram em seu décimo aniversário. “Cinco minutos.” Ele marcha através da parque da casa de repouso com Khan e Jesper, as abas de seu casaco tremulando.

“Ok, ok, ‘instruções’, Khan fica para trás. “Tô com dor, preciso descansar.”

Jesper se apressa. “Escuta, você tem um problema sério de coração. Eu acho que todos concordamos – você deveria procurar um médico.”

“Eu concordo,” Tereesz concorda. As molduras brancas das janelas das casas brilham na fraca luz atrás da cerca. As folhas fazem barulho debaixo dos sapatos de veludo de Jesper. Ele olha para as manchas de lama nas pontas deles e dá de ombros. O doce cheiro de decadência. Ele está nervoso por esperar.

“Sua autoridade local poderia ser mais amável,” o agente Machejek continua. “A iniciativa de colaboração e o sentimento internacional estavam faltando.”

Khan tenta acompanhá-los. “Você conseguiu interrogar?” “Consegui, consegui.”

“Ontem?”

“Não, essa manhã. Eles prologaram. Nada que eu pudesse fazer. Estive no telefone o dia todo ontem, sei lá, como um acrobata. Uma centena de ligações. Perdão.” Tereesz é um mentiroso brilhante. Jesper não duvidou por um segundo: “Tanto faz, ei, o que o Hird disse?”

“Ele não as viu.”

Jesper nota o suspiro de alívio de Khan e franze suas sobrancelhas em suspeita. Ele está honestamente um pouco desapontado. Todo esse preparo. Para nada. Ah, deixe o velório começar.

“Espera, espera, isso não é tudo,” Tereesz levanta um dedo. Ele está vestindo luvas pretas de couro e sorri por seu gesto. “Hird foi generoso e me deu um nome. Deerek Trentmøller. É daí que ele ouviu sobre elas.”

Khan para de repente e olha com raiva para Tereesz. “Ele só te *deu* esse nome e te falou tudo honestamente? Ele *falou*?”

Jesper não entende por que Khan duvida das habilidades de interrogação de seu amigo: “Bom, você também estava martelando ele com perguntas, certo? No estilo de Graad,” ele olha com aprovação para Tereesz e continua andando. “Então. Deerek, quem? Trentmøller?”

“Exato. Eu chequei. Tudo encaixa. Eles dividiram uma cela dezoito anos atrás. O último ano da sentença de Deerek. Ele foi solto antes. Tem mais uma reviravolta nisso, me lembre depois. Enfim. Juntos eles animaram um ao outro com suas histórias, e então, um dia, Hird tinha uma *bem* suculenta. Deerek sente que deve a ele. De qualquer forma, ele começa a tagarelar. Ele reconhece um cara... calma-calma! Do círculo de Kexholm.

“Qualé! Besteira!” Khan não está impressionado. Tereesz não se incomoda. “Esse cara é do círculo – vamos assumir por um momento que existe algum tipo de círculo, certo – e ele é tipo... um líder.” Uma pessoa ruim de verdade. E perigosa. Uns anos depois das garotas desaparecerem, o líder chega para Deerek e começa a falar como ele e seus amigos abduziram as garotas. Eles são amantes, a propósito, o líder e Deerek.”

“Legal.”

“E Deerek não pode falar nada para ninguém, caso contrário eles vão matar ele. Então. Daí Deerek fala para Hird. E você nem imagina as coisas que, no formato da conversa entre Hird e Deerek, são... é... interessantes. Eu também procurei um pouco sobre o Deerek. O máximo que consegui encontrar nos jornais de Kronstadt. Um pedófilo. Molestou os filhos de sua irmã, principalmente a família. Nada sério. A mulher

eventualmente denunciou ele. Deerek é um covarde. Falou para o pastor o quanto ele se arrepende disso e como é algo que impulsiona ele.” Tereesz ceticamente balança suas mãos conforme fala e então continua: “...e todo o tipo de coisas diabólicas que vem com isso.”

Debaixo das árvores fica os fundos da casa de repouso. A varanda tem bordas de janela pintadas de branco, as escadas de pedra levam à porta dos fundos. Paredes vermelhas adequadas à sua época, e arquitetura frágil de madeira. O tipo de casa perfeita do passado de Vaasa que lembraria seus habitantes de sua juventude. Castanhas caem de suas últimas folhas no teto do “Skymning”.

“Agora, é claro, Deerek tem setenta anos. Ou setenta e cinco, faça a conta. E sabe porque ele foi solto mais cedo?”

Khan e Jesper não sabiam porque Deerek Trentmøller, o amante homossexual do líder do círculo pedófilo de Kexholm, foi solto mais cedo da prisão.

“Ele ficou senil.”

“O que? Então, nos seus sessenta ou algo assim?” Jesper entende as complicações que podem vir disso.

“Algo assim, sim.” “Totalmente senil?”

“Eu não sei. Não estava escrito lá o *quão* senil. De qualquer forma, a situação deteriorou. Rapidamente. Veremos.”

Khan se atrapalha pelas escadas da casa de repouso depois dos outros. Os três ficam de pé em frente à porta arqueada de madeira. Tereesz aperta a campainha.

“O desenho...” Khan ofega, com as mãos em seus joelhos. “Onde o Hird conseguiu o desenho?”

“É tipo uma relíquia por lá. Vai de mãos em mãos. Se nós conseguirmos achar o homem que o possuía originalmente, poderemos ter nosso velório. Isso eu te garanto. Nós poderemos finalmente começar a *viver*.” Tereesz aperta a campainha denovo, dessa vez um pouco irritado. “Apenas Hird finalmente o manteve. O líder de Kexholm...” sob o olhar de Khan, Tereesz corrige a si mesmo, “O líder do suposto grupo de Kexholm o deu para Deerek, e Deerek o mostrou para Hird. Parece pra mim que Hird só estava um pouco curioso. Cê sabe, para ver no que dava.”

Tereesz sorri maldosamente.

Vaasa dorme na feliz paz dos anos 50. O inverno está acabando. Pingentes de gelo pingam dos beirais para o pavimento, deixando buracos no gelo. Os dias estão ficando maiores, e em algum lugar bem distante, no pátio da escola central, Sven von Fersen está bolinando um imigrante acima do peso. O que ele estava pensando, que Målin gostaria de ouvir um papo tão doloroso? Hein? Era isso mesmo? Tereesz fica de pé no outro lado do pátio e não ousa intervir. Ele espera que Jesper comece a sentir muita dor assistindo aquilo. Reflexão.

O Vendedor de Linóleo anda pelas calçadas suburbanas, suas botas manchadas com o sal da neve em derretimento. Ele não dormiu a noite toda, a luz brilhante e o reflexo do sol no gelo estão machucando seus olhos. Suas mãos tremem pelo café, sua cabeça está pulsando. Uma transmissão de nervos tensa, vermelha e pulsante. Milhares de imagens da conversa noturna deles fazem um redemoinho na mente do Vendedor de Linóleo. Ele coloca a mão em seu bolso, onde há um buraco no fundo cortado com tesoura. Ele pega o bonde movido a cavalo em círculos e desce sempre na parada de Fahlu, passa por debaixo

da ponte, olha para o bosque de salgueiros, e volta ao bonde no outro lado da rua. A cabeça do Vendedor de Linóleo se encosta na janela. Algumas vezes ele dorme, mas ainda assim sua imaginação continua indo, tomando poses cada vez mais estranhas, abrindo duas pernas para ele. Mesmo quando ele dorme, ele quer. Mas o Vendedor de Linóleo treina seus nervos. O relógio do bonde marca duas horas fora da janela, e o dia escolar acabou. A mandíbula do Vendedor de Linóleo treme, ele está acordado. Crianças saem da cabine do bonde. Na garagem de casa, tem rolos de linóleo alinhados. Ele vive ali agora. Em Vaasa, Kexholm. Ele anda pelas ruas do subúrbio de Lovisa. O Vendedor de Linóleo se apoia no corrimão. Ele quer se contorcer. Uma senhora olha para ele de forma estranha. É a mesma senhora. Ela estava no bonde anteontem. E ontem. Ele não consegue mais aguentar, ele tem que escolher. A estação Fahlu chega, e o Vendedor de Linóleo desce. Ele passa por baixo da ponte e olha para seu bosque de salgueiros de saudades. Ele não aguenta mais. Pequenos amontoados de gelo pingam dos galhos dos salgueiros, e a respiração do Vendedor de Linóleo os aquece. Pinga, pinga. O sol brilha em uma gota d'água, e as visões desaparecem no outro lado do bosque de salgueiros. Quatro seguidas. A menor fala incessantemente. Blá, blá, blá. Esse é o momento mais bonito na vida do Vendedor de Linóleo. Ele as quer. Depois disso, acabou. Ele se mata e livra o mundo do Vendedor de Linóleo. Mas primeiro, elas.

O cheiro de remédio cardíaco causa enjoo. Jesper seca seu pescoço e nervosamente ajusta sua gravata no colarinho de seu suéter. Parece que todas essas pomadas de articulação pararam de alguma forma em sua pele. Ele não sabe porque qualquer pessoa de seguraria à vida tão desesperadamente. Cortinas brancas de renda estão amarradas em ambos os lados da janela, e algo rasteja nas paredes do quarto de Deerek Trentmøller, transformado em enfermaria improvisada. Os galhos das árvores fazem sombra no papel de parece floral. Ocasionalmente, quando uma carruagem motorizada passa fazendo barulho, as sombras criam vida por causa dos faróis e deslizam para a luz fraca. O abajur é amarelo. Camadas de flores e galhos de árvores uma por cima do outra. Morte – a palavra que raramente aparece nas conversas dos garotos, como se não existisse. Tudo só desaparece e vai embora.

Quando a hora chega, Jesper sai de casa para o ar de dezembro. A luz da casa cubo fica pra trás, e trilhas de esqui levam para as redondezas da cidade. Campos inférteis se espalham por debaixo da neve, e Jesper atravessa eles, para onde a parece de árvores se escurece. *Zig-zag dröm*, os galhos de abeto se esfregam em seu casaco branco. Floresta escura, olhos verdes com a escuridão. No ar gélido, vozes de garotas soam como sinos, elas estão esperando... debaixo de gelo eterno, em um ambiente imaculado, intocado por milhões de anos; fundo nos pulmões de Graad, para onde nenhum humano pode ir. Jesper não fala para ninguém sobre isso.

O quarto de Deerek, ou melhor, a enfermaria, está bagunçado com tubos. Fotos de família em retratos, em uma pequena estante. Vidro brilhante. Jesper não ousa olhar para aquelas fotos. Crianças, sobrinhos? Aquelas cuidadoras vão limpar por aqui algum dia também? Acima da cama fica um ícone prateado de Dolores Dei, e debaixo dele está sentado Deerek Trentmøller, com suas mãos dobradas em seu colo, um lençol simples em seus ombros. Uma pequena cruz de prata brilha em seu pescoço. O suporte da bolsa hospitalar está ereto na cabeceira da cama.

“Garotos, minha memória está sumindo... Amanhã não reconhecerei vocês. É a melhor coisa que já aconteceu a mim. É como uma benção, para alguém como eu. Algumas manhãs eu acordo e não lembro nem meu nome. Eu não lembro quem eu sou. Nem aquelas coisas...”

Tereesz está de pé com suas mãos atrás das cortinas, examinando as molduras das janelas. “Você parece bem agora,” ele se vira. “De quem você conseguiu o *desenho*? Das

costas de Anni-Elin Lund? De quem?”

“Ah, querido...” a cara manchada do senhor Trentmøller treme e ele parece cansado, “Eu não lembro muitas coisas mais. As coisas que quero lembrar, não lembro. Eu não lembro de meu filho. E então, aquelas coisas...”

“Não brinca comigo, Deerek.” Tereesz agacha na frente do velho e coloca suas mãos nos joelhos dele. Khan assiste assustado o Agente Machejek perfurar com seu olhar os olhos enevoados de Deerek. “Foca agora, você falou com seu colega de cela, Vidkun Hird – vai me dizer que você não lembra do *Vidkun Hird*? Quem poderia esquecer? Você falou...” Tereesz coloca suas mãos debaixo do queixo do velho e vira a cara dele para a sua novamente, “Você tá me escutando? Eu sei que você contou para *V i d k u n H i r d* na prisão que você conhece alguém que sequestrou quatro garotas Lund da praia de Charlottesjäl, vinte anos atrás. E você desenhou um esboço das marcas de nascença de uma das garotas como prova. Deerek, o esboço bate!”

Lágrimas fluem nas bochechas flácidas do senhor

Trentmøller. “Deerek! Ei! O esboço bate!”

“Eu o fiz... Eu fui para o parque gay. Eu não lembro, eu não quero lembrar...” Deerek choraminga como um velho, mas Tereesz só fica mais e mais bravo. Seu lábio superior está começando a se enrolar em volta de seus dentes manchados por tabaco. Deerek recua como se tivesse visto um fantasma, mas a mão de Tereesz está no botão de emergência. “Se você não for cooperativo por causa do seu *problema de memória*, saiba disso! Nós uma máquina hoje em dia. É como uma colher de sorvete, Deerek. Ela vai raspar tudo o que preciso do seu cérebro e então...”

“Tereesz!” Khan levantou de sua cadeira e está segurando seu ombro.

“...então vem a benção!”

“Tereesz, não começa!” Jesper não entende. Ele assiste confuso enquanto o agente paira sobre Deerek, com sua mão no botão de alarme. Khan puxa ele violentamente pelo ombro, “Você sabe como isso vai te arruinar, Tereesz, você sabe. Precisamos de você na CoPo. Você não pode ser demitido. Eu tenho ideias também, não precisamos...”

Tereesz se acalma. “Ok. Jesper, fecha a porta.” Jesper espia o corredor vazio. A casa de repouso está quieta de tardezinha como se estivesse abandonada. Ele fecha a porta. Com o coração pulando em seu peito, o homem apoia suas costas na maçaneta e nervosamente bagunça seu cabelo loiro. O ar dentro da sala é pesado e Jesper consegue ver o velho tremendo na cama. Ele esconde seu rosto de Tereesz com sua mãos.

“Vendedor de Linóleo,” diz o agente da Polícia Colaborativa de uma vez. Os olhos tristes e enrugados do homem se esbugalham, suas sobrancelhas levantam. “Quem?”

“O vendedor de linóleo Seu namorado. Ele fez o desenho. Ele te falou das garotas. Quem é ele? Quem, Deerek?!”

“Ele era... Ele só era.” Deerek não chora mais. As lágrimas secam em suas bochechas. O velho cai debaixo do sol como se tivesse sido atingido por um raio. “Só era um vendedor de linóleo. Todos eles eram. Era como chamavam a si mesmos, profissões.” Um suspiro cansado sai de sua boca, “Ó Senhor, me ajude...”

Está quieto na sala, uma motocicleta solitária passa na rua e as sombras das árvores passam por Jesper, para a direção oposta da porta. Khan quietamente empurra Tereesz para o lado. “Muito bem, Deerek. Veja agora o quão bom é,” ele olha para o velho debaixo do cobertor com seus grandes olhos amendoados. “Você vai nos ajudar a achar essas garotas, não vai.”

“Dois lugares,” Tereesz sussurra para Khan.

“Dois lugares, Deerek.” Nos diga dois lugares onde esse homem foi. Onde ele vivia, em qual distrito? Você sabe isso?”

“Em Kexholm, eles estavam todos em Kexholm.”

“Muito bem. Excelente. E agora outro lugar. Pensa Deerek, pensa para onde mais o Vendedor de Linóleo foi. Nos ajude a achar as garotas. Onde ele foi?”

“Ele estava olhando para elas... na praia. Em um hotel.”

“Havsänglar?” Tereesz perambula nervosamente debaixo da janela. “Eu não lembro, por favor...”

“Entendi,” Tereesz acena e dá dois passos em direção à porta, “Havsänglar. Vamos!”

Dezoito anos atrás. Vidkun Hird senta no canto de um cubículo em uma mesa improvisada, uma única mecha do antiquado cabelo penteado para trás pendurado sobre sua testa – você ainda poderia dizer “clássico”. Vidkun é jovem. Relativamente. A testa ainda não está coberta de rugas, as bochechas estão só começando a afundar em uma cara de bulldogue nórdico. Tem pilhas de manuscritos na mesa. Filosofia do futuro, teoria universal historicista e eugenista. Ela explica todas as coisas no mundo, é seu legado para a humanidade.

“Vidkun Hird: ‘Vidkun Hird’ “ está escrito na capa de papelão, em negrito. Duas camas se alinham na parede, e luz do sol entra por uma pequena janela no teto.

Deerek Trentmøller está deitado na cama. Velho. E de certa forma distraído. Ele pega a cruz de prata do seu pescoço, olha para ela por um momento, e então começa a rir. “Ó! Você vai adorar! Eu acho que tem um quê de superhumanidade sobre isso. Aventura e ciência às vezes, e tudo isso, sem dúvida, além do bem e do mal.”

Mas que lua de mel espiritual! Deerek fala e Vidkun anota. Acena em entendimento. Fala para pausar por um momento, e então substitui o tinteiro. O raio de luz da janela rasteja pelo chão e se espalha na porta de aço. Está ficando escuro, e Vidkun acende a luminária. Ele levanta uma folha de papel no ar e sopra nela.

Bons tempos, bons tempos.

Deerek se espreguiça no meio do quarto e inclina-se para perto de Vidkun: “E você sabe o que ele disse depois? Vendedor de linóleo. Eu nunca vou esquecer! Ele fez ‘cirurgia brilhante’ nelas. Ele ‘as juntou’. A menor morreu. As outras sobreviveram. Você entende, tipo assim.

Vendedor de Linóleo. Vendedor de Linóleo. O Vendedor de Linóleo estica sua mão para pegar papel higiênico. O ar salgado do mar entra no quarto da sacada do Havsänglar, e há um telescópio no tapete de junco. Uma câmera especial é conectada ao telescópio. Depois disso, ele anda por fora.

Ele lê a tabela de horários no pavilhão de espera, mas o último bonde já foi em direção à cidade. As garotas a bordo. A tardezinha de verão é morna e enche o coração do homem de afeição. Ele tira suas sandálias. Ele anda descalço no asfalto morno. O asfalto é leve e farelento. Os trilhos do bonde são frios. Charlottesjäl de tardezinha. Ele ama. Ele ama as garotas. Ele ama a praia, onde nada significa mais nada. Ele está apaixonado. “Nunca vai acontecer comigo,” ele pensa enquanto a aurora boreal se curva sobre a calota de gelo polar. Casais sob a cobertura de estufas. Neve estava caindo atrás do vidro. Isso nunca

acontece com o Vendedor de Linóleo. Mas ele ama a praia. E as garotas. Uma em particular. Especialmente aquela. E as outras também.

Areia sob o pé descalço. Entre os dedos. Morna durante o dia. E então úmida. Ele anda ao longo da orla. Música pode ser ouvida dos jardins, e luzes das casas brilham de muito longe entre os pinheiros. Longe, abaixo do morro pedregoso, onde ninguém pode ver. As pedras estão escorregadias por causa da água, frias sob seu pé descalço. Onde foi parar seu calçado? Ele não lembra. Ele anda entre as pedras, abaixo do morro pedregoso, ondas batendo em sua calça. Gentil escuridão, ele afunda até seus joelhos e ri. Os pinheiros farfalham. Nade! Ele entra na água entre as rochas, ninguém pode ver o quão feliz ele está. A calça se molha, ele escorrega e bate o joelho. E daí! A água é escura e morna, e as estrelas estão no céu.

“Para Telefunken!” Jesper estala seus dedos. “Eu conheço umas pessoas lá, é perto. Você pode fazer quantas ligações você quiser de lá, Tereesz. Faça sua mágica.” Sua mão está levantada e os três tentam chamar um taxi na única rua principal do subúrbio de Lovisa. Carros passam voando. No outro lado da rua se levanta uma parede de árvores, e o trânsito está esparsos nessa noite. “É nove e meia, vamos conseguir.”

Khan segue atrás. “Não sei... qual o motivo da pressa. Vamos conversar.”

“Não há nada para conversar, vamos fazer umas ligações. Vamos pegar um voo hoje.” Além de Jesper, Tereesz também está ansioso, sua mão levanta até para taxis que não estão com a luz amarela acesa. “O que está esperando? Você não está cansado de esperar?”

“Exato. E eu não me importo,” Jesper fica num pé só. Um carro passa e suja suas roupas. “Se você acha que eu quero desesperadamente saber que tipo de máquina horrível, *ruinosa* – muito emocional, Khan – você, Tereesz, usa, então não estou interessado. Você faz seu trabalho e você não tem tempo. Três dias são o tempo em que as chances de achar alguém, especialmente uma criança, vivas, diminuem pela metade a cada dia. Cem, cinquenta, vinte e cinco por cento, Khan. O que você faria?”

“Isso não importa! Saco!” A chuva acima lentamente se transforma no granizo do fim de outono. Um respingo vindo de baixo da roda do carro dá bate em cheio em Khan. “Você e seus taxis, a parada é logo ali! Jesper, você não entende, você não entende como aquilo nos afeta! Porra de mescalina... lisérgico...”

“Aí está! Pare!” Jesper corre atrás do taxi parando no acostamento e grita de volta, “Então você usaria táticas policiais do bem, certo?”

“Sério, chega...” Tereesz resmunga no taxi, pela janela.

Khan desliza de lado dentro do compartimento de passageiro e ofega, “Veja, Jesper... você não entende que aquela coisa é... *ilegal*. Em todos os países que assinaram a declaração... Que, aliás, são precisamente os países onde a Polícia Colaborativa tem, bem...”

“Autoridade,” Tereesz finaliza a frase de Khan no banco da frente e diz ao motorista, “Telefunken.”

Por um momento, o carro está quieto. O motor liga. Granizo cria por debaixo das rodas. Jesper tenta achar um argumento, mas Tereesz é mais rápido. “Sim. Eu usei a máquina no Hird. Minha decisão. Ele nunca – *nunca* – iria ter nos contado nada. Ele teria ficado sentado, ele teria dado um sorrisinho. Ele teria falado comigo por duas horas sobre cruzar ciganos e negros, e é isso.”

“Mas Tereesz,” a voz de Khan toma um tom de lamento, “eles vão te demitir!”

“Está sob controle. E quer saber? Eu não quero mais falar sobre isso.”

O dia seguinte. O olhar distante do Vendedor de Linóleo brilha na morna chuva de verão. A imagem treme enquanto ele ajusta o tripé, e então fica imóvel – nítida, clara. O som da chuva sussurra no ouvido do Vendedor de Linóleo. As nuvens ficam claras no sol, e chuva cai na sacada do hotel. A faixa molhada da praia se estende por mais da metade da cobertura de junco. E a chuva farfalha abaixo, na praia, mas em sua mente, ele ouve o animado batuque das gotas de chuva no guarda-sol. Um pequeno guarda-sol com flores pequenas no olho do telescópio. É quase um quilometro dali, em um morro, mas o Vendedor de Linóleo estica sua mão na chuva e o toca. “Sai da frente, garoto gordo,” ele diz. O Vendedor de Linóleo comprou uma revista feminina na cidade. Na capa estava a elegantemente vestida Ann-Margret Lund, uma mulher da política. E tinham imagens dentro. Ann-Margret em seu lindo apartamento. E ali estava ela com suas quatro filhas em um sofá cor de café. Debaixo da foto estavam os nomes e idades numa fila.

Anni-Elin...

Que histórias ele inventou no dia em que as viu pela primeira vez. Coisas horríveis. Como ele as levava. O Vendedor de Linóleo é um doutor, ele é um doutor. Doutor Vendedor de Linóleo. E ele as coloca em movimento desta forma. Andando em direção a ele. E ele ainda não se satisfazia. Como seus nervos zumbiam, famintos, eles queriam as comer vivas, esses nervos. E como tudo recuou. Quando ele veio para cá. Mas que lugar! Elas conversavam, em dois assentos do bonde virados um pro outro. Ele estava atrás delas. E o Vendedor de Linóleo cheirava o aroma de seus brancos cabelos. O bonde descia um morro, e os cavalos trotaram. A praia veio a ele, não o contrário. E as quatro apenas o levaram até lá. Poeira subiu do asfalto, juncos balançaram, e o sol brilhou palidamente no céu azul. Não era como as outras praias, em Arda e perto de Vaasa, em Östermalm, onde o Vendedor de Linóleo suou. Ele se contorceu entre flácidos e nojentos corpos e perseguiu pequenos cachorrinhos com seus olhos. Essa não é a piscina de Jelinka, onde os olhos do Vendedor de Linóleo estavam vermelhos pelo cloro e onde ele teve que esperar duas horas antes de poder sair da piscina.

O vento bagunçava seu cabelo. A vastidão! O mundo poderia caber dentro dela. O vento soprou; ele pegou o quarto mais alto do hotel, para que o vento pudesse entrar e resfriar o Vendedor de Linóleo. Ele olhava elas com afeição, não ousando descer para a praia. Perto delas. Ele poderia virar cinzas se sequer as tocasse. Ele tirou fotos. O fótons viajaram, e a mesma luz que bronzeou as costas da garota rebateu suas pequenas marcas de nascença e as gravou no negativo preto. Pequenos pontos como estrelas no céu noturno. A velocidade do obturador da memória. Ele fez uma corda de linho, e um nó, e se masturbou. Pela última vez. Sua respiração tremulava sob o lençol e com o sêmen, o Vendedor de Linóleo saiu dele mesmo. E sumiu.

O memória do Vendedor de Linóleo e tudo o que o Vendedor de Linóleo viu está sumindo dia a dia. Gotas batucam no guarda-sol, e Anni estende sua pequena mão no tilintar de piano da chuva. Hoje, quando ele acordou, ele não lembrava mais do Vendedor de Linóleo. Na loja de fotos, quando eles tiraram a foto de família, um pequeno pedaço do Vendedor de Linóleo veio à mente. E depois, só que mais raramente, o Vendedor de Linóleo vem à sua mente. Anni balança sua cabeça branca na chuva com tranças em suas costas. E apenas Ele olha com afeta através do telescópio.

Milhares de quilômetros e mais de vinte anos e dois meses depois, no outro lado da órbita de inverno, está a embarcação de pesquisa meteorológica “Rodionov”, presa no gelo. É meia noite e meia numa noite polar. Na frente da tripulação, os feixes dos holofotes se espalham

pelo Canal Norte, uma visão gelada. Homens em casacos de pele ocupam o convés, suas golas cinza prateadas levantadas para seus chapéus de pele. A tripulação está em pânico. Onde a escuridão parece engrossar levemente, mas a distancia se move infinitamente sem qualquer sensação de horizonte, é onde o Pálido começa. A tripulação sente e teme, apesar de ninguém poder ver além de cem metros na noite. A antena da embarcação de pesquisa transmite um desesperado sinal de socorro junto com leituras científicas. Essa transmissão de rádio chega na estação retransmissora em Katla Graad Oblast, distorcida grotescamente com que em um espelho curvo: “*Setor-Órbita-Setor, Setor-Órbita-Setor...*”.

Há estalos conforme a borda do gelo se curva para o céu sob o Pálido, rajadas varredoras como música tocada ao contrário e dez vezes mais alta. O Pálido se aproxima – um avalanche de memórias do mundo – e enterra a matéria com imprudente velocidade. A extensão do céu estrelado some uma estrela por vez debaixo do rolo de pintura.

Em órbita, o satélite de comunicação “Icon” observa como o Pálido varre o Canal Norte de Katla inteiro com uma única onda. Também engole Samarskilt, o pedregoso deserto no sul de Samara, e metade do Supramundus em Mundi. O Pálido circula, e se encurva, se junta em rebelião contra a matéria. Os buracos negros engolem os olhos do círculos. “Azimuth” se calibra no borda estratosférica. As zonas imediatas de catástrofe entropônica agora inclui Lemminkäinen, a ecoregião Nad-Umai na taiga do nordeste de Samara, Yekokataa de Graad, e a rede platôs irrigados em Severnaya Zemlya. Os cantos remotos, e abandonados de vida, da matéria. É 29 de setembro, começo dos anos 70. Duas noites atrás foi o encontro de classe. Agora é o fim do mundo.

E Tereesz Machejek, no restaurante panorâmico Telefunken, colocou o telefone na mesa duas horas atrás e instruiu a secretária do Havsänglar a ler a lista *inteira* de hóspedes de Junho e Julho do ano cinquenta e dois. A mesa está cheia de comida. As deliciosas garras de carangueijo estão quase encostando no telefone. Khan ama o carangueijo delicioso e Jesper explica como sugar a carne e o suco do tubo.

“Suga, suga,” diz Jesper, apontando para o garçom retirar os pratos. Hoje a noite, o jantar é por conta de Jesper. O agrado do Jesper. E Jesper adora boa comida. Ele não se satisfaz com arroz e macarrão.

Khan suga. “Bom, eu não sei, é certamente melhor, mas se você coloca *bolinhos* no arroz e macarrão...”

Jesper toma um gole de água gelada. “Tereesz, escuta, posso cuidar de Kexholm eu mesmo. Eu projetei a residência de um pediatra lá, e conheço um desenvolvedor. Eu acho que ele possa ter acesso a o que ele estava...”

“O registro de população,” diz Tereesz. Seu ombro pulsa de dor. Mas o vinho tinto de Yugo-Graad é tão bom que ele quer dar um gole. E então ele tem que colocar o telefone de volta em seu ombro. A secretária desligou uma vez já. Então Tereesz ligou para a administração e pediu para passar a mensagem: “As vidas de quatro garotas vão estar em sua consciência.” Isso funcionou.

Atrás de sua taça de vinho, Khan segura um caderno com mais de dois mil nomes escritos em suas páginas.

“Metade já foi, madame, só mais dois mil,” sua cabeça pulsa com Lars e Berg e Åke passam por seus olhos como faróis de trem.

“Ok então,” Jesper desdobra o guardanapo orgulhosamente e limpa sua boca, “é onze e meia. Uma hora e meia sobrando. E então fecham. Eu posso barganhar por duas e meia.

Então. Vamos começar, eu pego o registro de população.”

O garçom coloca outro telefone na mesa. O resto dos clientes olham o trio com um interesse reservado. Um kojko magro esteve lendo nomes monotonamente por duas horas e o escrevendo em um caderno. Um homem acima do peso de pele marrom-amarelada numa camisa Perseus Black com gola dupla levanta seus óculos, quebra uma garra de carangueijo e então acena para a tia na mesa oposta. O caderno de Tereesz se bagunça por causa disso. “Khan, hum, você não tem exatamente a tarefa mais difícil. Só lida com ela!”

“Tereesz, escuta, pelo amor de Deus, vamos levar esse bloco de notas.” “Não, tem que estar no caderno.”

“Qualé do caderno?”

“Deerek Trentmöller,” fala Tereesz em uma voz acostumada, mecânica. E então olha para Khan com olhos esbugalhados. “Deerek Trentmöller! Alô! Você tem certeza? Ele marcou mais alguma coisa?”

“Férias.” “Algo mais?”

“Vendedor de Linóleo,” diz a secretária com uma voz cansada do outro lado da linha. “Fodendo Deerek Trentmöller, 17 a 24 de junho. Vendedor de Linóleo.”

Jesper bate seu punho na mesa que ele projetou cinco anos atrás.

Khan coloca a pata de carangueijo no prato. “Agora vem o ZA/UM.”

Deerek Trentmöller sonha com um Vendedor de Linóleo. Todas as coisas que o Vendedor de Linóleo vê rotacionam diante de seus olhos como uma massa uniforme de carne e escuridão. Ocasionalmente ele acorda. Ele não consegue dormir. Então o redomoinho de carne escuridão volta e Deerek dorme novamente. Eu seu sonho, ele é amante do Vendedor de Linóleo. Ele é outra pessoa. Através de uma memória ascendente, sem forma, um clique é escutado. A janela de madeira crepita. O vidro faz barulho em sua moldura. Então um baque e Deerek acorda.

Morte. Isso deve ser a morte. Flores marrom-escuro no papel de parede floral. Sombras de galhos balançam e cortinas tremulam no vento. Sim, isso é como Deerek sempre imaginou. Em frente da janela aberta, aparece uma figura alta e magra, num casaco com rabo de peixe. Tem mais delas! A Morte Gorda cai da janela com um baque e sussurra. “Ok, tô dentro. Fica vigiando.”

A Morte Alta vai à borda da cama e desconecta o botão de alarme. A Morte Gorda liga o abajur e dá um passo para cima de Deerek, colocando gentilmente uma mão em seu cabelo. Aqueles grande olhos castanhos escuros parecem familiares. “Deerek. Não resista. Precisamos de algo de você. Precisamos que você se lembre, e por isso vamos te dar uma pequena injeção. Não vai doer. É como um sonho.”

Deerek ouve o clique de uma maleta e a Morte Alta pressiona sua mão com luva em sua boca. Cheiros estranhos, tudo some, gentis olhos castanhos escuros olham para ele.

“Mas e se ele realmente não lembrar? Como vai funcionar então?”

“Veremos.”

Deerek Trentmöller se abre na frente de Tereesz. Agora é Tereesz que está na orla. O tigre flutua pela água. Ele sempre está ali, se esgueirando. E sempre que

Deerek acaba, o tigre ronda por perto, fareja e acha o Vendedor de Linóleo. Em Norrköping, na cidade fiorde de Arda, no trem magnético, no assentamento polar de Jelinka, ele segue, seus olhos brilhando fosforescentemente naqueles cantos sombrios onde o Vendedor de Linóleo vai. Ele está em um porão de teto baixo e paredes de concreto onde o Vendedor de Linóleo faz caretas para sua sobrinha. Quando ele finalmente chega em Vaasa, o tigre espera na estação, sentado no fim da plataforma e lambendo suas patas; onde a luz dos faróis não chega. Ele esgueira pelo bosque de amieiro do parque e o Vendedor de Linóleo se assusta. Andando nas ruas de Lovisa numa manhã de primavera, com um buraco cortado por tesoura em seu bolso, pode-se ver o coração do tigre por um momento. O pátio da escola está visível, e uma briga, entre pequenos garotos.

Quando o Vendedor de Linóleo vem para Charlottesjäl, Tereesz segue os ventos para lá, ele é uma ave de rapina, mantendo vigília. Ele tem olhos de águia, ele vê tudo. Até que numa tardezinha ele vê o Vendedor de Linóleo desaparecer, no último andar do hotel Havsänglar. Metade das pessoas sumiram. Dia após dia, se é esquecido que o Vendedor de Linóleo sequer existiu. Até que, finalmente, só exista o velho e senil Deerek Trentmöller.

“Linóleo, linóleo, linóleo...” ele murmura, “a palavra ‘linóleo’ sequer existe?” Um sentimento de perda muito estranho. Mas não é do linóleo que ele sente saudade. O Vendedor de Linóleo lamenta a si mesmo, às vezes lembra de si próprio e imagina uma vida na qual ele nunca desapareceu. Ele vomita papos nojentos e lê as memórias de Vidkun Hird. Fantasias em si. Deerek Trentmöller sente falta de algo totalmente diferente.

É dia 29 de agosto, vinte anos atrás, e ele se sente mal. Algo está errado, ele não pôde dormir nada pela noite. O jornal da manhã está no chão do banheiro. As quatro filhas da ministra da educação estão desaparecidas. Deerek Trentmöller não consegue respirar, o mundo está dando errado, o tempo está desarticulado. Na luz de uma lâmpada vermelha, um fotógrafo amador revela fotos tiradas na sacada do hotel. Suas mãos tremem, ele tem certeza que elas estavam lá. Certeza. Mas as fotos estão penduradas no varal com prendedores e todas elas possuem um *vácuo horroroso*. Nada.

Os contornos de um morro pedregoso aparecem no papel brilhante boiando na bandeja de revelação. Um pálido céu de verão. Mas não elas.

Khan e Jesper carregam, Tereesz, male mau consciente, para um taxi. Seus sapatos se arrastam pelo chão e o homem treme. A voz de Jesper vem do espelho convexo. Jesper... Jesper ainda é um cara legal.

“Tereesz, Tereesz! Fica acordado. O que faremos contigo?”

“Ele não fez aquilo. Ele não fez aquilo.”

“Ok, mas o que faremos com você agora, te levamos pro hospital? Tereesz!” A voz de Tereesz é quase inaudível: “O que faremos agora?”

“Eu não sei, você que me diga! Te levamos para o hospital, ou deixamos você dormir para passar?”

Tereesz tenta se orientar. “Não, você não entende. Fim da linha. Me desculpa... eu não sei o que fazer a seguir.”

Khan segura a cabeça de Tereesz para baixo conforme eles o colocam no taxi. “Calma lá, tigre. Você vai dormir primeiro. Depois é a minha vez. Eu tenho um plano.

Tereesz desmaia. Tudo desaparece.

9. SAGRADO E TERRÍVEL CHEIRO

O que era aquele sagrado e terrível, enganador cheiro no ar desta vez? Meu nome é Ambrosius Saint-Miro, os locais me chamam de “Ambrosius Pyhä-Mirä” e em Graad me chamam de “Svjata-Mira”. “*Diduska?*” eles perguntam, com os olhos grandes de afeição, mas eu os respondo. “Não, não sou seu *diduska*.” Sou Ambrosius Santa-Mira de Mesque, Ambrosio Hagiamira, eu sou ambrosia, o mundo sagrado. Você me escolheu, me autorizou com sua vida, seus pensamentos, seu armário mental. De noite, quando você foi dormir e amanhã de manhã, da janela do transporte público. Mas o que eu faço não é mais uma conversa, não argumentos aqui, nem lados para se escolher. O tempo de dúvidas acabou.

Eu venho uma vez em cada era. É afortunado viver quando eu sou o mundo. Eu sou inocente e você é também. Se você decidiu, então era ou certo ou errado. Se eu decido, minha decisão é o que é. Quando Deus ainda parecia uma ideia interessante para você, eu era Pius Pericarnassus; Eu era Ernő Pasternak – você queria ser traído e massacrado. Eu te fiz ouvir canções Pasternakianas. É feroz assim eu e minha guerra desnecessária. Você queria me odiar na época. Eu era Franconegro, você era os nacionalistas, você queria cédulas internacionais e pretas, e militarismo. Queria trabalhar na fábrica, servir a Deus. E arquitetura medieval-industrial, queria viver debaixo de um arco de concreto. Eu era uma mulher, parecia a Dolores Dei para você: Eu quero uma mãe, uma mãe perfeita. Eu tinha lindos seios, eu era jovem e você também, você queria se apaixonar e eu deixei. Humanismo, e Renascença, cuidar uns dos outros. Eu te mandei para a escola e te ensinei línguas. Você se cansou de mim, e eu morri. Você queria um mundo onde eu não existia. Então eu era sua inocente Sola, uma garota indiferente, sentada de mãos postas e assistindo você dar golpes. “Ah, faça você mesmo, cometa erros, não aprenda nada,” eu pensei.

Eu era um cidadão. Eu fui de país em país, de uma *insel* para outra, e lhe introduzi aos meus pensamentos. Todo lugar que eu ia, te infectava com meu cinismo e niilismo. No rádio, eu falei como tudo está errado, como tudo é *igual*, e *pohhui*, quem liga? Presidentes, reis, príncipes, e xeques – todo mundo tinha medo de mim, ninguém me deixar entrar em suas *soberanias*. Eles não me queriam em suas editoras, no telão, ou em seus talk shows. Mas então, quando eu autografei livros na livraria, eles viram! Você desabou. E quando eu falei no rádio, a audiência aumentou. Eu era brilhantemente popular. Obrigado, você me fez feliz. Ele me deixaram entrar em seus talk shows e lá eu mostrei do que os pensamentos humanos eram capazes. Você pode estar certo também. E com o quão chistoso você, continuou ouvindo e rindo. Você chamou sua família toda para se reunir em volta do rádio e juntos você escutou, percebeu o quão especial você é na verdade: “Eu poderia ter uma *namorada* supermodelo também,” eu disse, “mas eu escolhi solidão. Isso seria burguês. Cara supermodelo, é claro que posso passar a noite com você. Nós nos divertiríamos, você estaria alta como uma pipa com cocaína, e eu enfiaria uma pipeta cheia de leite na sua bunda e assistiria escorrer. É claro, eu pensei sobre isso. Mas não seria mais *eu*. Seria contra tudo aquilo no que acredito.”

Mas isso é um show. Não é por isso que você me escolheu. Eu fui o único que perguntou: o que era aquele sagrado e terrível cheiro no ar desta vez? Eu não sou fraco e arrogante a ponto de te *falar* o que é. Eu não finjo saber que linda tragédia é para você. No segredo do seu coração. O fim da história – vou te mostrar. Eu quero rasgar o mundo camada por camada. E dessa vez não é mais enganação, figura de linguagem, é realpolitik. Eu ataco. Primeiro Revachol, depois Graad, então além. Nunca acaba. Eu abro um fronte depois do outro. Então, quando todo mundo que não sou eu está morto e o Pálido varre o mundo tudo, daí, por favor! Aqui estão terminais nos quais você pode cair morto por conta própria. Vá com seu próprio livre arbítrio, não significa nada. Eu estou evacuando o

mundo. Vamos viver no passado. Em frente à policlínica, em uma banco do parque, você volta. Vocês estão todos debaixo da parada, o chuva está caindo, e você está falando. Seus amigos vem através da praça, em uma cidade nevada, suas golas levantadas. Só memórias restam desse mundo, uma catástrofe entropônica.

Você nunca pode dizer exatamente onde está. Até quando seu olhos estavam virados ao avesso e olhando diretamente para sua cabeça, você não poderia dizer. O fantasma, deslizou por todos os lugares perdidos, irrevocabilidade. Eu te dou, cheira como a palma das suas mãos, o sagrado e terrível ar, esfregue sua cara nele agora. O Pálido está maduro com cores, ele infiltra nas rachaduras viscosas, eu abro as cortinas de costela, frequências intermediárias, e saem todas as terríveis cores perdidas do passado. Tudo é novo agora,

É para isso que o niilismo leva. Isso não é mais o que *poderia* ser ou o que não poderia ser. É isso.

O mundo todo está na zona imediata de uma catástrofe entropônica.

10. BOA NOITE, ANNI

Quando Jesper chega em sua casa no subúrbio, as luzes estão apagadas. Ele anda no escuro, seu olhos se ajustando enquanto a mobília vai gradualmente emergindo da escuridão. Ele nem tira seus sapatos. Está limpo e quieto, e mais da metade das largas janelas de vidro foram recentemente limpadas. Alguém arrumou a cama de Tereesz. O balde de vômito de um agente da Polícia Colaborativa sumiu, e o piso de parquet está brilhante. A lama das botas de inverno de Jesper é absorvida pelo tapete de lã. Estantes separam o dormitório da sala principal, e Jesper para. Ele olha para as sacolas de compro como rótulo “Ozonne,” “En Provence,” e “Loja de Chá” Tem um aroma de chá verde no ar. Um pequeno vestido prateado se pendura em um cabideiro ligado à estante. O tecido cintila no escuro.

Passando entre as cortinas, o homem entra o quarto com suas mãos estendidas. O luar cai na cama vindo da janela do canto. A *namorada* modelo de Jesper, Anita, dorme na cama com seu cabelo loiro espalhado em um travesseiro preto. Um sombra corre pelo corpo da jovem, que é curvado com costelas pretuberantes e uma única marca de nascença em seu peito. Jesper observa seu peito inflar. Ele tenta lembrar. Quatro anos. Eles estão juntos a quatro anos. Ela tem o que agora, dezenove? Jesper tem trinta e quatro.

“Psiu, ei, acorda!” A garota murmura em seu sono como uma criança. Jesper assopra em seu ouvido uma mecha loira de cabelo treme em sua respiração. “Anni, acorda, é o Jesper, ei!”

“Hmm... Jesper, vem pra cama,” a garota puxa a ponta do cobertor até seu queixo. “Está tão bom e legal aqui...”

“Escuta, eu não posso, tenho

que ir.” “Ir... onde mesmo?”

“Acorda, vamos conversar um pouquinho. Você quer que eu te faça um chá ou algo assim?”

“Eu te comprei chá, viu?” A modelo mestiça de Vaasa e Oranje se espreguiça, suas articulações estalando, e sombras pretas se movem na superfície do cobertor. “Sim, eu vi, muitíssimo obrigado, foi muito consideração da sua parte.”

A garota implora, suas vogais sonolentas longas como suas pernas: “Vamos conversar amanhã, Jesper, vamos pra casa...”

“Amanhã não posso, já disse que estou saindo. Jesper olha para o rosto da garota. Silêncio. O relógio com números giratórios faz um ruído brevemente. O vento uiva fora da janela.

Então a garota funga de repente, “Hm, não vá para a floresta com seus amigos denovo, eu nem vi você. Vamos ficar juntos amanhã. Eu vim por você, lembra?”

“Não, você não entende, estou saindo *hoje*.”

“Hoje? Que horas são?” O relógio branco crepita. Duas da manhã! Onde você vai desse jeito? Você esteve agindo estranho ultimamente!” A garota se levanta com seus cotovelos, sua boca puxada em uma carranca preocupada.

“Eu vim aqui por sua causa, não teria vindo por outro motivo.”

“Peço perdão. De verdade. E peço perdão pelo que estou prestes a pedir, mas por favor, saia da cama por um momento, eu preciso movê-la.”

“O que você tem aí?” “Coisas.”

A garota fica de pé no chão gelado, esfregando um pé no outro, olhando confusa enquanto Jesper puxa a cama. Os pés da cama crepitam, a modelo mestiça de Vaasa e Oranje segurando o cobertor em seus ombros como uma capa. Ela é tão bonita, mas isso não significa mais nada agora agora.

“Onde você está indo?”

Jesper ajoelha e as tábuas do chão fazem barulho em resposta. “Desaparecendo.” O alçapão abre e retira uma maleta branca cor de neve, lotada.

“E quando você vai voltar depois de desaparecer?”

“Acho que qualquer resposta esperta que eu te dar será muito fria. Então é melhor eu não falar nada.” A tranca abre, e Jesper pega um pacote de papéis de um dos bolsos da maleta. A garota está incomodada. Ela gosta desses Jespers – Jesper em casa, fazendo chá, Jesper sendo produtivo, Jesper sendo desajeitado quando mostra seu apoio – mas ela não gosta desse Jesper. “Por favor não me trate como uma idiota. Essa não é uma entrevista cultural que você está tendo agora.”

“Ok então,” Jesper nervosamente enrola os papéis. “Você lembra quando te disse sobre as garotas Lund? Que eu conhecia elas, elas desapareceram, e tudo mais.”

“Na cabana de verão dos meus pais?” As sobranceiras da garota ainda estão franzidas com suspeita, mas sua boca suaviza com a memória. “Você estava tão bêbado!”

“Viu, por isso que não bebo,” Jesper ri sem jeito. “Mas você teve que implorar, certo?”

“Você era tão engraçado na época!”

“Tão engraçado,” Jesper repete amargamente, “na época. Ok. Eu era engraçado. Mas agora eu vou procurar por elas.”

“Quem?”

“Cornelius Gurdit de certo, quem você acha?”

A complexa estrutura óssea crepita nos joelhos conforme a modelo afunda sobre a parede. “Mas você disse que era inútil!” Você disse que tinha cansado disso. Talvez você não lembre do que disse?” Jesper bate em sua palma com um papel enrolado e dá alguns passos pensativos no chão como se precisasse consultar como outro Jesper – aquele que ficou bêbado na cabana de verão dos pais de Anita. Um acidente muito inapropriado. Um Jesper muito inapropriado. Mas ainda assim, ele é mil vezes mais esperto, mil vezes melhor do que essa desamparada criatura. Ele amarrota seu cabelo loiro com o rolo de papel e diz, “Há esperança.”

“Jesper...”

“Veja, eu *tenho* que.”

Jesper coloca os documentos da imobiliária nas mãos da garota. “Fique aqui, pegue minha casa, more aqui, por favor. Venda os dois apartamento no centro da cidade o mais rápido possível. Os preços vão começar a cair amanhã de manhã. A primeira coisa a fazer de manhã, vá para meu corretor. Aqui está o número...” Os ombros da garota tremem, mas nada é escutado, só o assovio do vento do lado de fora da janela. Jesper agacha em frente de sua modelo, seu casaco de inverno tocando o piso de parquet. Ele coloca sua mão no ombro da garota.

“Ei, vou fazer chá agora, ok?”

O relógio faz um tique: “02:30”. As xícaras fumegam no chão, cubos de açúcar mascavo em uma cumbuca quadrada para açúcar, e uma colher especial para levantar cubos de

açúcar. É difícil servir o chá, mas também não há nenhum fogo para acender. “02:45”
“Eu não entendo. O que isso significa?” A garota engole no fim de um longo silêncio.

“Bom, o que você acha que significa?”

“E todo esse tempo, você tinha essa maleta,” a garota aponta seu indicador para o centro do quarto, “como se eu nem existisse.”

“Estava aí bem antes de você.” “O

que, eu tinha que convencer você?”

“Ei, qualé, tenta entender.”

“Tentar entender? Sabe o que eu acho?” A modelo coloca sua xícara de chá no chão com raiva. “Eu acho que essa coisa toda com as garotas Lund é uma completa besteira. Você é só um pedófilo.”

A expressão de traído de Jesper é inesquecível. A garota está até surpresa com o poder das suas palavras. Por esse, e só por esse momento, se arrepende delas.

“Ok então.” O homem levanta no meio de uma frase. Ele pega sua maleta e calmamente sai através das cortinas. Então, a frustração de Anita toma conta novamente e a modelo pelada e com raiva corre para a sala maior atrás de Jesper.

“Você pode enfiar seu cubo no cu! Não vou ficar nesse buraco esquecido por Deus que é Katla!” Pedacos de papel branco voam de sua mão e se espalham na sala escura, uma por uma as páginas caem na excepcionalmente bonita mesa de madeira com padrão de espinhas de peixe e no piso de parquet. Jesper não se vira ainda, ele para e balança sua cabeça. “E para onde você acha que vai se não ficar aqui? Você vai trabalhar na fábrica de munições de Graad?”

“Você é patético! Você e suas *garotas*, é só patético. Todo mundo me avisou. E eu já sabia antes da cabana também! Todo mundo sabe! Eu só tinha quinze na época, eu era tão estúpida...”

Anita ofega, se apoiando na bancada da cozinha com uma mão. “Anni isso, e Anni aquilo. Meu nome não é Anni!” Jesper sente suas mãos ficando geladas. A palavra “mórbido” volta em um redemoinho. Ele lembra de si mesmo, uma modelo de lingerie menor de idade abraçada a ele, dizendo “Boa noite, Anni. Boa noite, Anni. Boa noite.” Eu estou tão feliz. Ela cai no sono, os galhos das árvores farfalhando do lado de fora da janela como uma segunda chance. O que é triste sobre isso? É tão lindo!

A modelo volta para o quarto e grita em uma inexplicável crise de malícia, “*Boa noite, Anni!*”

A mente humana confia naturalmente. Primeiro, ele não considera tal pesadelo de coincidências possível. Mas quanto mais a diferença entre os próprios pensamentos de Jesper e a voz zombadora na sala se torna aparente, mais devagar se torna a respiração do homem. Como se seu corpo estivesse se preparando para desligar de vergonha. Ele pega os papéis do chão, uma página de cada vez, e junta igualmente a pilha em seu colo. Ele escolhe suas palavras e não sabe realmente quem exatamente quer atacar. O mundo, principalmente. Ele anda de volta para o quarto, coloca os papéis na mesa de cabeceira e lança seu terrível coringa.

“O que você acha, que vai voltar para Revachol? As coisas não estão mais *boas* por lá. Vem, olha aqui.”

A garota senta na cama e tenta com raiva colocar seu vestido de noite, ainda não entendendo do que se trata isso.

“Aquela *cidade* não existe mais,” Jesper repete, e agora a garota levanta alarmada. “O que quer dizer?”

“Cê sabe, ele não conseguiram fazer contato por mais de cinco dias.”

“Eu não sei! Contato com o que?”

“Revachol. Explosão. Se foi. Você realmente deveria ler mais o jornal!”

“Você tá b r i n c a n d o?”

Jesper, cego por vingança, ainda não sabe exatamente onde essa mentira vai lhe levar. Ele tem uma ideia, mas agora é tarde demais. A garota está com falta de ar, suas mãos tremendo em pânico. Suas unhas batem nos botões e o display amarelo do rádio brilha na escuridão. O disco gira sob seus dedos, o chiado e os guinchos enchendo os alto falantes enquanto a agulha desliza pelas frequências de ondas curtas. O jornal de notícias estrangeiras fala com um profissionalismo nervoso, tudo misturado. Sua mente cosmopolitana só captura fragmentos horríveis: “Agressor de Mesque,” “Saint-Miro,” “Revachol,” “bomba atômica,” e “metade da população.” A garota treme tão intensamente que Jesper começa a temer por sua saúde. A qualquer momento, a frágil máquina vai só desmontar. Finalmente, uma voz anuncia o número de mortos. A garota colapsa ferida quando a lista de passageiros domésticos do Ministério de Assuntos Estrangeiros é ditada por uma voz particularmente distanciada: “...A famosa cantora Pernilla Lundqvist gravando seu terceiro álbum...” os grandes olhos de Anita estão pretos na escuridão, esbugalhados em terror. Ela grita, “Deus! Minha irmã! Minha irmã tá lá!”

“Sinto muito,” diz Jesper.

“Você tem certeza? Como eles podem ter certeza? Por que eles não estão f a z e n d o nada?” “Eu não sei.” Jesper pega sua maleta.

A garota arfa como um cavalo, sua boca se contorce em um grande e sombrio grito. Aquela boca ameaça engolir o mundo. E assim o faz, porque Jesper não lembra mais nada depois disso. No vácuo do grito, branco, neve branca em espiral, e a sala ecoa das paredes de concreto: “Não vá!” Jesper tem arranhões em seu pulso das unhas dela, ele fecha a porta atrás dele e fica de pé na frente da casa. Está nevando no quintal. Está frio e o vento está assoviando, sua pele está quente com vapor. Ele pega um punhado de neve e esfrega em sua cara. No canto do quintal, na boca do túnel de abetos, tem um veículo automotor preto. Tereesz Machejek sai do carro na luz do automóvel coberto e acena para ele. Jesper, com seu casaco flamulando no vento e uma maleta branca na mão, atravessa o quintal. Os abetos espalham monte de neve na distância, *zig zag dröm*. E então o mundo é tão leve, como se todos os significados tivessem sido tirados dele. Ele não vale mais nada. Jesper sorri.

Está quente no taxi. O veículo balança quando ele senta de frente para Khan. Tereesz fecha a porta e desliza para dentro.

“Como foi?”

“Bom, vamos só dizer que não foi muito bem,” responde Jesper e se recompõe por um momento. “Dirige.”

A noite antes de segunda, sete dias atrás.

A cidade explode da janela do taxi como uma discoteca, e Tereesz treme, e perde a cabeça. Jesper o segura firmemente: “Escuta, ele está tendo convulsões ou algo do tipo. É ruim. Temos que levar ele pro hospital.”

“Tereesz, escuta,” Khan se inclina para seu amigo. “Vamos te levar pro hospital, ok?”

“Não!” Tereesz segura a jaqueta de Khan. “Por favor!”

Os rapazes olham um pro outro confusos e dão de ombros. A cara de Tereesz está pingando de suor. “Você tem que me prometer! Me promete que você não vai me entregar!” Seu queixo treme por um momento e então um olhar vazio vem aos seus olhos, seu corpo endurece como um tronco. “Mas que infernos?” Jesper balança Tereesz e coloca a mão em cima de sua boca.

“Ele tá respirando, sabe, eu sei lá, vamos não levar ele, ok?” “Ê, vamos não levá-lo. Pra sua casa então?”

Jesper dá um pesado suspiro. “Ahhh... ok para minha casa então. Só tem um problema. Uma garota de Revachol tá vindo pra cá depois de amanhã, o que cê acha, ele vai estar bem até lá?”

Khan balança a cabeça mal humorado. “Como vou saber, você conhece algum médico particular?” “Médico particular, Khan! Você não consegue uma licença se não trabalhar em um hospital!”

“Bom, sim, mas eu pensei que talvez *you* pudesse saber de alguém.” “Eu conheço um médico normal,

Khan. Um médico normal serve?” “Um normal serve, não fica bravo.”

O taxi corre por Vaasa de noite. Às vezes Tereesz é o Vendedor de Linóleo, depois Vidkun Hird, depois Deerek Trentmøller, depois Tereesz Machejek novamente. E às vezes ele sente que não está realmente lá mais. A explosão de cores de Vaasa se enchem de tinta preta como uma água-viva, o aquário se escurece. O terno de Tereesz é o mais preto dos pretos. É feita de folhas, lama em pneus de bicicleta, e o céu acima da cidade. Ele endireita suas mangas e ajusta seu nó de gravata. Ele é formal, ele é educado. O terno cheira a lavagem a seco, e então, como guarda-chuvas debaixo de bétulas de cemitério, um *funeral* se abre diante dele. Esperado, temido, todos estão aqui! E no funeral, tem a mãe das garotas, com um véu de cetim preto e elegantes rugas de preocupação debaixo dele. O fabricante de papel Karl Lund segura um guarda-chuva acima da cabeça da mulher. As folhas de bétula tremes, são as chuvas de fim de verão.

Khan e Jesper também estão no funeral. Até a mãe de Khan veio, e a classe toda também. Eles estão muito mais velhos agora. Tereesz não reconhece a maioria deles, mas aquele deve ser Sixten, e aquela é a pequena Olle. Von Fersen está conversando com seu lacaios. E Zigi! O mais bagunceiro menino da escola também está ali, ainda vestindo sua jaqueta preta de couro. E Jesper é o único com um guarda-chuva branco. Tereesz anda pelo funeral, todos falando quietamente, dando tapinhas nas costas. Conforme ele passa, eles acenam respeitosamente para ele. E as garotas estão ali também, debaixo de pilhas de flores, de solo fofo e macio. Elas são fileiras de ossos dos dedos, costelas e clavículas como relíquias. Nada se perdeu, tudo está preservado. Os registros estão claros com em artigo escolar, essa é a *magnum opus* da identificação, e eles vão a ensinar na academia. E um punhado de dentes também – os dentes de bebê de Maj, pérolas da mandíbula de Anni, caninos muito malvados de Målin – tudo está ali, tudo encaixa: toda pequena

obturação, a parte que falta do molar da Anni, do acidente de bicicleta. E o sorriso de estrela de cinema de Charlotte. Alguns gostariam de levar uns dali! Só uma lembrança. Como eles tilintariam em suas mãos, aquelas pedras preciosas! Mas você não deve fazer isso. Não seria profissional.

Um doutor vem e injeta salina, na madrugada de segunda para terça. Tereesz gradualmente recupera a consciência, está frio e tudo no funeral é cinza e prateado-esverdeado. Uma tenda cinza em cima dos arbustos de arônia, um objeto de cristal antiquado na mesa com figuras de fruta. Está quieto. Algo faz barulho nos arbustos como um sinal de rádio. Quando Tereesz acorda, ele entende o que é. Notícias do colapso da Autoestrada Nortenha fez o espaço público ficar ansioso, e ele não deseja colaborar com isso. Tereesz pede a Jesper para sintonizar na rádio clássica. A rádio clássica, dizem, toca música de falecidos homens brancos com perucas, mesmo quando o mundo já acabou faz tempo. Perouse-Mittrecie surge, é lindo de se escutar, como o oceano, hmm... cova. Todos estão dançando devagar, e quanto mais Tereesz pensa nisso, mais claro fica a ele que o funeral nunca vai chegar. A investigação está exausta. Terça de manhã ele está pronto para admitir a si mesmo que eles nunca vão saber o que aconteceu com as crianças Lund.

O salto alto deixa marcas no piso do taxi. A garota cruza suas pernas, unhas pintadas em cor de coral enfileiradas, alças nude passando por seu Serj van Dijks. Um amontoado de gemas brilham no ponto convergente das alças. Elegante, poderia se dizer? Se tivessem alguns cristais vulgares em sapatos de loja de departamento, seria um completo *faux pas*! Mas esse Serj van Dijk aqui – que estamos olhando agora – custa 10,000 real. O outro custa 500 real a mais – manutenção. Um único diamante pulou do delta de Revachol para um lixão, que noite vertiginosa! Além disso, Serj van Dijk em pessoa disse que há uma diferença entre elegância e arrogância. E tendo em vista que Serj desenhou esses sapatos... Tirem suas próprias conclusões.

“Estou indo para Kõrsfall, 130. É meio fora da cidade, não é?”

O número do sapato é 37, e que arco! Como os arcos do Oeste... O Podólogo do círculo de Kexholm daria a eles nove e meio na escala de os trancar no porão. De dez.

O telefone da maleta toca, clica, e o fecho abre. Mas ainda estamos olhando para aqueles Serj van Dijks de dez mil, como as gemas cintilam conforme o pé balança no ritmo do rádio do taxi. Fakkengaff. Não enjoamos disso. “Alô Berenike, querido! Ozonne! Tão bom! Sempre quis fazer algo com eles. Não, não vou ficar muito. Só umas semanas.”

A porta do taxi fecha. O salto de treze centímetros bate no asfalto, está ficando escuro; aqui sempre está ficando escuro ou está escuro, onde o dia foi? Canelas brancas lampejam, e a vista do cubo de concreto se abre no fundo debaixo de abetos. As luzes estão acesas. O musgo cintila, e há congelamento nas poças antes das tempestades de outubro. A maleta afunda no chão perto dos sapatos em frente à porta. A campainha toca. As pernas da *namorada* modelo de Jesper parecem não acabar nunca. Rastejamos sob elas e parece que a ponta da capa boca de sino nunca chegará a nós. Antes da curva traseira, a frota de destruidores-de-mundo de Mesque, preta como uma panela, aparece no horizonte de Revachol. Na capital da moda, eles realmente estão colocando suas mãos sob os olhos pelas dobras dos joelhos de Anite e perguntando, o que é aquela sinistra fumaça de chaminé além do oceano, como nuvens de tempestade?

“Tá aberto!” Jesper exclama. A garota entra e uma grande sala se abre diante dela, cheirando fortemente de tabaco e suor. Jesper atravessa a sala para a janela. Tem um cara no colchão, seu oleosa cabeça marrom cor de batata visível debaixo dos cobertores. O designer de interiores leva a maleta da garota e a introduz para o cara suado e acima do peso

perto dele. O imigrante sorri sem jeito, e então ela aperta sua mão, está muito quente e suada.

“Meu nome é Anita,” a garota introduz a si mesma.

“Eu sou Inayat, mas todo mundo me chama de Khan. Você pode me chamar de Khan também. E esse aqui,” ele aponta para a pilha de cobertores, “esse é meu parceiro Tereesz Machejek. Ele não está se sentindo bem, como pode ver.” Khan acha que foi bem. Poderia ter sido pior: “*Mas que diabos?*” Jesper, por que não me contou que você está namorando uma modelo de verdade! Legal! Se eu tivesse Anita Lundqvist, eu falaria para todo mundo. Ei, me dá um autografo, eu, sua irmã é a Pernilla Lundqvist, certo, me dá o telefone da Pernilla e me mostra seus peitos! Jesper, fala pra ela mostrar os peitos!”

Khan arruína sua jovial introdução com sua risada sobre os “peitos”. Agora ele está olhando para eles, escondidos debaixo da estilosa roupa folgada da garota. “Peitos, peitos, peitos de modelo, peitos de modelo famosa,” ele pensa e ri mais e mais. É claro, ele não percebe quando a garota pergunta sobre Tereesz pela segunda vez .

“Pobrezinho, o que há de errado com ele?”

“Entoxicação alimentar.” Jesper pega no braço da garota e a leva ao quarto para se trocar. Khan usa seu discernimento e fala na porta, “Ei, ok então, te vejo amanhã, certo!”

“Já está saindo? Espera, te chamo um taxi!” “Você e seus taxis, vou andando.”

“Adeus!” a garota fala com uma voz amigável. Conforme Khan anda pela trilha da floresta para o ponto de ônibus, com seu pé esmagando o musgo congelado, a garota veste suas calças na cama. Em sua blusa solta, de estilo boêmio, está a face de Serj van Dijk, e em esquema de cor bicromático revolucionário, cinza e turquesa, como que estampado. O que? Não é pretensioso! Van Dijk é meio que um revolucionário também. Um revolucionário *da moda*. O Mazov do mundo da moda. Só que, ele não manda a burguesia em exílio na taiga do nordeste de Graad, ele vende a ela, cê sabe, roupas.

“Jesper, quem são eles?”

“O que quer dizer?”

“Você nunca me falou desse Khan. E o outro?”

“Tereesz. Eles são só antigos colegas do ensino médio. Acabamos de ter uma reunião. Não te contei sobre isso?”

“Não.”

“Estávamos só lembrando dos velhos tempos. Ei, Tereesz mora em Graad. Ele vai ficar mais algumas noites, eu acho. Você não se importa, certo?”

“É claro que não,” diz a garota, mas ela fareja problema. Ela olha com suspeita para as costas de Jesper enquanto ele faz chá. A recepção deixou a desejar. Um mero beijo. A garota anda brava pelo quarto mas então nota uma caixa de anel na mesa da cabeceira da cama entre os livros. Ah, uma surpresa? É para hoje a noite? A caixa está longe o bastante para Jesper alcançar ela da cama. Poderia ser? Não acho, mas é melhor saber o que está por vir. E além disso – curiosidade! O ânimo imediatamente melhorou. Uma caixa de veludo preta, uma pequena caixa. A garota abre a caixa, clique!

A noite cai sobre Vaasa. No centro da cidade de Königsmalm, um filhote de raposa atravessa o cruzamento. Sua respiração colore o ar de azul, e ele encolhe suas orelhas. A rua está calma e vazia, os prédios do centro com sacadas enfileiradas, e sinaleiros amarelos brilhando nos espelhos das janelas. A metrópole nortenha de noite é uma instalação de luz

– uma linda coisa moderna, mas os visitantes são escassos. O museu de arquitetura real em estilo de Dideridaada paira sobre o rio, e a luz da fachada faz o prédio bilhar dourado. E debaixo, no escuro, a água do rio deriva, brilhante como vodka tirada de um refrigerador. Pontes se curvam sobre ele, com fileiras de lanternas de pérola em suas costas. Um ciclista solitário pedala para casa, com o som da bicicleta balançando e o cheiro de adeus paira no ar. Os letreiros de anúncio nos cantos da loja de departamento entram com zumbido no modo de economia de energia. Uma modelo de lingerie gigante acima do cabo do orelhão sorri e desaparece. Anita Lundqvist. “Criança, se cobre,” diz o diretor do presídio, Sapurmat Knežinski. “Você não tá com frio?” E dois agente da Colaborativa sobem as escadas da delegacia de polícia. “Tereesz Machejek! Onde está Tereesz Machejek? Você prendeu ele quatro dias atrás!” Esse homem é um Homem do Assuntos Internos, Ele é o anjo da morte. “Tereesz quem? Machejek?” O oficial de segurança espera por uma resposta da máquina. “Nós não tivemos ninguém com esse nome por aqui.”

O asfalto brilha. Há uma geada noturna e poças congeladas no chão de Saalem. Casas de madeira se assentam nas calçadas, e o som de passos ecoa da rua. E em algum lugar lá dentro, no porão, Inayat Khan liga as luzes de “Harnankur.” A única fonte de luz é o modelo da aeronave, que se apaga toda vez que acende, revelando o rosto de Khan. As fileiras de luzes nos andares da aeronave são refletidas em seus óculos. Ele tem uma ideia, um lampejo de inspiração – um que só pode ser visto quando todas as outras luzes apagam. Khan esteve esperando por esse momento por dois anos. Ele corta os fios, pega a aeronave como um bebê em um berço, e dança com ela em seus braços. Um mostruário vazio fica no meio do quarto. Os filamentos incandescentes do holofote esfriam do outro lado da rua, no pátio do picadeiro; os bondes à cavalo desaparecem na escuridão. Cavalos dormem em fileiras nos estábulos.

Atravessando as ruas do subúrbio, há cercas brancas com travas de portão. À distancia, o latido de cachorros pode ser ouvido, molduras de janela brilham no escuro, e móveis de madeira para jardim ficam vazios na varanda. Quem fez barulho nos arbustos de rhamnus? A noite cheira a geada, e o medo do futuro assombra os sonhos da família nuclear. E onde Lovisa acaba, a floresta de coníferas começa, e Jesper rola da cama. Anita foi dormir brava, e Jesper está preocupado. Mas não por causa disso. Jesper não consegue achar sua amada xuxinha. Ele esgueira em sua roupa de baixo, olha na mesa da cabeceira e na estante, então coloca um roupão e sai pelas cortinas para a sala de estar. A parede do fundo brilha no escuro por causa das janelas, e o chão é um campo minado – caixas de leite, meias, xícaras cinzeiro – um carangueijo ermitão chamado Tereesz Machejek está se alocando em sua nova caixa.

O agente, com seu nariz contra o vidro, acorda. Jesper serve uma xícara de chá na frente dele. Cheia a hortelã-pimenta.

“Ei! Acorda! Vamos conversar um pouco, sei lá, papear ou algo assim.”

“Ok, mas quero fumar aqui dentro.”

Bocas se movem, explosões de risada são escutadas, e devagar mas constantemente, a aurora começa a aparecer do lado de fora da janela. A pilha de xícaras cinzeiro e xícaras lentamente saem da escuridão.

Atrás das vidraças do café “Cinema,” a luz da manhã penetra. É quarta-feira. Aqueles que acordaram cedo estão andando agitados em Östermalm, a máquina limpadora de ruas está zumbindo, e jornais matutinos estão caindo em fileiras de caixas de correio. O trânsito está em movimento, o operador da máquina está raspando geada do parabrisas.

O copiador no final de seus vinte com um bigode está bebendo café e comendo ovos mexidos. De repente, ele engasga com o café e corre tossindo pro banheiro. O jornal matutino fica aberto na mesa. Na sessão de anúncios, tem uma cópia na caligrafia de Målin Lund que diz, “Tudo está bem. Estamos com o Homem, e gostamos daqui. Nós te amamos.” Debaixo da cópia está o telefone de contato de Khan, e o texto diz, “Gente boa, ainda não é tarde. Se você tem informação sobre essa carta, se você a enviou ou se saba qualquer coisa nova sobre o desaparecimento das crianças Lund – seja o que for – por favor nos contate.”

“Eu gostaria de uma caixa de ‘Astra’ com mentol, não, calma, o ‘Radar’ já chegou?”

“Não, perdão, Sr. Ulv, é essa coisa de evacuação! Nenhum produto novo está chegando mais, eu não sei por quanto tempo posso manter essa loja aberta.”

“Bom, nesse caso, que dá três caixas de ‘Astra’,” diz um jovem de cabelo castanho encaracolado. “Aquele vinho de cassis ali, o quão forte é?”

“Vamos ver, vamos ver.” O vendedor pega uma garrafa empoeirada na prateleira de bebidas. “Hmm. Vinte e três por cento. Destilado puro, eu acho.”

“Excelente. Você tem mais dele?” “Tem dois aqui.”

“Esses e a vodca, ‘Estação Final’. Foi envelhecida no Pálido, certo?”

“Onde mais. Se não tivesse sido, eu levaria eu mesmo para o Pálido, é bem atrás da campina!”

“E uma caixa de fósforos, um caixa, não uma caixinha. E aquelas velas, tem mais? Ah sim! Eu também quero levar esse licor de morango selvagem, esqueci pegar da última vez. Me dá os dois que você tem aí.”

“O segundo é de framboesa, o de morando selvagem acabou.”

“Bom, vou levar ele então. Quer saber? Melhor me dar todo o álcool já que você vai fechar a loja mesmo. E um pouco de linguiça defumada também.”

“T o d o o álcool?”

“Sim, e meia barra de linguiça defumada.”

O jovem de cabelo cacheado anda de bicicleta pela cidade de Lohdu, em Lemminkäinen, na zona imediata de catástrofe entropônica. Garrafas empoeiradas tilintam no reboque, misturadas com caixas de cigarro. E meia barra de linguiça defumada do “Doutor”, embalada em papel. Na rua da vila, as lampadas dos postes brilham como diamantes na escuridão da manhã.

11. SELF-CHILLER

No início dos anos 50, uma jovem mãe observa seu filho de quatro anos, Ulv, no parquinho de Lovisa. É o meio do verão, os choupos derrubam flocos cinzentos e o sol brilha no céu, mas a mãe está preocupada. Outras crianças correm em volta do parquinho, e garotos gritam e puxam o cabelo das meninas. A ponte suspensa do parquinho vibra conforme as crianças pequenas correm em suas tábuas. Abaixo, meninas e meninos constroem uma cidade na parte de madeira de uma caixa de areia. Uma garota gira um pequeno modelo de aeronave em volta duma torre e dois garotos escavam um túnel, um vindo dum lado do morro e o um vindo do outro. O túnel se encontra no meio e os garotos riem em triunfo. A garota está entendiada, ela começa a chorar, e as outras garotas vem perguntar o que há de errado.

Apenas o pequeno Ulv senta sozinho, bem longe, no outro lado da caixa de areia. E quando alguém pergunta a ele o que é a solitária casa que Ulv construiu em seu grande pedaço de pano, mas Ulv não diz nada. O garoto só olha vagamente na distância e dá seu misterioso sorriso de criança. Como se ele fosse de alguma forma... *legal* demais para isso. Um cara legal demais para falar de sua casa com o resto dos patifes. Os outros logo se cansam da arrogância de Ulv e o deixam sozinho. A jovem mãe não entende o porquê do seu filho não ligar em estar na companhia de outros. Mesmo com seus pais, Ulv não trocou mais do que dez palavras. Ele fala, mas só quando está sozinho. Às vezes a mãe escuta ela de outro cômodo e não entende o que há de errado com seu garotinho.

Se escuta um distante desfile de rua, e as batidas de tambor: tum-tum... Ulv senta em orgulhosa solidão no canto da caixa de areia, movendo sua cabeça encaracolada para frente e para trás no ritmo da música. É quase como se ele fosse... *self-chilling*.

É quarta de tarde na floresta perto da casa de Jesper. Dessa Khan está guiando e os outros estão tentando o acompanhar. Ele está altamente cafeinado e não dormiu nada de noite. Até de manhã ele apertou os botões de “Harnankur”, fez café e chamadas de longa-distância, e ouviu músicas tristes até que sua mãe o pediu para abaixar o volume. Khan balança suas mãos enquanto fala, sua jaqueta laranja aberta e um cachecol listrado turquesa-laranja-violeta, nas cores de Iilmaraa, flamulando. Sua mãe o tricotou para o solstício de inverno, e a touca de pom pom para seu aniversário passado. Ele também está nas cores de Iilmaraa. Eles formam um conjunto.

A trilha da floresta passa entre morros, e altos pinheiros em cada lado do caminho. Os três lado a lado – Jesper no lado direito, Tereesz no esquerdo e Khan bem no meio do tufo de grama – eles descem o morro na areia nevada do caminho. A forragem está estampada com pegadas cinzas e barulhentas. Solitários flocos de neve estão voando pelo ar, e a natureza do final de outono cintila.

Khan dá uma boa respirada do ar puro. O musgo se decompõe. Ele bate suas luvas uma na outra, que vão para trás de suas costas como um elástico. “Eu nunca acreditei em uma solução criminal, cê sabe disso. Todo passo para frente é um passo para frente, e nesse sentido, é claro é que bom perseguir o vendedor de linóleo, mas Tereesz, às vezes eu acho que você está coletando esses caras como eu colete souvenirs, entende o que eu digo? Não quero dizer em um sentido depreciativo, é claro.”

Tereesz bafora grande anéis cinzentos de fumaça e faz anéis de “Astra” no meio, que o quieto vento leva para longe. “Não me incomodo, você tá certo também. Você coleta aquelas coisas porque

você acha que vai achar algo das garotas por lá. Eu colete meus monstros pela mesma razão.”

“E o que você coleta, Jesper?” Khan pergunta.

“Eu não colete nada, seus esquisitos. Mas ainda assim é bom um homem ter um hobby. Ei, e agora?”

“Bom, temos que procurar a propriedade de Trentmøller e entrevistar familiares,” Tereesz conta em seus cobertos por luva de couro.

“Mas você viu que ele não fez aquilo, certo?” A trilha da floresta se vira, e forragem marrom clara roça no trilhos como se fosse o cabelo de alguém e farfalham sob o pé de Jesper. “Ou você não tem certeza?”

“Nunca dá pra ter certeza no gabinete psicodélico do Capitão Pepi Popikarnassos,” corta o hiperativo Khan e vira para trás. Andando de costas por alguns passos, ele explica para Tereesz, “Ê por isso que o tribunal não considera ZA/UM como evidência. Ê psicodelia, sabe, não é suficiente por conta própria. A realidade tem que *corresponder*. Tem que ter testemunhas e outras coisas. Ê tudo sem sentido mesmo!”

“Bom, eu não diria que é completamente sem sentido,” Tereesz joga sua bituca de cigarro debaixo das árvores, e a faísca laranja pula. “Mas você está certo sobre Pepi Popikarnassos, as fantasias de seus cobaias e a realidade se misturavam. Parecia pra mim como se fosse mais um... aspecto dele. Um que deixou de existir ou... se eu tiver tempo, vou deixar as autoridades locais investigarem essas coisas.”

“Mas agora, como você diz, é *bastaa*?” Khan pergunta. “Agora, é *bastaa*, sim.”

“Muito bem, pois vamos ser honestos! Qual de vocês quer achar elas em alguma vala? Sério. Não é um objetivo por si só, não vai realizar nada!” Khan sorri e espera por respostas, vendo Tereesz levantar sua mão.

“Eu quero. E é um objetivo por si só. Você já ouviu falar de *resolução*? Aquele conceito.”

Jesper ainda acha que o sintetizador de Pepi Popikarnassos um futurismo de auto-gratificação superestimado. “Você tem algo melhor para oferecer? *Tempus rev*? Vamos fazer direito dessa vez?”

“Não é uma má ideia. Honestamente, eu não diria não.”

“Qualê, Khan, seja razoável.” Tereesz acende outro cigarro, e há o cheiro de enxofre no ar gelado. “O tempo está acabando, perdemos contato com Revachol e Ocidente também. Metade do mundo está com o pé pra trás, se começar uma guerra, todas as investigações vão parar, e documentos, jornais e pessoas podem desaparecer. Temos que trabalhar rápido, amarrar as pontas soltas antes que seja tarde demais.”

Três pequenas silhuetas se movem através de campos cobertos por vegetação, balançando e se movendo enquanto discutem sob um cerca de troncos Gelo deriva junto com o córrego sob o caminho; eles pulam por cima de árvores caídas no túnel escuro da floresta e andam em fila nas campinas brancas. Khan passa pelo arame farpado, e Jesper pula sobre ele como Tereesz. Clareiras ficam para trás, a floresta se afina e há um caminho arenoso debaixo das raízes das árvores, como um pequeno canal. O vento marinho já farfalha acima das copas das árvores, e a extensão da água pode ser sentida no ar.

“Estivemos fazendo o que você queria por muito tempo, e nada veio disso. Me dá uma chance agora,” Khan explica com mais gestos do que palavras.

“Ok, você tá certo de que é um fim da linha,” Tereesz admite. “Mas só nos conta o plano e deixa a gente pensar nele. Se eu achar que algo pode sair disso, então ok, faremos, mas se não, então temos que dar uma pausa.”

“Você não entende,” Khan dá de ombros. “Se você falar não, nunca saberemos. Não há mais opções agora. Não posso arriscar você dizer não. Vamos fazer uma pequena viagem antes, hein? Vamos falar com um profissional. Deveríamos ter contatado ele muito tempo atrás; é urgente agora.”

“Como assim não temos mais nenhuma opção?” Jesper não entende. “Mas e sobre as cartas da Målin? Alguém tem que ter enviado elas, a caligrafia batia, naquela idade pode ter tido algum desenvolvimento dela. Se alguém de treze anos escreve, sua caligrafia pode não ser 100% igual aos quinze, 95% é bem promissor; Eu li sobre isso. Certo, Tereesz?”

“Sim-sim, tá certo,” Khan se intromete. “Mas quer saber? Eu tenho uma ideia de como podemos endireitar isso. Só não podemos ficar esperando *agora*. Temos que agir, de imediato!”

“Que ideia?”

“Bom, eu coloquei um anúncio no jornal.”

Tereesz anda em seu casaco rabo de peixe em estilo dos anos 50, ele parece um verdadeiro kojko, e sua boca está levemente aberta enquanto pensa. “Essa pode não ser uma má ideia, quando você fez o anúncio?”

“Eu o submeti antes de ontem; deve sair hoje. Coloquei seu número lá também, Jesper, caso não esteja em casa.”

“E o que escreveu lá?”

“Que se alguém tiver alguma informação, apareça, nada de mal vai acontecer, nos ajude, cê sabe!”

“Algo assim pode ser mais efetivo do que imagina,” Tereesz explica a Jesper. “Especialmente com coisas antigas como isso. Mas você vai ter que pescar em colunas diferentes por meses e meses. Onde você colocou ele?”

“Em Dagens e Kapitalist. Eu não tinha mais dinheiro. A propósito, você dois me devem cinquenta cada. E pelo conselheiro que estou recomendando, ele precisa também. E pela viagem. Você deve levar pelo menos cem, ele é bem caro, muito bem avaliado. Estive esperando muito tempo por isso, lendo sobre ele...”

Jesper fica impaciente. Primeiro, ele definitivamente não quer ir a lugar algum agora, e segundo, ele já imagina o dinheiro de quem que está em jogo aqui. Khan vive da pensão de seu pai, que morreu em uma plataforma de petróleo, e se Tereesz não começar uma investigação, não vai receber nada. “Escuta, desembucha, de que conselheiro estamos falando aqui?”

Três silhuetas chegam na beira do morro. A extensão do mar os encontra, atrás da campina seca. A forragem está salpicada com neve branca, e um solitário grupo de pinheiros treme no vento. O céu escurece conforme os homens se aproximam da beirada do morro. Jesper levanta a gola de seu casaco, o som da água está ficando mais alto em seus ouvidos. Ele frequentemente anda esses seis quilômetros sozinho. Desse lugar, eles conseguem ver o que tanto queriam – a faixa da praia de Charlottesjäl brilhando azul no outro lado da baía, na nevada distância.

Khan se inclina na cerca de madeira e olha para baixo. As ondas batem na parede rochosa, a água se curva e a crista branca quebra em um milhão de amontoados de espuma. Gotas nos óculos do homem embaçam sua visão. Jesper aprecia as ondas de outono, elas vem

apenas uma vez por ano e agora ele tem um plano claro. Vamos. Ele vai dizer à garota que está indo também, e vai pensar em algo diferente para os outros dois. Ele mede o vento.

“Self-chiller,” diz Khan, “é a última chance de falar com sobre as garotas.”

Jesper começa a rir, mas Tereesz está sério.

“Calma-calma! Ele confirmou os esqueletos de Adabanaizi e Dobrega com uma precisão de menos de um quilômetro,” Khan explica. “O que mais? Dois anos atrás, eles seguiram sua dica para achar Cornelius Gurdi em Corpus Mundi. A corrente que ele trouxe já afundou no Pálido, mas acham as louças de Gurdi e uma fogueira por perto. Depois de cem anos de referências! O Self-chiller, Jesper, vive em Lemminkäinen, numa casa de campo na floresta, e nós vamos pra lá.

Está nevando no mar cinza cor de chumbo, e a temperatura é zero; o vento da baía tem menos de dez metros por segundo, e nas duas próximas semanas veremos tempestades em Cato Ocidental, bem na beira do Pálido, causando ondas no oceano. Uma janela de duas semanas, condições perfeitas. Jesper já sente como a massa de água na praia de Charlottesjäl, dez quilômetros dali, quebra em ondas. Ondas se movem perante seus olhos, longas e estáveis, como lindos pensamentos.

“Ok,” diz Jesper, “mas tenho uma conferência. Coisa de design. Da quinta até sábado. E a propósito: ir a Lemminkäinen não é uma boa ideia agora. Ou talvez vocês não saibam?”

O pequeno Ulv tem nove anos quando a música de dança moderna nasceu em Oranje. Johan Hauer, Rietveld, e Arno van Eyck tocam discos em dormitórios de universidades; em Vesper, em Viderund, a primeira discoteca do mundo, “Das Baum,” abre; em uma noite de verão no quarteirão de fliperamas de Messina, depois do *set* mais épico da história da humanidade, a multidão em êxtase coroa Theo van Kok como imaculado. Ulv vai para casa da escola com uma mochila nas costas. Ele está na quarta série, sentando sozinho no fundo da sala pois Ulv não se importa com o que o professor está falando. Matemática e ciência não interessam Ulv. Garotas estúpidas não interessam Ulv; só uma coisa no mundo interessa ele. Com sua boca aberta, ele para na frente da porta do Fonopoe no caminho para sua casa em Västermalm, onde amantes de música vão e vem. O remix de coma de Theo van Kok toca em um som antigo, e amantes de música assistem o pequeno Ulv dançar como se estivesse possuído. Lágrimas fluem nas bochechas de Ulv, e o mundo inteiro desaparece. Todo mundo ri e olha em admiração conforme o garotinho pula e se rebate, balança, bufa, acena e ruge, “Uou, isso não é o máximo?!” Ele bate suas mãos e seus pés no ar, bate no capô do carro com suas mãos, e só não consegue entender: “Como isso pode ser tão bom?! Isso não pode ser tão bom!!!” Um vendedor como uma suéter da moda sai da loja; do Pálido de coisas perdidas, do coma ecoando pela história humana, Ulv se aproxima do jovem, e ele dá a Ulv uma fita de Estéreo 8. “Theo van Kok/” diz a capa, “*Comte de Perouse-Mittrecie*.” Essa foi a primeira e última vez na vida de Ulv em que uma pessoa viva foi de valor a ele.

O pneu ranhurado do veículo automotor está girando e a neve está fazendo barulho debaixo das rodas, mas Inayat Khan não está ali. Ele tem treze anos e está saindo para a varanda da casa de veraneio do pai de Tereesz, indo em direção ao poper de maçãs. Está escuro, e grilhos estão cantando. O self-chiller coloca uma fita de Estéreo 8 no tocador, e dois discos de plástico começam a girar. O *teste de som* está em andamento, mas a noite de Junho está quieta, e a música não vai longe. Isso é vinte anos depois e bem longe de Inayat Khan. O ar está repleto de aromas, e ele se aproxima do garoto como um espírito de debaixo das árvores, circula em volta

de seus joelhos, e cheira como maçãs de amadurecimento precoce. Khan pisa descalço na grama orvalhada. Os garotos estão dormindo lá dentro, no segundo andar, mas ele não consegue dormir. Eles foram trabalhar juntos sete e meia da manhã. O corpo de Khan está cansado por causa da construção, mas seu coração está inquieto. O dinheiro não é suficiente. O traficante Zigi estava falando de quantias astronômicas no telefone. 300 réal. Jesper levou sua coleção de romances de aventura “Homem de Hjelmvall” para o sebo, depois de muita persuasão. Khan vendeu seus binóculos.

Câmaras de combustão de dezesseis tempos estão a todo vapor no coração da máquina; na longínqua Lemminkäinen, as janelas da casa de fazenda treme no ritmo do baixo. *Checa, checa...* Mas Inayat Khan não está ali. Uma maçã cai no chão na sua frente. O pequeno Inayat limpa a maçã com sua manga e sente no banco de jardim. Ele morde a fruta e sente uma doce dor em seu coração, fazendo com que seja difícil respirar. É o sentimento possibilidade passando que cresce o dia todo e faz ser sentida de noite. “Fala... você tem sempre umas apresentações tão legais. De história e ciência natural...” Olhos verde-escuros, incrivelmente gentis e muito interessados. Você tem certeza, Khan? Tente ser razoável; não há motivo em se rebaixar por nada.

O capô está fumegando, a correia do motor está correndo, e a fita está deslizando pelo leitor magnético. Mas ainda está quieto no pomar de maçãs. Inayat Khan não acredita em Deus, especificamente. Deus foi supostamente inventado por alguém chamado Pius, mais de três mil anos atrás em Iilmaraa. Talvez. Mas agora Khan joga o miolo da maçã nos arbustos, junta suas mãos e reza.

“Por favor faça amável para Målin. Deus, por favor me faça *muito* amável para ela, só não... cê sabe, você é Deus afinal. Eu prometo que então não vou mais achar que algum homem – Pius, de Perikarnassus – te inventou. Eu prometo que você existiu desde o começo do tempo e desenhou o céu e a terra com seu... hã... compasso dourado ou algo assim. Perdão, Deus, por brincar assim com você, mas veja, é bem difícil para mim acreditar que você existe se não sou amável para Målin Lund.”

Khan olha para o céu. Na escuridão de seu coração, amor gira e se espalha como estrelas. Amor, como um gato de pelo macio, se enrola em seu estômago. Para ele, amor é também o medo da perda.

O brilho vermelho dos faróis traseiros mancham a neve com sangue, o escapamento crepita. Os pneus ranhurados zumbem na neve e o motor ruge por um momento. Troca de marcha. O tom aumenta. A aceleração pressiona o motorista endiabrado em seu assento. Os dedos do jovem estão congelados nas alavancas e os óculos de corrida estão em sua cabeça, ele veste um capacete de condução. A estrada de montanha não iluminada é refletida na superfície dura dos óculos e desaparece sob as rodas.

A atmosfera está girando acima da zona de catástrofe entropônica de Lemminkäinen. Cadeias escuras de montanhas com picos nevados cortam o horizonte, com seus dentes expostos como os de um Vendedor de Linóleo. No vale abaixo, clareiras e florestas de abetos se alongam, enquanto um veículo automotor preto acelera pela estrada sinuosa a cento e cinquenta quilômetros por hora.

“Nossa, isso é m a n e i r o!” Khan exclama. Tereesz acena, com a fumaça do motor enchendo o ar gelado da cabine, que é industrial e ácida. O agente olha para fora da janela, vendo os postes de estrada cobertos de neve voarem pela tempestade. No vale abaixo, uma massa branca surge, pontilhada por clareiras. Khan pula para o banco oposto, perto de Tereesz, e toma o último gole da garrafa de vinho. A bebida forte atropela seus sentidos, e ele embarra na parede da cabine.

“Acabou,” ele mostra a Tereesz a garrafa vazia. Outra garrafa de vinho com sabor de frutinhas aparece na mão de Khan. A tampinha de torção pula com um giro. “Açúcar: 25%,” ele mói o açúcar entre seus dentes. Na distância, no declive oposto, luzes oscilantes brilham no escuro. Todos os outros veículos estão movendo na direção oposta, longe da catástrofe entropométrica, desde quarta à noite. Foi nesse dia que Khan, Agente Machejek, e o motorista de taxi doido Kenni – só Kenni – saíram de Vaasa:

“Qual seu nome?”

“Kenni.”

“Kenni kuka?”

“Vain Kenni.”

“*Kattoo, entroponeetisen romahduksen vyöhyke! Ei voi olla, kuusetkin rupee taivaasen ajautumaan, saa-ta-na, ihan kuin ne sanoi, sen kyllä täytyy nähdää! Ja talot myös!*”⁴ grita Kenni do assento de motorista.

“Como você tá?” Khan grita de volta. Ele, ao contrário de Tereesz, ainda fica um pouco preocupado quando a máquina balança, e na escuridão, no brilho amarelo do velocímetro, ele vê a agulha marcar cento e setenta.

“*Hienosti menee, ihan hienosti, en huolehdi ollenkaan!*”⁵

“E a estrada, como está a estrada?”

“*Että mikä, tiekö? Ei, hyvin on, en huolehdi ollenkaan.*”⁶

Kenni não *huolehdi ollenkaan*⁷. Kenni quer vinho com sabor de frutinhas ao invés disso, e quando Khan acha que Kenni não deveria dirigir bêbado, Kenni diz: “*Älä huolehdi, beleza? Mä oon puolet tiet juonu jo, muuten mä nukahtaisin. Se autta mua keskitymään, kato!*”⁸

A estrada continua sinuosa através dos declives das montanhas, em meio aos abetos. Kenni se inclina para frente para se manter na pista durante as curvas. Khan só se sente seguro quando o veículo automotor entra fundo na floresta que acompanha a rua da vila. O som de neve sendo esmagada debaixo das rodas e o motor tentando acompanhar, as janelas cobertas em círculos de flocos de neve. As paredes da escura floresta vibram atrás dos faróis. De repente, Kenni vai para o lado esquerdo da pista, e Khan pula de volta para seu próprio lado. O carro voa por uma van vermelha da Graad Telecomunicações. O equipe do jornal acena a Khan de por trás de seus próprios faróis cobertos por neve e Khan acena de volta.

Pelos últimos dois dias, Khan esteve bebendo com Tereesz na cabine. O motorista se recusa a fazer paradas. Kenni quer quebrar um recorde. Ele tem um cronômetro em sua mão. E esse tempo todo eles veem todo o trânsito vindo da direção contrária. Dois mil quilômetros de Vaasa, e o engarrafamento no lado oposto da pista continua. Pessoas dos arredores viajam para as cidades e visitam parentes. Do rádio do carro, ele sabem que o mesmo pânico está acontecendo em toda Katla. Arda é o lugar para onde todo mundo vai, com sua estação de trem magnético em Norrköping. Até Jelinkas, perto da caída Autoestrada

⁴ (Original em Finlandês) “Kenni.” / “Kenni o que?” / “Só Kenni.” / “Céus, a zona de catástrofe entropométrica! Não pode ser, os abetos estão se inclinando para o céu, saa-tan, bem como disseram, você tem que ver! E as casas também!”

⁵ (Original em Finlandês) “Tá indo bem, tá indo bem, não estou nada preocupado!”

⁶ (Original em Finlandês) “O que, a estrada?” Não, tá de boa, não estou nada preocupado.”

⁷ (Original em Finlandês) “se preocupa nenhum pouco”

⁸ (Original em Finlandês) “Não se preocupe, beleza? Eu estou meio bêbado já, caso contrário vou acabar dormindo. Me ajuda a focar, cara!”

Nortenha, vendeu todos os bilhetes pelos próximos dois meses. Não há escapatória, melhor mesmo atravessar o platô boreal.

Lentamente, a janela lateral se transformou em paisagem abobadada com cumes nebulosos escorregando no horizonte, e florestas de abeto se rastejando. Tarde da noite, o veículo automotor pegou a autoestrada, mas o trânsito do outro lado não afinou; só a estrada caiu junto com os pilares, no meio dos campos onde a neve engrossava, e os campos brilharam com ela. Khan caiu em um profundo sono, sua mão apoiada na janela lateral, e na frente deles, no escuro, um mar de diamantes dos faróis brilhou em um lado da estrada, e no outro lado, uma autoestrada fria e vazia. Só um par de faróis traseiros acelerava em direção a Lemminkäinen. E elas eram acompanhadas apenas por comboios militares e veículos de agências estrangeiras de notícia, com antenas de rádio em seus tetos.

De manhã, ele abriu seus olhos e viu uma vila abandonada do lado de fora do veículo. Fios elétricos balançavam entre os postes, e na rua vazia da vila, uma garota do campo andava em sua bicicleta. Ela vestia uma saia longa e uma jaqueta. A garota do campo olha para Khan direto nos olhos, com os refletores nas rodas de sua bicicleta brilhando. Estavam a 1500 quilômetros da borda de Vaasa, e mais 1500 estavam à frente. Kenni dirigiu devagar, e da cabine, você podia ouvir o gelo quebrando debaixo das rodas e virando poças. A garota acenou e virou numa rua alternativa nos arredores do assentamento. A escuridão da floresta a engoliu, e a luz traseira da bicicleta piscou em ritmo com o dínamo. A neve já estava caindo pesadamente no túnel de árvores à frente. Então eles foram – Inayat Khan e Tereesz Machejek, com Kenni, só Kenni, o cara mais durão do pátio de taxis. Por algumas horas, os garotos sentaram quietamente e assistiram Suru passar na luz fraca. As frias estrelas dos postes de luz se acenderam na distância, e o aço ondulado nos tetos das casas caíram para a eternidade. Conforme a noite se aproximou, o nave ficou mais grossa. Os dentes de serra das montanhas surgiram no horizonte, vilas se tornaram cada vez mais raras, e Tereesz sugeriu abrir uma garrafa de vinho sabor frutinhas.

“De outra forma ficará depressivo.”

Nas sombrias montanhas à frente, eles frequentemente viram aeronaves militares no céu. Uma vez, um pássaro de metal passou bem por cima da ponte, tentando os pegar em seu holofote; a rajada de vento ameaçou capotar o carro. Mas então o pássaro se foi. Apenas suas luzes ainda planavam sobre a escuridão da floresta. Isso é chamado de evacuação.

O ponto de controle ficou abandonado na beira da estrada, as letras brilhando “LEMMINKÄINEN” acima dele. Na rua havia uma barreira militar feita de blocos de concreto. Kenni pôs correntes de neve nas rodas e dirigiu em volta da barreira, desenraizando metade do campo. A órbita do inverno, sempre nevada a partir dali, ficou atrás com o ponto de controle. O asfalto desapareceu gradualmente, e famílias em trenós vinham em sua direção, por estradas de cascalho nevado. Ver o Pálido crescer atrás deles com seus próprios olhos, desde a infância, é o grande privilégio deles. Cavalos puxavam os trenós, e famílias de passagem, com todos seus bens, acenavam para o homenzinho engraçado com pele amarelo-escura e óculos grossos.

“É tão estranho, eles estão sempre acenando.” Diz Khan, e a van da Graad Telecomunicações está bem atrás, debaixo de uma nuvem de neve deixada pelas rodas do automóvel de Kenni. Mais nenhum farol brilha na floresta escura. Apenas aqueles que querem ficar aqui restam nessas fazendas, estradas e lojas de vila fechadas. Na escuridão, paira o Pálido.

“*Kuuletko sen?*” pergunta Kenni, “*Harmaa... se on nyt varmastikin harmaa! Mua vähän huolestutta.*”⁹

⁹ (Original em Finlandês) “Consegue escutar?” / “O Pálido... é definitivamente o Pálido! Estou um pouco preocupado.”

Tereesz e Khan escutam. E, de fato, há um novo som crescendo através do vento, um quieto ressonar doentio e crepitante. Como uma onda quebrando, devagar, devagar... Para Khan, parece o início de uma música. Ele a escutou em um sonho.

“Não estou mais na PoCo, eles me demitiram,” Tereesz exclama, bêbado, suas mãos na frente de sua boca agindo como um megafone.

“Quê?” Khan não consegue ouvir da primeira vez, com o ruído hipnotizante. Ele sente os pelos do seu corpo levantarem e calafrios passam por sua espinha como se ele tivesse acabado de tirar seu suéter em uma sala gelada.

“Eles me demitiram da Polícia Colaborativa!”

“Eu sei!” Khan exclama, dando a Tereesz um vinho sabor frutinhas. “Você esteve mostrando o distintivo de alguém chamado Somerset Ulrich o caminho todo!”

“Como soube?” O cheiro de álcool sobe da boca de Tereesz para o ar gelado da cabine.

“Porque todos os guardas dos pontos de controle chamam você de Senhor Ulrich, e Agente Ulrich, e Somerset Ulrich.”

“É um agente desaparecido do qual peguei os documentos. Eu tenho mais.” Tereesz dá um gole, seus lábios corando e líquido pegajoso pingando da boca da garrafa para sua camisa. “Documentos, no caso. E agentes desaparecidos. Em Kronstadt em coloquei “Machejek”, caso contrário eles não seguir as pistas. Eu pensei em levar Somerset Ulrich para Lemminkäinen e deixar a trilha, venham me pegar se puderem!”

“Você é um homem procurado, ou...?”

“Sim, sim, eu não te contei, hein? Algum cara teve um ataque do coração com aquilo!” “ZA/ UM, ou...?”

“Sim, isso,” diz Tereesz, e na sua frente ele vê o ás do rali Kenni, uma massa escura de neve subindo lentamente para o céu. A terra treme e crepita conforme os abetos são arrancados pelas raízes. A madeira grita, assim como as rochas encharcadas, como em um cadeira de dentista. A pedra de calcário voa pelo ar, e bem acima, na escuridão, as primeiras árvores são embrulhadas no Pálido.

Dois anos atrás.

Khan ouve o telefone tocando enquanto dorme. É uma voz fria e não familiar, um falso despertar. Ele abre seus olhos no porão de sua mãe e se levanta, vestindo apenas suas calças de pijama e chinelos. Ele sente que algo está diferente, mas vai ainda assim. O porão à sua volta está estranho por causa do sono, as coisas estão nos lugares errados. Nadja Harnankur sorri horivelmente em seu pingente, Gon-Tzu segura um pêssego da imortalidade ao invés de uma bússola, ele está mofado.

No meio da sala, um mostruário de vidro vazio brilha na mesa. Khan não ousa olhar naquela direção, há algo que ele não lembra em seu vazio. Algo de errado. Em como o telefone toca também – a maneira como soa através da escuridão do apartamento, do corredor do andar de cima.

Ele sobe as escadas, o corredor está dormindo à sua volta, e o telefone toca na parede. Ele estica sua mão, com medo. Sua palma sua no plástico do receptor, algo o proíbe de atender. Mas ele deve, é importante, cada coisinha importa. Então ele tira o telefone do gancho e o corredor se enche com estática do Pálido. Machuca seu ouvido perto do receptor.

“Alô?” Khan pergunta.

Mas ninguém atende.

“Alô, quem é? Por favor me diz quem você é!” ele repete, e cada vez mais a voz do homem se torna mais suplicante e a estática mais alta. Até que ela o ensurdece, a pressão interna em seu ouvido se torna oblíqua, deixando apenas a vibração de origem desconhecida em seu núcleo. O silêncio passa pela carne e ossos como ondas. É gelado.

“Por favor,” grandes lágrimas escorrem dos olhos de Khan. “Me diz quem você é...”

“Você sabe quem eu sou.” A vibração emite a voz de uma criança, dizendo coisas terríveis. Khan começa a tremer e cai bruscamente no canto do corredor, com o receptor em mãos.

“Não é você, não é você!” ele grita. O corpo real do homem treme com sua mente. Ele acorda e chora em sua cama. Seu ouvido zumba e o sonho continua em vigília, apenas o modelo de aeronave está de volta no mostruário, Nadja não sorri mais, e Gon-Tzu segura a bússola.

No topo do mostruário estão sanduíches de queijo desidratado de sua mãe, e café frio. E um envelope – uma correspondência magnética matutina de Graad. “Sarjan Ambartsumjan” está escrito no remetente, e dentro há uma única chave, dourada e imensuravelmente complexa.

Lhe restam dois anos.

12. ZIGI

Dezenove anos atrás, no final do outono. É 8:15 e Khan está atrasado para a escola. Ele se apressa pelo centro da cidade em Königsmalm. As fileiras brancas de trânsito brilham na escuridão da manhã, e grossa chuva com neve cai com força. O garoto corre com sua mochila, através da faixa de pedestre, a buzina estronda e um carro passa rapidamente. Ele quase é atropelado. A chuva com neve entra em seus olhos, e derrete em suas bochechas e touca de lã. Khan sobe as escadas para a porta da frente, quando algo o para em seu caminho. O zelador da escola está esfregando uma grande letra “O” no canto da fachada da escola, junto com uma faxineira. A letra é tão grande como a faxineira. Um policial balança a cabeça e olha para a parede onde um enorme slogan diz: “O MUNDO TODO ESTÁ NA ZONA IMEDIATA DE UMA CATÁSTROFE ENTROPONÉTICA”.

Zigi é esse tipo de garoto.

Zigi é o pior garoto da escola. Zigi é tão mau que alguns diriam que Zigi é mau *demais*. “Ele está no segundo ano do ensino médio, mas quer saber? Ele veio pra cá de outra escola, e Sixten conhece alguém de lá, e ele disse que Zigi foi para a escola deles de outra escola também. Adivinha em qual ano Zigi estava! Exatamente! Segundo ano também. Eu juro. E sabe o que mais? Aquela escola na qual ele estava antes... ele estava no segundo ano também!” A mãe de Zigi é uma alegre mulher de Vaasa, ela trabalha do Ministério da Educação e se dá bem com a mãe das garotas Lund. É por isso que o garoto pode ir pra escola no centro da cidade, mesmo tendo sido suspenso duas vezes. Em casa, ele tem pilhas de cadernos com todo tipo de máquinas de demarcação, mapas de cidade e trajetórias, mas Zigi não quer que você saiba isso sobre ele.

O pai de Zigi é um niilista, um kojko e um bêbado. Zigi se orgulha muito disso: “Meu pai? Ah, eu não sei. Nihilista... kojko... um bêbado... o nome verdadeiro de Zigi é Zygismunt Berg. Tereesz uma vez viu ele no banheiro masculino, levantou sua mão esquerda com punho cerrado e disse, “Frantiček o Valente!” Zigi não disse nada. Zigi mijou. Então Zigi foi para a porta e parou por um momento. Os fechos na jaqueta de couro chacoalharam.

“Ei, cara, escuta!”

“Sim?”

“Enfia seu Frantiček o Valente no cu.” Zigi é um niilista e também um comunista. Se necessário.

A palavra “burguês” sai de sua língua como um canivete borboleta: “burguês”, “burguesa”, “arte burguesa”, “opinião pequeno-burguesa”, “você é burguês”, “seus pais burgueses”, “seus pais são burgueses”, “é porque seus pais são burgueses”, “é porque você é uma burguesa, Ann (Zigi também chama professores por seus primeiros nomes)”, “larva burguesa”, “cadelinha burguesa”, “pederastia é uma doença burguesa, pederastas são burgueses”. Zigi leu livros e é familiar com os mais bonitos nomes da burguesia: “pursui”, “*bourgeois*”, “*petit-bourgeois*”, “burguês”, “cúlaque”, “classe média”, “arrendador”, “latifundiário...”

Sua influência é enorme. Um garota da quarta série com rabos de cavalo chega em casa e pergunta: “Pai, por que a social democracia é tão fraca?”

“Onde você ouviu isso?”

“Zigi disse que a social democracia é fraca e o comunismo é poderoso. Por que não temos comunismo, pai?”

Mas acima de tudo, Zigi é um niilista. Ele lê materialismo dialético, diz que animais são autômatos, é um fã de behaviorismo, e adora o Pálido e a inspiração niilista de Mesque, Ambrosius Saint-Miro. “Se você tivesse um pouco de coragem, você iria para Saint-Miro também,” Zigi fala sobre sua terra natal em fervor revolucionário. Isso não é mais uma parte de Zigi. Zigi não tem uma terra natal. Seu professor de geografia o mandou para a sala do diretor, e Zigi parou na porta, os fechos em sua jaqueta de couro chacoalhando: “Veremos você no Pálido,” ele disse, e passou seu dedo indicador por sua garganta. Quando a escola ainda não discutia entropônica, muito se reuniam em volta de Zigi durante o intervalo, e o corredor ecoava com suas meias-verdades. “O Pálido é feito do passado,” ele disse. “Todas as coisas perdidas são misturadas ali, tristes e abandonadas. O Pálido é a memória do mundo sobre o mundo. Se acumula no final da matéria e varre tudo em seu caminho. Isso é chamado de colapso entropônico.”

“Mas quando isso vai acontecer,
Zigi?” “Sim, Zigi, quando?”

“Durante seu tempo de vida, pequena Olle. Ou ao menos eu espero que sim. História engole o presente, o mundo feito de matéria desaparece, *desaparecido*... Por isso que não faz sentido para nossa geração ir pra escola, não haverá futuro. Quando você crescer, não tenha filhos como seus pais burgueses subdesenvolvidos. Você vai acabar vendo eles morrerem e é isso. Comparado com o Pálido, só há um pouquinho do mundo sobrando! Eventualmente, as ilhas vão afundar, milhares de quilômetros quadrados de terra, você vai entender. Como um navio afundando no Pálido. Vuhhhh...” Zigi faz um barco afundando com suas mãos, os fechos de sua jaqueta de couro chacoalham e as crianças suspiram em surpresa. “Não se preocupe, Olle, será o destaque de toda a humanidade.

Zigi está fumando. No banheiro da escola, no canto do cabideiro. Zigi tem uma banda de *sprechgesang*, e o líder do grupo de hobbies cometeu um grande erro quando deixou Zigi tocar durante o solstício de inverno. Zigi fez o *sprechgesang* como uma metralhadora. Quatrocentas balas por minuto...

Gancho:

“Fume cigarros! No banheiro da escola, no canto do cabideiro,
Abraq adabra, no saguão (*oh yeah!*) na fila do almoço.

Primeiro verso:

É uma manhã horrível, está escuro, cansada de ser,
Está nevando, meus ânimos estão baixos, e bem no canto da minha casa (*A mãe não consegue ver!*)
Um cigarro na minha frente, hmmm... você entendeu, estou ficando meio
chique. Um cigarro na minha frente, está quente lá dentro, e tudo desaparece!

Gancho:

Abraq adabra, banheiro da escola, canto do cabideiro.
abraq adabra, desaparece como o mundo.”

E por aí vai. Em janeiro, Zigi foi expulso da escola. E lembre-se, não foi por causa de suas rimas obscuras. No tolerante ambiente educacional de Vaasa nos anos cinquenta, essa maneira de *sprechgesang* era vista mais como uma parte natural do processo de amadurecimento. A

questão é que Zigi era um traficante. É por isso que ele vinha para a escola, em primeiro lugar. Ninguém esperava algo assim na época e Zigi estava mais que ciente disso. Ele agiu sem medo, no meio da sala de aula, falando sobre suas vendas em alto e bom som, dando amostras, colhendo os resultados da inocência de Vaasa como Vidkun Hird ou o Vendedor de Linóleo. Ele usava também, vinha para aula drogado, ele era um anacronista, vinte anos à frente de seu tempo. Zygismunt Berg era uma mancha preta ondulante.

Então, quando a polícia finalmente o pegou, Zygismunt imigrou para Graad, para seu pai. Ele desapareceu do radar. Uns anos depois, seu corpo carbonizado foi achado na fôrnalha de um bloco de apartamentos particularmente depressivo.

13. CASAMENTO QUÍMICO

Com uma mecha de cabelo loiro incomodando seu olho, com sobrancelhas enrugadas pelo sol, o pequeno Jesper de la Guardie está no terminal de transporte de sua consciência eterna. Tudo é levado para cá, e tudo sai daqui. Ele veste uma roupa branca de marinheiro para a ocasião, com um chapéu de marinheiro listrado azul-marinho em sua mão, nervosamente o entortando. Jesper tem treze anos de idade, com um abridor de garrafa em seu bolso, um lenço monogramado, vinte e quatro pílulas de anfetamina e um buquê de lírios no banco perto dele. Todo o tempo anterior flui nesse lugar, o parada de bonde de Charlottesjäl, e tudo o que se segue sai daqui. É primeiro de julho, ano 52, e Jesper está na beira de uma tardezinha de verão, debaixo do arco branco do pavilhão de espera **funk!**. Ele está temeroso, enquanto se ouve o chacoalhar dos vagões conforme o montanha russa gradualmente levanta ele por sua rampa de aceleração desde do último domingo. E assim foi a semana toda: o altura, o sentimento de vertigem logo à frente. E para cair, ele está indescritivelmente animado. O primeiro bonde vem, mas não há garotas nele. O garoto sente um estranho alívio, como quando ele era baixo demais para a Steel Mountains três anos atrás no parque de diversões de Revachol. O perigo passou. Mas ainda assim, até o próximo bonde traz passageiros ao ponto, e não há garotas entre eles. O sentimento revira seu estômago - desapontamento. E se elas não vierem? É oito e meia, e elas deveriam estar aqui uma hora atrás. “Você tem que ser pelo menos dessa altura para andar na Steel Mountains, garotinho.” Jesper fica na ponta dos pés e toma um gole de cerveja para ter coragem. Cerveja é uma ideia terrível, ele sabe disso. Cerveja faz você cheirar a lúpulo.

“Essa é uma péssima ideia, Tereesz. Cerveja fede, garotas odeiam cerveja!” Mas depois de uma semana de trabalho em obra, um pagamento de trezentos real para Zigi, o pior garoto da escola, para receber as pílulas místicas... depois de comprar baterias para o toca fitas, flores, e sabe-se Deus o que mais, Tereesz estava certo. Ele disse, “Não temos mais recursos, Jesper, e não podemos ir pra lá secos... só não podemos.” Então eles pararam na frente da barraca de cerveja, um prestativo barqueiro lambeu seus beijos e sonhou com sua parte. O vendedor olhou para os três garotos travessos de canto de olho e os garotos assistiam o líquido espumante fluir da cisterna para copos de papel.

“É como mijo,” comentou Jesper.

Khan pegou a garrafa de meio litro em sua mãos e assistiu Jesper tamborilar seus dedos sobre a borda de seu chapéu de marinheiro. “Cala boca e bebe, suas mãos estão tremendo,” Khan disse.

“Hm... você esteve bebendo mijo, se não me engano?” Jesper respondeu provocativamente e cheirou sua bebida. “Nós pensamos que manteríamos a fachada de virgindade, mas aí está você, fedendo elegantemente a m i j o!”

Khan, com baixa tolerância a piadas, riu enquanto bebia a cerveja fedida. Agora ele anda nervosamente pela parada, chutando pedrinhas pela rua. De vez em quando, um banhista joga um olhar desagradável a ele do outro lado da rua quando uma pedra acerta suas pernas. O garoto se desculpa e tenta secar a frente de sua camisa na brisa do mar, onde a mancha de cerveja ainda está secando.

“Tá fedendo? Jesper, me diz, dá pra notar?”

“Fede, sim, cheira muito mal, e dá pra notar também. Olha, quando o próximo bonde chega?”

“Vai chegar às nove, mais vinte minutos.”

“Não, não me *fala*, vai olhar!” Jesper se livra de Khan e esvazia seu copo. O copo de papel voa em direção à lata de lixo e rebate em sua borda. “Droga!”

Tereesz, manchado pela sol como um demônio da obra, dobra seus joelhos e dança em seus sapatos que estão amarrados em seus tornozelos. Ele tem um toca fitas portátil com alças de couro em suas costas. O relevo plástico cor de creme diz corajosamente “Mono.” O aparelho é enorme e pesa mais que uma pilha de tijolos. Em suas mãos, Tereesz joga baterias pesadas.

“Então, tá batendo?” ele pergunta a Jesper. “Tá batendo pra mim.” Está batendo um pouco para Jesper, mas não muito.

“É bom, o ponto da coragem não é ser martelado. Só as pontas que precisam ser lixadas,” Tereesz pontua. Ele é provavelmente o único que não está incomodado pelo atrasado de uma hora. Nós, os kojkos-rabs cor de batata sobrevivemos o genocídio e o massacre de Yugo-Graad na onda do álcool... Enquanto tivermos o cheiro de cerveja de lúpulos ou vinho saborizado de frutinhas em mãos, não temos medo de nada.

Khan pega o buquê de crisântemos do banco e agora eles se sentam em uma fileira de três, pisando no asfalto e batendo seus joelhos. Sem coordenação, sem ritmo. O sons de trilhos crepitando vem de trás da descida e Tereesz aperta nervosamente seu buquê de sete rosas vermelhas. O som dos cascos chega mais perto, e os cavalos já estão na descida e o distintivo de prata do cocheiro brilha em seu chapéu. A onde parece desaparecer conforme Tereesz pega no papel prata de seu buquê. Ele não economizou. Sete rosas vermelhas, uma mão cheia. Mas se ele tivesse comprado uma caixa de chocolates, uma bem chique, com escritas douradas como em um romance de Graad, se ele não tivesse ficado sem dinheiro. Algo brilha da cabine do bonde, de canto de olho Tereesz vê Jesper se levantar. Deixa Jesper cuidar de seus lírios e Khan pode se atrapalhar com seus crisântemos. Rosas, vermelhas, sete delas – isso é chique! *Róże i bomboniera, bardzo wybornie, Tereesz Machejek!*

As portas do bonde se abrem com um agudo som metálico e o garoto nem percebe como os espinhos penetram em seus punhos cerrados. A antecipação é vividamente lembrada, mas o evento em si é brutal demais, o momento está envolto num véu de suspense. Algo aconteceu, algo que ele fez. As garotas, todas as três, saíram do bonde para o asfalto, com suas longas pernas em meias na altura do joelho, ó meu deus, que crueldade, elas estão enfeitadas! A bainha de suas saias flutuam, tão casualmente chiques como se nada significante estivesse acontecendo. Charlotte coloca sua mão na cintura e para na frente dele, mas Tereesz, incapaz de seguir o fluxo, comete um erro e abraça a garota. Suas mãos em torno dela, um enorme buquê de rosas atrás de seu vestido, ó alegria, as flores estão cobertas em poeira dourada, pode isso ser ainda mais *wybornie*? Ele sente um estranho aroma do pescoço da garota. Eles olham um para o outro – Tereesz e a deusa do primeiro ano – e Tereesz, com o rosto vermelho e um sorriso bobo, diz: “Oi!”

“Bem, oi pra você também!” Charlotte responde com um charme de garoto. Como se nada tivesse acontecido. A garota pega as flores e eles andam juntos debaixo dos pinheiros onde o sol da tardezinha não alcança. Está escuro e quieto, e ninguém sabe o que dizer.

No lado de fora, no quintal da casa de campo do Self-chiller, Kenni vira o veículo automotor em uma posição pronta para sair. As pesadas rajadas de gás da máquina se juntam com o distante ruído do maciço florestal, na beira do Pálido. O Pálido também pode ser sentido de trás das paredes revestidas de pedra da grande casa. As luzes da máquina cortam pela

empoeirada janela e chegam no piso de pedra rachada do hall de entrada da velha mansão. O sorriso desenhado à mão na poeira da janela brilha.

Ninguém veio à porta quando eles bateram. A fechadura estava convidativamente aberta, e lanternas penduradas por pregos no hall de entrada. O Ex-agente Machejek da Polícia Colaborativa e o morador de porão Inayat Khan agora andam com lanternas em mãos, pelo labirinto de salas escuras. Porta-ferramentas de jardinagem, carriolas desmontadas, e pilhas de móveis velhos passam pelos feixes de suas lanternas. Khan esbarra por montes de telhas, enquanto o alto Tereesz anda à sua frente, praticamente curvado debaixo do teto baixo. Outro quarto desabitado. Um larga e escura cozinha pode ser vista de uma porta lateral, cheirando a giz e mofo. Pilhas de garrafas e algo que parece meia barra de salsicha defumada tremeluzem ali. Khan infrutiferamente chama o nome do dono da casa de tempos em tempos.

“Você tem certeza que esse é o lugar certo?” pergunta Tereesz.

Khan tem certeza, e Tereesz sente que está ouvindo um distante e abafado caos diante de uma catástrofe. O zunido se aproxima, e sai e entre de fase como uma ilusão. Mas não vem de fora, onde as raízes das árvores farfalham no solo e fios elétricos chiam no céu. Vem de dentro da casa sem eletricidade. Tereesz senta numa pilha de papéis velhos e observa a sala à sua volta em um feixe luz repleta de poeira. Ele ainda está um pouco bêbado do vinho de frutinhas, mas a escuridão o deixa sóbrio. Portas cercadas por vários entulhos levam para todas as quatro direções. Ele acha que consegue ouvir a baixa vibração de um gerador à distância, no coração da casa, e ele fica de olho nisso. Tendo dificuldades com uma porta emperrada, ele entra em um largo salão de teto baixo.

Tereesz desliga sua lanterna e pisa com cuidado nas tortas tábuas do piso. Está gelado lá dentro. O cheiro de gasolina corta pelo cheiro de mofo. Conjuntos de velas pretas se reviram como cobras sob seus sapatos, e continua pelo escuro canto do salão, onde luzes verdes e amarelas piscam ritmicamente. O salão é male mau iluminado por velas encima de rodas de carroça, jogando raios amarelados no piso, enquanto a escuridão se esquieira pelos vidros das janelas. Tereesz para em um raio de luz e sente as ondas de som do mecanismo à sua volta, frias e não familiares. Nas paredes rebocadas, há equipamentos empilhados em decks. Khan para na porta e passa seus dedos sobre as letras em relevo “Mono.”

“Tereesz,” ele sussurra, “ ‘Mono!’ E esse daqui diz ‘Hertz.’ “ As oscilações de alta frequência male mau tremem sob seus dedos. “Isso é...”

“...uma discoteca.” acena Tereesz. “Isso é uma discoteca.”

Três quartos de século atrás, as ilhas Ozonne foram cobertas por uma noite escura como o breu. Tudo é cinza, cinza escuro, e debaixo de um céu nublado, ondas negras batem sobre a costa arenosa. A folhas de palmeira balançam sobre a cabeça de amantes revolucionários. Os golpes falharam, e tudo deu errado. Dobrega abre seus escuros olhos anarquistas. Uma linha de veneno seco quase escorre do canto de sua boca. Abadanaizi esmaga cacos da ampola entre seus dentes enquanto passa a mão do cabelo dela. “Escuta!” ele diz, e na escuridão total acima da água, o ritmo hipnótico de sinos crepita. Lentamente, a cor começa a se infiltrar no mundo preto e branco.

“Dança!” grita Dobrega como uma garotinha! Ela levanta e sai andando. Abadanaiz a segue para as ondas, a água batendo em seus calcanhares.

“Consegue escutar?” Tereesz pergunta a

Khan. “Como um zumbido, certo?”

“Exato.” Tereesz pega uma vela da ponta de um prego e a aponta em direção à escura

extensão da sala. Eles se movem discretamente pelo piso de madeira para os fundos do salão. Gradualmente, fileiras de sliders emergem da escuridão no console de mixagem, caixas de som monolíticas imponentes em cada lado da mesa, e atrás dela, um homem jovem como um suéter da moda senta com fones de ouvido. A faixa do fone de ouvido esmaga seu cabelo ondulado sobre sua cabeça. Ulv mexe seu queixo no ritmo da música, mas seus olhos estão fechados como se estivessem sob alta tensão.

“Senhor Uly,” Khan sussurra. “Me perdoe, mas...”

“Shh...” o jovem coloca um dedo sob seus lábios. Seus olhos estão bem fechados, ele franze suas sobrancelhas tão intensamente que parece que uma explosão está prestes a acontecer debaixo de suas pálpebras.

“Por favor... não arruíne... minha intro,” ele pronuncia como um vasto rio, como se um incompreensível metro cúbico de festança sobrehumana se pressionasse sobre a represa que é os dentes do Self-chiller. Ele aponta seu dedo para o console de mixagem onde dúzias e dúzias de sliders lentamente se movem para cima.

“Essa é mais importante... parte.”

Khan cuidadosamente coloca o envelope no monitor de estúdio, para onde Self-chiller aponta com sua mão trêmula. Como um especialista em desarmamento de bombas, Tereesz dá um passo para trás. Ele consegue ler os nomes das garotas no envelope. Ainda um agente treinado, ele não falha em notar que há dois – outro envelope está escondido dentro do envelope das garotas. Tereesz não consegue ver o que está escrito nele. Ele fica em silêncio, e conforme o homem e Khan andam na ponta dos pés pela casa e o zumbido dos sinos à volta deles fica mais alto do que a catástrofe entropônica lá fora, parece pra ele que esses dois estão de alguma forma harmonizando. Eles passam por campos minados de caixas de mudança. O som aumenta atrás deles como uma onda de choque, um tiro em slow-motion, onde tudo parece que foi a oitenta anos atrás. Kras Mazov levanta de sua mesa, e o mundo está em preto e branco. Fumaça de pólvora sai de sua boca, e lá fora, no pátio do prédio do parlamento, o mar da contra-revolução rugue. Mas Kras Mazov não ouve mais a voz traiçoeira desse mundo; a *intro* está vibrando nos espelhos de seu escritório.

“Bem, o que teve lá na conferência de design, de qualquer forma? Åre Åkerlund falou como não se importaria com uma guerra. Você lembra do Åre? Eu cometi uma vez o erro de deixar ele sentar no sofá comigo para a capa de uma revista de design. Agora tudo mundo acha que ele fez algo lá. Incluindo o próprio Åre. Ele acha que guerra é mais como um evento, um experimento da mídia hoje em dia. E não, não posso excluir que isso possa ter acontecido. Ele *pode* ter usado a palavra ‘mudança de paradigma’ para isso.” Jesper anda em círculos pelo quarto no último andar do Havsånglar e pratica consigo mesmo: “Depois que ele saiu do escritório, cê sabe... ele saiu completamente dos trilhos. Ele escreve críticas de músicas para o Dagens. E ele está surdo por causa de cocaína! Isso pode acontecer, o septo nasal dele colapsou duas vezes, você tem que ver ele! Ele está com uma aparência terrível. Como um porco. E como ele ainda escreve críticas de música se ele está surdo? Ele não as escreve, ele apenas parafraseia críticas estrangeiras. Ele abaixa a nota para *rock* a uma estrela e dá ao ‘disco’, como você, Khan, diria, duas estrelas no máximo.”

Jesper para em frente da cama e acena com aprovação à mesa cubo bege. “Então, o que houve em Lemminkäinen, você me pergunta? Ah, nada de especial, só fomos como os garotos, coisa surreal, não foi ruim, eu gostei bastante. Neve, abetos, apocalipse. O que, querida? Porque sequer fomos para lá? Bem, olha, tem um especialista morando lá. Seu nome é Ulv e ele sabe como farrear sozinho. Poucos nascem assim. A maioria das pessoas

farreiam com outras pessoas. Caso contrário, não é interessante para elas. Mas não o Ulv. Ulv é o Self-chiller. Ou assim dizem. Então a noite chega, você traz uma bebida, coloca um som, dança, e conversa consigo mesmo. Como estou fazendo agora. Só que mais alto. De manhã, quando as pessoas normais vão trabalhar, você ainda está curtindo consigo mesmo.” Jesper abre as cortinas com babados em frente à janela da sacada e do lado de fora há um céu escuro e nublado. A sacada parece molhada por causa da chuva.

“E o que mais? Ah sim... Cê sabe, o de sempre. Ele fala com os mortos. É sério, alguém que conversa com os mortos. Eles vem quando ele toca Van Eyck e o velho Rietveld a eles. É por isso que ele é sozinho desse jeito. Não, meu bem, ele não tolera o Fakkengaff.” Jesper sai para a sacada e fica de pé no tapete de junco. “Ele se comunica com o Pálido, sabe. Seja lá o que isso queira dizer. Você entende como isso pôde nos cativar. Esse pensamento. Sim, por causa daquelas garotas. Tá certo, ha-ha-ha!” Derek Trentmøller olhou pra elas daqui naquele dia. Estranho. Ele não poderia dizer que é *medonho* aqui. Um quarto de hotel completamente normal. Um pouco menos de pinturas do mar não seria ruim, as decorações bregas no corredor são nojentas, e o papel de parede é, bem, só papel de parede. De qualquer forma, tudo é top de linha, uma elegância dos anos 50. Jesper olha para baixo da sacada. A alma de Charlottesjäl afunda na chuva ali, a onda do outono a leva para a praia. A sacada está alta no céu, no vigésimo andar. Jesper fica ali sozinho. Ele estende seus braços. “Não seja ingênua, é claro que ele não faz isso *realmente*. Mas o show foi decente. O show é a coisa mais importante nesse campo – médiuns. Considere eles como artistas. É isso. Onde vamos jantar? Não, eu *realmente* não quero mais falar sobre isso.”

Antes de sair, Jesper para por um momento no meio do quarto número 1212 no Havsänglar. A capa verde musgo do sofá e cortinas com babados parecem ter a cor de creme de damasco na suave luz da luminária de piso. Não, ele não tem nada contra ele. Do lado de fora, o mundo é uniformemente cinzento e a elegância feminina do quarto repousa no centro. Um verdadeiro sonho pequeno burguês. Jesper estica seus braços como se esperasse algo acontecer. Ele também dá alguns passos provocativos e fica parado com seus braços suspensos dos seus lados. O painel numérico do rádio brilha na mesa de cabeceira, o relógio bate, e as cortinas diante da porta fechada da sacada ondulam como uma vela.

“*Por favor,*” diz Jesper, olhando para o quarto, com suas paredes limpas e teto alto. Mas nada acontece. Antes do designer de interiores descer para a praia, ele xinga o quarto desapontado, “Puto.”

Jesper anda pela areia molhada, com passos provocativos. Os juncos farfalham no frio do final de outono. O pedregoso afloramento dos garotos, agora muito menor, está azul no meio das gotas de água do fundo. Uma fina prancha de surfe branca corta o céu de outono como um sabre. Jesper levanta sua prestigiada prancha sobre sua cabeça. Ele dá olhares condescendentes aos windsurfistas na água. Se pode ficar parado e molhado aqui por duas horas, e então surfar na mesma onda fraca com dez outros caras trêmulos. Não, Jesper vai para seu lugar. Ele já sente, nas profundezas de seu peito, como as ondas de lá crescem, esperando por ele.

A saia flutua e brilha na escuridão da floresta de pinheiros, em volta das finas pernas bronzeadas da garota de quatorze anos. Os garotos andam, guiados pela bandeira da saia de Charlotte. A quando tempo eles estão indo assim? Nesse lado da floresta de pinheiros, onde a menta desaparece no verde escuro dos arbustos de mirtilos, eles nunca estiveram antes. Lugares familiares foram deixados para trás a muito tempo, pontes suspensas e a estrada que leva para o afloramento rochoso. Tudo se passa na escuridão do silêncio, com o som ocasional de uma conversa interrompida. Sombras crescem nas dunas, e no distante horizonte, as cortinas de árvores vão lentamente se abrindo.

A campo que se abre ondula no salgado vento marítimo. O sol laranja-sangue paira baixo sobre ele. A grama parecendo cabelo farfalha conforme as pernas de Charlotte, cobertas por meias altas, se estendem em direção ao mar. Seis longas sombras deslizam pelo campo, e as garotas correm aliviadas, e os garotos correm atrás delas. Ainda é Charlottesjäl, esse campo, onde os juncos crescem nos cantos, balançando ao vento? Onde o forro de feno bege-amarronzado vira uma faixa branca de areia, Målin para e tira seus sapatos. Ela ofega diante da extensão do mar, com seu peito comprimido em seu vestido, perto de Khan. No horizonte, o espelho azul claro do mar reflete outro sol, espalhado como uma explosão. As manchas de tinta dos cumes das nuvens, pretas diante da luz, se rasgam acima da água. Eles ficam ali entre os juncos, todos, com mãos sobre seus olhos, e os juncos gigantes se inclinam respeitosamente em ambos os lados.

Anni, vestindo shorts, tomba na areia e o triste Tereesz coloca seu tocador de fitas perto dela, na grama dos juncos. O garoto puxa a antena e liga o rádio de curta distância numa popular estação jovem. Música pop com guitarra sai dos auto falantes, totalmente contrário ao humor de Tereesz. A garota não o abraçou de volta. O quão dura ela se sentiu, o quão reta e tensa em suas sandálias. Ele nem ousa olhar para ela agora, sentindo que algo se quebrou no meio tempo. Algo assim trás à memória o massacre de Yugo-Graad. Quando a onda passa, você descobre que nossa pesada natureza se revela. Afinal, nós somos apenas pessoas ordinárias com cabelo cor de batata e olhos de cores aleatórias. Mas Målin, a alegria Nórdica, dá um alegre estalo com seus dedos e pergunta a Khan, “Você conseguiram *aquilo*?”

“Conseguimos!” Jesper pula na conversa. Ele olha para as garotas conforme suas faces acendem quando ele puxa um saco de papel do fundo de seu bolso. Målin estende a toalha de praia na areia e Anni traz seis cintilantes garrafas de água da bolsa. As garrafas ficam enfileiradas na areia e Charlotte explica como isso vai os deixar com uma imensa sede. Como eles vão ter que buscam água da praia depois. Mas tá ok, vai ser uma boa aventura para o casal que ousar ir. Os garotos tremem de animação por causa da palavra usada. Um casal!

Apenas Tereesz estava distraído. Tereesz ainda estava pensando no genocídio.

Os seis num círculo, garotas apostas aos garotos, sentam na toalha de praia e Charlotte coloca pílulas de um saco de papel em sua mão. O saco chacoalha. As faces se aproximam e todos assistem os vinte e quatro diamantes brilharem na mão. A garota joga as gemas de uma mão para a outra, as pequenas rodinhas pulam alegremente. Uma pula fora, a garota diz “Ops!” e Målin a pega da areia como se fosse um tesouro. Ela a assopra, cuidadosamente, olha sua irmã mais velha repreensivo, e então passa seu dedo sob a superfície da pílula como uma polidora de rubis. Khan vê como os lábios da garota brilham. Eles são da cor da anfetamina de cereja.

“Escuta, seja um cara legal, me diz o que é,” Tereesz finalmente fala, no crepúsculo da tardezinha, no parquinho onde os fechos da jaqueta de couro do traficante Zigi balançam. É o dia anterior de tardezinha e o garoto com cabelo preto sujo está andando no balanço. Ele coloca suas mãos na tábua do balanço em ambos os lados para se equilibrar, como suas pernas uma na frente da outra em suas jeans. E ele começa: “Você sabe como eles falam das drogas – que elas são um desperdício de saúde?” O outro lado do balanço bate no chão conforme o garoto passa pelo centro. “Escapar da *realidade*, cê sabe, besteiras sem sentido?” A pergunta é retórica. Deixe Zigi responder ele mesmo: “Eles estão certos. Cocaína faz de você um babaca, heroína um idiota... Fique longe dessa merda, acaba com a mente e honestamente, é perigoso para um organismo em desenvolvimento. Não vale a pena.” Zigi pula do balanço, com areia voando de debaixo de seus tênis. “Mas essa, essa droga específica! Eles fazem essas generalizações só porque eles ainda não...” ele tira um saco de papel de seu bolso de trás e chacoalha debaixo do nariz de Tereesz,

“...experimentaram anfetamina de Samara! Você nem imagina o quão sortudo você é! Que desperdício! Eu nem entendo porque sequer vendo isso. Por que não só uso tudo eu mesmo?” O olhos negros de Zigi brilham na luz fraca. “É tão novo que nem tem um nome ainda! Garotas chamam de anfetamina de cereja, garotos chamam de ‘Anfetamina de Samara’. Vem da República de Samara, é por isso. Todas as coisas boas desse mundo vem da República de Samara. Eles trazem pelo Pálido. A primeira droga de rua inventada por comunistas! Entroponautas usam lá no Pálido, para não terem medo! Mas para farrear? Esse é um mindset muito pioneiro, muito progressivo. ‘Comunista Voador!’ É como chamam lá em Graad. Mas eu, pessoalmente, eu chamo de... Você quer saber como eu chamo isso?” Sombras caem das maçãs do rosto de Zigi, e suas sobrancelhas pretas e rugas nos cantos de seus olhos formam uma expressão ardilosa.

“Bem?” pergunta Tereesz.

“*Casamento químico*,” diz Zigi. “Eu chamo de: casamento químico.”

O pequeno Inayat Khan está sentado do lado oposto a Målin com suas pernas cruzadas e assiste a garota colocar pílulas em sua boca sem qualquer aviso, como doce. A tampinha de torção estala e Målin limpa a água de seus lábios.

“Então,” ela pergunta alegremente, “o que estão esperando? Vamos tomar elas. Vai dar uns bons quarenta e cinco minutos antes de começar a funcionar mesmo. Esperar é chato.”

“Você tomou duas?!” Charlotte está alarmada. “Idiota!”

“E daí?” resmunga Tereesz, e Khan tem uma sensação de medo perto de seu amigo, o sardento filósofo absurdista. Ainda pensando sobre o massacre de Yugo-Graad, Tereesz mastiga suas pílulas. Ele não bebe água com elas, a adoçada por sacarina e agri-doce efervescência química chega em sua boca, mas Tereesz não liga. “Eu tomei duas também. ‘O Comunista Voador’,” ele diz, engolindo e esticando seus braços como asas de avião.

“Ok, parou!” Charlotte exclama, e Anni acrescenta, “Duas é demais. Começa com meia. O que faremos com você agora? Devemos chamar uma ambulância?”

“Sem necessidade,” ri Målin. “Da última vez que eu tomei tudo de uma vez, foi muito bom. Eu acho que vai ser bom em dobro agora. O que você acha, Tereesz?”

“Eu sei de roubos a bancos com menos preparo do que foi necessário para essa noite,” Khan começa a falar de repente, surpreendendo até a si mesmo. “Olha, lanterna à gás caso fique escuro,” ele pega três lanternas da mochila de Tereesz, cujas coisas ele agora confisca, com raiva. “E água extra!” Uma bolsa de água assovia quando cai na areia. “Porque o Zigi disse que sob efeito *disso* – honestamente, eu ainda não entendi qual é o nome – todos os gostos ficam nojentos. E tudo já tá... Sei lá, estranho.”

“Exato,” Charlotte levanta uma única pílula cor de framboesa entre seus dedos. Ela olha para Khan, cujas emergentes qualidades de liderança são confusas, e declara com expectativa, “*Skål*?”

“*Skål*,” responde Khan, e Jesper assiste seu amigo nerd e Charlotte pegarem garrafas de água juntos. Só Anni ainda está rolando a pílula em suas mãos. “Bem?” A garota olha para Jesper com suas mãos sob seu queixo. “*Skål*?” Jesper dá uma olhada descuidada nela: calças de verão com cortes redondos nas nádegas, joelhos dobrados, e chinelos pendurados folgadoamente em seus pés. A garota ri, não engolindo imediatamente, deixando a pílula derreter em sua língua afiada.

“É doce, nojentamente doce, e eu gosto. Eu acho que eu gosto porque eu sei o que faz comigo. Você ia gostar também se soubesse.” A garota olha para Jesper e Jesper olha por cima das pernas dela. Uma explosão resfriada pelo sol sob a água. Uma súbita rajada

de vento faz os juncos sussurrarem em volta deles, e todo mundo fica em silêncio e escuta. O garoto coloca a pequena rodinha em sua boca e sente o fervilhar da sacarina em sua língua. Ele hesita por um momento e então engole. Uma onda de medo sobe novamente depois de engolir, e o ambiente ácido reage, involuntariamente quebrando o brilho vermelho-framboesa em seu abdome. Corantes e tinturas efervescem. Ondas lavam a praia diante de seus olhos, quietamente como em um sonho, gaiotas guinchando: nesse mundo escurecido, o garoto com o chapéu branco de marinheiro agora é só um viajante, à mercê de semi-sintéticos. Jesper se rendeu, o último dos seis, mas voluntariamente. Como todo mundo. Ele não sabe ainda, mas mesmo agora, ele carrega microscópicos flocos de carbono, oxigênio, e hidrogênio em seu organismo subdesenvolvido; a naturalmente não existente combinação de partículas elementares se assenta dentro dele. Nada aqui depende dele mais, tudo depende delas. Elas tem seus planos, e faltam quarenta e cinco minutos para isso funcionar. Elas sincronizam com ele, formam novos padrões de comportamento, e tomam conta como armas quietas em uma guerra secreta.

Mas algo nessa psicofarmacologia não chega à tempestade de neve que devasta o corpo da Målin Lund de treze anos de idade. Khan olha, com sua cabeça curvada, a garota levantar na sua frente e desamarrar sua trança loiro acinzentada. Seu cabelo flutua no vento. Como uma mulher grávida, ela coloca suas mãos na barriga. O metabolismo dela está fazendo hora extra debaixo do tecido branco do vestido malhado. Ela já sente o enjoo matinal revirando sua delicadeza digestiva, fenetilaminas correndo sobre a pele rosada com veias de pétalas. A síntese final da anfetamina, o *non plus ultra!* O corpo dela quer se livrar do intruso, mas ela é tão valente, ela segura tudo dentro. Ela é esperta, ela não comeu o dia todo, e ela também é bonita, muito bonita.

Na capa brilhante da revista feminina, como em um ábaco, doze gemas estão enfileiradas. Haviam originalmente vinte e quatro. Charlotte tomou uma, Anni tomou uma, Jesper tomou uma, e Khan tomou mais uma. Tereesz tomou duas. Vamos contar. No meio tempo, o vento desgrenha o cabelo de Målin e ela sente como isso já inunda sua barreira hematoencefálica – seu segredo silencioso. Um tornado apocalíptico de serotonina se ergue. Bem, o que ela pode dizer, Målin Lund tem um rosto fofo, e curvas macias, ela só tem as melhores notas em seu diploma do nono ano, e ela realmente gosta de se sentir bem.

Os seis, sentados em fileira com suas mãos em seus joelhos, em silêncio. Expectativa, o limite do horizonte é um dourado nebuloso, o sol afunda no corpo d'água, e acima dele no céu há uma listra azul-esverdeada. Målin mede o tempo restante com seu polegar como se fosse uma ampulheta. Atrás do polegar, o sol afunda, e o domo celeste acima da cabeça da criança está escurecendo para um azul mais profundo a cada momento que passa. Estrelas acendem lá em cima, uma depois da outra, e em silêncio, você pode ouvir a areia na beirada da água chiando sob a onde recendente como se fosse limonada.

Jesper está parado em uma praia onde não há mais ninguém. Vinte anos se estendem atrás dele, e ondas se elevam à sua frente no oceano. Na sua mão direita na areia, há uma prancha branca parecendo espada, e a sua outra mão se apoia em expectativa em seu quadril. Jesper veste uma roupa de mergulho preta de borracha, como sempre. Ele veste uma luva de corpo inteiro. Seus olhos azul claros olham através dos buracos na máscara como um ladrão de bancos, e sua boca fica vermelha por causa do frio no meio do buraco da boca. A praia vazia saúda Jesper todo ano. A costa mudou muito, os bancos de areia afundaram como areia movediça, mas o plano básico ainda continua o mesmo. Jesper entra lentamente no oceano por entre os juncos. O água de dez graus do Mar do Norte gruda firmemente em sua roupa de mergulho, passo a passo, ficando mais e mais fundo. Mesmo através do tecido resistente ao frio da roupa de neoprene, calor corporal é perdido para a água. Acontece gradualmente, imperceptivelmente. Hipotermia começa depois de

três quartos de hora.

As ondas batem na sua cintura, e as ondas crescem à sua frente, no crepúsculo cinza escuro. Jesper deita em sua prancha e começa a remar. A água bate na prancha, e as ondas quebram à sua volta conforme ele sobe com elas. Quando mais longe ele vai, mais alto elas sobem, até que o homem não mais pode remar através das cristas. Antes dele levantar a vela, Jesper pressiona a ponta afiada da borda de debaixo da água e mergulha. Água gelida e hipotérmica explode nele, girando em redemoinhos subaquáticos. Isso queima seus olhos como metal derretido. A silhueta preto-carvão de Jesper desliza em direção à cova marítima sem fundo e empurra a linha branca brilhante da prancha de surfe na escuridão.

“O que vem em seguida? Como é a sensação? Tereesz finalmente pergunta, e então quando Charlotte e Anni transmitem aos garotos as sensações físicas aguçadas e o êxtase que é difícil colocar em palavras, tudo se desloca para cima deles como um sistema de alta-pressão no escurecido domo celeste. Khan é tomado por uma estranha indiferença à situação. Ele pisca atrás de seus óculos de materialista dialético, respira calmamente, e sente a si mesmo, seu corpo em sobrepeso à sua volta, a camada de gordura e seu coração batendo em excitação, como se tudo isso não fosse mais parte dele. Målin apologeticamente se move para perto de Khan, e eles se separam do grupo.

No mundo pacífico de Khan no horizonte, é bom estar calmo. Parece que o tricolor de Iilmaraa – a combinação de cores que vem à mente da garota em conexão com Khan – aparece congelada no céu do entardecer. Målin diz isso para o garoto e ao mesmo tempo avisa que ainda há muita franqueza por vir hoje. Depois, quando *ela* vier.

“Muito bem,” Khan acena e se move ainda mais perto do seu novo eu, aquele que ele se tornou com a ajuda do empatógeno industrial. Para a noite próxima e para o resto de sua vida. Se eles precisar, ele voltará para esse lugar onde tudo é bom. Tudo está sob controle. “E a propósito, é daí que vem elas vem, das cores do céu ao entardecer. Turquesa, violeta e laranja. Ela são tão claras na bandeira pois Iilmaraa não tem os pigmentos certos. Eles não aparecem naturalmente por lá. É o infortúnio deles, isso e o incrivelmente forte sol. Por isso parece que eles tem mal gosto. Da verdade, é por causa dos pigmentos e do sol. Eles gostariam de fazer coisas mais calmas, mas eles não conseguem.”

Målin acena. “Sabe, às vezes eu só não tenho nada a adicionar. Especialmente sobre algo assim. Eu não sei nada sobre pigmentos, mas eu gosto do que você está dizendo. Então não liga pra mim, ok?”

“Não, você não tem que se desculpar. Eu sei que é interessante – a situação com os pigmentos de Iilmaraa, a capacidade de aeronaves antigas de atravessarem o Pálido, até aquela besteira que te contei quando te levava para casa – ninguém precisa me dizer isso,” Khan diz. Ambos riem quietamente como se estivessem escondendo a piada dos outros. Khan fica em silêncio novamente e levanta seu queixo em direção ao oceano novamente. “E você, o que diria sobre isso? Sobre essa sensação? Quando ela vier.”

“Não sei porque, mas estou sentindo uma cor agora,” Målin explica, e Khan acena calmamente. “Eu diria que é preto. Bem escuro. Um escuro muito bom.” Khan acena novamente. Ele está começando a gostar desse novo jeito de Målin se abrir para ele. Ele queria que o mundo todo falasse assim com ele. Sobre tudo. E Khan acenaria quietamente em resposta, expressão seu modesto apoio. O apoio de Inayat Khan. Isso não é piada. Ele sente suas palmas suando, suas mãos ficando dormentes. Målin diz a ele que é normal sentir isso. É completamente normal. Significa que virá em breve. Está prestes a começar.

Khan de repente olha para a criatura à sua frente com um carinho ardente, e a criatura

olha de volta para Khan. Ele quer ser o melhor para ela. A garota treme brevemente, range seus dentes, e agarra a sua suada toalha de praia em suas mãos. Lindos pensamentos lampejam por trás dos olhos verde-escuros de Målin Lund, e seus neurônios serotoninérgicos são reorganizados na intrincada rede de sinapses. Essa lei, essa coisa terrível chamada de mudanças de humor, pecado original, e recaptação de serotonina, é suprimida. Esse ciclo químico que atormenta Målin Lund com suas escassas porções de doces, dia após dia – das manhãs na escola para as tardezinhos em casa quando as tarefas estão feitas – agora para de funcionar. E não só isso, mas os neurônios bombeiam quantidades não naturais de prazer sobrando nela. A garota está infundida com os super maduros, e pretos como tinta, conglomerados de suco delicioso, êxtase líquido puro. Pop de guitarra dos anos 50 vem de um toca fitas portátil ao fundo. Proteínas de transporte continuam bombeando mais prazer, tanto que nem o corpo nem a mente conseguem reagir ainda.

“Tô assustada,” Målin diz de repente. “Tá diferente da última vez. Eu te ouço agora, mas todo o resto tá só girando. Eu não sei o que... Eu não sei que estou sentindo.” A respiração da garota visivelmente se acelera. Ela vira de costas para sua irmã mais velha e diz silenciosamente sobre seu ombro, “Tá tão quente, Lotte, por favor tira meu vestido por cima da minha cabeça.”

“O que, mas já?!” Charlotte olha rapidamente para seu relógio e abre o vestido de Målin. “Ainda deveriam faltar quinze minutos. É claro, esse tempo pode ser menor também.”

A voz de Målin está fraca, como uma corda arrebatada: “Minha cabeça tá girando, eu não consigo ver nada...” A garota levanta suas mãos ao ar.

“Tá tudo ok,” Khan diz calmamente, não perdendo a compostura. Quanto mais complicada a situação se torna, mais calmo Khan fica. Ele pisca quietamente e inspira e respira. O frescor do mar, o oceano ondulante, se estende diante dele, sempre tão vasto e tão indiferente. “Se sua cabeça está girando, estão feche seus olhos,” Khan diz, e pelo menos por agora, ele considera cavaleiresco não olhar naquela direção. O enrugado tecido branco do vestido farfalha no ar, e Charlotte o levanta por cima da cabeça de Målin.

A garota ofega tentando respirar: “Ai meu Deus, eu tô com medo... Ai Deus...” Ela colapsa no colo de sua irmã, seus lábios vermelhos se movendo no escuro: “Tá vindo...” Khan não consegue mais evitar olhar. O cabelo de Målin está espalhado no vestido de Charlotte, seu corpo na roupa de banho brilha quente nos braços de sua irmã, e seus olhos estão dilatados em uma escala midriática – enormes discos pretos, pupilas sem sequer um traço de verde. Os cinco sentam em círculo em volta dela, e Målin olha para Khan.

“Como você pode estar tão calmo?” ela pergunta.

Khan desvia o olhar dos movimentos corporais da garota, de suas articulações que espasmam febrilmente na frente de seus olhos. Ele olha para o frio Mar do Norte onde o sol afundou. As formas escuras das nuvens estão se quebrando. “Eu não sei,” diz Inayat Khan, tirando seus óculos molhados e habitualmente os secando com um lenço. “Eu acho que tá fazendo efeito. Eu estive abnormally calmo por um tempinho.”

Charlotte passa a mão na cabeça de Målin. “Talvez. Minha primeira vez foi quieta também. Suas palmas estão suadas?”

“Charlotte, minhas palmas estão sempre suadas. Mas sim, eu acho que elas estão suadas agora também.”

Målin se aconchega no vestido de sua irmã como se fosse um lençol frio. Ela se esfrega, em um berço, uma cama do jardim de infância, o tecido do vestido farfalhando à sua volta, cheirando tão agradavelmente e arejado... Seu corpo só tem treze anos, mas na fraca luz do seu sistema nervoso central, rios de oxitocina já estão fluindo como um êxtase pós-parto. Suporte e confiança fluem de seus seios nascentes, o hormônio do

orgasmo se eleva como levedura em tecido adiposo quente, e a garota cora em ondas de ternura. Ela ama a todos. Anni assiste a euforia de sua irmã com inveja: “Ugh, você já tá tão bem!”

“Ai meu deus, é tão bom,” Målin suspira. “Você não pode nem imaginar o quão bom isso é. Diz algo bonito, está farfalhando tão alto. Tô com medo disso ficar muito triste caso contrário.” “Isso pode acontecer,” Charlotte acena sua magnífica cabeça e pressiona sua palma sobre o peito de Målin mas então recua em choque como se tivesse tocado um forno quente. “Ai meu deus, seu coração tá batendo tão rápido! Você consegue escutar? É como um trote de cavalo!” Anni coloca sua orelha no peito de sua irmã, escutando seus batimentos. “Målin, quantas você tomou, diz a verdade!”

“Duas,” Målin mente. Ela não tomou duas, ela tomou seis. Ela passa a mão no cabelo macio de Anni com uma mão e encontra a mão de Khan no ar com a outra. Ela a pressiona sobre seu peito, uma necessidade de proximidade, e respira: “Está tudo bem, acredite em mim, tudo está exatamente como deveria estar. Ai meu deus, é tão bom...” Ela balança sua cabeça lentamente, cuidadosamente, como se estivesse recuando das ondas de calor e frio; raivoso, flutua diante dela, bocas de cavalos espumando. A substância se enfurece, destroça. “...Eu nunca me senti tão bem na vida. Tudo está tão macio, tenta também...” A garota pressiona a mão do garoto firmemente sobre suas costelas, e o círculo se fecha em Målin. Khan senta reto acima de tudo, levantando seu queixo de pêssego em direção à garota, orgulhosamente, uma paz indescritível reinando em seu coração. Ela já veio a ele antes, mas a sensação fica maior e mais confiante a cada momento que passa. O garoto de pele escura olha para ela por debaixo de sobancelhas baixas, seus óculos de materialista dialético aumentando as rodas escurecidas de seus olhos. Ele é uma leão sérvio, um verdadeiro khan de nações.

“Målin, escuta, eu acho que bateu em mim também. Essa mágica.” Ele aperta seus olhos.

“Eu te infectei!” a garota exclama e sorri amavelmente ao seu primogênito. Khan expira e sente como sua respiração é terrivelmente quente sob a garota, como uma espada, e o mundo à volta deles vibra com alegria sombria. A atmosfera vibra, tudo está sob um filtro de som, e um enxame de gafanhotos chia, esfregando suas pernas contra os fios dos quais tudo é feito. Esse pulsante ataque cardíaco corre por tudo, até mesmo o solo entre a mão de Khan, e na quente escuridão do corpo de Målin Lund, soa um alarme de emergência.

Um motorista de corrida doido de Suru está batendo no pneu de seu carro na frente da casa. Fica pior e pior, altas frequências inundam seus ouvidos. Pare por um momento, deixe Kenni pensar por que a terceira marcha não quer ir. É preocupante, sério. Ele olha para a velha porta quebrada da mansão de madeira e o mundo para ali, suspenso em flocos de neve, por um claro momento. A empena da casa sobe para o céu azul escuro, tudo está calmo e quieto. Um retorno para a terra. A respiração prateada de Kenni sobe de sua boca para o silêncio do inverno.

Setenta anos atrás, Nadja Harnankur pulou da ponte para o vazio, seu orgulhoso vestido de gala virando ao avesso, o tecido flamulando enquanto ela cai. Ela cai de cabeça, reta como uma flecha, e através do flutuante tecido branco de sua anágua, a estrela de ópera diz adeus ao mundo. O Rio Veera flui abaixo de sua queda, um fluxo de mercúrio, gelado. E de muito longe, o som de sinos de trenó soam, como uma memória de infância.

Inayat Khan sai da casa de campo com Tereesz Machejek. O alto ex-agente olha em volta em surpresa e silêncio. É tão bonito assistir a neve flutuando na luz do anoitecer da esquecida garagem. E Kenni acena a eles ao lado do carro, a outra mão em seu coração como se estivesse aliviado.

Eles dão dois passos para frente, e Tereesz ainda ouve o esmagamento da neve debaixo de seu sapato, quando de repente baixas frequências explodem. Kenni vê os dois homens

virarem abruptamente em direção

à mansão. Um ensurdecedor ritmo ressoa, e as janelas chacoalham em seu ritmo grave.

O pequeno Tereesz está dançando, auto-indulgentemente como o xamã de uma tribo. Ele balança seus dedos no ar, que estão dormentes e agradáveis, e o mundo sussurra à sua volta. Uma rajada de vento faz os juncos farfalharem, resfriando sua testa suada e torso descoberto. A gentileza do mundo é inexaurível, o massacre de Yugo-Graad nunca aconteceu ali, Frantiček o Valente está por vir e o exército revolucionário da SRV está atrás dele, balançando bandeiras brancas. Tereesz poderia pedir por qualquer coisa daquele mundo, mas ele nem ousa olhar a o que se move diretamente à sua frente. Ele não é mais parte desse mundo. Só o baixo som do tambor em “Mono” ecoa em sua audição preta espelhada. Eles são seis, escondidos em meio aos juncos. Parecia uma ideia tão boa para todos eles. “Vamos, vamos pra lá, vamos fazer um ninho!” eles exclamaram juntos.

Khan acende lâmpadas à gás no escuro. O gás tem um cheiro nojento, de lesma. Com a fagulha de um fósforo a lâmpada acende com um rugido, chamas azuis dançando atrás do vidro, projetando sombras delicadas em volta das crianças no campo de juncos. Khan para seu trabalho manual e gosta dele. Ele gosta como as sombras tremeluzem nas bochechas de Målin. Ele não tem medo de falar a ela e a garota está grata por isso. Escolhida no vestido de Charlotte, vestindo roupa de banho branca, Målin Lund está saturada e madura demais. Mentalmente, ela não mais consegue reinterpretar o fluxo de substâncias como bem estar, mas seus tecidos ainda estão se rasgando. A substância está agora batendo na garota, brutalmente e com inveja. E nada nessa noite fervorosa indica isso vai baixar. Bate nela denovo, Målin pressiona suas mãos nos seus lados, e sua respiração para um segundo. O prazer do tecido do vestido se esfrega nos seus gânglios linfáticos, suas axilas suavizam, seus mamilos rosados salientes contra o spandex, mas suas terminações nervosas estão dormentes a muito tempo; dormentes demais para perceber. As unidades sensoriais estão devastadas, e o aparato físico não pode mais receber prazer. A garrafa de água escorrega da mão da menina para a praia, ninguém percebe, todo mundo só continua conversando à sua volta. Um morno rubor continua em suas coxas, ela se contorce, suas pupilas brilhando na mesma frequência – em modo de esgotamento. E à sua volta, buquês de lírios, crisântemos, e rosas vermelhas murcham na areia.

A criança treme, e o corpo colapsa diante do esforço. “Por favor me conforta, é tão bom ser...” ela murmura, “É tão triste ser.”

A estrela de ópera abre bem seus olhos; e remorso, remorso sufocante de glândulas! O que foi que eu fiz, eu, uma tola, uma mulher tola! Água gelida gorgoleja nos tecidos mortos dos pulmões de Nadja. Tudo o que Nadja fez permanece na história como uma casca, sem vida e distorcida. Ela é um manequim ali, uma desilusão, quase ninguém lembra quem Nadja realmente era. Eles nem ouviram do seu primeiro sucesso em “A Esposa do Oficial”, seu hit escandaloso “A Amante do Marinheiro” é no máximo uma curiosidade histórica. Um exagero ridículo de sua época. Ela é esquecida, antiquada, qual a utilidade de um vestido para ela, não há para onde ir! Mas acima da cintilante superfície da água, lustres ainda estão sendo acesos. Tudo ainda está à frente, flautins, seus instrumentos favoritos, e uma fanfarra animada, com seu som grandioso. Trovejantes rufares de timbales, o som da água entrando nos ouvidos de Nadja como um frenesi, vida, ovações, ardentes, tributos ardentes. Ela ressurgiu, e pessoas, jovens e bonitas, estão mais uma vez com ela. Uma

verdadeira festa está acontecendo, parece à Nadja. O mundo provavelmente vai acabar em breve.

“No,” diz Frantiček o Valente, “ainda restam oito anos.”

Que jovem agradável, que bochechas, como uma águia da estepe! “Oito anos? Mas Então tudo ainda é possível!”

“Sim, tudo ainda é possível para esse mundo,” diz Frantiček o Valente.

Anni, a irmã mais nova, cuidadosamente dá a Målin água da garrafa para beber, como se fosse uma enfermeira, e Khan puxa os juncos para trás como se fossem uma cortina. Ele começa a falar. Contra o pano de fundo do escuro, o sobreposto corpo d'água, duas silhuetas balançam. Elas dançam. Uma descontroladamente, a outra no mesmo ritmo, mas três vezes mais devagar. Anni enrola sua irmã ardente em um casulo de tecido do vestido. Charlotte saiu dali muito tempo atrás. Foi a quarenta minutos atrás que ela tomou a segunda.

Ela sai da escuridão em direção à Tereesz e ele abre seus olhos com a voz dela. A garota semi-nua coloca a garrafa de água na boca do garoto e diz, “Tereesz, ei! Você precisa beber, caso contrário vai ter insolação. Você também,” ela chama atrás dela, “não esquece de tomar água!” O garoto pega a garrafa e bebe ela a goles, sua sede não saciada. Então, com a água fria, seu desejo finalmente diminui. Uma feliz paz química esmaga o garoto debaixo de seu peso. Polegares são da mesma cor do cinto de seus shorts dourados, distraidamente, Charlotte Lund move seu recém nascido corpo na frente dele. Com a cabeça levemente inclinada para trás e olhos fechados, e garota mexe a cabeça junto com ritmo saltado do tambor. Ela sorri brevemente, está zumbido. Charlotte ri de suas próprias piadas. Isso quebra Tereesz; isso é a metade que ele secretamente tomou. Ele escuta o tremor da risada ali, no mistério do córtex cerebral de outra pessoa. Como seria *rir* aquela risada? Não é sobre nada, não é nem mesmo formado por palavras mais, se foi a muito tempo, se perdeu para Tereesz.

Machejek, no uniforme da escola, desceu as escadas. Como ele poderia saber que só completos párias vestem uniformes de escola em Vaasa? Os caras de esfregam as paredes. Ele acabou de chegar aqui. A Lund mais velha desceu as escadas, seus sapatos estalando nos degraus e a boca do amigo da garota, do segundo ano, Alexander Bonitão, continua falando atrás dela. Tereesz foi atrás deles para a fila do jantar como uma sombra. Charlotte Lund nunca vai para a cantina da escola, ela não come, e ela nem tem um metabolismo nesse mundo. Mas o Alexandre Bonitão cativou ela. Tereesz Machejek do nono ano ficou atrás de Charlotte e serviu um pouco de mors para si. A garota se virou para pegar a concha de mors. Tereesz entregou a concha a ela. E então aconteceu.

“Você é Charlotte Lund,” Tereesz murmurou o nome semi-mítico da garota.

“E *você* é?”

“Tereesz Machejek,” disse Tereesz Machejek. E foi isso.

O cabelo castanho-avermelhado de Charlotte passa por seus ombros conforme a garota balança sua cabeça no ritmo da música. Ela levanta suas mãos acima de sua cabeça, as pontas dos dedos tocando o ar, e abaixo de sua clavícula há seios pequenos e nus, tensos, e linhas brancas de bronzamento. Ela ri: “Bateu, Tereesz Machejek!” e então balança sua cabeça alegremente de um lado para o outro. “Bateu. Acabou. De bater!” Ali na areia onde Tereesz Machejek se ajoelha, a garota tira uma meia azul escura com seu pé. E quando a garota agacha em frente dele, Tereesz Machejek diz, “Bateu em mim também.” Ondas mornas e frias caem por cima deles. Entre as duas coxas pálidas, o dourado de sua calcinha cintila, para a qual Tereesz olha. Abnegadamente, com a inocência de uma

criança. Só, você sabe... é bom olhar para ela. Eles caem um em cima do outro como casas feitas de fósforos, livres de desejos. Puramente por brincadeira.

Khan, Tereesz e o motorista de corrida doido de Suru estão olhando, com suas cabeças erguidas, o Pálido se aproximar de trás da casa. Lá dentro, o som do tambor bate pesadamente, e lá fora, atrás da silhueta da construção, um bosque escurecido de amieiros rola pelo céu por todo o horizonte visível. Como uma onda, o Pálido sobe verticalmente das florestas de abetos e cadeias de montanhas acima da extensão do mundo. Seu horror se move lentamente, trovejando sobre o mundo, mas o mundo é feito de matéria, e matéria é perene, anciã; ela deve manter sua dignidade misteriosa até no momento de desaparecimento, sorrindo grandiosamente, afetuosamente, como František o Valente uma vez sorriu atrás do depósito de lixo. Os picos das montanhas se escurecem silenciosamente, clareiras se expandem, e seus campos nevados de abetos cintilam debaixo das estrelas.

“Eu não sou K. Voronikin ou algo do tipo, mas...” Tereesz bufa na cabine do carro. Ele vasculha o assento. Khan fica para fora, se apoiando no carro.

“Mas?”

Tereesz sai da máquina de costas, com uma garrafa de vinho sabor frutinhas em sua mão. “Mas parece a mim que em meia hora, tudo vai estar debaixo do Pálido, Khan.”

“Että mitä? Mitä se sanoit?”¹⁰

“Não é nada, Kenni. Eu não daria ouvidos a ele. Ele não é o K. Voronikin nem nada do tipo.”

Tereesz tira a rolha do vinho sabor frutinhas com um movimento e leva a garrafa para sua boca. É melhor ele não dizer nada mais.

“Esse é um mito da oceanografia. A onda assassina,” aponta o pequeno Khan em direção ao corpo d’água. Os quatro olham, seguramente enrolados em um cobertor de praia. Na escuridão, insetos zumbem em volta das lanternas a gás. “Por um bom tempo, foi só isso – um mito, um conto de pescador. Arda tem um nome ainda mais mitológico para isso: ‘*halderdingr*’. Mas agora elas são fenômenos cientificamente documentados, elas realmente existem, sabe? Isso explica as dezenas, centenas de navios que desapareceram sem deixar vestígio. Elas também são chamadas de ‘ondas rebeldes’. “Ondas Draupner”, e o meu favorito – ‘ondas doidas’. Elas parecem vir do nada e são significativamente mais altas do que o resto das ondas. Então uma onda assassina também pode ser relativamente pequena. Mas, por exemplo, quando há uma onda de dez metros, elas são as ondas medidas cientificamente mais altas do mundo. Ah, eu vi filmagens de documentário delas!” Khan balança seu queixo, demonstrando a emocionante incredulidade da filmagem. “A filmagem foi capturada de uma plataforma de perfuração oceânica. Você nem imagina o monstro que é!” Khan sente sua língua e mente trabalhando em perfeita harmonia. Tudo sai perfeitamente. Sua língua já foi incompetente, sua mente desarticulada, mas não agora! Se ao menos ficasse assim para sempre. Ele esqueceu sua mão no meio do ar. Ainda demonstra a impressionante altura da onda assassina que se forma de uma onda de dez metros.

Málin assiste ela pendurada no céu. Um surto súbito de interesse a salva das garras de seu próprio corpo. Ela sabe o que ela precisa agora. Ela precisa tomar mais. Só um pouquinho, e tudo vai começar denovo. Só que mais forte. A boca da garota abre levemente, enquanto ela ansiosamente bebe água da garrafa. A água cintila em seus lábios. “*De onde elas vem?*”

¹⁰ (Original em Finlandês) “Isso o que? O que ele disse?”

“É matemática, certo?” Jesper senta com sua mão no queixo. “Algum tipo de fórmula matemática explica isso, certo?”

“Exatamente!” responde Khan. “Efeito não-linear. Eu não vou nem fingir que sei o que isso é, mas enfim! Acabou que uma onda assassina pode se formar de qualquer número de ondas menores, baseado em uma certa fórmula. Se elas se movem em um grande corpo d’água, como o oceano, há uma chance de que em certo ponto uma onda monstruosa, quase vertical e extremamente instável, nasça delas. Ela *suga* a energia de movimento das outras ondas, a água fica mais calma à sua volta. Ondas normais se tornam ondulações, e a onda assassina colapsa sob seu próprio peso. Mas antes disso, ela pode, sei lá, *semear* enorme destruição, se me permite...” Khan finaliza como um gesto grandioso. “E você sabe onde elas ocorrem com mais frequência no mundo? *Aqui*. O fenômeno é chamado de Onda de Outono do Mar do Norte.”

“Putá merda,” Anni começa a rir, mostrando sua boca suja. As pupilas da garota há muito tempo ficaram pretas por causa da midriase. Ele olha para a água através dos juncos, de onde – na cabeça da pequena Anni – um assassino todo ferrado pode levantar a qualquer momento. Mas então Tereesz chega, com Charlotte.

“E você sabe qual é a parte mais ferrada disso?” Khan pergunta maliciosamente. Ele seca seus olhos e então os coloca de volta. Seus olhos em formato de amêndoas estão semicerrados nas lentes de aumento, até o ponto do mistério da ciência pop: “O mesmo efeito – não me pergunte como, eu não sei – o mesmo não-linear explica o *Pálido*. Eles o usam em entropônica. É assim que o Pálido se comporta quando ele varre o mundo.

“Como rodas de carruagem,” diz Charlotte, olhando nos olhos do garoto. “Bateu em você. A propósito, Khan, me permite dizer?”

“Sim, pode dizer,” acena o jovem Inayat.

“Você é *extremamente* esperto para sua idade.” A voz de Charlotte é genuinamente sincera. Khan se sente corado por seu elogio.

“E você tem uma postura muito, muito boa,” ele responde e ela ri de coração.

O fogo cruzado de respeito e afeição ruge como um oceano, tudo oscila, e tremeluz como uma chama, e no meio disso, Anni de repente levanta sua cabeça. Ágil como uma lontra, ela se move, pescoço esticado, como se estivesse procurando por algo. “Calma, calma,” ela diz, “não tem mais água?” Jesper não percebe como o olhar de Anni dá um sinal a ele, e como todo mundo espera por ele. Ele ainda está encarando o mar, encantado, como seu chapéu branco de marinheiro em sua cabeça. Ele não sente nada especial, ele está relativamente sóbrio, apenas quente. É tudo um ligeiro desapontamento para Jesper. Nem conseguiu beijar. Mas ondas assassinas – nada mal.

Um homem em uma roupa de mergulho tenta recuperar o fôlego conforme emerge. Ele cospe a água gelida de sua boca e deita de barriga na prancha. Um ponto preto solitário chamado Jesper balança a meio quilômetro da costa, à mercê das ondas. Ele checa o cronômetro em seu pulso. Mais quinze minutos e ele vai chegar na temperatura crítica de seu corpo. Ele precisa descansar. Jesper tenta relaxar seus músculos trêmulos por causa do ácido lático. Ele olha para trás onde a faixa de pinheiros marcando Charlottesjäl é visível, e acima, as nuvens gigantes no céu desbotado se convergem lentamente. A prancha sobe e desce no ritmo da água e de sua respiração. Tudo de repente fica tão quieto. Onde todas as minhas ondas foram?

“Ainda e sempre aquelas cinco famosas, terríveis, últimas

palavras: Por que você me deixou aqui?”

Ficarei comigo mesmo, clamarei, para todo deus como uma onda:

Você vai ficar dessa vez? Você vai ficar dessa vez?

Você vai ficar dessa vez, ou o que?”

Um terrível rugido está se aproximando. Jesper fica de pé na prancha de surfe, puxa a máscara de borracha para trás de sua cabeça, e olha com uma mecha loira de cabelo em sua face. Contra o fundo da pequena ponta de sua prancha, uma enorme onda sobe, uma parede espumante cinza escura. Como a membrana de uma célula. Ela sobe verticalmente, a crista de espuma obscurecendo o céu na perspectiva de Jesper, e gotas voando. O penhasco inchado da onda levanta a prancha de surfe em sua espuma. O famoso designer de interiores rema com toda sua força nela. Ele tenta se virar e ir junto com a onda.

Mas a *halderdingr* se move numa velocidade enorme.

“Que ruim,” suspira Anni generosamente. “Você merece se sentir bem também.” Ele estão de pé na estrada de asfalto debaixo de um poste, e onde o asfalto se desfaz na areia, a grande praia de Charlottesjäl começa. Quarenta e cinco minutos de escuridão da floresta e o papo animado ficou para trás. Foi tão bom conversar, só os dois.

Jesper segura uma bomba vermelha de água a bombeia. A água canta conforme o recipiente enche. “Bem, não me sinto mal, é bom conversar com você, e os outros parecem muito felizes também. E bateu um pouquinho, eu acho. Mas o Khan fala como se tivesse uma paz celestial e Målin...”

“Målin tá grelhando,” interrompe Anni.

“Certo. Essa é provavelmente a palavra certa,” Jesper coloca uma rolha nas duas garrafas de água. Depois de as colocar em seu bolso, ele olha para Anni interrogativamente. Insetos estão desesperadamente se jogando na luz do poste, e os pés descalços da garota estão se esfregando juntos depois dela. Ela segura uma lanterna a gás em sua mão. A luz elétrica faz os pelos finos em suas pernas descobertas brilharem. Jesper é levado a perguntar o porquê do sorriso, como uma ideia se espalhando pela face de Anni.

“Eu sei!” ela diz. “Você é mais um garoto olfativo de qualquer forma. Como todo o seu papo sobre perfumes.”

Jesper agacha na frente da garota no asfalto, e uma única pastilha cintila no espelho de sua carteira.

“Vamos precisar de um pilão, algo duro,” a garota diz, e quando Jesper retorna animado com sua pedra, ela já tem uma paleta de sombra em sua mão.

“Muito obrigado de qualquer forma!” Anni cuidadosamente quebra a superfície quebradiça da pilula com um espelho e mói os pedaços em pó macio cor de framboesa. Ela lambe a borda do recipiente com sua língua e então cuidadosamente tira uma nota de cinco réal de sua carteira. Jesper assiste esse ritual com fascínio. Ele assiste Anni dobrar a nota no meio e a usar para separar o pó em linhas no espelho. Ali elas correm, paralelas como trilhos. A nota de cinco réal se enrola em um pequeno tubo entre os dedos da garota.

“Agora, você fecha uma das narinas – assim – com seu dedo e coloca a outra dentro,” ela demonstra o pequeno tubo a Jesper. “E então, respira fundo e cheira a linha inteira com seu nariz. Deixa eu te mostrar.” Anni-Elin Lund está agachada em frente da bomba de água debaixo de um poste de luz. O asfalto cintila e a pequena garota se inclina sob o espelho. Jesper, vestindo uma roupa branca de marinheiro, assiste ela cheirar sua linha com determinação. O pó todo desaparece dentro do rolo de papel num rápido momento.

Tudo parece absolutamente mágico para Jesper. Anni balança sua cabeça, gemendo, e lhe entrega a nota. “Dói um pouquinho, mas é bom. E bate mais rápido também. Mas dura menos. Vai lá!”

Jesper vai lá. O pó da droga corre pelo tudo preto da nota e se curva. Os cristais esmagam capilares, e suas narinas coçam e formigam. E então, quando Jesper levanta, tudo é tão quieto e bonito. Eles descem juntos para a floresta, a lâmpada de gás sussurrando na mão de Anni e projetando longas sombras em movimento nos troncos de árvores na escuridão das dunas.

Jesper se levanta de sua barriga para a prancha em um movimento fluido. O som da água está rugindo atrás dele e o designer de interiores chuta a quilha da prancha com seu calcanhar. Em um momento, o obstáculo se torna mínimo, tudo está perfeito, e ele desliza pela água. A prancha não mais toca a água, ela flutua por bolsa de ar vibratória. Ziguezagueando, Jesper surfa para cima e para baixo do declive ingrime, de volta para a crista da onda. Atrás dele, ele pode ouvir a onda quebrando, colapsando sob seu próprio peso. Uma enorme cortina cintilante de água cai e puxa ele para dentro. Jesper a permite, fica para trás, e entra na escuridão do tubo, onde o mundo, que existe apenas por um curto período de tempo, alcança estabilidade em seu colapso. O colapso da onda é um ambiente permanente, uma escura cavidade em formato de amêndoa no redemoinho furioso da água. Dentro, é suave e quieto. Se isso apenas pudesse durar para sempre, seria o verão de cinquenta e dois.

O verão de cinquenta e dois é um objeto colapsando eternamente, o comendo vivo. Algo está terrivelmente errado com seu aglomerado de memórias. Terrivelmente errado. Parece impossível continuar, o mundo não o suporta. Mas aqui, por dez segundos, tudo se estabiliza. Jesper acaricia a parede de água e sua boca, vermelha por causa do frio, sempre diz, “*Por favor!*”

No pátio onde as rodas do carro desenharam um círculo na neve, Inayat Khan olha para trás com sua cabeça erguida e casa de campo paira por cima dele como um fantasma. As entranhas de fios elétricos se penduram do objeto em rotação, escuro diante a extensão do céu estrelado. Ele se move em direção ao Pálido com uma evidente calma. Lá em cima, a trilha de móveis e fundações caídas permanecem atrás dele. À sua frente está o pátio, Khan vê Tereesz e Kenni tropeçando atrás do objeto, de cabeças baixas, até que eles chegam na cerca de madeira.

Em uma estranha preocupação desprovida de pânico, eles todos olham em direção à cabana de Ulv. Parece que qualquer ranger vem dali, de sua fundação de calcário. Está prestes a voar. Mas nada acontece. O Pálido congela bem longe dos fundos da casa, o som da floresta diminui, e a música dentro da casa se silencia. Em algum lugar na distância percebida, na borda congelada do Pálido, a casa de campo cai aos pedaços e desaparece. Ulv, suando profusamente, vem à porta e acende um cigarro mentolado. Ele tirou seu suéter. O jovem fica ali, enquadrado pela soleira da porta, em suas calças de moletom e regata prata, exalando vapor e gotas de suor caindo dele. Então, conforme Tereesz e Khan se apressam em sua direção, o homem de repente olha para trás e se assusta.

“Toma!” Ulv grita, correndo em direção deles com envelopes em sua mão. Ele balança sua mão em uma direção aproximada ao Pálido e dá os papéis a Khan: “Você tem que ir! *Agora!*”

O som do motor ligando pode ser ouvido e as rodas do carro giram na neve. A estrutura massiva não pode mais suportar seu peso fantasma. Ela quebra. A extensão da área de corte de madeira afunda no meio dela num instante, explodindo em pó de neve, e um

deslizamento passa pelo mundo como uma onda de choque. Abetos se curvam sob o impacto, o Pálido abre com força as janelas da velha mansão dilapidada. Ele se curva pelas laterais da casa, como se hesitando por um momento, e então colapsa em volta dela. O Pálido engole a mansão em seu seio, e em algum lugar lá dentro, em um salão de teto baixo, um jovem coloca seus fones de ouvido. Ele lê o Pálido arrebatador como uma fita magnética em um Stereo 8. O único sinal de vida no quadro sem vida das crianças Lund é a estranha, impossível memória de alguém chamado Jesper. O Pálido varre pelos campos em ambos os lados da estrada do vilarejo. Sua avalanche cai sobre o cascalho, uma parede borbulhante se aproxima, ficando vermelho-framboesa no brilho das luzes traseiras do carro.

As rodas acorrentadas chamam no cascalho. “*Menée-menée-menée-menée!*”¹¹ grita o motorista de corrida doido à máquina como se estivesse comandando um cavalo. Seu pé já está com força no pedal do acelerador, como se o carro fosse ir mais rápido por causa disso. E olhando para o velocímetro, parece que está indo! Tereesz olha a seta na luz amarelada do velocímetro, que pula para duzentos. Khan ao seu lado vê o Pálido. Ele se move lentamente, mas de forma constante através das janelas. A luz elétrica do interior escurece por causa dele. Os óculos do homem ficam embaçados, ele afundou profundamente no banco de couro por causa da velocidade e pressiona dois envelopes sobre seu coração. Seus olhos ficam úmidos de alegria atrás de seus óculos embaçados, mas Tereesz não consegue o ouvir sob o alto rugido do motor.

“Eu estava certo, Tereesz, eu sempre estive,” ele diz, mas Tereesz não o escuta. O motor está barulhento demais.

Jesper e Anni estão passando pela grama alta com uma lanterna a gás. Jesper está segurando tanto a lanterna como a garrafa de água, enquanto Anni só está segurando sua saia. No brilho da chama tremeluzente, Jesper está examinando as marcas de nascença em suas costas. Só as finas alças do sutiã de Anni ainda as escondem. Conforme a grama farfalhante passa sobre suas pernas, Jesper aproveita a sensação em sua pele. Sedento, ele toma um gole de água da garrafa e exclama, “Isso é divino! Água divina! Eles deviam engarrafar isso e vender!”

Gritos animados vindos da praia os saúdam conforme se aproximam. Todo mundo se abraça. Anni limpa o batom dos lábios de Jesper sob a luz da lanterna e ri. Khan está andando de cavquinho em Tereesz, fingindo que Tereesz é um *robô*. Ele vira a cabeça de seu amigo, fazendo barulhos de robô e o guiando a onde ele quer. Então, quando o Tereesz-robô fica com água até a altura dos joelhos, Khan desce. Ele permanece por um momento admirando a água-viva, mas os outros já começaram a correr em direção à água em suas roupas de banho.

Os pequenos corpos brilhantes desaparecem na escuridão da água. A areia se move debaixo de seus pés descalços, enquanto a água suave passa em volta de seus tornozelos. Seus corpos hipersensitivos reagem a qualquer toque. Explosões de areia estouram entre os polegares de Anni, fazendo ela os encolher em prazer e andar em frente com cuidado. Eles todos se movem bem lentamente, suas mãos pairando sob a superfície gelada da água. Eles dão gritinhos ocasionalmente, poupando cada momento em seus êxtases furtivos. E a própria água os recebe, flutuando em volta de seus quadris e barrigas. É gelada e perfeitamente viscosa. Málin não aguenta. Quando a água molha seus seios e axilas, a garota se encolhe totalmente nela. Apenas o hino de rendição permanece na superfície do mar. Ela finca suas unhas em suas palmas, sentindo como elas quebram imediatamente. Não cabe dentro dela. Hormônios já estão distorcendo seu corpo esguio, a

¹¹ (Original em Finlandês) “Vai-vai-vai-vai!”

bacia pélvica se expandiu em um canal de parto, e um bem estar insuportável pulsa profundamente em seu quadril. No tumulto de seus fluidos corporais, um pequeno *homúnculo* fecha seus olhos tamanho de agulha. A criatura encolhida em um semi-círculo abre sua boca para gritar.

Mas nada se ouve, nem um único som, nunca esteve ali. Målin relaxa, tudo está impossivelmente bom, tudo escurece e ecoa ali, nas profundezas da água. O brilhante vulto branco de Charlotte passa por ela, ela sente as mãos macias de alguém em seus ombros. É Khan. Ele levanta a garota para a superfície. Målin inala ar salgado e permanece flutuando ali. Água pinga de seu cabelo e acima, no céu escuro, estrelas cintilam infinitamente detalhadas com respingos de leite.

Os seis inclinam suas cabeça e flutuam assim, em um semi-círculo. E no espelho negro da água, estrelas brilham de volta a eles. Elas cintilam fracamente, vagamente. Apenas os óculos de Inayat Khan refletem toda sua brilhante nitidez.

“Elas não estão ali mais,” Khan ouve a voz enfraquecendo em suas mãos. Ele olha para baixo, as estrelas deslizam de seus óculos. No lugar das estrelas, os olhos de Målin Lund se movem, e a escuridão de sua boca se mexe em cada palavra. “Mas eu ainda as vejo.”

E então, quando eles acordaram nos juncos de manhã, como gatinhos em um ninho, eles cataram o lixo apropriadamente. Eles colocam as roupas que secaram no sol, em sua atordoante luz brilhante. Seus olhos doem e o mundo à volta deles pareceu amigável porém estranho. Tudo foi dito ontem, na escuridão da noite, não havia necessidade de repetir no dia. Eles sorriram com estranhamento e trocaram bocados cansados de conversa conforme andaram para a parada de bonde. Ali, eles concordaram em se reunir na última semana de agosto quando as garotas estariam de volta da viagem de família a Graad. Elas não puderam especificar o exato dia, elas iriam ligar e mandar cartões postais. Para a reunião no final de agosto, eles planejaram discutir o que a mudada situação no colégio pareceria e no geral sobre o mundo real.

Eles não se beijaram nem nada do tipo na parada. Todavia, foram trocados vários olhares carregados com arrependimentos da despedida e mensagens físicas secretas. As garotas entraram no bonde e os garotos foram para a cabana de veraneio do pai de Tereesz. Essa foi a última vez que eles se viram.

14. LISTA DE AUSENTES

Vinte anos depois, perto de Vaasa, uma multidão de refugiados estão em um congestionamento. A massa terrestre de sessenta milhões de quilômetros quadrados da isola de Katla acabou de perder seis por cento de sua área total, um letreiro aceso acima do veículo automotor anuncia “Todas as filas para entrada”. O rio vermelho de luzes traseiras cintila na noite de outono, e em algum lugar no meio disso, em um gigante congestionamento, está a máquina na qual Tereesz Machejek esteve dormindo a um bom tempo. Vapor sobe do capô, e manchas radiais de lama se curvam em volta do corpo do carro; as pontas de níquel dos componentes do motor brilham debaixo das placas escuras da carroceria. Até Inayat Khan se encolheu na cabine, mas ele ainda não está dormindo. Ele saboreia cada momento que passa, precisamente pois ele está morto de cansaço. O couro do assento crepita sob seu peso e o som das aeronaves de reportagem pode ser ouvido em sua doce sonolência. Os rotores giram seguramente na distância, e o vórtex escuro do sono convida e redemoinha. Khan se move para dentro e fora da consciência da maneira que deseja. Às vezes a máquina sacode e se move alguns metros. Então ele abre seus olhos entorpecido e vê Kenni passando. O motorista de corrida doido de Suru fala com outros motoristas e raspa gelo do parabrisas. Nesse momento, Khan sabe que vai sentir falta disso tudo. Ele já sente falta – os diamantes dos faróis, o brilho sangrento das luzes traseiras na fumaça do escapamento, o saber de que tudo vai ficar bem.

Foi a vinte anos atrás quando ele sentiu isso pela última vez. Cheio de possibilidades. Lá atrás quando eles estavam esperando juntos as garotas voltarem de Graad. Lá fora no mundo, atrás de suas pálpebras fechadas, o reino de Deus começa. Ele pressiona sua mão em seu peito e abraça seu parceiro invisível. Todos esses espaços, as vastidões por aí nos campos alagados e pela beira da estrada, são possibilidades. Oportunidades para reuniões. Conversas se ramificam, como sempre fazem, na escuridão do escritório mental de Khan. Målin Lund anda ali com ele, acenando, escutando, e fazendo perguntas. Ri de suas piadas, pelo vigésimo ano. Eles sentam na beira da estrada, ela não se importa. O corpo da garota está intocado pelo tempo, ela ainda parece uma criança, mas seu espírito se moveu com Khan. Cresceu, se tornou uma adulta. Ela é equilibrada agora, misteriosa e triste.

Dois meses se passaram, mas o encontro no final de agosto nunca aconteceu. Apesar das garotas retornarem a Vaasa quinze de agosto, elas nunca ligaram. O motivo disso, e por que elas foram para a praia de Charlottesjäl três vezes nesse período, continua um mistério.

O sol da tarde pintou as listras da cortina nas paredes. Na grande sala da cabana de veraneio do pai de Tereesz, o ar estava estático, algo estava subindo, abafando sua respiração. O vácuo, era uma sensação de perda, uma muito, muito terrível preocupação. Depois de semanas esperando pelo telefonema, eles finalmente decidiram ligar eles mesmos para as garotas. Os três estavam parados numa sala grande. Tereesz coloca o telefone no gancho. Khan atrás dele estava impenetrável. “O que aconteceu? Elas não estavam em casa ou...?”

“A mãe atendeu,” Tereesz encosta de volta na poltrona. “Ela disse que elas estão na praia.”

“Onde na praia?” “Em

Charlottesjäl.”

“O que? Então por que elas não ligaram?”

“Eu não sei, algo está errado...”

E então foi quando a discussão aconteceu. Aquele pela qual Tereesz brigou com Jesper dois dias depois. Ele queria correr para a praia, Khan já havia amarrado seus cadarços, mas Jesper ainda pensou que desse jeito não era *maneiro* o bastante. Ele deve esperar, deixar elas ligarem primeiro. E assim aconteceu, e quinze minutos depois, às uma da tarde, Agnetha, a vendedora de sorvete, foi a última pessoa viva a ver as crianças Lund. Era vinte e oito de agosto – Dia Internacional dos Desaparecidos.

Depois daquele dia, eles não eram “maneiros” mais. Ele tenta não usar a palavra, ela soa como uma acusação. Encharcado e arfando por ar, o designer de interiores afunda de volta para a areia. Hipotermia. Cheira a juncos podres; juncos e grama deitam no chão na brisa. Ele tem trinta e quatro anos. Ele acerta a areia molhada com seus calcanhares. Como e por que ele resistiu, ele não sabe. Se suas juntas estão com caibra por causa do frio, por que ele não rolou da prancha para o mar? Ou quando a onda caiu em si mesmo, por que ele não ficou?

Acima no céu escuro de uma noite de outono, massas de nuvens afundam umas nas outras. Lentamente. Ele agarra a ponta de sua cabeça com ambas as mãos e espreme. A boca, azul por causa do frio, abre devagar, as vias aéreas estremecem, e o estômago ondula em contrações. Seus calcanhares fincam fundo na areia e seus punhos contraem, mas nada muda. Ele lembra de tudo. Um ano de cinquenta segundos fica parado em seu crânio, uma assombração, um exibição de museu impossível, uma réplica de um mundo perdido. O cheiro é sempre doce e sempre o mesmo, um fato irrefutável cuja seriedade não pode ser exagerada: não há como voltar atrás.

Em seu sonho, ele escuta o som dos cascos se aproximando, estão chegando, no asfalto escuro. Jesper! Khan quer ligar para ele e dizer para se preparar! Esse é o momento da verdade. Mas não tem cabines telefônicas por aqui, e no reino celeste está escuro, e a cavalaria da polícia está checando as fileiras entre as máquinas. Uma silhueta de pesadelo para atrás da janela de vidro. Khan abre seus olhos. Vapor sobe das narinas do cavalo quando ele funga, seus úmidos olhos negros brilhando em semi-sono diante do homem. Um policial a cavalo direciona um feixe de luz através da janela congelada para a cabine e então continua. O som de ferro ecoa no asfalto, o cavalo recua, e Khan fecha seus e cai no sono novamente. Suas mãos estão congeladas em um abraço contra seu peito.

Quando elas finalmente adormeceram, Khan ouviu uma voz terrível em seu sono. Era na noite de vinte e oito de agosto, o mesmo dia, e com essa voz, terror desceu pela terra. Primeiro, ele ouviu em seu sonho, como ela se moveu mais e mais perto e gritou, em intervalos regulares:

“Maj!

Anni!

Målin!

Charlotte!”

O garoto acordou no quarto do segundo andar. Ele olhou nos olhos arregalados de medo de Tereesz, seu amigo parado por cima dela e o chacoalhando. Khan estava totalmente acordado agora, mas a lista de ausentes mais temida do mundo ainda estava sendo gritada. Continuou lá fora, em Charlottesjäl. Não em seu sonho, mas no mundo real. O sangue coagulou nas veias de Khan. “Consegue escutar também?”

“Sim,” Tereesz respondeu.

Eles acordaram Jesper. Eles colocaram suas jaquetas e correram para fora. Estava frio, e

pela primeira vez nesse ano, o cheiro do outono pairou pelo ar. Eles pararam no jardim e escutaram. Os nomes ecoaram na floresta junto com o latido dos cachorros. Eles correram pelo pomar de maçãs, passando pelos arbustos de groselha, em direção à escuridão dos pinheiros. Lanternas e sinalizadores tremeluziram por ali.

Eram equipes de busca.

No final do quarto dia, os voluntários se dispersaram. Centenas de pessoas vieram ajudar de alguma maneira, compartilhar a preocupação. Milhares de ligações chegaram à linha direta especial. Apelos foram feitos e programas foram iniciados. A imprensa e o rádio pularam para a ação, e na manhã seguinte as fotos das garotas estavam nas primeiras páginas. Manchetes usaram o mais horrendo sentimentalismo: “Mão em desespero: crianças, por favor voltem para casa!” Colunas de opinião discutiram a possibilidade de restabelecer a pena de morte, conforme a paranóia se misturou com o desejo de vingança: “Quem abduziu as crianças de sua mãe?” Essa manifestação de compaixão na qual a própria perda dos garotos foi completamente perdida – todo o choro e ranger de dentes – eles se sentiram impotentes no meio disso, isso os humilhou. Inicialmente, era só um pressentimento, agora Jesper consegue colocar sua indignação em palavras. *Uma curiosidade tentadora*. Em algum lugar debaixo de toda aquela espuma, a burguesia lasciva viu, com seu próprio doce horror, todas as coisas que foram feitas às garotas. Atrás das persianas, onde Per-Jonas não ousou olhar diretamente, ele espiava através de um artigo de jornal. Ele viu ele mesmo ali, ele era o Homem, ele estava comendo uma tortas de carne em massa de óleo e ele gostou do que viu. Mas então, quando o pré-adolescente Jesper olhou para seus colegas de sala, era um mistério indescritível, um reino alienígena de corpos. A curvatura das costas, um braço exposto, qualquer coisinha era suficiente. Até hoje, ele odeia a sexualidade adulta. Para ele, é uma meticulosidade debochada. Realisticamente, e paradoxalmente, isso faz dele um pedófilo.

Bem quando o epítome do bom gosto entre no saguão do Havsänglar em uma roupa de mergulho, a recepcionista coloca o telefone no gancho. O renomado designer de interiores chega no meio da noite, pingando, deixando pegadas de areia no carpete. O cavalheiro parece tão miserável, quase congelado até a morte, que a mulher esquece o telefonema e corre para enrolar ele numa toalha.

“Não, eu não preciso de uma ambulância,” Jesper balança sua mão e range seus dentes. “Não quero chá, não quero chá! Eu também não quero o chá de cassis!” Ele chama o elevador e aperta o elevador com um dedo dormente e congelado, mesmo estando a um bom tempo pegando fogo de tão quente. “Não, eu não quero, vou tomar um banho, um banho quente.”

“Monsieur de la Guardie,” a mulher lembra no último momento. Ela coloca o pé entre as portas do elevador, “Você recebeu um telefonema, alguém chamado Olle...”

“De noite? Sobre o que?”

“Um anúncio de jornal.”

Voluntários foram mandados para casa, e depois das equipes de busca, também foram o resto. As florestas de pinheiro permaneceram quietas no outono, os garotos atravessaram elas. Os cães de caça não mais latiram, e nenhum barco de patrulha da fronteira vagou mais pela baía. E em todo lugar onde passaram, era como se o próprio vazio, seu espírito, tivesse sido libertado. Tudo ficou estático, inútil: os vestiários de praia, a esparsa praia meio vazia. Na parada de bondes, eles andavam vazios, então meio vazios novamente, as portas abrindo e fechando. Os últimos a irem foram os mergulhadores malfadados, três semanas depois. E então eles viram a longa desistência começar à volta deles. O que isso

significava eles sabiam muito bem, apesar de nunca ousarem dizer a palavra um para o outro. Juntos eles pensaram nos planos mais fantásticos. Triunfos emocionantes, retornos em grupo.

O ano escolar oficialmente começou um mês atrás, e foi uma decisão conjunta dos pais os mandarem de volta para o colégio. Ali, esperando por eles, estavam fotos das garotas, flores e lamparinas nas escadas. No corredor da escola a falsa tristeza também ondulava. Todo mundo de alguma forma conhecia elas, todo mundo lutou por atenção e comparou suas perdas. Ali, também, elas desapareceram. Eles não ousaram contar para ninguém o que aconteceu durante o verão. Finalmente, eles abriram seus corações para a policial quando ela estava na escola, e como resultado, Zygismunt Berg – um garoto que até então era “uma figura conhecida” para a polícia juvenil – estava entre as mais de 200 pessoas interrogadas. A traição não gerou frutos, e quando a policial foi falar com o diretor no final de novembro, os três mataram aula. O corredor ecoava com o som de seus calçados. Ela era a única ligação deles com a *investigação*, aquele caso cruel. Eles a pararam na porta e imploraram até que a pobre mulher não teve escolha.

“Nós temos que nos acostumar com a ideia de que as garotas estão mortas,” ela disse.

Fotos e lamparinas foram coletadas das escadas da escola, a pena de morte não foi reintroduzida. Até Vidkun Hird levou prisão perpétua. Um ano depois do desaparecimento, ele foi preso dentro da suspeita de crimes similares e a imprensa correu para ligar isso tudo às crianças Lund. O próprio velho mestre também deixou pistas neste sentido. Sobre cachorrinhos que foram para longe demais de sua mãe e outras referências heráldicas, Quando os três estavam juntos, era só disso que conseguiam falar. Isso, ou algum outro tópico que a mídia alimentou a eles; se não Hird ou a recentemente publicada lista de abusadores sexuais, então a carta enviada a Karl e Ann-Margret dois anos depois do desaparecimento delas, os detalhes da análise da caligrafia, ou, por exemplo, o médium que afirmou que os corpos das garotas foram enterrados debaixo da fundação do estádio de hóquei no gelo Ringhalle. Conforme os artigos ficaram menos frequentes, as reuniões se tornaram tão desesperançosas que cada um dos garotos tentou as evitar do seu próprio jeito. Jesper secretamente foi surfar e praticar esportes. No segundo ano, Khan reprovou pela primeira vez e largou o colégio; no começo do terceiro, Tereesz voltou para Graad.

A mídia perdeu todo seu interesse nas garotas Lund quinze anos depois. A investigação há muito tempo estava parada, e os investigadores chefes haviam se aposentado. Não havia mais razão para se encontrarem denovo, eles recuaram para suas vidas pessoais. Jesper encontrou uma modelo de lingerie menor de idade e fingiu não reconhecer Khan, que estava sentado atrás de uma mesa de restaurando usando uma gravata azul clara. Tereesz visitou Charlottesjäl sozinho todo ano. Ele não ligava para ninguém. E Khan se afundou completamente no mundo de casos de desaparecimento, sentado no porão de sua mãe ligando as luzes de uma aeronave que desapareceu um século e meio atrás. Infinitamente.

“Acostume-se com a porra dos seus próprios pensamentos.”

O Fim do Mundo. Os arcos escuros das estações meteorológicas pairam sobre a entrada da cidade. Cancelas levantam. Os coletes e listras da polícia aduaneira brilham amarelo-fluorescente nas cancelas. O veículo automotor liga, e tudo se move uniforme e suavemente. Nos ruídos do rádio cheirando a couro do assento, eles falam sobre uma bomba atômica que foi jogada em Revachol três horas atrás. Khan se sente quente, e a voz da locutora é calma e linda. As fileiras de postes de luz sobem por cima da estrada, coroados com geada, eles deslizam pelo céu azul escuro da manhã. Ele anda com eles para sua cidade natal, de onde ele vai sair amanhã de noite. Só falta uma tarefa. As luzes desvanecem. Khan assiste as fantasmas dos prédios saírem para a luz da aurora.

O quarto cheira a lírios. Lá fora, atrás da janela da casa de campo, as castanheiras sem folhas balançam seus galhos magros na brisa. Ela acorda cedo de manhã e deixa seu marido, que está usando uma máscara de olho, dormindo na cama. Ela tem cinquenta e dois anos, com finas feições faciais e linhas de expressão que parecem pés de galinha cansados; seus olhos verde escuros atrás de suas pálpebras não dão qualquer sinal. Ela desce as escadas em seu pijama, segurando no corrimão de madeira, e faz café. Nas salas geladas da casa de madeira, as luzes estão acesas na cozinha espaçosa. Ela gosta dessas horas azuis, quando a casa está quieta, conseguindo ouvir os camundongos do campo arranhando debaixo do piso. Seus dedos finos e delicados apertam o botão da cafeteira francesa. Até o cheiro de mofo subindo do assoalho passou a agradar ela com tempo, apesar de ter assustado muito ela de primeira – dezessete anos atrás quando ela veio morar aqui. E o silêncio! Tudo é tão quieto no campo, mas com o tempo, até a ausência de barulho se tornou uma espécie de benção. Ela atravessa a grande sala, sobre o assoalho gelado, e em volta dele os moveis brilham na luz fraca; a elegância dos anos 50, a cor descascando da madeira. Perto da porta, ela coloca o casaco de seu marido sobre seus ombros e coloca os sapatos dele. Desse jeito, com seu cabelo cinza penteado de maneira simples, ela sai para a varanda.

O ar gelado do outono faz a caneca de café fumar na mão da mulher, ela pausa por um momento, respira, e se senta nos móveis de jardim de madeira que ela mesma escolheu. E então, com suas pernas cruzadas, Ann-Margret Lund fuma seu primeiro cigarro do dia. Ela olha a luz, o sol nascendo através da neblina da manhã. No bem cuidado jardim à sua frente, detalhes emergem da neblina, o vidro da estufa brilha, e o gramado precisa ser capinado. Esse vai ser o seu primeiro dever do dia. Ela apaga seu cigarro num vaso de planta virado de ponta cabeça e volta para dentro.

Crianças de pais bonitos são bonitas, crianças de pais feios são feias. No chuveiro do andar de baixo, Ann-Margret molha seu corpo ainda bonito. Não foi sempre assim, primeiro ela era magra e esquelética como um espantalho. Ela ainda era uma moleca na época, subindo por tábuas e árvores com os garotos. Então os hormônios sexuais femininos entraram em cena e teceram um novo corpo à sua volta. Um objeto de admiração feito de tecidos adiposos e curvas. Lentamente, ela masterizou suas sutilezas; se graduou, ensinou, se apaixonou, e deu a luz a três filhas. Três em seguida, uma a cada ano. Elas saíram dela como miçangas em uma linha. E seu corpo se recuperou, como ela era jovem. Isso causou inveja em suas amigas, o jeito como ela dormia nos braços de seu marido, sem qualquer vergonha. Mas depois, quando ela entrou no partido, outra veio, a caçula. O homem a amava, então ele não se consternou quando a última permanentemente a desfigurou. Enquanto a força da gravidade prevaleceu em seu domínio, a razão subiu – no ministério, no escritório. Mas agora Ann-Margret Lund fica de pé em frente ao espelho, e apesar de sua pele ter perdido um pouco de sua elasticidade e cor, seus quadris são estreitos e suas coxas finas novamente. Tudo se apertou novamente, mas dessa vez ela sente uma inquietude ao invés de alívio em seu corpo. Mesmo que o sentimento de ausência, silêncio, paz, e o cheiro de mofo em seu novo esconderijo a dominou, isso secretamente se tornou parte dela. Ela é vazio. Mas então, quando ela encara isso, Ann-Margret ainda sente medo. Como se toda essa feminilidade de alguma forma desapareceu. Ela tenta não pensar sobre isso, rapidamente se seca, se cobre com roupas diurnas bege, e sai.

A mulher está rastelando folhas secas no jardim. Quando ela foi ao colégio no final do primeiro horário, os garotos a assistiram em segredo. Era o primeiro horário sem elas e Ann-Margret veio esvaziar os armários de suas filhas. Um círculo de respeito a cercou, as crianças saíram do caminho. Só Tereesz, Jesper e o pequeno Inayat assistiram do canto conforme ela colocava as coisas de suas filhas do último ano em caixas de papelão. Ela enrolou o poster de ídolo pop e estrelas douradas caíram de suas mãos. Nenhum dos

garotos contou uns para os outros por que eles vieram espiar. Mas secretamente eles queriam tapinhas de consolação dela, ir para casa com ela, e ver os quartos das garotas. E então fazer planos para encontrá-las. Era uma saudade infantil. Eles queiram ser importantes nesses assuntos, e se alguém teria o poder de os santificar como tais, seria a linda mãe das garotas. Não aconteceu, mas depois eles todos vieram de qualquer forma, um por um, mesmo que tenham cada um mantido isso em segredo. Eles procuraram o local de sua casa de campo e expressaram sem jeito simpatia pela mulher. Então eles trocaram notícias, também, sobre a investigação, e lentamente Ann-Margret lembrou de seus nomes. Embora a última vez que isso aconteceu foi oito anos atrás. Depois, quando Tereesz e Khan confessaram, Jesper ainda mentiu sobre ter feito qualquer coisa do tipo.

“É uma pena,” ele disse sarcasticamente.

Ann-Margret volta dos arbustos nus de groselha, coloca suas luvas de jardinagem em um prego no galpão e manda seu marido para o trabalho. Karl Lund ainda trabalha fora como um apaixonado magnata industrial, mesmo que a instabilidade política e a crise econômica internacional resultante estejam devastando seu negócio; não importa que ele na verdade tenha dinheiro suficiente para se aposentar onde queira, até Stella Maris. O chauffeur pega ele onze e meia, o carro de luxo envolvido em sombra cinzenta na estrada da vila. No quintal, Ann-Margret assiste o vermelho framboesa dos faróis traseiros desaparecerem conforme o homem se afasta dela.

Junto com seu marido e o ritual matutino, todos os sinais de que ela já teve quatro filhas loiras de olhos verdes recedem. Uma tinha cabelos ruivos e a outra olhos de arco íris, mas quando ela toca a música devagar e move seus ombros ao ritmo, ela não consegue dizer qual. Então, conforme a culpa dissolve e a luz do dia chega através das cortinas de renda branca, Ann-Margret Lund se sente leve, ela flutua. Como se toda a sua vida tivesse sido desvivida, e todas as marcas, pequenos amassados que uma pessoa deixa no mundo, foram tapados ao ritmo da música. Ela se move modestamente na sombra da árvore de sua família, da qual todas as folhas caíram. Ela não mais sabe que o modo como ela coloca seu lábio superior sob de seu lábio inferior, esquecendo de si mesma e ri junto com a música, é exatamente como Charlotte fazia. Ela varre o chão, endireita as toalhas de mesa, e deixa retas as fileiras de livros na prateleira. Ela não ouve o rádio, não significa nada a ela. Até o ponto que Ann-Margret se importa, o mundo acabou um bom tempo atrás e deixou ela aqui para fazer suas tarefas domésticas.

Ela senta na mesa da cozinha, com as mãos no colo, e assiste a casa cintilar. É quatro e meia, os cômodos estão quietos e limpos. Ela ocasionalmente adormece como um gato, sua cabeça grisalha acenando à mesa. Aconteceu da noite pro dia, como Dolores Dei. Vinte anos atrás, na manhã de 29 de agosto, ela acordou e ficou prateada. Ela escuta música em seu sonho, luz derramando em seu cabelo através da janela da cozinha, e naquela onda de luz, ele parece dourado novamente por um momento. Estão batendo na porta. Talvez Karl esqueceu algo ou está voltando para casa mais cedo... mas então por que bater? Só parece improvável que alguém fosse visitar ela. Quase ninguém vem aqui mais e ela gosta disso. Ann-Margret Lund ajeita seu traje, alisa a saia enrugada em seu colo, dá um sorriso, e abre a porta.

“Olá, madame.”

Três homens estão parados ali, sorrisos sem jeito em suas faces: um está vestindo roupas muito caras e cheira a uma *loção pós barba* de quinhentos real, incapaz de esconder a febre que ruboriza sua testa; outro está parado ao seu lado em roupão fino laranja escuro, vestindo um cachecol tricolor de Iilmara; e um terceiro, alto e arrojado, apaga com pressa seu cigarro. Apesar das conexões serem difíceis de fazer, ela convida os homens e olha para eles parados ali em seus casacos. É só quando ela vê a timidez

juvenil com a qual eles cambaleiam de um pé para o outro e desenham formatos no piso com a ponta de seus sapatos, que ela lembra quem eles são. Lembra a ela o comportamento de um jovem admirador.

“Temos notícias,” diz Inayat Khan. “Eu sei, não precisa levantar muito suas esperanças, ok? Mas são boas novas, madame.”

E conforme a madame os leva para a cozinha, seu coração se sente novamente pesado como estanho, e seu cabelo brilha na fraca meia luz da cozinha.

“Cafê? Chá?”

Cinco horas atrás, Jesper estava sentado na cafeteria “Cinema”. Na brilhante luz do meio dia, ele se sente um pouco menos *projetado* no espaço entre as paredes de vidro e os móveis cúbicos do que de costume. Sua cabeça e suas pálpebras estão estranhamente pesadas. Ele seca sua testa suada com lenço com iniciais. O designer de interiores parece pior do que normal, puxando seu suéter sobre sua cabeça. Ele começa a sentir frio novamente em sua camisa social. O frio do final de outono entra pelas janelas que vão do chão até o teto, e uma multidão passa lá fora. Ele pede um chá verde com limão e mel.

“Eu acho que peguei um resfriado,” ele diz do outro lado da mesa para um homem alguns anos mais novo que ele. Ele lembra bem dele, é o pequeno Olle. Ele estava quatro séries atrás deles. Jesper lembra dele principalmente pelas brilhantes habilidades de falsificação de Olle. Os garotos mais velhos usavam sua mão dourada para todo tipo de assinaturas, e o carinha fez um bom dinheiro dessa forma. Todos aqueles boletins cheios de notas terríveis e cadernos repletos de marcações em vermelho que precisavam de assinaturas. Agora o pequeno Olle cresceu um grande bigode marrom, e Jesper tira suas próprias conclusões. Olle é um *redator*, e bigodes estão de volta à moda. Em certos círculos. Círculos nos quais o imaculado do niilismo e a poesia exótica de Saint-Miro são apreciados. Ou pelo menos era dois dias atrás quando a terra de onde veio tanto Saint-Miro quanto o bigode das antigas ainda não havia usado uma bomba atômica em outra terra.

“Eu acho que a tendência do niilismo acabou agora,” Jesper menciona sem rodeios.

Olle concorda veementemente, “Eu deveria me livrar do bigode, eu sei, veio como uma bomba para todos nós. Perdão pela expressão, nós não...”

“É, é, isso é terrível,” Jesper o interrompe no meio da frase. “Uma tragédia total. Por que você me ligou, Olle?”

“Eu li o anúncio e pensei por um bom tempo. Foi só quando a explosão aconteceu que, cê sabe, eu realmente me senti mal.”

“Mas que porra Olle? O que tá rolando? Você tá se sentindo mal pelo o que?”

O *redator* bigodudo recua na frente do Jesper repentinamente vermelho-beterraba. Ele o encara do outro lado da mesa. Conforme Olle tenta desviar seu olhar, um tigre albino ao longe toma o lugar de Jesper. Apesar do *redator* vir aqui para fazer amigos, ele nunca gostou da taxidermia medonha.

“Espera, eu não matei elas, eu só escrevi as cartas.”

“Por que no nome do Senhor você faria algo assim?”

“Eu não sei,” Olle gagueja. “Eu era novo na época, eu realmente não sei por que eu fiz isso. Todo mundo na escola falava sobre elas depois que aconteceu. Talvez eu só quisesse ver no que ia dar. Eles poderiam notar que não era mesmo a Málin? Um cara, um tal de

Zigi, me trouxe o caderno antigo da Målin e perguntou se eu poderia copiar a caligrafia. Pareceu fácil o bastante e, bem, eu achei que poderia tentar.”

“E você mandou as cartas ou foi outra pessoa?”

“Zigi as mandou, eu só escrevi. Sabe, eu estou bem envergonhado sobre isso, você tem que entender que eu era bem novo na época e, bem, eu achava que eu era meio niilista...”

“E você não tem mais nada para me contar sobre isso? Você não sabe nada delas? Até se, por exemplo, eu fosse para a polícia com essa história, você não teria nada a mais a dizer?”

“Infelizmente, não.” Parece que Olle está genuinamente arrependido conforme alisa nervosamente seu bigode, e Jesper olha para fora da janela para Östermalm, seu olhos esmaltados pela febre. Um grupo de pessoas em roupas escuras passam pela janela. Com sua boca avermelhando, ele coloca seu suéter de volta e pega seu casaco.

“Idiota,” ele diz e sai. Olle fica para trás para pagar a conta. Quando a conta é levada à mesa, o tigre albino ainda está o encarando.

“E isso são *boas* notícias?” pergunta Ann-Margret e sacode as cinzas de seu cigarro, seis horas depois, no lado de fora. Plumas de fumaça sobem da boca dela e de Tereesz Machejek, e uma constante luz cinza claro escorre do céu. Ela senta com três homens numa varanda em volta de uma mesa de madeira e a brisa sopra folhas marrom-escuras para o chão. Jesper, tendo terminado sua história, se sente desconfortável. Mas então Khan entra na conversa: “Não, isso não é tudo! Mas olha, o que é notável sobre isso é que vinte anos depois, na posição em que o mundo está agora, algo novo ainda está surgindo. Ou seja – ainda há tempo. E eu tenho a sensação de que agora tem um porquê de tudo estar surgindo. De que há algo no ar.”

A ex-ministra senta com suas costas arqueadas, com sua perna femininamente sobre seu joelho. Ela mantém um silêncio desdenhoso, que esfria o entusiasmo de Khan. O homem toma um gole de seu café. Ou melhor, finge tomar. Não há nada ali a não ser açúcar escorrido.

Khan continua: “Agora eu não o que você pode concluir disso. Eu não sei o que concluir disso.”

“Eu, pessoalmente, não levo isso muito a sério,” Jesper interrompe.

“Enfim,” Khan continua, um pouco emburrado, “Eu vou dizer diretamente que eu levo. Seriamente, digo. Nós acabamos de retornar de Lemminkäinen, certo, de um consultor privado. Ele é bem conhecido, apesar de manter-se discreto. *Self...*” Tereesz dá a ele um olhar de aviso e Khan continua: “Ulv é seu nome. Você já ouviu falar dele?”

“Eu acho que não.”

“Pessoas vão a ele com coisas das quais elas não conseguem informação em lugar algum. Coisas emperradas. Ele esteve envolvido em pelo menos doze investigações de morte. Ele sempre ajudou de alguma forma. Geralmente, a polícia não se vangloria muito sobre isso, mas Tereesz pode te assegurar de que é verdade.”

O ex-agente Machejek acena com a cabeça. Ele pode sentir os olhos dela sobre ele, e mesmo tentando se comportar como deveria no trabalho, procurando ser rigidamente respeitoso e confiável, não funciona muito bem. *Nós amamos as garotas, nós amamos elas mais...* Ele está tão envergonhado por seus pensamentos. Num primeiro momento, ele tenta não olhar, depois ele olha para cima. Por um momento, seus olhos, de cores aleatórias, se encontram com as esmeraldas cansadas de Ann-Margret. “Seus métodos

são de um tipo que não é mencionado posteriormente em uma investigação oficial,” Tereesz começa. “É um tácito acordo. Com o gabinete do procurador. Algo assim daria à defesa demais para se apoiar.”

“É como que um detetive paranormal, se entendo bem?” Sob pressão da mídia, a polícia, junto com a prefeitura, finalmente escavou toda a ala leste de Ringhalle. O médium rolou seus olhos e continuou apontando, mas tudo o que saiu da fundação de concreto foi ainda mais fundação de concreto. E esse foi só um caso específico. “Eu já vi minha cota de *necromantes*,” ela se permite um traço de amargura.

Tereesz sinaliza a Khan para que espere. “Quando eu faço meu trabalho, eu não o faço pelo Estado. Eu faço pela vítima.” Falando desse jeito, ele esquece de si mesmo. Sua confiança retorna, ele é novamente um agente da Polícia Colaborativa, não a folha ao vento que ele fez de si mesmo. “Então, eu não me importo de onde e como a informação vem, desde que seja produtiva. Confesso que nunca fui a esse consultor privado específico. Infelizmente, ele apenas lida com casos nos quais a vítima já está morta. Mas ele tem um dom inquestionável nesse caso. Por exemplo, o próprio Ulv já foi um suspeito. Em oito casos diferentes nos quais ele foi conselheiro. Se isso parece competência a você – a mim também parece, francamente. Casos completamente não conectados, e nenhuma evidência foi encontrada contra ele. Você entende?”

A mulher pega pensativamente um cigarro e então, quando Tereesz a oferece o isqueiro, Khan aproveita a oportunidade. Ele se inclina sob a mesa e deixa sair, “Ele não sabe de *nada* sobre as garotas!”

“E o que isso quer dizer?” ela está perplexa.

Khan olha de volta a ela com um grande sorriso, “Ele não sabe de nada sobre elas. Ele não tem informação sobre elas. Um página em branco: ele não sabe onde elas estão, ele não sabe nada sobre seu passado, nenhum segredo. Mas esse é o ponto! Ele não sabe de nada pois elas não estão mortas.”

A mulher está secretamente horrorizada, com sua postura de senhora inalterada. Tereesz nota algo suspeito em sua reação, mas devido a um grande respeito, ele ainda não consegue dizer o que é. “E o mesmo consultor diz isso?” Ann-Margret olha para ele interrogativamente. Khan coloca um maço de papel em frente dela. “Essas são as minhas anotações. Sobre as garotas. Esse é o resumo que dei a ele. Suas anotações estão no final. Você verá que essas são as palavras exatas que ele usa: ‘Não estão mortas’.”

Ann-Margret está folheando os papeis. Toda a miséria do mundo lampeja diante de seus olhos novamente, fotocópias e datas, uma cronologia de eventos. Khan continua: “É como dar outro envelope para uma ocasião como essa. Se a precisão do primeiro não puder ser verificada

– no momento são as garotas, nós não teríamos uma pista disso apenas – a precisão do segundo prova isso. E adivinha quem ainda não está morto?” Khan puxa seu segundo envelope de seu bolso e o coloca na bolsa. Foi só quando Tereesz finalmente o viu que ele começou a considerar seriamente o estranho experimento de Khan. “Zygismunt Berg” está escrito nele. Jesper não sabe nada disso ainda. Ele observa, com seu pescoço se esticando curiosamente.

“Eu dei Zigi a ele.” Khan está indo com tudo, perdendo a si mesmo, falando diretamente a Jesper. As conexões que ele tira do nada ficam cada vez mais fantásticas. Como uma afirmação de um especialista paranormal prova outra, linhas pontilhadas levando ao caos, um rótulo orgulhosamente proclamando, “Axioma!” E então as cartas! Como ele absolutamente devem descobrir o que houve com o desleixado da jaqueta de couro, uma seta pulando para indicar tudo o que pode sair disso!

Só Tereesz, que já ouviu isso, ainda está observando a reação de Ann-Margret. Não há nenhuma. A mulher apenas está encarando uma página na pasta das garotas. Do lado de

fora, está aos poucos ficando mais escuro e está frio. Ela levantou a gola de seu casaco e quando Tereesz encontra seus olhos, ela não responde. Ela não esteve lendo faz um tempo, só viajando, com suas familiares íris verde-escuras estáticas. O que é esse quase imperceptível sentimento bem no fundo? Tereesz acha que sabe. Como os olhos dela estão levemente semicerrados, a estranheza. Ela *lembra*. Mas o que?

A noite está se aproximando, está ficando escuro, e Khan está queimando como uma lâmpada no meio. À toda volta, na quieta vila, o ar está frio como cristal. O homem encosta numa cadeira dobrável e enxuga seus óculos com uma expressão triunfante. Ao seu lado, Tereesz decide ir pela solução mais fácil, estica sua mão e segura na borda da pasta. Ela ainda a segura em sua mão, ainda sem ter conseguido virar a página.

“Posso?” ele pergunta.

“Sim, é claro,” acena Ann-Margret. Como se acordando, ela adiciona, “É tudo muito confuso, tenho que admitir...” No meio tempo, conforme Khan explica como a mãe das crianças deve ir agora à polícia, Tereesz olha às quatro fotos das garotas Lund na pasta. Khan organizou elas numa fileira por idade, como miçangas numa linha.

Ann-Margret fecha os portões do jardim atrás do convidados em retirada. Ela acena gentilmente à janela de trás. O taxi anda pela estrada de cascalho, não é mais Kenni no volante. Kenni já há muito tempo foi para seu próprio mundo de Kenni, para fazer coisas de Kenni. Eles estão a quarenta quilômetros de Vaasa, e a casa de campo branca em meio às castanheiras não fica para trás rápido o bastante. Secretamente, todos compartilham uma sensação de alívio quando saem. De certa forma envergonhados também. Ninguém consegue dizer nada, o cascalho tritura por baixo das rodas. E no fim, Khan tenta ainda assim: “Ela, sei lá... não pareceu muito feliz. Ou algo assim.”

Jesper assopra com o nariz: “Eu também tirei essa brilhante conclusão.”

“Então o que você acha que deveríamos ter feito? Não ter contado a ela, deixar ela descobrir por si própria, tipo sobre o que rolou com aquelas cartas?”

“Ê, Ê! Elas não estão mortas, Senhora Lund, suas filhas estão vivas, filhas vivas! Você não podia só deixar ela adivinhar isso, podia? Ela tinha que ter esse mistério resolvido.”

Por mais um tempinho, eles ficam quietamente sentados e olham para fora da janela. Passam estradas de vila, a máquina chocalha e Tereesz pergunta ao motorista se está tudo bem em fumar no lado de dentro. O fósforo brilha na luz fraca e o papel do cigarro crepita na chama. Fumaça de “Astra” flutua pela cabine, tem um cheiro amargo. Depois de tanto tempo no automóvel de Kenni, parece traiçoeiro sentar aqui.

A consciência de Khan começa a ferroar: “Mas talvez nós realmente não devêssemos ter feito isso. E se ela se reconciliou, e nós só irritamos ela por nada? E se nada vier disso...”

“Você acha?” Jesper diz sarcasticamente. “Talvez foi o nosso dever! Correndo para a casa de uma estranha e dizendo pra ela sobre as filhas dela.” Ele pensa por um momento, e começa novamente: “Eu realmente acho que não, Khan. Eu não acho que ela reconciliou ou algo assim. Talvez ela só esteja tentando prosseguir com a vida dela. Eu não sou um pai, é claro.”

Tereesz puxa um cinzeiro da porta. Ele fuma, em silêncio. Eles evitam a rede de veículos automotores e seu congestionamento. Por isso que dirigem por vias de vilas entre campos e bosques. No meio do caminho, ele está no seu sexto cigarro e a cabine está ficando abafada. O ex-agente é gentil, ele abre a janela e o ar fresco entra, junto com uns flocos de neve. Eles flutuam para a beirada da vala no lado de fora. O arbustos sem folhas passam rapidamente e neve começa a cair sobre os campos distantes.

“Ela não reconciliou,” diz Tereesz. “Ela esqueceu. Eu não vi nenhuma foto delas na casa toda. Ela estava olhando para elas naquela sua pasta também, como se ela

estivesse tentando lembrar quem elas eram.”

Khan se arrepia pelo frio. Ninguém diz nada. Isso significa aceitação. Tem outra longa pausa antes de Jesper hesitar. É assim que eles deixam os outros sabendo como isso faz eles se *sentirem*. Raramente eles falam uns com os outros sobre o que realmente pensam. Tudo por causa do desaparecimento. É porque eles falaram demais no começo. Tanto que falar não ajudava mais. Tudo foi dito, eles não tem nada para consolar uns aos outros. Por isso é tão estranho para todo mundo ouvir o Jesper dizer: “Às vezes parece pra mim que o mundo todo esqueceu delas.”

“Eles esquecerem,” diz Tereesz.

E Khan diz: “Vamos lá achar esse cuzão do caralho.”

“Vamos fazer isso hoje,” diz Tereesz.

Khan então pergunta, “Onde

vamos?” “Para Graad,” diz Tereesz.

E então ambos olham para a direção de

Jesper. “Davai,” diz Jesper.

Com a escuridão vem uma tempestade de neve. Eles estão rodando pelas ruas de Saalem e a cidade à volta deles congela. É a primeira vez esse ano. O frio, doce cheiro da neve permeia a cabine quando Khan entra com uma grande maleta em cada mão. Pegadas são deixadas para trás na frente da casa. Sua velha mãe para na porta, gritando algo, mas ninguém consegue ouvir o que é. A máquina já está acelerando e a neve está rodopiando no túnel formado por ela na rua. Esteve nevando o tempo todo em que eles esperaram por Jesper na frente de sua casa. Duas horas. Já parece que eles não vão conseguir pegar seu trem magnético noturno. Ondas brancas deslizam no vento vindas dos abetos, e um veículo automotor preto está enterrado debaixo da neve. Finalmente, Jesper chega, com uma maleta branca em mãos.

“Como foi?”

“Bom, vamos só dizer que não foi muito bem,” ele responde. “Dirige.”

Eles dirigem. Rápido. Eles falam para o motorista do taxi ir mais rápido, mas isso seria perigoso. O vento desenha linhas nos faróis, é caos voando por todo lado, nas ruas, nas auréolas laranjas dos postes de luz. Tereesz joga dinheiro ao motorista e guia pelo caminho, olhando em seu relógio. Ele corre pelo quarteirão nevado, o som das portas do taxi fechando atrás dele. Ele não liga se Jesper deixou suas coisas para trás na casa dele.

O único arrependimento de Jesper é que ele não achou sua xuxinha de cabelo quando ele deixou a modelo de lingerie. Ele poderia ter sido melhor. Isso é uma pena também. Ele está correndo, com sua mala na mão, neve em seus olhos, e todos os tipos de comentários vem à mente: “Essa coisa de moda, com essa coisa de moda, sabe, isso não é *bom* mais. Essa coisa de *modelo* não tem futuro. Você vai pegar minha casa, você vai viver em Vaasa, não é seguro viajar. É hora de ir trabalhar de verdade.”

Está de noite, mas há uma fila na frente dos elevadores. Eles estão gritando, Tereesz mostra rapidamente seus documentos falsos: “Polícia Colaborativa, saiam daqui!” Ele não é mais Somerset Ulrich, agora ele é Kosmo Kontšalovsky. Kosmo não é um agente desaparecido, é uma própria invenção de Tereesz. Para confundir os rastros – ninguém pode segui-los.

Só daí, quando a cabine lotada do elevador os leva para cima da cidade, que os garotos

sentam em suas malas e recuperam o fôlego. A cidade está enterrada na neve, e seu brilho penetra na fumaça dos escapamentos de veículos automotores, fazendo eles ficarem verdes, dourados, laranjas... Até que a escuridão da estação de trem os engole. As portas do elevador se abrem, e eles correm abaixo dos arcos de aço do prédio da estação. Ali, também, uma multidão noturna os espera. Está cheio em todo lugar, na sala de espera, na frente dos guichês de passagem, mesmo com os painéis luminosos da estação mostrando que não há assentos disponíveis, e a garota com voz de bebê vinda de um auto falante confirma isso. Até o voo para Samara, para a SRV, para depois de amanhã, está esgotada. Sim! Esse é o Estado trabalhador burocrático declinado para o qual você quer estar. Sem mencionar em que neste mesmo momento, em Graad, a rede irrigação desaparece, e uma enorme onda do Pálido sobre ameaçadora sobre Yekokataa. Para onde vocês estão correndo, fiquem em casa, se alistem no exército!

Ele se espremem para a plataforma. Está nevando sob o alto céu da noite, e quando a condutora para eles ali na frente na porta de cinco dobras do vagão do trem magnético, Tereesz faz algo que ele nunca faz. As rápidas demonstrações de autoridade de Kosmo Kontšalovsky não tem mais nenhum efeito na condutora, atordoada pelo frenesi das pessoas. A garota com a voz de bebê anuncia a partida iminente do voo e pede para todo mundo ir para trás da linha amarela. Eles já podem ouvir o assvio das partes hidráulicas do trem. Tereesz coloca sua mão por baixo de sua jaqueta e revela uma pistola. A bolsa de couro do coldre fica pendurando debaixo de seu braço. Com a coronha de mogno firme em sua mão, ele atravessa as portas para a luxuosa escuridão do trem, o cano da arma brilhando, e a condutora recua diante da arma de serviço. Atrás de Tereesz, Khan e Jesper deslizam pelas portas. As portas se fecham, o imãs rugem e uma das malas de Khan é deixada na plataforma.

Tereesz coloca a pistola de volta em seu coldre e pede desculpas à condutora aterrorizada. Eles não estão acostumados com esse tipo de coisas aqui em Katla. O ex-agente agradece a mulher por sua cooperação e retorna para a diplomacia. Lá fora na plataforma, o enormes amortecedores são desconectados do trem. O cordão umbilical é cortado e, solto dos conectores, o trem afunda nos imãs com todo seu peso. Eles vibram a todo vapor debaixo dos vagões. E então o voo começa.

A força do bloco de imãs faz o Mar do Norte abaixo deles se abrir em dois. Está quieto lá dentro, os geradores vibrando conforme o trem corre 50 metros acima da água. Eles ficam juntos, rindo. Tereesz apaga seu cigarro em um cinzeiro de bronze, e eles viram suas costas para as janelas e saem. À frente jaz o Pálido, e depois dele, o grande mundo começa. Em algum lugar, em suas cidades, em suas ruas, em suas extensões de estepes, está Zygismunt Berg, a única pessoa nesse mundo que sabe o que houve com as garotas Lund. Nas janelas atrás deles, na cidade, só poluição luminosa permanece, um brilho dourado distante no meio da escuridão nevada da tempestade.

15. MOFO

Deerek Trentmøller está em um estado catatônico. A casa de repouso à sua volta está muda. Ele não consegue lembrar o nome de coisa alguma e nenhuma conexão significa algo a ele. Tudo está esquecido. Tudo está esquecido. Ele olha para o mundo todo com a feliz interrogação de uma criança. Depois de dois meses, um cuidador entra em seu quarto e dá um suspiro de alívio na porta. Ele retira a cânula do pulso do velho. A sombra dos galhos da árvore deslizam nas paredes, enquanto um veículo automotor passa pela rua coberta de neve lá fora.

As rodas esmagam a neve e dentro do morno salão, o conhecido crítico musical minimalista e surdo Åre Åkerlund, colega de Jesper dos tempos de escritório, está perambulando. Suas perspectivas não parecem muito brilhantes. Fica quase impossível copiar críticas de músicas do Ocidente se músicas novas não são mais feitas. Mas Åre Åkerlund usa muita cocaína e isso, como sabemos, faz você ser muito inteligente. O clima social é diferente agora, mas o consumo permanece. Significa que ainda há espaço para propaganda. Åre Åkerlund cria as fundações para o que depois se tornaria o mundialmente famoso Laboratório de Ideias em Vaasa, uma agência de publicidade que produz *ideias* para propagandas ao invés de propagandas reais. Alguém as faz depois. Depois de uns meses, o Laboratório de Ideias se torna uma obra prima de propagandas apocalípticas. Nos países Nórdicos, também, a gigante dos transportes ZAMM lança uma campanha interisolar com o slogan “Escape! Ainda não é tarde demais.”

Mais ou menos nessa época, ou um pouco depois, perto do solstício de inverno, o novo documentário de Konrad Gessle passa despercebido pela maioria do público. O inverno está chegando, escuro e longo, e as massas em pânico estão demandando por entretenimento mais leve. Tanto faz se o diretor foi indicado oito vezes ao prêmio Oscar Zorn. Mas então, o agressor ecumênico Mesque traz sua frota do Pálido, a manobrando bem ao norte sob o platô boreal. Fumaça negra sobre dela para o céu, abaixo das auroras, na região de Graad Holodnaja Zemlja. Arda, Vaasa e Suru se juntam a Graad, que declararam guerra a Mesque dois meses atrás. Com isso, Katla, terra de fronteira do mundo, é pega na centrífuga,

A audiência para o filme “Vidkun Hird: ‘Vidkun Hird’ “ está aumentando. Para sua grande tristeza, entretanto, Konrad Gessle vê nos cinemas o exato tipo de audiência que ele mais temia quando começou esse projeto controverso. Tempos ruins dão uma cor nacionalista à desistência, e ali sentam a juventude militar, fascinada, junto com senis avôs nazistas. Nenhum deles entendeu o delicado simbolismo de Gessle, sua ironia, seu senso de absurdidade. Os guerreiros estúpidos admiram o uniforme preto de Hird posando seriamente, sem qualquer rastro de ironia. O que mais impressiona eles é como a grande figura eventualmente colapsa sob suas próprias máximas sobrehumanas. Parece poético a eles como ele fala baboseiras em suas últimas entrevistas. As cenas de Hird vegetando em seu cela os faz lacrimejar. Finalmente, acabou que mesmo sua mente heróica não pôde viver sob essas verdades ancestrais. Elas eram muito honestas, muito genuínas. Como um guerreiro, Hird se empurrou para o limite, sem sucumbir a influências culturais diluídas. Esse foi seu triunfo, sua hùbris e sua queda: verdade – ela é poderosa demais.

Esse é apenas um das muitas absurdidades do fim do mundo, mas é uma que faz Sven von Fersen pensar que é hora de sair do armário. Sven está lentamente saindo dos chistosos artigos administrativos, os substituindo com “declarações de apoio ao governo e às forças armadas”. Então, quando Graad e seus aliados nortenhos se encontram no lado perdedor da guerra mundial, o único confronto real é organizado em Iilmaraa. Sven von Fersen não quer ajuda dos bostas de camelo: “Quando menos você esperar, eles vão te apunhalar com uma cimitarra.”

Mas no fim, o fascismo permanece onde sempre esteve, nas margens da sociedade, entre criptozoologia e psiônica. A massa predominante da vida pública não é como Sven von Fersen. Seu senso nortenho de estilo é muito claramente estabelecido, e extremos não acham ressonância. A delicada mão do editor retira vocabulários racialmente sensíveis de tais escritos. Eles não podem impedir que sejam publicados – isso seria contra a liberdade de expressão. Então, esse pedaço de terra no Pálido entre no estágio de apocalipse geopolítico junto com o restante do mundo, mas ao invés de entrar em colapso, ele só fica à deriva. Ainda como social-democratas. Ainda generosamente dando auxílio à aqueles que não fazem nada. Cruzadores perecem no fogo cruzado do Mar do Norte, mas ao artista desempregado ainda são oferecidas oportunidades em sua área pelo Estado. Graad perde o Platô Boreal ao norte, Jelinka queima em uma noite de inverno de três meses e ninguém sobrevive, o desempregado Per-Jonas ainda está falando do livro que está escrevendo. Graad abandona o insignificante teatro de guerra em Katla para concentrar forças na defesa de sua isola natal, o caminho para Arda está agora aberto para o agressor, e o fronte está ficando mais perto a cada dia, mas ainda não há notícia do livro de Per-Jonas. Logo, apesar das objeções dos extremistas, Vaasa desaparece por trás das cortinas da história, junto com sua licença paternidade paga de três anos e transporte público impecável.

Nada também parece parar projetos futuros de consciência ecológica por lá. Nos últimos meses, quando o Pálido se rastejou pelo oceano em direção a Vaasa, o grande sonho dos lobbies de anti-poluição luminosa se tornou realidade. Prédios industriais e comerciais desligam suas luzes artificiais no fim do dia útil, e os postes de luz recebem filtros especiais. Vaasa, a primeira e última metrópole na história mundial a completamente eliminar poluição luminosa. Isso não só é uma medida contra bombardeamentos, mas também salva pássaros que de outra forma poderiam se perder no labirinto de luzes, e focas cujos rituais de acasalamento são perturbados por um dia longo demais. Você pode rir disso, mas de noite, quando o mundão afora se torna um redemoinho sangrento, famílias saem às ruas de Vaasa e ficam juntas, insignificantes. Apenas explosões distantes perturbam a profunda paz da noite de inverno e seu céu perfeitamente estrelado. Todos olham para cima, com as cabeças inclinadas para trás.

A mãe idosa de Khan está olhando também, em Saalem. Seus olhos são coloridos por uma escura iridescência, como os fazem em Iilmaraa. Um lenço dourado cobre seu cabelo. Está frio e a respiração da mulher vaporiza pelas ruas da cidade de madeira. Aliyah Khan viu pela última vez seu filho naquela noite, quatro anos atrás. Não foi muito depois – não mais do que um mês – quando ele ligou para dizer adeus à sua mãe. Famílias estão andando, junto delas homens de idade militar. Inayat disse que ele não vai voltar, mas eles, do fronte nortenho, voltam a todo tempo. Soldados. De alguma forma, a guerra foi negligenciada também. É tudo um tipo de estagnação, uma rendição, mas também reflete um desvio que é associado precisamente com moralismo, um movimento que também tem a social democracia como célula filha. Se lê dessa maneira: “Por um momento, pareceu que havia esperança para a humanidade.”

Então, conforme as estrelas se curvam acima numa devastação descendente, muitos não vão conseguir levar o slogan “fim do mundo” muito a sério. O pânico esfriou. Numa estranha indiferença à evacuação, família inteiras ficam para trás em Vaasa. Ali elas jogam jogos de tabuleiro, em casas privadas, em apartamentos espaçosos. Eles amam comida vitaminada, e então, quando o Pálido está apenas a dias de distância, sempre há um lindo evento para marcar a ocasião. Frutas mofam. Ele prospera nelas morbidamente. Crianças ouvem as laranjas triturando na mesa. Esporo brotam na polpa da fruta, as maçãs estão peludas por causa deles. Se você tenta tocá-las, elas abrem com um craque. Ninguém sabe por que é assim. Mas poucos conseguem começar a ter medo deles, e por isso que eu diria que é lindo.

A mãe de Khan é uma daquelas que decide ficar para trás em Vaasa quando o Pálido chega. Muitos também fogem. Eles vão para Arda, mais perto do fronte, mais longe do Pálido. Anita Lundqvist leva suas belas mãos para lá, na órbita invernal, e vai para a fábrica de munição polir cartuchos. Nesses últimos anos, especialmente depois da evacuação, a modelo de lingerie parece extremamente forte. Toda a frivolidade e joie de vivre que fez da garota uma modelo em um mundo em funcionamento é traduzido em algo totalmente diferente no fim dele. Essas são qualidades de liderança e Anita Lundqvist é a rainha do campo de refugiados. Quando Åre Åkerlund a encontra lá, ele nem a reconhece. Quem é essa Valquíria? Mas então Anita vem a ele, o cumprimenta pelo nome e o dá um remédio para amenizar os sintomas de abstinência de Åkerlund. O conhecido minimalista e crítico musical surdo está grato. Ele conta a ela sobre um comércio internacional de drogas que não funciona mais. E sobre como a nota preta IIR – o real interisolar – foi desvalorizado e como a economia mundial colapsou. Finalmente, Åkerlund diz a ela sobre o *não-mundo* – tudo o que ele experienciou em seu caminho para o campo de refugiados. Ele veio até Arda a pé. Tendo perdido a evacuação, o homem andou por fiordes congelados por dois meses. Ele passou por cidades fantasmas, ele estava sozinho, e o Pálido o seguia. Ele rastejou pelo pergelissolo, onde os destroços de aeronaves caídas afundam nos montes à sua volta. Åkerlund também contou do cavalo que puxou seu trenó e o qual ele enfim comeu. E Anita conta a ele sobre Jesper. Ela conta apenas coisas boas.

A fábrica onde Anita trabalha é um recurso estratégico. Apesar de estar escondido fundo nos fiordes, o recentemente lançado satélite de reconhecimento de Mesque “Mosaico” acha ela ali. O agressor ecumênico acaba com a fábrica de munições com uma chuva de bombas, e a modelo de lingerie se perde no redemoinho da guerra. É seis anos depois da noite tempestuosa quando Khan, Jesper e Tereesz foram embora.

Sobre a costa sul de Katla, o inimigo da matéria, a grande transição enterra a extinta isola. Lá se foi Vaasa e a praia de Charlottesjäl. Agora, ninguém mais vem dali, apesar de que aqueles deixados para trás – amigos e familiares – sejam constantemente esperados nos acampamentos. Em algum lugar ali, Ann-Margret senta em sua cozinha, em meio ao Pálido, seus cômodos quietos e limpos. A professora aposentada veste uma jaqueta bege e uma saia que vai até o joelho, vendo os damascos mofarem. Provavelmente seria demais dizer que ela não foi à polícia no meio tempo. Como todo mundo, ela não sabe o que fazer durante essa estadia prolongada, quando a sensação do presente lentamente deriva para longe. Mas enquanto outros dissolvem nas memórias deles, ela só desaparece. Sua vida parece nunca ter existido. O passado não espera ela voltar. Ele perambula pelos cômodos, arrumando os panos de prato de renda da avó e os lençóis, rearranjando as cortinas nos suportes. E então, com muito bom gosto, ela se recusa a sucumbir aos êxtases que visitam o espírito humano conforme o mundo desintegra. Nada enfraquece seu domínio, nada retorna. Quando Katla finalmente afunda no Pálido, Ann-Margret Lund se torna uma proteína sem o menor prazer.

16. ENTROPONAUTA

Seis anos antes, em algum lugar muito longe, na beira de outra isola, um homem acorda. O ano é '72. Ele está sozinho. Está frio e escuro na tenda, e o homem está encolhido em seu saco de dormir. Ele esfrega seus lados para se aquecer, seu suéter xadrez esfrega sua pele. Isso faz o sangue correr, e então o homem finalmente se aventura a colocar sua mão fora do calor do saco de dormir. Ele veste luvas sem dedo em seu sono. É algo comum na área de trabalho. Ele tateia sobre o chão, acha uma lanterna no escuro e mexe com seu botão congelado por meio minuto. Finalmente, a lâmpada acende, a luz elétrica tão fraca que male mau ilumina uma única pessoa. O homem senta com suas pernas cruzadas em seu saco de dormir e aquece suas mãos. Ele respira em seus dedos, com sua boca desdentada aberta. No feixe da lanterna, dentro da tenda, está uma estampa com o nome da fabricante, "Cooperativa 'Microcosmos'".

O homem coloca sua mão sob a tenda, está fria. A tenda está afundando sob o peso da neve, insulada. Não há nem um pouco de luz de fora, nem se pode ouvir o vento, a tempestade diminuiu durante a noite. O relógio eletrônico mostra que hoje é o aniversário dele, ele tem trinta e nove anos. É 7:15 da manhã. Agachado em sua microcosmos, ele rasteja para fora de seu saco de dormir, puxa sua jaqueta anoraque e enfia seus pés nas suas botas de cordão. O fecho abre e desse, de pernas nuas, ele sai da tenda direto no Pálido.

Vinte quilômetros da beirada do mundo, a neve está caindo lentamente. É uma manhã escura e sombria de um homem marcha alguns passos a frente da tenda coberta por neve, debaixo de uma árvore sem folhas. À sua volta, o sonho preto e branco da paisagem da taiga emerge dos dentes rochosos e fantasmagóricos mantos de abetos. Através da neve e névoa, um azul male mau perceptível penetra no mundo sem cor de onde a visão não chega. Está de manhã e não vai ficar mais claro aqui. E no meio disso tudo, parado em frente da árvore sem folhas está um ser humano completamente destruído. Ele é um entroponauta. Ele é um músico de rock envelhecido. Seu nome é Zygismunt Berg e ele está vestindo uma cueca azul escura com uma listra branca. Ele está mijando.

Seu acampamento está localizado na descida de uma montanha, em um terraço cercado por abetos. Mesmo na névoa distante abaixo do vale, o som de uma pá de neve pode ser ouvida conforme o entroponauta cava a entrada de sua tenda. E então, o som de um machado. Segurando galhos da árvore sem folhas, Zygismunt Berg retorna à sua tenda pelo campo aberto. Grossos flocos de neve flutuam no ar, e o homem puxou seus jeans desgastados. As abas de sua jaqueta anoraque estão desabotoadas e seu capuz está sob seus ombros conforme ele fica ali parado. Algo se move no Pálido diretamente à sua frente.

Silêncio. Esse é o silêncio de qual todos os silêncios são derivados. O entroponauta aspira bruscamente, sua respiração alta o bastante para abafar o som de seu próprio sangue correndo em suas orelhas. A lenha crepita em seu colo. Ele fica imóvel, com suas costas ligeiramente curvadas como sempre. A neve para de cair, e o Pálido permanece parado com ele. Minutos passam, e o relógio eletrônico em seu pulso congela em "07:48".

Os passos de cascos no granito podem ser escutados. Diretamente na frente dele, em um afloramento rochoso, uma cabra montanhesa sai direto do Pálido. Zygismunt olha para ela subitamente e a cabra montanhesa olha de volta para Zygismunt. Eles dois tem olhos escuros, molhados por causa do frio. Zygismunt Berg tem entradas em seu cabelo e o rabo de cavalo de um roqueiro envelhecido, e a cabra macho alfo tem uma enorme coroa de chifres. Atrás da besta, no Pálido, seu bando vai passando, silhuetas pintadas, pernas retas se flexionando nos cascos; elas pisam morro acima. Os chifres de capricórnios está

envoltos no Pálido como lanças de um exército de passagem, e baforadas de vapor sobem das narinas dos cabritos. Elas andam com as fêmeas, e por último vai o rei em pessoa. A cabra montanhesa move sua cabeça coroada e recua para o Pálido. Ele deixa o entroponauta ali sozinho.

“Não vai,” soa a voz rouca de bêbado de Zygismunt. “Por favor não vai!” Ele joga a lenha e sobe a parede nevada de pedra. Suas luvas sem dedos deslizam no granito, seus pés não encontram um apoio. Grunhindo, ele tenta subir pelos cinzentos abetos anões. Não restou mais ninguém, todo mundo se foi, o que você está procurando, seu tolo?

“*Não vai, por favor não vai...* Você é que nem o velho! Cê sabe, aquele que vai ao parque procurando pela companhia dos esquilos: ‘Pequeno Miki, vem aqui Miki!’ A necessidade por proximidade é tão mortal. Ele não consegue.”

“Mas eu estou tão sozinho.”

“Você nunca está sozinho, Zigi. Você tem a si próprio!”

Vinte anos atrás, em uma tardezinha das férias de inverno, Zigi está na parada do bonde movido a cavalos. Em dois duas, o ano vai de cinquenta para cinquenta e um. O subúrbio de Vaasa dorme à sua volta, já está tarde e está escuro do lado de fora, mas ele não está com pressa de ir a qualquer lugar. Sua mãe não está esperando por ele em casa. O garoto vagueia pra lá e pra cá no banco de madeira da parada, os zíperes em sua jaqueta de couro balançando. Ao fundo há uma grande cerca em volta de um terreno, um lembrete constante da propriedade privada. Isso o incomoda.

Ele acabou de vender bagulhos para crianças ricas. E um pouco antes disso, ele cantou seu famoso *sprechgesang* na festa do solstício de inverno. O garotos do fundamental, em todo caso, riram de coração, eles amaram. Alguns dos garotos do ensino médio pensaram, “Olha para esse idiota, ele não vai chegar nos vinte.” Mas Zigi não se importa com aqueles garotos do ensino médio de qualquer forma. Eles estão conformados. “Punkzinhos,” como Zigi carinhosamente os chama – só eles ainda tem esperança.

Zigi também está bêbado e certamente no clima para encrenca. Mas na parada Fahlu não há ninguém nessa hora do dia, então ele tem que se contentar com um objeto inanimado. Olha como ele desafia a tabela de horários, mas a tabela é muito teimosa. Desapontado com a falta de agressividade da tabela de horários, o garoto tenta a arrancar do poste, mas o metal apenas se inclina com seu peso. E como Zigi é o pior desgraçado no país todo – aquele que rouba tabelas de horários para que os outros não saibam se o último bonde já passou ou não – ele amassa as informações necessárias em uma bola de papel e joga fora. A parada ainda está vazia e Zigi está no clima de travessuras, a *weltanschauung* da lata de lixo não é mais aceitável para ele.

“O que você disse?!” Zigi empurra a imunda lata de lixo com as duas mãos, mas ela está muito cheia e satisfeita consigo mesma para defender sua honra. “Eu ouvi o que você disse ali. ‘*Ralé tumultuosa*,’ seu tom foi tão condescendente, ‘*ousando levantar a mão contra a propriedade privada*.’ Você acha que é um cara bem maneiro né? ‘*Ralé*, ‘*ousando levantar a mão*.’ Qual é o problema, vamos discutir, somos todos pessoas educadas... Mas quer saber?”

A lata de lixo não sabe do que Zigi está falando. Tem uma camada de neve em sua cabeça e pontas de cigarro foram colocadas nela – isso é tudo. Não seria ainda possível chegar a um acordo de paz?

“Você ia gostar disso, não? Em? Você gostaria, não gostaria? Engole essa, burguês!” Zigi bate seu pé na lata e quase perde seu equilíbrio. A lata de lixo está finalmente derrotada, e a silenciosa força da natureza desvia sua atenção para a placa da parada. Balançando ao vento, se lê “Fahlu”. A placa começa a girar feito um moinho de vento quando Zigi a

chuta. Mas

quando ele volta ao chão, escorrega e cai de costas. Um nuvem de neve sobe ao ar e por um momento Zigi fica ali deitado, com flocos de neve caindo em sua cabeça, ele ri. Lanternas brilham no céu azul-escuro da noite de inverno, e flocos de neve flutuam. Em algum lugar acima dali, na escuridão invisível, orbita um satélite de comunicações esquecido de uma época que já passou. Tudo gira de maneira tão doce, um lindo mundo escuro, flutuando sob os balanços.

Mas Zigi não farreou o suficiente. Ele se empurra para se levantar. Já que ele desmantelou a tabela de horários, ele não sabe se o último bonde já passou ou não. Felizmente, o jovem ainda está no clima para mudar o mundo, e então vemos ele vindo a pé, com seus joelhos em jeans brancos com a neve, com a frente de sua jaqueta de couro aberta e seu cabelo de ídolo pop flutuando pelo vento... Ele está descendo pela rua do subúrbio, ele está indo para casa à pé. E nos dois lados da rua, atrás das cercas, as casas de madeira se amontoam. Ele dá olhares de desdém, o conforto é burguês. Ele está procurando pela certa, a mais chique delas.

Ele tem um tijolo o em sua mão.

Ele tem uma espinha em sua testa.

Karl Lund, um jovem fabricante de papel, lê um jornal na sala de estar do térreo. O cabeçalho do jornal tem a silhueta de um centauro com uma cartola, e em uma digna fonte serifa, se lê “Kapitalist”. Esse não é um mero auto-proclamado jornal de especulação, mas sim um jornal que foi fundado quinhentos anos atrás na aurora da economia de mercado e é um dos mais antigos do mundo. Ele não provém dicas para enriquecimento rápido; ao invés disso, Kapitalist examina toda a realidade política por um prisma econômico. Do jeito que realmente é, do outro lado dos sonhos impossíveis da virada do século. Karl Lund está preocupado com o mundo, ele lê para entender, para ajudar. Sinceramente. Você leria ele também, de boa vontade – e seria uma pessoa mais substancial por isso – mas infelizmente, você não consegue entender Kapitalist.

Zigi também não consegue entender. Ele tentou, mas não consegue. Ele nem se esforçou muito também. O fome em Yeesut, a epidemia de Tzaraath em Saramiriza – essas coisas não preocupam Zigi. Ele não se sente afetado por elas. Para ele, elas são apenas criticismo, e negatividade. Zigi não está preocupado com o mundo, ele não quer entender ou ajudar. Ele quer algo completamente diferente, e agora ele vai mostrar o que é. O garoto firma seus cadarços, graças à onda do álcool ele não sente frio. Ele fica em frente da casa branca de madeira segurando um tijolo em sua mão e mira.

O tijolo é lançado de sua mão, e Zigi sorri como um animal selvagem. O tijolo voa para a escuridão da noite de inverno, e no final dela há uma caricatura esperando ser esmagada – a coisa que até é um pouco normal na vida do jovem Zygismunt Berg: livros em capa de couro, o cheiro de mogno. A janela quebra em milhares de cacos, e o fabricante de papel pula de sua poltrona. No andar de cima, como um mal presságio, olhos verde-escuros abrem.

“Eu não aguento esperar mais!” Zigi berra, com seus cotovelos dobrados em suas laterais e suas costas arqueadas. “Acaba, mundo, a c a b a!” Cuspe e vapor se lançam de sua boca. É a chama com cheiro de álcool de seu hálito, ele é um dragão. Karl Lund ainda é um jovem em ‘51, nos meados de seus trinta, ele voa como o tiro de um rifle para a porta da frente e coloca seus tênis. Durante o último mês, ele encontrou sacos de lixo em seu jardim escrito “BURGUÊS”. De manhã, tudo está cheio de lixo, nojentas caixas de comida enlatada se penduram nos arbustos de marmelo. Ele sai correndo, abre o portão do jardim com força e para por um momento. Male mau cinquenta metros dali, no meio da rua, a figura em uma jaqueta de couro corre com toda sua força. O industrial do papel dispara de

seu lugar, perseguindo o garoto.

O cabelo preto de pop star de Zigi flutua no vento, ondulado e ligeiramente oleoso. As auréolas frias dos postes atrás dele contrastam e desdobram em auras conforme Zigi passa por elas. Neve voa de baixo de seus tênis, as abas traseiras flutuam ao vento. Aqui, abastecido pelo álcool, Zigi passa pelos dias mais felizes de sua vida. Mas seus tênis deslizam na neve, e ele esteve fumando desde que tinha nove anos. E ele não gosta da aula de educação física.

Karl Lund corre frequentemente com colegas. E é claro, ele não fuma. Nada, nem cigarros. Apesar que Zigi – com um saco de lixo escrito “BURGUÊS” – pensou ter visto ele fumando um cigarro grande e com formato de pênis no outro dia. Em algum lugar dali, atrás do vidro de uma elegante casa de madeira. A propósito, ele não bebe conhaque de jarros e ele não pertence ao Les Morts. Nem se envolve em turismo sexual em países em desenvolvimento.

Um homem acelera junto, vestindo uma camisa preta de gola alta, com o tênis branco brilhando na neve. A distância diminui, Zigi escorrega no canto, e volta a correr. Trinta metros, ele ouve Karl Lund gritando atrás dele: “Para, seu bastardo!” Suas palmas ardem, e seus pulmões sangram, mas a tolerância sobrehumana à dor de Zigi está de volta por causa do álcool. Na verdade, ele já despedaçou seus músculos da perna, e depois de anos de vagabundagem, a súbita corrida vem como uma surpresa. Mas Zigi não sente nada. Ele poderia correr para sempre.

Isso é, claro, uma ilusão, a realidade é que seu corpo tem seus limites, e depois de oito minutos o pressionando, eles estão começando a ser sentidos. Num cruzamento de trem, dois homens correm quase 10 metros distantes um do outro. Zigi faz uma curva estreita e sobe as escadas para a plataforma. No silêncio dos subúrbios, as batidas dos passos no concreto, e a respiração cada vez mais ofegante dos dois podem ser ouvidas de longe. Duas figuras escuras se movem pela plataforma por feixes de luz de postes, a distância diminuindo. Com uma olha para trás Zigi vê o cavalheiro burguês se aproximando com movimentos ágeis e controlados, como um *robô* vindo do futuro. No final da plataforma, o garoto pula fora, em direção aos piquetes ferroviários-industriais dos subúrbios – o lugar onde ele vai para vadiar. Ele mantém seu equilíbrio conforme aterriza e corre pela neve. Na escuridão do aterro ferroviário, ele pensa, ele pode finalmente se livrar do robô. Ele não desiste! Normalmente, pessoas como ele não ousam sair da casa. Elas chamam sua amada polícia e então se juntam por lá.

Junto à faixa de neve entre a cerca de piquete e a parede, e o aterro da ferrovia, Zigi chega primeiro. A mágica da vodka está desaparecendo, ele corre em pequenos saltos como um animal ferido. Ele sente câimbras em sua perna direita. Vamo lá! Mas antes disso, ele precisa fazer um último esforço. Não desiste agora, seu destruidor de pernas! Ele quer muito um cigarro.

Atrás dele, Karl Lund sente o suor do garoto em suas narinas. Ele vem do futuro onde o mundo não acabou. Todo mundo lá é burguês e a classe trabalhadora está quase destruída. Um olhar rápido e Karl Lund vê um beco sem saída de garagens esperando à frente. Ele espreme suas últimas forças, e se prepara para o impacto, com a intenção de pregar Zigi contra a parede. Para bater com força total. Basta uma olhada naquele bufão para saber que ele dá conta. O homem se estica e toca no casaco do garoto. Só um metro mais ou menos resta para a parede da garagem. Zigi se propulsiona com sua perna direita contra a parede de tijolos, mas sua outra perna com câimbras não engancha devidamente na rachadura da parede que ele tinha em mente. O plano é executado pela metade, ele não bate na parede como um estandarte de serafim. Ele escorrega mas consegue segurar na beirada do telhado com as duas mãos. Zigi se debate na parede, mas Karl Lund agarra sua perna.

“Droga, garoto, desiste!”

Mas acima dele, no telhado da garagem, o amigo de Zigi se eleva sobre ele e o encoraje por trás. O amigo de Zigi é orgulhoso e poderoso, embora desgastado com o tempo. Ele balança no escuro como uma bandeira cinza e acena.

Um ser humano completamente destruído está fumando na recentemente caída taiga da Samara do Nordeste. Vinte quilômetros ao sul, o mundo começa, com a República Popular da Samara. Quatro mil quilômetros depois, ao nordeste, é a isola de Katla, e o que há entra as duas, ninguém sabe.

“Não seja ingênuo, é claro, não é nenhum tipo de vida após a morte,” Zygismunt encerra essa discussão inútil. Ele pega rolos de tabaco de uma jarra de conserva de alumínio e coloca eles no papel. Ele estocou material de fumo antes de sair de Sapurmat Ulan. As provisões devem ser suficientes. No mercado central, apenas jarras de tabaco seco eram oferecidas por rolos de trigo-sarraceno, papel não funciona, e cola em fita não gruda devidamente. O papel gruda nos lábios, e o tabaco brilhante cai do cigarro ao seu peito. O entroponauta bate em seu casaco com sua mão, e os brilhos cintilantes são a única cor em volta dele no Pálido. Ele senta na entrada triangular da tenda, com suas pernas saindo para fora, e à frente dele, em um buraco escavado na neve, o fogo esfumaça. No outro lado do fogo, Ignus Nielsen, um amigo da escola de Kras Mazov e um apocalíptico e sanguinário citoplasma fantasmagórico, agacha. O assustador defeito da tira de filme é enquadrado por abetos no pano de fundo na névoa, é preto e branco e totalmente não natural.

“Feliz aniversário,” diz o citoplasma fantasmagórico.

“Trinta e nove,” Zygismunt Berg responde. “Bem, como que isso aconteceu?”

“Você pode facilmente arredondar para quarenta agora. Não há mais diferença. Se prepara, diz pra si mesmo que agora você tem quarenta.”

“Eu tenho quarenta.”

“Quarenta! O que aconteceu? Não era dito que você não passaria do vinte? Você não tem um plano até agora. O que você está fazendo aqui?”

“Sabe, Ignus, eu gostaria de desaparecer...” o homem quase cochila e arruma o fogo com uma tora. A chama laranja escura no coração do fogo vem à vida.

“*Denovo?* Não já desvanecemos demais?”

“Você pode sempre esvanecer mais, Ignus. Você pode deixar menos coisas para trás: pedaços de papel, dentistas...” Zigi coloca a chaleira no fogo, com neve fresca derretendo ali.

“Eles vão te pegar com aquela coisa de dentista! Você deveria ter feito você mesmo, lá atrás em Graad, você deveria ter usado uma chave de fenda para puxar os pedaços!”

“Eu tentei, mas estava doendo demais.”

“Eu não sei do que você tá falando cara, nem se incomode! E além disso, se não é um médico, você está superestimando o sistema de justiça burguês. Ligas discricionárias, como o buraco, eles só tem *pakazuuha*. Lembra de Mazov?”

Zigi coloca as próteses em sua boca que estavam no bolso de sua jaqueta anoraque. “Você tá sempre balbuciando. Que Mazov? E além do mais – olha eu tô! Quem vai me achar aqui mais? Nem mesmo o Instituto de Entropônautica pode me achar aqui.”

“Você acha?”

Zigi coloca sua mão em uma luva de forno e espera a água ferver. “Eu acho que sim. E mais! Dessa vez eu não quero sumir desse jeito, para fora do país.”

“Beleza então, sumir da onde, Zigi? Países são enormes.”

“Do mundo.”

O Pálido escurece, campos de neve por debaixo dele. A água no bule treme. “Meu Deus...” suspira Ignus Nilsen, pesado da censura do tempo. O fantasma deixa sua voz de trás pra frente oca, sem eco. “Deus do céu, como estou cheio dessa baboseira de desaparecer.”

Zigi consegue livrar sua perna das mãos de Karl Lund depois de uma luta ferrenha. Ele pisa no ombro do homem de família e o chuta para chegar no telhado da garagem. Lá ele fica, triunfante debaixo do céu de inverno, tão jovem e tão livre. O burguês se acovarda em derrota diante dele.

“Hmm? O que você vai fazer agora?” Zigi exclama, gesticulando selvagememente com suas mãos de modo a colocar o industrialista “para baixo”. “O que vai fazer, hm? Vai tentar subir? Vou estraçalhar seus dedos!” Ele bate seu pé na beirada do telhado da garagem para demonstrar o que acontece quando você tenta subir atrás dele. “Você p e r d e u! Eu ganhei! Você acabou de perder pra *caralho*!”

“Muito bem,” sussurra Ignus Nilsen das sombras. “Eu fiz isso com a classe média também. Junto com Mazov, nos matamos ela, entende, centenas de milhares. Quase um milhão de burgueses nós matamos, e teríamos matado mais, só que o tempo acabou.”

“Eu vou te matar!” Zigi ruge. No telhado da garagem, o *sentimento* do ferreiro do apocalipse voltou novamente, nada é proibido. “Você mantém o mundo no lugar, vou te matar. Vou matar sua família.”

“Garoto, procura um médico,” Karl Lund desiste e se vira para ir embora, mas Zigi faz uma bola de neve em suas mãos. Quando ela acerta Karl Lund na nuca, ele vira numa raiva flamejante e corre de volta. “Fudido, eu lembro da sua cara!”

“*Eu lembro da sua cara*,” Zigi diz debochando. “Eu lembro da sua cara também, eu sei onde você mora!” A neve flutua em volta de Zigi, flocos de neve derretendo em seu cabelo preto.

“Desce, seu otário, desce aqui se você é o cara!”

“Ah, tô descendo!” Zigi joga uma bola de neve, mas o homem desvia. “Tô descendo com os anjos da morte, eles tão vestindo casacos de couro, sua família tá morta! Viado!”

“Muito elegante,” elogia Ignus Nilsen das sombras atrás dele, “muito bem por colocar isso no Comitê Especial. Você é um poeta. Mas um poeta de feitos, não de palavras!”

“Vou estuprar sua mulher!”

“Você tá pegando fogo garoto, você tá pegando fogo! Continua!”

“Você vai viver em Yekokataa, vou nacionalizar suas empresas!”

“Agora está ficando teórico demais, não vá praí, é escorregadio. Você sabe que não sabe nada sobre isso. Fala que ele é uma bicha!”

“Bicha!”

Um Karl Lund enraivecido tenta subir, mas Zigi acerta sua cara com mais neve e está pronto para pular em seus dedos quando ele recuar.

“Ok, agora é uma boa hora de vazar, mas antes disso, diga algo feroz a ele!” “Bicha!”

“Vai servir,” diz Ignus Nilsen, e a figura encouraçada de Zigi desaparece na escuridão da garagem.

Uma silhueta emerge do morro cinza-azulado coberto de neve, próximo às grandes rodas de um caminhão tombado. Nad-Umai ainda está cinza e em meia luz. Zygismunt Berg vem sozinho pela estrada ao lado da montanha, com uma mochila enorme nas costas, e um rabo de cavalo de roqueiro envelhecido escondido debaixo de seu capuz. O capuz felpudo de sua jaqueta anoraque esfumaça como uma chaminé. O homem marcha com dois bastões de esqui em mãos e um cigarro em sua boca, através da catástrofe entropônica.

“Quando Mazov não podia mais esperar pela revolução mundial...”

“Você diz quando ele atirou na própria cabeça por que ele havia se tornado um monstro? Ou por que ele estava perdendo?”

“Não é bem assim,” Ignus Nilsen flutua como uma bandeira verde em sua esquerda. “Mazov tinha uma alma tenra, a reação estava desenfreada em todo lugar, não importava quantos nós matávamos, haviam sempre mais. E então aqueles contratemplos, tudo colapsou em Revachol. Ele só estava triste, ele não achava que era um monstro.”

As pegadas de Zygismunt correm pela estrada entre os abetos, perto das perfurações dos bastões de esqui. “Me diz – quanto custou para você tomar o poder? Quantos camaradas isso custou? Me diz, como realmente foi dessa vez. ‘Eu sabia que a ideia de Mazov estava funcionando denovo quando outros comunistas vieram me matar!’ Foi assim mesmo? Ou não foi assim?”

“É claro que não, você quer assumir o pior de nós, Zygismunt. Para que você não tenha que acreditar mais em nada. Para que você possa fazer o que você veio aqui fazer. Me diz, para quando podemos esperar um expurgo da estrutura? Nós dois. Quando você irá sozinho?”

“Honestamente, eu pensei nisso, Ignus.”

“Pensa nisso então, mas saiba que não foi apenas assassinatos e caos. Quando eu tomei o poder, quando estava finalmente tudo em minhas mãos, foi um sentimento inebriante. Você pode imaginar? Que o país todo é seu? Veio da gentileza, aquele sentimento. Eu segurei Graad gentilmente, como um arquiteto segurando a linha do painel...” As caixas cinzas reluzem no peito de Ignus, uma janela para a história, “como um fósforo em mãos. E eu prometi que agora, tendo a chance – eu faria tudo pelo homem. E cê sabe, eu não me desapontei.”

“Tudo foi embora, apenas uma colônia extraisolar permaneceu, uma espécie de montanha de merda de cabra!”

“Não seja tão mesquinho. Seja cético, mas não subestime Samara. Meu coração está enterrado em Samara. Quando recuamos para cá...”

“Isso mesmo, você *recuou*! Por que você recuou mesmo? Por que meus manos sempre recuam?”

“Foi inevitável. E eu não iria me tornar um fatalista. Desistindo. Eu dei tudo por essa colônia. Minha República Revolucionária de Samara!”

“Sim, claro, ‘República Popular’ está senil.”

“Eu nunca vou perdoar eles pelo que fizeram. Depois me estragaram tudo pra mim. Que senilidade! Eu nunca vou perdoar isso!” o citoplasma cinza fantasmagórico está indignado.

O entroponauta atravessa uma ponta montanhosa com barreiras abertas. As guaritas repousam na neve, vazias em ambos os lados da estrada. No final da ponte, se lê numa placa “Nemengi Uul – 36 quilômetros.” E mais à frente, através do Pálido nevado, está a taiga das montanhas de Umai. Apenas duas semanas atrás, algumas das maiores reservas mundiais de fluorita, tungstênio, zinco e da rara samarskita foram extraídos aqui do solo... As fornalhas estavam fumegantes, e os rejeitos industriais tornaram os córregos prateados da eco-região em espuma enferrujada. Mas não mais, agora só há silêncio e paz. E pela rodovia inclinada, o entroponauta desce até a sombria fenda do vale, onde a floresta de abetos escurece à sua volta. E à sua frente, na estrada enevoadada, uma trilha de rastros de cascos corre loucamente.

“Foi magnífico! Era auto-sacrifício, dedicação completa ao povo. Eu era uma máquina de governar sob anfetaminas, e eu nunca dormi. Nenhum de nós dormiu. Nós construímos tudo do zero. Com a ajuda dos Yakuts, era uma irmandade entre nações. Eles respeitaram nossa armas, e nós respeitamos seus espíritos felizes e danças. Em seis anos, um país surgiu do nada. Os trabalhadores labutaram até a morte, literalmente morrendo nas obras, trabalhando o quinto dia seguido, ataques cardíacos, exaustão...”

“Com uma arma apontada para suas cabeças?”

“Você pode pensar assim, mas está errado. Esse pode ser o caso agora, é claro, mas não naquela época. Você nem imagina o que aconteceu ali, como realmente foi. Isso passou pelo mundo com uma euforia!”

“Euforia? Anfetaminas eram muito difundidas na época, ainda não testadas medicamente.”

Mas Ignus não está escutando. Eu disse coisas terríveis, sim! Eu subia em um cavalo branco, em uma torre de neve, e fiz discursos. Nos morros, na obra... Eu balancei minha espada, ela tinha raios de sol prateados em seu punho. E por todo lado balançavam bandeiras brancas, estandartes de chifres, prateados, pentáculos entre os chifres, que estavam em direção ao céu. Todos que vieram comigo estavam felizes, Zigi! Comunismo é poderoso! Acredite no comunismo, é um estouro! Eu prometo! Eu lindo quando você acredita na humanidade, mas sem isso...!

“Sem isso, não há nada.”

“Nada. Houve uma tempestade de neve, mas ela era branca, era manhã. Comunismo é branco, é brilhante! Comunismo é a manhã, é jubilação!”

O Pálido começa a receder perigosamente em volta do entroponauta. O mundo esbranquiça, e guirlandas de raios passam pelo peito de Ignus até o crepúsculo dos abetos. Neve em queda cintila em suas mãos como confete prateado, a cor rastejando ao mundo como uma ameaça. Zygismunt pisa no chão com seu pé. Ele cobre suas orelhas com suas mãos e grita: “Chega! Para com isso!”

“Chega, para com isso...” corre pela floresta como uma espada cortando o ar.

“Me desculpa de verdade, Zygismunt, meu amigo,” soa a voz da distorção. O homem está ofegante no meio da estrada na floresta, é crepúsculo e meia luz novamente. O Pálido retorna e o entroponauta dá um suspiro de alívio. “Você quer que eu... perca a cabeça?”

“Não, eu só queria que você percebesse como tudo era bom naqueles tempos. Que tempos que foram aqueles. Que lindos tempos! Me perdoe...”

“Aquele tempo acabou. Está enterrado em seus cartões de ponto e a merda toda. Ninguém pode mais dizer o que havia ali. Ninguém sabe como realmente foi. Está fora do lugar. O que realmente era se foi, apenas o Pálido permanece. É uma miragem. Você sabe disso. *Eu* sei disso.”

“São suas garotas que falam assim,” o citoplasma sussurra suavemente no ouvido de Zygismunt. Os abetos balançam, e o Pálido é escuro porém sedutoramente suave. “Essas

são suas garotas, garotas não acreditam em nada, todas as garotas são burguesas, Zigi.”

“Elas não eram burguesas.”

“Elas eram burguesas, das primeiras até as últimas. Elas liam revistas femininas. Moda de Revachol e perfumes, histórias de perda da virgindade. É tudo burguês. Toda garota é, na verdade, uma arma da burguesia.”

“Você não conhecia elas, você não sabe o que elas estavam pensando. Ninguém sabe o que elas estavam pensando. Eu também não sei, mas não era burguês, Ignus. Era outra coisa.”

“Se é assim que você quer as coisas, tudo bem. Mas é melhor você acreditar na humanidade, não nelas, acredite no comunismo.”

“Eu tentei, mas não consigo! Não funciona pra mim... não sou do tipo comunista.”

“Então por que você está falando comigo? Eu sou o comunismo em si, o fantasma que anda pelo mundo. Então por que você esteve comigo todos esses anos se você não acredita no comunismo?”

“Pelo ódio por aqueles que se deram melhor na vida, Ignus. E além disso – você é um monstro, grotesco. Quem não adoraria a companhia de monstros?”

“Eu não sou um monstro.”

Você é um monstro, eles te chamam de “Picanço Apocalíptico”. Quem mais você conhece que é chamado assim? Ninguém! Toda essa carnificina em Graad foi por suas mãos, sua assinatura está por todo lado. E quando você recuou, mesmo quando Mazov não estava mais dando ordens, você empalava os soldados inimigos em estacas. Doze mil deles. Você cortou os abetos para fazer as estacas, você fez uma floresta de estacas, foi nojento, Ignus.”

“Foi para que eles me deixassem construir meu país! Meu futuro país. Veja, eles nunca nos deixariam em paz... Eles nos perseguiriam como caça!”

“Até pode ser, mas ainda assim: um tanto excessivo. ‘O Picanço’ – olha o que você se tornou!”

Voz humana parece fora de lugar no silêncio do Pálido. Ela ecoa no crepúsculo das árvores conforme Zygismunt atravessa a neve. É um truque de K. Voronikin, um antigo entroponauta, que no Pálido você tem que ser barulhento. Caso contrário, fica tedioso e o passado vem chegando. Mas Zygismunt não precisa temer isso. Mesmo quando ele veio pela primeira vez para o Pálido, ele descobriu, para seu grande desânimo, que ele não poderia desaparecer como todo mundo. Ou melhor, ele poderia, mas não para onde ele realmente quer estar. Isso faz ele precisar da ideia de Mazov. O desaparecimento das garotas Lund literalmente deu a Zigi poderes entroponéticos.

A manhã passou, está ficando tarde. Algumas dúzias de quilômetros à frente, o Pálido profundo começa, e as horas do dia não mais importam ali. Baterias devem então ser conservadas. Ele pensa por um momento mas ainda assim acende sua lanterna. A neve brilha no feixe da lanterna, e Zygismunt a direciona a seu pobre amigo. O defeito de Ignus transparece.

“Olhe para si! Você é patético. Todo mundo estaria melhor se eles tivessem feito um bom trabalho. São um bando de amadores! Eu teria queimado todos os seus rolos de filme. É tão cruel, parado ali...”

“Mas então você não teria me conhecido, Zigi. Pense em todos os tempos que passamos juntos. Nem tudo foi ruim.”

“O que é isso sobre mim? Tô falando de você. Não seria melhor se você não estivesse aqui?”

Sem florestas de estacas e sem anfetaminas, tocos citoplásmicos. Quem precisava disso?”

“Isso não importa mais,” Ignus fala arrastado. “Você sabe disso. Não importa quantos matamos. O mundo está acabando. Em breve ninguém se lembrará de mim. Sem mencionar você. Mesmo os poderosos desse mundo não serão lembrados.”

“É melhor assim. Está certo. E os *poderosos desse mundo*? Você é um monstro nojento, furioso ao redor desse mundo!”

“Você esteve furioso também! Olhe para sua mão, Zigi! Não vamos nos esquecer...”

“Uma só palavra! Diga e vá embora!” o entroponauta grita. “Comparado a você, eu não fiz nada! E em todo caso! Qual de nós é o Comissário Revolucionário? É você?”

“Não!” Ignus treme, ele está com medo. “Me perdoe, amigo, dez mil desculpas! Apenas você é o Comissário Revolucionário – Zygismunt Berg – o pináculo do seu Partido da Razão. Eu não tenho nenhuma autoridade. Tudo o que tenho é a humilde crítica que escrevi de mim mesmo. Tome. Mas não me mate. Do meu outro lado é o nada. Eu farei qualquer coisa para ficar. Qualquer coisa. Eu sou esperança.”

“Você sabe o que eu quero. Essa é a última coisa. Começa a falar!”

Mas Ignus é incapaz de falar. Ele não tem boca. O defeito da fita de filme crepita na escuridão, iluminado por um feixe de lanterna, é o peso da crueldade. O impossível é demandado. Um silêncio desconfortável cerca ele no ar da floresta. Todo mundo está envergonhado. “Por que, Ignus?” o entroponauta repete, se aproximando com sua lanterna para espreitar no coração da história. “Por que você fez isso, não custou nada. Eu entendo que você esvaziou os bancos, isso foi necessário. Você até mesmo levou a orquestra sinfônica com você em sua retirada. À força. Pessoas gostam de música, afinal. Mas por que *isso*? Para quem isso trouxe alegria? Por que ‘Harnankur’, aquele modelo não custou nada! Me diz isso e você pode ficar.”

“Mas eu não sei,” a voz atrasada responde tristemente, a faixa de áudio desacelerando. “Eu não sei nada que você não saiba.”

Nada mais é dito. O entroponauta se chacoalha. Neve cai de seus ombros, de sua jaqueta anoraque. Ele continua sozinho. Rastros congelados de automóveis correm ali, marcas de casco na neve, no feixe da lanterna. E então, quando a manada de cabras montanhesas emergem da escuridão, elas param de uma vez no meio da estrada. Como uma exibição de um museu de história natural. Ocasionalmente, uma cabra fêmea muda de posição e bufa; é um impulso nervoso, um espasmo muscular. O topo de suas cabeças já estão cobertas de neve, mas suas narinas ainda fumegam; elas ainda estão respirando – algumas por alguns dias, outras por algumas semanas. A figura de jaqueta anoraque se move pela manada com a indiferença de um profissional, até que o feixe da lanterna projeta a sombra dos chifres da cabra macho alfa na parede de abetos. Zygismunt olha nos olhos vítreos do animal. O tempo desintegrou ali. Os troncos cerebrais primitivos dos autômatos caem no Pálido antes que os humanos. É assim que os caçadores do interior caçam seus entrecostos. É claro, eles eventualmente ficam loucos eles mesmo e nunca mais voltam. Mas não Zigi, ele tem poderes especiais. Ele pega o canivete de seu cinto e corta a garganta da proteína.

17. HARNANKUR

Cento e cinquenta anos atrás, está nevando em outra isola, a isola de Graad, na cidade de Mirova. É uma tarde de meio de inverno, mas milhares de pessoas se reuniram no porto. O píer está um alvoroço com elas, a Graad imperial se alastrando ao fundo – torres de igreja e chaminés. As multidões dão tchau para a aeronave subindo ao céu. Das varandas, um cisne de madeira e níquel cumprimenta os primeiros passageiros interisulares, em vestimentas esplêndidas, embarcando numa aventura sem precedentes. É uma experiência cinza e assustadora, mas ao mesmo tempo, alegre e inesquecível. A tecnologia de hoje, na forma de uma aeronave luxuosa e estofada, torna possível que um cidadão ordinário, mesmo que um melhor de vida, experencie isso. E no outro lado do Pálido – ó, místico Pálido! – espera Katla e sua capital real Vaasa.

É um momento monumental, jornalistas se agrupam e flashes de câmera piscam. As pequenas lâmpadas na câmeras queimam, e sua luz faz os flocos de neve congelarem no ar. É assim que a rapidez do obturador captura também Nadja Harnankur. A estrela de ópera é capturada em uma foto com o engenheiro chefe, com seu longo e lindo pescoço esticado e um chapéu de pele em sua cabeça. Ela sorri e balança seu lenço para seu nome no barco. A antiga escrita de Graad diz “*Harnankur*” na aeronave partindo. Esse é o peso da fama de Nadja.

Dois dias depois, o voo interisolar entra no Pálido, e então, male mau seis horas depois, há um desvio na rota da aeronave. “Harnankur” se perde sem deixar rastros, com mil e quinhentas pessoas à bordo. Se acredita que o voo desviou para uma massa entropônica não mapeada, o Pálido ultra-profundo.

Mas *quem* acredita nisso? Para-historiadores. Dissidentes e um par de fanáticos do Pálido da SRV, Homens como K. Voronikin, um entroponauta que perdeu a cabeça e um comunista da República Popular de Samara, e Inayat Khan, uma internacionalmente não-reconhecida autoridade no campo da história, que provavelmente mora no porão de sua mãe. No entanto, essa parte da ciência histórica, cujos homens como Khan e Voronikin chamam com desdém de *mainstream*, não reconhece a existência de uma aeronave chamada “Harnankur”. O primeiro voo civil interisolar foi “Anastasia Lux”, e isso foi na década seguinte.

Setenta anos depois, com a revolução da passagem do século retrocedendo, “Harnankur” já havia sido praticamente esquecida. Documentação em arquivos de jornal pode ter sido perdida por exemplo nos incêndios da Revolução Graadiana, mas ainda assim – esse evento foi massivo demais para isso. Se a memória histórica prova a si mesmo, embora retroativamente, mesmo para um comissário desaparecido como Julius Kuznitski, então onde foi parar o primeiro voo interisolar com 1500 pessoas? No século pós-revolucionário, “Harnankur” finalmente afundou na obscuridade histórica. Até os anos 50, quando o interesse em casos de desaparecimento de repente tomou dimensões subculturais na classe média de países desenvolvidos – certamente um fenômeno não menos inexplicável. Esses homens, principalmente jovens, de pouco sucesso com o sexo oposto, foram nomeados *desaparecidos* depois do bestseller do gênero “Los Desaparecidos”, e então eles ficaram interessados em uma foto: alguém chamada Nadja Harnankur, um caso de desaparecimento marginalmente interessante, de pé em um porto. Ela acena, com um chapéu de pele, ao braço de um engenheiro chefe. Ao fundo, há uma multidões sublimes de pessoas e elas todas acenam para algo no céu. Mas há um misterioso vazio no céu.

Esse vazio é o santo graal dos *desaparecidos*. De acordo com eles, a mais convincente evidência para sua causa é o modelo de apresentação industrial da aeronave

com o mesmo nome que os Comunistas levaram consigo de Graad para Samara quando recuaram de sua então-Revolucionária, agora República Popular. O original está exposto no Museu de Entroponética de Sapurmat Ulan e os Comunistas levam isso bem a sério. Infelizmente, ninguém leva os Comunistas à sério. O entroponauta da SRV K. Saronovich Voronikin argumenta em seu livros de memórias que a aeronave deve existir pois o modelo é tecnicamente factível. Em outras palavras, mais de mil pessoas podem ter pego um voo comercial através do Pálido em pleno conforto com esse projeto industrial. Fazer tal projeto seria uma esplêndida conquista científica para a época. Por que deixar ele trabalho todo não realizado como um arriscado empreendimento comercialmente atrativo? Tudo isso não tem nada de materialismo dialético.

Críticos dizem que mais de duas mil viagens para o Pálido deixaram sua marca. De acordo com Voronikin, – novamente, em suas próprias palavras – esse projeto foi perdido para sempre em sua viagem inicial. Então o modelo realmente funcionaria? Poderia “Harnankur” ser algum tipo de protótipo falho para “Anastasia Lux”? Por que não há nenhuma documentação?

K. Voronikin, entretanto, alega que o modelo foi transformado em uma aeronave, a aeronave desviou de sua rota e encontrou um fenômeno desconhecido no Pálido.

18. TRÊS TORTAS DE CARNE EM MASSA DE ÓLEO

Das janelas do arranha-céu, o brilho de Mirova, a capital de Graad, pode ser visto na parede, cento e cinquenta e oito anos depois. Durante as noites febris da história, toda a arquitetura imperial foi destruída. Os revolucionários foram expulsos, e agora a cidade foi recriada pela democracia enquanto brilhante espírito de luz. É um ambiente assustador e fora de controle, em movimento constante na superfície das reflexões do vidro do arranha-céu. Até Mirova só pode ser vista em um espelho, como algum horror mitológico. Seu movimento é o crescimento econômico irrefreável de Graad, agora físico; uma verdadeira impossibilidade termodinâmica se estabelece dessa maneira. Os metrô deslizam, e trânsito flui dia e noite. De seu sexagésimo andar, o nervo central Noo aparece à vista. Noo é o pináculo da arrogância de uma nação – a península financeira de Graad. Cientistas locais alegam que o mundo já foi coberto pela geosfera, e depois pela biosfera, e agora é a era da noosfera. A mente cobre o mundo, e os arranha-céus de Noo são o trono dessa rede. O trono da mente. Aqui, carrega suas operações através de ligações de longa distância e transmissões invisíveis. Seus pensamentos são instrumentos financeiros incompreensíveis. Ninguém sane o que são ou o quanto custam. O espelho de vidro é preto – um real interisolar – mas o que é a humanidade? Humanidade é luz.

A comunidade científica da república, a terceira geração de revolucionários expulsos, ri disso. Em Samara, um quarto termo foi introduzido: a entroposfera. As equações de ondas e os cálculos de Samara são promissoras. Essa coisa linda poderia varrer Graad do mapa a qualquer momento. É nesse quase imperceptível lugar onde comunismo se torna niilismo (certamente uma transição melhor do que de amigo de criança para abusar de criança), os líderes do partido parecem pensar: por que não? Nossas ideias não mais conquistam corações entre vocês – e vamos ser honestos – elas nunca vão. Gostamos da ideia, mas o mundo não gosta mais. Se já está assim, deixa ele desaparecer.

Para que quando Ambartsumjan vire de costas para a janela do último andar de sua casa Noo, restem apenas dois anos a partir desse dia. A reunião de classe está chegando, e quando aquilo colapsar na Estrada do Norte, vai ficar aparente na cadeia de eventos que o que está brilhando nas costas de Ambartsumjan e nada menos que o estágio final do elemento.

Toda a luz que vem de fora. Neve flutua do lado de fora da janela, evaporando muito antes de chegar no nível da rua sessenta andares abaixo. Em Mirova, nunca mais é inverno. Apenas aqui debaixo do céu ele permanece. O quarto está gelado, e as colunas de suporte emergem da escuridão. O telefone toca. Ambartsumjan anda descalço, em seu terno. À sua volta, sombras de flocos de neve em mostruários de vidro, onde a maior coleção mundial de souvenirs de desaparecimento reside. Antes de Ambartsumjan se tornar um bilionário de mazute¹² de cinquenta anos, ele era um jovem de pouco sucesso com o sexo oposto. Um dos primeiros. O toque do telefone quebra o silêncio digno da sala. O homem senta atrás da mesa e liga o auto falante. Ele coloca sua mão livre no crânio de Ramout Karzai que está na mesa. É autêntico.

“Tô ouvindo.”

“Um homem de Katla, com o código de área de Vaasa,” relata o fiel secretário. “Ele disse que conseguiu o número do leilão de uma coleção privada, mas eu acho que ele provavelmente quer um empréstimo.”

¹² Mazute é um termo russo para combustível pesado de baixa qualidade, usado em usinas e outras aplicações.

“Por que?”

“Bom, é uma ligação de longa distância, à cobrar.

Ambartsumjan ri. “À cobrar! Bom, tudo bem, conecta ele. Mas um empréstimo...” o homem espera, uma mão no crânio de Ramout Karzai, a outra em sua barba cinza. Ele é de estatura gigante.

“Você não vai dar um empréstimo,” diz o

secretário. “Exato. A princípio, não vou.

Conecte ele.”

O auto falante muda para ligação de longa distância, e o Pálido penetrando pelo tecido do receptor enche o ar da sala. O sinal corre pelo Grande Desconhecido, de Katla para Graad. Estações retransmissoras limpam a ligação do barulho histórico em seu caminho, mas alguma coisa sempre rasteja e se esgueira pelos fios – uma estação de rádio fantasma. Sua voz silenciosa em uma linguagem incompreensível lembra que está ali. Para acabar com a vida. “*Azimuth-Boreas-Sector...*” corre pela frequência escondida de rádio e desaparece. Ambartsumjan está acostumado com isso. No meio disso tudo, uma voz humana distorcida de três mil quilômetros de distância pode ser ouvida. Ela diz, “Olá, meu nome é Inayat Khan.”

“Quem?”

“Inayat Khan.”

“Ok, Yat Khan, como você conseguiu meu número?”

“Ina-yat Khan. Feira de Norrköping, de um leilão. Liguei para perguntar sobre seu... hobby. Você é o Sr...” o homem pausa, “Sr. Ambartsumjan?”

“Sim, esse sou eu.”

“E você coleciona coisas de pessoas que desapareceram?”

“*Desapareceram*,” sussurra o Pálido no auto falante.

“Sim, eu as coleciono,” responde Ambartsumjan, “e não, esse não é meu *hobby*. Eu coloco meu coração no que faço. Eu levo isso a sério.

“Eu levo também. Você pode ter certeza disso.”

“Posso? ‘Coisas de gente desaparecida’ – do que estamos falando! O termo correto é ‘souvenirs de desaparecimento’.

Ambartsumjan afunda confortavelmente numa poltrona, na escuridão do saguão. Muito bem dito. A poltrona é feita de couro caro.

“Olha, eu sei qual é o termo correto, ok?” Khan está começando a ficar ansioso. Encontros entre *desaparecidos* são raramente cordiais, tendendo para rixas. “Essa não é bem a primeira compra sobre a qual eu liguei. E não, eu não a comprei para servir de peso de papel. Se é isso que você está temendo.”

“Então você tem uma coleção profissional?”

“Você não me perguntaria isso se me desse a chance de te contar sobre a *coisa* que acabei de comprar!”

“O quão *extensa* é a sua coleção?”

“Bem, veja só! Você só não me deixa!”

“Vou te deixar. Eu gosto de saber com quem estou falando primeiro.” Ambartsumjan não levanta sua voz, apenas um pequeno arrepio sobra das lamúrias do nerd. Depois de anos de treinamento. As espinhas também são bem psicológicas. Sua barba cinza é autoritária. O homem afaga o crânio de Ramout Karzai como se fosse um animal de estimação.

“Eu considero o modelo técnico de ‘Harnankur’ a peça chave da minha coleção,” Khan deixa sair, com um tom de lamúria em sua voz.

“Com quem você está falando aí?” Uma voz de mulher ao fundo estraga o drama do momento. “Vem comer, a comida está esfriando!” Mesmo que Khan silencie o telefone com sua mão, o ar na sala ainda ressoa, “Mãe, me deixa conversar! Não interrompe!”

“Mãe,” o Pálido ecoa de volta, “é a minha mãe.”

Ambartsumjan balança sua cabeça. Ele se move para mais perto da mesa. “E *você* tem ‘Harnankur’?”

“Sim, eu tenho,” Khan anuncia.

“Uma cópia?”

“Não, eu fui e roubei o original em Sapurmat Ulan. É claro que eu não tenho o original. E nem você!” Khan se recompõe por um momento. “Eu imagino que você tem outra cópia em sua posse então, certo? É por isso que estou ligando. Está no contrato, a responsabilidade do dono. Eu deveria receber um manual de manutenção de você.”

“Você sabe o que isso é?” Ambartsumjan está muito sério. “Você sabe o quão *importante* isso é?”

“Não sobrou nada além disso.”

Ambartsumjan acena lentamente. “Certo, você tem que... dedicar tempo a isso. Segure bem. Você tem que pensar nisso como se fosse uma garota, entende? Como se fosse uma linda garota. Você já viu uma? Você tem que ser responsável, não é um brinquedo.”

“*Pensar* sobre isso de que maneira?”

“Essas são as instruções de cuidados. Você não achou que eu ia te falar sobre o interruptor, achou? Por exemplo – você sabia que havia uma terceira cópia?”

“Uma terceira cópia?” Khan não entende.

“É claro que você não sabia...” Ambartsumjan cruza seus braços em volta de seu peito. “Então agora você sabe – havia uma terceira cópia. Tudo o que sobrou dela foi um mostruário vazio. Você precisa olhar pra ela. Todo o tempo. Não deixe sair da sua visão. Não a deixe sozinha. E se deixar, pense sobre ela. Você acha que é uma coincidência que eles deixem o original em um museu? Pensa sobre isso, centenas de pessoas passar por ele, todos os dias. Eles olham pra ele. E então, quando o museu está fechado, o vigia noturno olha.”

Khan não diz nada, um zumbido fantasmagórico do Pálido ecoa do telefone.

“É um objeto impossível,” resume Ambartsumjan. “O mundo não mais o suporta.”

O Pálido está congelado no vale dois anos depois. Não há sequer uma alma na estrada da floresta. Uma trilha de gotas de sangue corre pela neve, andando com as pegadas através do escuro túnel da estrada. Ela passa os abetos gigantes, esgueirando sob a neve até chegar no cruzamento com a estrada principal. Há uma poça vermelha abandonada no chão do cruzamento, e uma fogueira abandonada arde sem chama perto dela. Um quadro feito à mão foi feito no fogo. Dois

galhos seguram o terceiro horizontalmente acima das chamas apagadas. Ossos totalmente roídos estão jogados na neve.

E assim vai! Ao longo da estrada onde automóveis não mais dirigem. Fios elétricos congelados se enrolam na escuridão. Gotas de água caem uma por uma na neve, junto com pegadas. Com uma terrível determinação. Os destroços de escavadoras dormem na vala ao lado na estrada, e a silhueta escura de um posto de gasolina senta na distância, onde a estrada se separa.

“Orbit-Laudanum-Ultra-Tricolor-Ellipsis...”

Algo sobe. Há um grito de metal.

“Me diz que você entende do que estou falando e comece a fazer isso!” comanda Ambartsumjan.

“Eu acho que entendi. Vou tentar.”

“Não tente, faça! Você vai eventualmente entender. Depois que o terceiro desapareceu, eu fiquei, vamos dizer, paranóico. Até hoje, quando eu entro numa sala e ligo as luzes, fico com medo de que vai acontecer *denovo*. Que vai ter um mostruário vazio no meio da sala. Ou que não vá ter absolutamente nada nela. Você vai ficar do mesmo jeito. Então você vai entender do que estou falando.”

“O que você quer dizer com estar com medo disso acontecer *denovo*?” Khan não deixa passar esse detalhe. Ambartsumjan está em silêncio. Ele está batendo seus dedos no crânio.

“O que você quer dizer com *denovo*?” repete Khan.

“Eu a perdi. Foi isso que aconteceu. Também era minha, a terceira. Mas sabe, não foi o normal quando algo desaparece. Chaves, por exemplo, ou algo caro. Você já sentiu isso? Você já teve contato com esse fenômeno? Um sentimento desse?”

A arrogância profissional na voz de Khan é quase que varrida. “Senti,” ele diz.

“Então você sabe do que estou falando.” A mão do homem escorrega do crânio de Ramout Karzai. Feixes de projetores de uma comprida aeronave deslizam do lado de fora da janela do saguão, e sombras de pilares rastejam pelo chão. “Quando começou para você?” Ambartsumjan pergunta.

“Dezoito anos atrás. Essa foi a primeira vez. Desde então...” Khan permanece em silêncio. “Desde então ficou mais e mais frequente, não é?”

“Sim,” responde Khan “E outras coisas também.”

“Que coisas?” O ouvido de Ambartsumjan está agora pressionado sobre o auto falante, com o peito sob a mesa. “*Todas* as coisas?”

“Sim. Becos, uma garota andando de bicicleta, e a luz, ou quando algum cavalo está olhando. Especialmente animais...”

“O mundo todo? “Sim. O mundo todo.”

Em cada lado da estrada surgem escavadeiras, relíquias de ferro em tons do Pálido. Elas giram, corpos indefesos, neve caindo de carcaças enferrujadas. O material degrada, gota por gota, como um ritmo analógico correndo vermelho por um mundo sem cor. O alfabeto

internacional está escondido em baixas frequências, “...*Nadir-Ellipsis-Gamut-Azimuth...*” e assim vai até o limite do assentamento.

Nemengi Uul é uma cidade fantasma. As ruas estão vazias, com prédios de concreto de três andares de pé em cada lado do vale. Uma bicicleta solitária flutua no ar perto de um balanço, fora isso, tudo está completamente normal. Passam as janelas da mercearia, seguidas pelo centro comunitário. Pegadas sobem as escadas para a entrada do hospital, onde a fechadura foi quebrada. Ele vai escapar... ele vai fugir! No corredor escuro, um farfalhar pode ser ouvido. “...*Tricolor-Icon-Orbit-Nadir.*”

Fim da transmissão.

“E é assim que tem sido para você por dezoito anos? Doze para mim.” Ambartsumjan afunda novamente em sua poltrona, fundo no couro.

“Então fica pior. Mas no fim...” A voz de Khan crepita na curva do Pálido, “No fim, se torna de alguma forma... se torna de alguma forma bom, esse sentimento.”

“Bom?”

“É. Como se tudo fosse ficar bem.”

“Como se tudo fosse ficar bem,” suspira Ambartsumjan. “Eu não o tenho mais. E assim está melhor. Eu vendi o meu. O modelo que sobrou. Se foi. A vigia sem fim, a obrigação...” o homem se recompõe, “me esgotou.”

“Então você vendeu?”

“Sim, vendi, bem barato também, na primeira oferta. O cara pareceu o certo. Era o que ele queria também, era importante. Esse é o tipo de homem que você tem que ser para cuidar das coisas. Alguém que vai vigiar bastante e não vai deixar desaparecer. Como eu. Ainda são mil e quinhentas pessoas...”

“Mas o registro ainda disse que é seu!”

“Que registro?”

“O registro do leilão,” vem a voz cada vez mais afiada de Khan. “Caso contrário eu não estaria falando contigo! Estaria falando com o novo dono.”

“Não, você não entende, o homem teve que registrar ele mesmo. Você tem certeza?” Ambartsumjan levanta e anda em volta da mesa, com o crânio ainda em mãos, “Talvez...”

“Para quem você vendeu? Se ainda lembra.”

“É claro que eu lembro, ok,” Ambartsumjan murmura, “Berg era seu nome. Um colecionador particular.”

“*Zygismunt* Berg?” estronda pelo auto falante. “Cabelo preto, magro?”

“Meio que assim mesmo. Isso foi... quando que foi? Dez anos atrás, mas sim. *Zygismunt* Berg.”

“Você tem absoluta certeza? Ele tinha uma boca suja? Não, é melhor me dizer, ele falava com um sotaque? Como se ele vivesse em Vaasa?”

“Céus, eu não lembro desses detalhes... poderia ter tido um sotaque. Por que é tão importante?”

“E você disse dez anos atrás? Que ano foi e x a t a m e n t e?”

“59. Ou 60. Por que?”

“Em todo caso, foi antes de 57?”

Certeza absoluta, escuta, eu tenho os documentos aqui! Mas por favor,” Ambartsumjan comanda com o crânio na direção do auto falante, “por que de repente isso é tão importante?”

“Por que...” a voz no zigurate pode explodir de animação a qualquer momento, “por que em 57 esse homem morreu!”

O gigante bilionário de mazute inclina-se sobre a mesa: “Repete, o q u e?”

Mas Khan no outro lado da linha não está mais escutando. “Uma pista!” ele deixa escapar. E a última coisa que Ambartsumjan escuta é a voz do homem diminuindo no cada vez mais alto ruído: “Mãe. Mãe!” ele diz. “Eu achei uma pista!”

Dois anos depois.

A plataforma da estação área de Mirova está vazia de noite. O últimos passageiros já foram embora há muito tempo. Um trem magnético estofada descansa sob a cidade ao lado da plataforma. Os vagões de cinco andares são imponentes, e através da tempestade de neve, um robô dá um passo à frente.

Uma voz se aproxima. “Tzuut-tzuut-tzuut,” diz o robô a cada passo. O grande e gordo piloto na cabine em suas costas vira a cabeça do robô. “Ti-diri-diit,” responde o sistema de controle. A máquina corrige seu curso e o casaco com padrões de escama flutua ao vento.

“Ei, é sério! Talvez isso já seja demais,” resmunga o homem loiro e magro perto do robô. Sua cabeça está pulsando. Para trás dele ficou uma jornada de trem de seis dias, cheia do assunto incessante sobre Ambartsumjan e Zigi, o crânio de Ramout Karzai, e uma aeronave que tinha “qualidades” que lembraram Khan das garotas. Mas esse hobby de entropônica ficou tão mórbido que ninguém quis saber muito sobre isso. E então eles já estavam no palco do bar “Panorama” cantando karaokê. Todos os três: “*Agora estou tão feliz que te achei!*”

“Tzut-tzut-tzut,” o robô acelera ao invés disso. O piloto puxou sua cabeça para trás, então significa aceleração. O robô se aproxima, e então o homem gordo guincha em suas costas, seu cachecol turquesa-laranja-violeta flutuando ao vento.

“*Hydrauliczny operatywny, rozpoczynają: diagnostyków,*”¹³ diz o robô em voz robótica e cambaleia.

“Sistemas de armas, checar!” comanda o piloto e estala seus dedos ao homem magro.

“*Systemy broni operatywny,*”¹⁴ responde o robô. O loiro magro relutantemente dá uma garrafa ao piloto. Ele coloca combustível na boca da máquina. O máquina o bebe e líquido vermelho pinga na neve: “*Paliwo rezerwuje przy: jedzicie setka procent.*”¹⁵

“Vai lá!” o homem gordo aponta para a tempestade. “Espera!” O robô diz e ajusta sua carga. “Você está pronto?”

¹³ (Original em Polonês) Hidráulica operacional, começar: diagnósticos.

¹⁴ (Original em Polonês) Sistema de armas operacional.

¹⁵ (Original em Polonês) Combustível reserva em: cem por cento.

“Pronto. *Rozpoczynają: szukają i ratunkowe protokoły!*”¹⁶ diz o robô. Mas ele só consegue dar três passos – “tzuut-tzuuttzuut...” – quando, bem longe, no outro lado da plataforma, alguém sai da tempestade. O robô se assusta, o homem gordo cai de suas costas, e o homem loiro instintivamente pula para o lado. O agente procurado, Tereesz Machejek, puxa uma pistola de seu bolso e o homem dos Assuntos Internos do outro lado da plataforma faz o mesmo. De trás dele, dois outros agentes da Polícia Colaborativa emergem dos arbustos, com pistolas engatilhadas. Eles miram, e o agente procurado Machejek mira neles.

“É triste ver,” diz o homem dos Assuntos Internos, “o quão longe ele caiu. Só pensa, vinte e dois casos resolvidos. Mas agora – um *desaparecido* compulsivo.”

A estação aérea paira sob o ar como um fantasma negro acima do brilho de Mirova. Ali na plataforma, na rua congelada debaixo do céu, está o ex-agente Tereesz Machejek. O homem dos Assuntos Internos ainda consegue ver sua barba por fazer, a gravata jogada por cima do ombro e a cara de um bêbado. Vinho com sabor de frutinhas congela em seu queixo, e dentes cobertos de tabaco se contorcem em uma expressão sorridente. Dois amigos gesticulam a alguém enquanto agacham pela neve. Eles estão em pânico.

O homem dos Assuntos Internos está vestindo um elegante casaco preto e um terno preto. “Você achou que poderia simplesmente desaparecer da *PoCo?!!*” ele grita ao vento. “Abaixa a arma, venha calmamente e ninguém se machuca. Tem vinte homens lá embaixo. Não há escapatória!”

O agente louco grita algo de volta, mas não pode ser escutado no vento cada vez mais forte. O cão de caça do Assuntos Internos abre os ouvidos: “O que?!”

“Frantiček o Valente!!!” vem do outro lado da plataforma, com um tiro de pistola. “Não!” grita Khan.

Zigi abre a porta com um chute. Em câmera lenta. Lascas voam, e a espinha da fechadura cede com um estalo. A porta cai de suas dobradiças e fica ali, miserável. Um garoto sem blusa, com uma garrafa de vinho em sua mão direita, fica de pé entre a moldura da porta. Ele está chapado de anfetaminas, querendo carícias e beleza. Ele tem dezessete anos, três anos até passar de seu prazo de validade. O garoto coloca sua mão esquerda em sua calça.

“Qual de vocês almofadinhas burgueses querem fuder?”

Uma sala de estar elegantemente decorada se abre na frente de Zigi. Mais ou menos vinte jovens de classe média estão sentados ali, é uma festa. Metade são garotas, mas nenhuma delas quer dormir com Zigi. É a noite do próximo dia – véspera de ano novo. Em duas horas, 51 vai virar 52, e essas pessoas jovens são os novos colegas de colégio de Zigi. É meio que agora que eles pensam que talvez não deveriam ter convidado Zigi. “Chega!” Alexander Bonitão pula do sofá. Mas ele nunca tem a chance de dizer as palavras: “Sai fora, seu otário!” Ele não tem nem tempo de trair seu amigo Zigi, por que vamos ser honestos – Zigi não tem nenhum amigo. Zigi é um dissuasor flamejante, ele grita: “Zigi, bate primeiro!!!”

E então uma garrafa de vinho tinto voa na cara de Alexander Bonitão. O jovem, lindo como Absalão, coloca suas mãos em sua face. “Meu Deus, minha cara!” ele olha para o vinho em suas mãos e pensa que sangue escorrendo.

“A cara dele!” grita a garota de Alexander, uma de muitas, pulando para trás do sofá.

¹⁶ (Original em Polonês) Inicializando: protocolos de busca e resgate!

“Quebrou a cara do Alex...” se ouve na sala cheia de pessoas. Alexander Bonitão está cego por seu luto. Sua cara manchada de vinho se contorce em um impossivelmente lindo grito de guerra. “Aaahhh...” escapa de seus lábios. O garoto pula aos pés de Zigi: “Minha cara! Eu vou te matar!”

O drogado suado e a beleza masculina numa camisa minúscula estão no chão. Zigi tenta levantar, mas Alexander Bonitão não deixa. Ele bate nele o mais forte que consegue com seus punhos. E é bem forte. Parece que se deu uma falha de cálculo. Zigi esqueceu que Alexandre Bonitão vai para a academia depois da aula, dando atenção igual para todos os grupos musculares. Zigi está com dores. A luminária de chão cai. E também o copo de alguém. Jovens de classe média pairam entre as rasas porradas subaquáticas de socos dentro do crânio de Zigi. Há vozes, vozes de garotas. Elas dizem: “Drogado, *perdedor!*”

A mão do garoto tateia à volta, mas nenhuma arma cai sob seus dedos. Ah, se tivesse uma espada, uma linda espada! Um pentáculo invertido em seu punho. Como os raios do sol.

“Droga, vamos ajudar o Alex...” os garotos corajosos se aproximam. E ganchos de perna bem na barriga. Zigi se contorce, dominado por músculos fortes.

“Besta Sempre uma besta,” sussurra o citoplasma.

O rabo do casaco do Investigador dos Assuntos Internos está tremulando. Há um pequeno buraco de bala no tecido preto – resistência tola e inútil. Três rajadas de pólvora voam em resposta à tempestade. O joelheira do ex agente da Polícia Colaborativa explode com o acerto. O primeiro tiro derruba Tereesz, e o segundo acerta seu ombro. Uma massa de tendões e coágulos sanguíneos na tempestade de neve.

“Ffran...ti...” Khan ouve seu amigo gemendo. Ele levanta sua cabeça da neve. O cabelo cor de batata de Tereesz está balançando ao vento, manchado de sangue. Seus olhos de cores aleatórias estão úmidos por causa da tempestade. Então o kojko fica de joelhos. A pistola treme e pólvora cai no cano. Rolamentos de munição caem do bolso de seu casaco, mas Tereesz não consegue achar elas na poça nevada de sangue. Sua mão machucada não consegue lidar com a delicada arte de recarregar. Tudo fica bagunçado.

Três figuras em casacos se aproximam da plataforma. Cuidadosamente, costas arqueadas como chacais. Tereesz cai de costas, recuando rastejando. Ele arrasta o trapo molhado de suas roupas na neve, deixando uma trilha de sangue. A pistola e a pólvora são deixadas para trás em uma poça fumegante em frente a Khan. Casacos esvoaçando como asas, três agentes da Polícia Colaborativa passam por Khan. O Investigador dos Assuntos Internos ajoelha. Ele ganha momentum, pistola em mãos. Khan olha estupidamente conforme Tereesz leva uma coronhada do anjo da morte e treme.

Então, ninguém nota Jesper pegando a arma de serviço de seu amigo. Ele não sabe por que, mas esconde ela em seu bolso. Como um souvenir.

Zigi voa do portão do jardim. Dois garotos o jogam como um saco de batatas por seus braços e pernas. O garoto cai na rua, em posição fetal. Uma cerca branca brilha ao seu lado, no escuro. O portão fica aberto, e os garotos se vão. Antes da porta da casa ser fechada, música pode ser ouvida lá dentro. A festa continua. Mas então – silêncio.

Flocos de neve cintilam. A noite de inverno em Katla está limpa e gelada, e Zigi está deitado debaixo dela. Seu corpo não obedece seus comandos. Ainda sem blusa, ele se move com dificuldade pela neve. O querido mundo, condenado a perecer, dá voltas. Em seus olhos roxos, tão grandes como rodas de carro, brilham os feixes de luz dos postes. O garoto começa a rir, e os cachorros latem. E seus latidos fazem todos os cachorros da

vizinhança latirem.

“Linda besta,” sussurra o citoplasma, “comunismo te ama. Se levanta, volta lá e massacra a casa toda!”

Zigi pega um punhado de neve gelada e esfrega em sua cara. A neve vira um biscoito de frutas vermelhas em seu nariz. Ele bate a bola de neve em sua pálpebra inchada. Na escuridão, um latido de cachorro ecoa na curva de suas orelhas.

“Joga em uma janela então! Diga que eles são burgueses!”

“Eles não entendem!” Zigi grita. “Eles não sabem o que um burguês é! Você não entende que isso não ofende mais eles? Eles não sabem o que significa!”

“O que você quer dizer como eles não saberem o que ‘burguês’ significa?”

“Exatamente isso,” Zigi grunhe e mete sua mão na neve. “É só uma palavra histórica aleatória, romântica até. Como ‘couraça’ ou ‘coquete’...” Ele tenta se levantar com seus cotovelos, mas não consegue, ele colapsa. O barulho da neve sob o calçado de alguém pode ser ouvido do jardim.

“Está vindo te matar! Corre, besta!”

“Cala a boca!” Zigi sussurra.

Todos os cachorros ficam em silêncio de uma vez. Em algum lugar um casaco leve farfalha. O cheiro de inverno sopra em seu nariz, tão doce que o garoto não ousa respirar. Ele segura o fôlego, e na escuridão distante a neve faz barulho. Ele sabe o que são esses passos. Esses passos são escuridão. Sua destruição e a destruição de Iilmaraa. E onde a civilização original se reuniu, quinze mil anos atrás, onde ela desapareceu da história, com seus pilares e instrumentos de corda ancestrais. Então ninguém sabe realmente de onde essas nações vieram. Todas essas pessoas. O portão do jardim abre com um ruído. Soa como uma memória, que agora se foi, conforme acontece. Zigi não consegue entender por que é um sentimento tão terrível. Deve ser a anfetamina de Samara. O garoto não consegue mais segurar, ele respira. Uma respiração prateada sobe de sua boca esmagada.

Ruína fica de pé sobre ele e respira.

Vinte e um anos depois, um entroponauta anda pelos corredores vazios do hospital de Nemengi Uul. Duas patas com peles recentemente retiradas em suas costas derramam sangue no linóleo, e ele tem uma lata de gasolina em cada mão. O homem abre a porta com um chute. Ele avança pela saída de incêndio até uma larga porta de aço. Ali ele finalmente para e coloca as latas no chão. O mazute chacoalha nelas.

O entroponauta pega em sua mochila seu alicate de corte como uma espada. O ferro estala. O som de aço ecoa na escaria do hospital abandonado. E ecoa de volta pelo Pálido profundo, pelas áreas abandonadas da cidade fantasma, pela estrada, pelo posto de gasolina e pelo cruzamento. Pela trilha de sangue até o local da fogueira. Até pela floresta escura, o museu de história natural, onde fungo bolorento cresce nos chifres dos machos e vapor não mais sobe das narinas dos bezerros. Eles ainda respiram, mas não oxigênio, ao invés disso puro Pálido.

A porta abre de uma vez e o entroponauta sobe no telhado do hospital. O Pálido redemoinha como um vórtex ali. Um homem numa jaqueta anoraque passa por ele, com latas em mãos e patas de cabra em suas costas. Ele joga as latas e chuta elas para frente, as latas deslizam no telhado, na neve. Mazute é derramado. O entroponauta passa sua mão por suas entradas e por seu rabo de cavalo de roqueiro envelhecido. Na frente dele, na plataforma de aterrizagem, debaixo da lona, flutua um formato do tamanho de uma pequena casa.

A mochila cai na neve. Ele pega o cabo que segura a lona. O aço fino desliza entre seus dedos. O homem aperta o cabo e massa oscila no Pálido. O mosquetão se solta de sua amarra e Zygismunt deixa o cabo ir com um sorriso. A lona preta sobe como um pássaro para o Pálido, e debaixo dela uma pequena aeronave fica à vista; a firme massa de ferro flutua como um caroço de damasco blindado e cabos a mantêm no chão. Letras estêncil correm pelas placas blindadas da aeronave. “Roo 501”, a marca de pequenas aeronaves de Samara.

A lona tremula como uma bandeira muito acima do hospital. Zygismunt Berg assiste da plataforma de aterrissagem conforme elas é envolvida no Pálido. Ele começa a subir o cabo.

Apenas em mais ou menos meia hora, uma porta hermética abre para dentro. Com um assobio. Oxigênio sai da cabine, e os painéis de iluminação e instrumentos ficam nebulosos por causa da mudança de atmosfera. O suado Zygismunt Berg sobe pela porta. A sala, mais ou menos do tamanho de um pequeno quarto, treme com seu esforço, e a aeronave balança. Ele joga com raiva sua jaqueta anoraque no piso e nunca mais a coloca. É prática, claro. E até o uniforme para um entroponauta. Mas pra ele, essa jaqueta é associada com uma febre de moda que ele nunca deveria ter visto – disco. O homem começa a enrolar as cordas em volta de seu pulso. Ele ainda não diz nada, nenhuma palavra, mesmo que ele esteja coberto por hematomas das quedas. Ele nem xinga. Primeiro vem a mochila, depois as patas de cabra. E finalmente, as duas latas de mazute batem no casco da aeronave.

Ele colapsa sobre a parede, exausto, e descansa por um momento. Ele prepara um cigarro atrás de sua orelha e puxa os mapas enrolados. Com uma caixa de fósforos em seus dentes, o homem alinha os mapas em uma parede cheia de instrumentos da cabine. Fotos aéreas são dispostas numa fileira; a taiga verde-escura de Nad-Umai, e o aglomerado de caixas de concreto de Nemengi Uul. E na beira disso, a antiga borda do mundo, desenhada com aquarela cinza. Um vasto espaço em branco cheio de azimutes, elipses e ondas senoidais começa onde o mundo acaba. E muito longe desse labirinto geométrico, na mais solitária das solidões, no centro de um ciclo onde para onde nenhum destino leva, uma linha pontilhada corre, uma constelação distante, uma superposição. Esse é o fim.

A Profundez de Rodionov é localizado no coração do Pálido, quatro mil quilômetros da beirada do mundo. O voo para lá poderia levar anos. O homem olha para sua mão, e em cada um de seus punhos brancos há uma tatuagem, números como miçangas juntas numa linha: “5; 12; 13; 14.”

Zygismunt Berg liga a chave de ignição. As luzes acendem na cabine, faróis de neblina dourados no meio do Pálido. O zumbido elétrico corre pela aeronave como um ronrono, e as pequenas setas pulam atrás do vidro indicador. Bem vindo, entroponauta.

O homem aperta o botão de LIGAR no reproduutor Stereo 8 da aeronave. A fita está com rótulo na letra cursiva de uma garota: “Fita de Mixagem da Viagem de Zigi para o Fim do Mundo.” Quando o disco começa a girar, o coraçãozinho no último “i” de “Zigi” fica no centro de tudo. Os auto falantes tocam canções de *rock* dos anos 50, por uma banda de já mortos bêbados do norte. É uma música linda que a burguesia, infelizmente, não pôde entender. Trilha #1 – “*Helvetti*” – era muito complexa, muito sombria, e muito de ponta para seus estabelecidos gostos musicais em forma de útero. Deixe eles queimarem no inferno. Quando chegar a hora do Pálido infiltrar os cantos de suas cozinhas e os transformar em proteínas, os membros da banda, que ficaram sem uma audiência maior apesar de seus esforços, já terão bebido até a morte em frente do mercadinho de Lemminkäinen.

Zigi acende um cigarro. Ele balança a cabeça junto ao ritmo, vestindo um suéter áspero no meio da cabine. Essa música é real. Ela diz como é. Mas algo está faltando.

“Você esqueceu sua jaqueta de couro, Zigi!” Ruína diz no escuro, com voz de garota. Mas Zigi não ousa abrir seus olhos inchados. Ele sabe o que realmente está esperando ele ali. A neve cheira por toda sua volta, em seus capilares quebrados. Ó, perfume burguês!

“Uuu-uul!” canta Ruína, “vossa jaqueta.”

“Me diz... Ruína...” resmunga Zigi na sala escura do inverno, “é uma jaqueta de couro *maneira?*” “É, jaqueta de couro bem maneira.”

Fechos badalam acima dele. Sangue corre para sua boca, uma bola de neve derrete em sua órbita ocular. Ele tosse: “Ruína... então você... gosta de jaquetas de couro?”

“Eu gosto.”

“E você sabe quem eu sou?”

“É claro!” Ruína exclama alegremente. “Você é Zigi – o pior garoto da escola.”

Vinte e um anos depois, Zygismunt Berg abre a caixa de ferramentas da aeronave. Lá, por cima das chaves, há uma jaqueta preta de couro. É a sua jaqueta de couro. Ele a coloca. Seus ombros não cabem mais direito, e suas costas estão arqueadas. O zíper não vai passar por sua barriga de chope, mas deixa pra lá. É assim que é. Ele deixa a frente aberta. Há sete listras brancas passando por suas costas, ainda parecendo fortemente malvadas. Desse jeito, o entroponauta fica na porta da cabine de sua pequena aeronave e joga seu rabo de cavalo sobre seu ombro.

Rock de Suru pode ser ouvido no Pálido congelado. A gaita uiva. Você poderia dizer que Zigi está *self-chilling* ali na porta.

♪ *Mutta mikä on maa?*

*Se on Helvetti*¹⁷

... ele canta junto e bate no botão de emergência com sua palma. Então, o barulho da engenhoca de ferro estronda no começo da batida, e truque das hélices cai. A aeronave começa a balançar com a música, suas asas desdobrando dentro do Pálido como exuberantes pétalas de aço, com lâminas penduradas para baixo. E se o que se aproxima é o verso mais feroz da música:

♪ *Se ei ole mikään kauhupaikka...*¹⁸

... ele canta e é acompanhado por um familiar coro revirado. Juntos eles são poderosos pela última vez:

♪ *Enneminkin siinnä on surullista*¹⁹

O fantasmagórico citoplasma cinzento de Ignus Nilsen fica embaixo na plataforma de aterrizagem, entre duas asas em desdobramento.

Zygismunt fica olhando para ele, e Ignus Nilsen olha de volta para Zygismunt. O Pálido flui dentro e fora do coração borbulhante do citoplasma. Apenas um ligeiramente mais leve amontoado está no coração de Ignus. O inimigo da matéria passa por ele, como asas.

“Comunismo te perdoa,” ele diz, “Comunismo entende.” “Ignus,”

¹⁷ (Original em Finlandês) Mas o que é um país? / É Inferno

¹⁸ (Original em Finlandês) Não é um lugar de horror...

¹⁹ (Original em Finlandês) É isso que é triste sobre isso.

murmura o entroponauta, “me perdoa.”

“Já esquecido. Nós tivemos um homem como você em Graad também. Ion Rodionov foi seu *nom de guerre*. Eu também o considereei como um amigo. Você conhece o nome, não conhece?”

“Só o nome.”

“Mas você não sabe quem ele foi? Ele era um matemático da Revolução, no topo do partido, comigo e Mazov. Ninguém sabe disso. Nem por que ele levou o modelo de ‘Harnankur’ de Graad.”

“Mas *eu* não sei disso!” Zygismunt derruba um cigarro de sua boca.

“É claro que você não sabe. Apenas o Comissário da Revolução e um punhado de parentes próximos sabem. Esse homem é uma verdadeira não-entidade. Todo seu trabalho de vida é assim. Se eles já não podiam aceitar o materialismo dialético, como poderíamos explicar o *nihilmat* para eles?”

Zygismunt está em silêncio. A canção acaba.

“Ele queria usar isso como uma arma de rejeição em massa. Contra a burguesia. Seria nossa resposta para uma arma atômica. Você sabe que não há urânio em Samara. Mas ele não conseguiu achar o lugar.”

“Nós achamos,” diz o entroponauta da SRV. Os cabos segurando a aeronave ao chão estalam fora como chicotes.

“Que pena. Eu nunca tive nada contra essa parte do materialismo. Terrível se eles estiverem certos. Eu amo o mundo, cada átomo dele. Mas se o mundo para de amar nossas ideias, você e Rodionov são os segundos melhores. Afinal, meu nome também é um nome de guerra,” diz Ignus Nilsen, “e pelo menos dessa forma não somos mais bestas.” Dos auto falantes vem o guincho mais triste do mundo, trilha #2: “*Cova*”, do desaparecido compositor dodecafônico, *comte* de Perouse-Mittrecie.

“Adeus, Zygismunt.”

“Adeus, Ignus,” diz o entroponauta, fechando a porta da aeronave. Ignus é deixado só no telhado do hospital. “*Enneminkin siinnä on surullista*,” o fantasma ainda está murmurando, conforme as asas começam a girar silenciosamente através de seu citoplasma. Mas as asas estão se movendo cada vez mais rapidamente.

Zygismunt Berg fica na frente de um painel iluminado, com suas mãos em alavancas. Manivelas sobem do piso, da caixa de marchas, como dois chifres. O homem liga o rádio transistor. Ele gira o apetrecho para a estação de rádio oculta, o computador do tamanho de metade da parede calculando o curso da aeronave de sua transmissão. O sinal vem de inúmeros pontos, de uma constelação de superposições a quatro mil quilômetros de distância. A vibração das linhas ecoa sua fala. A garota com uma voz de bebê repete ali um ciclo infinito, a todo o tempo, o que para ela – olhando do fundo da Profundeza de Rodionov – é apenas um ciclo, um evento simultâneo e imensuravelmente complexo. Um perfeito sistema fechado. “*Azimuth-Boreas-Sector-Orbit-Laudanum-Ultra-Tricolor-Ellipsis-Nadir-Ellipsis-Gamut-Azimuth-Tricolor-Icon-Orbit-Nadir*”.

O entroponauta puxa as alavancas para cima e para baixo. Seus olhos estão vermelhos. A pequena aeronave decola da plataforma de aterrissagem no telhado do hospital. O Pálido é puxado em espirais e as lâminas cortam Ignus em pedaços.

Dois homens acenam na tempestade, azuis e vermelhos por causa das luzes da ambulância. Eles lentamente se movem para frente, e a estação aérea é deixada para trás

na tempestade de neve. Tereesz abre seus olhos ao céu, ele não consegue sentir suas pernas. Tudo está girando, e o barulho da asas da aeronave de ambulância fica saltando. Acima dele está um homem de terno preto, iluminado pela tela de um monitor cardíaco. Esse homem é o Homem do Assuntos Internos. Ele é o Anjo da Morte.

“Não consigo sentir minhas pernas,” Tereesz tosse.

“É isso o que acontece quando você atira na PoCo.”

“Você!” Tereesz tenta sentar, mas ele tem seus pulsos presos à maca. “Como?”

“Infelizmente, eu não posso responder essa pergunta.”

“Kontšalovski...” o ex-agente afunda de volta na maca. “Ulrich eu te dei, mas... Não existe nenhum Kontšalovski, como você... quem te deu...” Ele começa a puxar seu pulso direito para fora da bandagem.

“Você é um drogado, Machejek, é por isso. Pessoas como você são sempre descuidadas. Há quantos anos você estava usando antes daquele homem ter um ataque cardíaco? Dois, cinco?” O investigador fica de pé acima de Tereesz, mas a bandagem se solta e a mão canulada do homem agarra sua gravata.

“Você,” Tereesz tosse em sua cara, de punho cerrado, “você tem que me ajudar!” O parceiro já está se aproximando com uma pistola, mas o agente faz um sinal a ele com sua mão: “Espera!”

“Achei coisas! Em Vaasa! Sobre uma investigação fechada. Seu nome é Deerek Trentmøller, ele matou crianças, vinte, talvez mais, e talvez as garotas Lund também, por favor...”

“Solta!” O agente caído solta e colapsa: “Eu tenho um caderno, tá tudo lá, me promete! Eu não teria fugido caso contrário, você tem que checar ele...” O Anjo da Morte fica por cima dele, limpando seu lábio de sangue. O kojko se debate abaixo, procurando pelo caderno: “Você pode conseguir uma medalha por isso! Definitivamente uma promoção...” O homem dos Assuntos Internos dá suas costas a ele, e o parceiro corre para amarrar a mão de Tereesz de volta à maca. “Por favor,” a voz trêmula diz no meio do ronco do motor. Com sua gravata flutuando ao vento, o investigador dos Assuntos Internos olha para a barriga da aeronave nas luzes da cidade. “Esquece, Machejek. Deerek Trentmøller não tem nada a ver com isso, nenhum desaparecimento foi relatado.” Um rastro de humanidade sombreia sua voz: “É a única coisa boa dessa história.”

À frente, as luzes piscantes da plataforma de aterrizagem do hospital correm na direção deles, enquanto isso à distância, o trono espinhoso feito de arranha-céus Noo sobe acima das luzes da cidade.

Ali, o bilionário de mazute assiste o pontinho da aeronave da ambulância desaparecer na tempestade do outro lado do Rio Veera. Os pensamentos de Noo esfriam diante dele, os cursos caem e Graad vai à guerra. A mobilização geral começa amanhã. Não restou muito. Mais de três mil peças de souvenirs de desaparecimento estão diante do homem, mas Sarjan Ambartsumjan agora considera essa vista a jóia de sua coleção. Debaixo de seu braço está uma expedição dos correios, um mostruário de vidro que chegou de Vaasa no trem da noite. Está vazia.

19. EU NÃO SOU UMA PIADA

Sessenta e seis horas depois, sessenta andares abaixo. O saguão do hotel está vazio à noite, brilhando como uma tumba de mármore negro. Um rádio toca na área da recepção, a garota escuta ansiosamente enquanto os cruzadores atômicos de Mesque espiam do Pálido profundo, e enquanto espionagem industrial rasteja aqui. Eles estão em todo canto. Então as notícias de guerra ecoam de volta do saguão, conforme um homem numa jaqueta plástica entra pelas portas automáticas. Uma nuvem de neve o acompanha, ele entre apressado e as letras brancas brilhantes “HOTEL INTERGRAAD” correm pelo fundo. A garota não o nota, o segurança também está agarrado pelo medo, e então o hóspede passa por eles, para o elevador privado dos residentes. As portas fecham atrás dele. Deixado sozinho na luz dourada do elevador, ele vira sua mochila sobre seu peito, as alças ainda em seus ombros, conforme ele foi ensinado a fazer na sexta série.

“Faz desse jeito, Khan, é bem legal.”

Khan vasculha pelos bolsos laterais de sua mochila. Um som metálico e um molho de chaves vem à vista. Ali está a chave de sua casa de madeira de Saalem, um martelo enferrujado do corredor, e um monstro de alumínio para trancar o porão, todas inúteis, se tornaram sucata; todas salvo uma – uma chave dourada, cujos dentes parecem tão tecnologicamente sofisticados, que girar essas chaves simultaneamente ativaria um protocolo de auto-destruição, um tipo de defesa de perímetro de mão morta, assegurando um contra-ataque até mesmo na eventualidade da destruição do alto comando em um ataque nuclear preventivo.

Khan enfia sua chave do Juízo Final na fechadura como foi instruído: duas vezes para a esquerda, duas vezes para a direita, e então esquerda novamente. “*Ambartsumjan, Sarjan Asaturovits*” está inscrito na placa de cobre, perto da fechadura. O chiado do auto falante corta o silêncio do elevador: “Sr. Ambartsumjan, eu estava preocupado...”

“Eu não sou o Sr. Ambartsumjan. Eu sou Inayat Khan.” O homem demonstra a chave, sem saber para onde apontá-la. Apenas ele olha para si mesmo no espelho, sua touca tutu torta em sua cabeça e a neve derretendo nos ombros de sua jaqueta. Ele está de barba, ele está terrível. “Me deram isso, no caso de uma emergência. Que é agora. Por que você não atende minhas ligações?”

“Você soa como Ishmael.”

“Perdão, o que?”

“Você está falando exatamente como

Ishmael.” “Ah, sim... você lembra de

Ishmael?”

“Eu *sou* Ishmael,” responde o fiel secretário, e o elevador guina para sair do lugar. A aceleração passa por Khan.

“Você estava preocupado? Por que? Por que você não atendeu?”

“Eu...” o secretário hesita. “Eu não estive em contato com o Senhor por dois dias. As últimas instruções eram de parar todas as ligações e não deixar ninguém entrar.”

“Isso foi antes de ontem?”

“Sim, quando o Senhor recebeu seu despacho, Inayat Khan.”

“Certo.” Khan acena ao espelho, neve derretendo nos óculos. Ele tira seus óculos e seca

eles na manga de sua jaqueta plástica. “E nada mais veio? No meio tempo? Da Polícia Colaborativa?”

“Como eu disse, eu não tenho ouvido do Senhor.”

“Certo, sim...” O cubo do elevador desliza silenciosamente, em direção ao céu. Os ouvidos de Khan querem trancar por causa da mudança de pressão. Khan engole em seco, olha para o elevador mais uma vez e então fica de pé na frente da porta, com a mochila ainda em seu peito.

“Sr. Khan,” o auto falando de repente chia.

“Sim?”

“Por favor veja se está tudo bem com o Senhor. Diga a ele que pedi para ser contatado.”

“Por que não estaria?” O elevador desacelera, as mãos subindo dos lados como se estivessem em um estado sem peso. “Por que não estaria tudo bem com ele?” ele pergunta. Mas o secretário não responde. As portas do elevador abrem na frente de Khan: “Ding...” Um feixe de luz corta o saguão para o escuro e sexagésimo andar. O vendo uiva ali, suas rajadas soprando as capas dos mostruários como fantasmas. E a neve está caindo. E então, o maior coleção privada mundial de souvenirs de desaparecimento é lentamente enterrada em pilhas de neve.

O som de sapatos batendo no linóleo pode ser ouvido. Um Homem do Assuntos Internos vem por um corredor de hospital de noite, uma maleta de telefone pendurada em sua mão, presa ao seu pulso com uma corrente. Um pequeno lembrete brilha em sua lapela, um distintivo esmaltado azul claro. Dois policiais guardam as portas da UTI. Um deles está dormindo.

“Por que você está dormindo?” O investigador se inclina sobre ele. “Eu sou um infiltrado de Mesque e tem um dispositivo explosivo de cinco-tons nessa maleta. O policial abre seus olhos e os esfrega surpreso, seu parceiro assiste aterrorizado. “Nós acabamos de perder um recurso estratégico insubstituível no Hospital Central de Mirova. Três mil cidadãos de Graad pereceram. Por que você não cumpriu seus deveres!”

O policial pula e arruma sua camisa, seu olhar ainda sonolento. O investigador não perdoa. “Para quê você tá parado aí? É menos pior se você dormir em pé? Quem sou eu? Quando está minha identificação de trabalho? Por que eu não submeti meu crachá de visitante?”

Portas duplas de metal balançam atrás do investigador, ele entra na sala escura e os policiais dão um suspiro de alívio no corredor. Cubículos separados por cortinas plásticas passam por seus dois lados, e o último ao lado da janela brilha por causa do equipamento médico. O homem vira e puxa a cortina de plástico: “Machejek, eu preciso que você ligue para seus amigos. Eu preciso que você chame eles de volta. Agora.”

Há um gotejador de morfina na cabeceira da cama, pingando morfina. Não é um bom sinal, isso deveria ter sido parado muito tempo atrás. O débil agente olha para fora da janela, neve grossa está caindo. “Você não tem nada para me dar.”

“Eu não preciso ter algo para te *dar*.”

“Eu sei de sua história. Não foi relatada... Você não sabe de nada sobre a investigação. Você é um *duch*, *sjawa*²⁰. Pessoas como você só sabem assombrar.”

Duch, *sjawa*. Normalmente, são os cidadãos desempregados que entretêm suas mentes

²⁰ (Original em Polonês) Fantasma, aparição

com todo tipo de fantasmas e duendes que rastejam no aparato do estado e tecem uma teia de mentiras contra eles. “Pessoas como nós, Machejek. Pessoas como nós são os agentes da Polícia Colaborativa. O propósito da Polícia Colaborativa não é investigar. A Polícia Colaborativa almeja manter o mundo como está.”

Machejek desvia o olhar da janela. “Esse mundo nosso de agora é uma verdadeira merda.”

“Ó!” O investigador dos Assuntos Internos finge surpresa. “Quanto filosofia. Então você gosta do plano de Saint-Miro para a humanidade?”

“O único niilista aqui é você, *duch*.”

“Então você não gosta do plano de Saint-Miro para a humanidade?” As feições do investigador interino se afiam, e ele dá um passo para o lado da cama, para o brilho verde do monitor de batimentos. “Mas você gosta de coisas ainda *mais* anormais? Ou você não sabe que companhia seu amigo mantém? Seu amigo anormal. Eu também não sabia. O que é esse *hobby* deles, o que eles fazem...”

Machejek senta, a bandagem de seu ombro ficando vermelha em desafio. “Khan? Khan é um gênio. Você não pode parar ele.”

“Sim,” o investigador interino dá de ombros, “ele sabe o que tá fazendo. Ao contrário de você. Vai ligar para ele agora.”

Essa concessão para alguém como Machejek é suficiente. “Você quer saber, não, seu velho. Para de pedir. Melhor aumentar a *morfina*. Eu não alcanço.” Ele afunda em sua cama hospitalar, por sorte os espasmos de riso os machucam e o assobio para.

“Eu acho que você já teve drogas

demais.” “Drogas...” caçoa

Machejek.

O investigador interino olha para ele com ressentimento. Na cama hospitalar, está deitado o corpo de um homem suado, seu torso nu sangrando, escorrendo suor. “Então você gosta daqui, não gosta? Você está feliz coma sua laia, Kontšalovski?”

Tereesz está nadando em uma solução de morfina. Ondas sombrias correm por ele, e os flocos de neve caem na água. Ele queima frio. Oportunidade! As mãos de criança seguram ele flutuando, por seus ombros. Pequenas mãos fortes... ele é um soldado do amor. “Sim,” ele responde, vendo o ponto verde no monitor de batimentos pular. Suavemente, ritmicamente. “É ok aqui. Eles disseram que eu não posso andar normalmente mais, mas quer saber? Eu não iria a lugar algum. Eu odeia esse país. Eu odeio Graad. Eu odeio a Polícia Colaborativa e eu odeio a Moralinterna. É só uma ferramenta para mim, eu mesmo sou uma ferramenta. Eu sei disso... é o porquê de eu estar aqui. Quem me entregou. Não gaste saliva, eu não sou um idiota. Eu sei que meu trabalho está feito.”

A claro luz verde permanece na escuridão.

“O que ele conseguiu em troca de mim? Khan? O que você deu pra ele?”

O uivar do vento pode ser ouvido, e a trilha de vapor corre pelos montes de neve do telhado. O especialista líder mundial em desaparecimento cuidadosamente anda para frente conforme os flocos de neve dançam dentro e fora de foco. E atrás deles, seus óculos de materialista dialético. Seus olhos escuros e afiados assistem os flocos de neve grudarem no vidro. O homem agacha, e o farfalhar de sua jaqueta plástica pode ser ouvido. Sua mão se estica e pega algo do monte de neve.

O vento para à sua volta e as cortinas caem sem vida. O tecido escuro toma a forma de um mostruário novamente, e Inayat Khan está lá no meio, sob um dos joelhos, segurando

um crânio humano em sua mão. Ele olha profundamente na escuridão das órbitas oculares. Sessenta mil reais estão espalhados por aqui – bem longe no deserto de Erg, onde o herói épico foi buscar uma audiência com os deuses. Sessenta mil buracos profundos foram cavados. Em vão. Khan assopra, e a neve voa dos olhos de Ramout Karzai, sua mandíbula travada com fechos, e sua boca silenciosa. A lança está quebrada, e o estandarte é um pano mortuário.

“Sr. Ambartsumjan!” Khan levanta. Uma bandeira esfarrapada balança na parede, esticada com cordas. Ela é enorme, nas cores do tricolor de Iilmaraa. Uma rajada de vento sobe, e um cachecol da mesma cor flutua em volta do pescoço do homem, e ele veste uma touca da mesma cor. “Ambartsumjan!” Khan dá uma volta e passa sua mão sobre o mostruário de vidro. Debaixo do monte de neve, a cabo de uma lança pode ser visto, uma ponta antiga enferrujada. “Precisamos conversar!”

A sombra sinistra da touca tutu se desloca para a mesa, papéis voando à sua volta, o auto falante de pirâmide enterrado em neve. Uma mão esticada na luz do elevador, de repente treme como um fantasma. Há um grunhido cansado e então vuush! O crânio quebra em mil pedaços sobre o auto falante.

“Onde estão minhas coisas?! Onde estão?!”

O homem se aproxima, virando os mostruários. Vidro se quebra. “Eu não gosto quando minhas coisas somem! Eu não gosto *nem um pouquinho!*” Ele para, ambas as mãos no mogno, varrendo a mesa de seus papéis e suprimentos de escritório com um único movimento. “Como vou saber onde colocar isso agora?” Ele olha em volta. “Teve conversa, *não teve?* Você pega a aeronave, você facilita, e todo mundo consegue suas coisas. Onde estão *minhas* coisas?!” ele grita, procurando de canto de olho para uma fileira de janelas do piso até o teto. No meio, a maior das janelas, foi quebrada de dentro, com cacos triangulares de vidro apontando para fora e a neve soprando para dentro. E a brilhante luz dourada de Mirova. Na frente da janela, um grande mostruário cinta de ponta cabeça. Fios soltos, um interruptor.

Khan vira sua cabeça e corre para sua posição, deixando a pintura de papel para trás. Na parede, acima da mesa. O papel molhado de neve ondula ali, o Gon-Tzu em aquarela lentamente derretendo: a milípede negra de veias de dragão em sacos listrados, a turquesa em um arco-íris. Logo ele desaparecerá, mas você ainda pode ver como Gon-Tzu distribui – uma pra você, uma pra você, e uma pra você – pêssegos imortais para seus homens. Mas Khan não tem olhos para isso.

Ele cava, o vento assoviando em seus ouvidos. Ele colocou suas luvas. O mostruário emerge da neve, e o homem o vira do lado correto para cima, puxando papéis. Papéis caros. Uma pasta da Polícia Colaborativa com fotos de raio-X dos dentes de alguém, uma foto de identidade voa da pasta ao vento. Uma tatuagem prateada, uma memória impossível em punhos. 5, 12, 13, 14. Khan pega a foto, e a coloca na mochila em seu peito, junto com o resto. Junto com a autorização de trânsito para Kukushkin, na região de Graad Samara, junto com documentos falsos para a República Popular. Esses estão no topo, o pentagrama inverso impresso em branco na capa do passaporte.

No fundo do mostruário brilha o grande prêmio, a Profundeza de Rodionov. A boca de Khan se abre, e ele estica sua mão. O metal azul-escuro perfurado canta como uma lâmina de serra entre seus dedos, a luz da cidade brilhando através de milhares de pontos. Depois dos pontos, há a legenda do mapa, na caligrafia de Voronikin. Ele lê, o céu estrelado brilha em sua cara sombria.

Machejek sorri tristemente. “Foi bom?”

Nenhuma resposta do investigador, com o telefone de maleta aberto no colo de Tereesz. As

luzes saem de dentro, e seu caderno com um pombo nele desliza das teclas, papel de foto brilhando no meio. Um estranho.

“Isso era para ser supostamente muito bom.” O homem pensa por um momento. “Agora você tem um cidadão de Vaasa cujas idas e vindas você não pode controlar, né? Você não pode fazer nada para ele, ele é um colaborador... mas ele brincou contigo. Você nem sabia das coisas que deu para ele!”

“Elas não eram boas, Machejek,” o investigador perde a calma, “Eu estava errado! Eu estava errado sobre muito mais do que você pensa e você não vai gostar disso. Seu suspeito é uma vítima.” Ele pega o caderno. “O que você acha, por que seus casos não foram relatados? Você ou viu, Machejek! Vamos falar sobre isso? Ou você não quer mais? Você não quer falar sobre Deerek Trentmøller? Não é engraçado mais?”

O investigador coloca sua mão na testa fumegante do homem. “Essas coisas aconteceram, você viu elas com seus próprios olhos. E agora elas não aconteceram. Como isso é possível?”

“Isso não tem nada a ver,” Tereesz engasga, suas pupilas cobrindo suas írises randomicamente coloridas. “Você disse você mesmo. Apenas o plano de Khan é importante agora.”

“O plano de Khan é seu peso em anormalidade. Profundeza de Rodionov! Os comunistas mentalmente doentes, danem-se eles, estão morrendo e vocês todos vivem num mundo assim. Você pensa sobre essas coisas, você lida com elas... Você gosta de todo tipo de objetos, não? Eu tenho um. Chegou a mim hoje, de Vaasa. Eu o re-telefaxeï a mim cinco vezes.” O homem balança sua cabeça com raiva. “Não veio de nenhuma outra forma, apenas esse todas as vezes. Me deixe lhe mostrar uma das fotos, Machejek, por que você não consegue se comportar como um adulto caso contrário, e você obviamente não se importa com seus amigos após seu grande sacrifício.” Ele tira o papel fotográfico de seu caderno. “Esse aqui é o único artefato de Deerek Trentmøller que corrobora com sua história. Ele revelou ele mesmo em seus quartos privados. Você viu também, com sua máquina. A data de revelação é de 29 de agosto, 52. Dois dias depois, ele enviou, com o negativo, para o laboratório fotográfico em Vaasa. ‘O negativo não está estragado, a revelação é a mesma’. Um mês depois, o Laboratório Fotográfico Central confirmou isso depois de um inquérito seguinte: ‘O negativo não está estragado, a impressão é a mesma’. Zeul confirma que não há defeitos na lente Trigat tira três mil fotos teste com a câmera. Nenhuma anomalia aparece. Esse homem estudou o aparato por seis anos até uma doença de memória atacou. Eu acho que ele teria estudado isso a vida toda. Como você.”

Tereesz segura um pedaço de papel fotográfico com cantos cortados irregularmente, datas e selos no verso. 29 de agosto. Ano 52.

“Vira ela!”

Suor deixa uma mancha no papel. Selos de laboratórios fotográficos. “Zeul”. “Trigat”.

“Você não ousa olhar, não é? Você não deveria ousar. Ninguém deveria, você não deveria estar fazendo esse tipo de coisa. Elas precisam ser esquecidas. Mas Machejek – sinto muito. Eu *preciso* que você chame seus amigos de volta. Você tem que fazer isso.”

A luz desliza pela superfície da foto em um resplendor lustroso conforme Tereesz a vira. É um dia amarelo de verão, congelado. A chuva está caindo no morro, e os três, pequenos, na frente dos arbustos de cinórrodo, sorrindo triunfantemente. Khan está explicando sobre pêssegos e Gon-Tzu, ele e Jesper olham à frente, guarda-sol de praia em mãos. Os três garotos o seguram sob nada.

“O que é?” O ponto no monitor de batimentos pausa.

“E praí que seus amigos estão indo. Essa é a sua Profundeza de Rodionov.”

“Você editou isso...” Tereesz vira a foto em pânico, como se procurando por elas do outro lado. “Por que você está fazendo isso? Por que você está fazendo isso comigo?!”

“Nós fizemos nada. Não há nada disso de *duch’s* e *sjawa’s*, drogado. Somos amigos da humanidade. Quando você vai entender? Não foi uma pessoa que editou isso. Você só não quer pensar sobre isso. Ninguém quer. Tá certo. Vamos deixar assim.” O homem dos Assuntos Internos levanta o telefone do gancho e pressiona a tecla de rediscagem. Tom de chamada. Tereesz vira sua cabeça, mas o Homem dos Assuntos Internos o segura pelo queixo. “Não para agora! Você fez mais do que mal. Você acabou com os dois: Hird e Trentmöller. Você limpou o horror da cabeça deles. Estamos quase lá.” A voz de uma mulher vem ao telefone: “Hotel ‘Intergraad’...”

A foto cai dos dedos de Tereesz: “Mas isso não é *possível!*”

“Isso não é possível,” suspira o Anjo da Morte, “só o mundo como está é possível. Nós não estudamos essas coisas, nós não cutucamos elas. Nós estamos em paz. Nós esquecemos. Nós esperamos e nós somos protegidos.”

“Hotel ‘Intergraad’, estou escutando.”

“Por favor me conecte à suíte de número 4001.”

“Ishmael.”

“Consegue conseguir me ouvir?”

A voz de Khan vem da central telefônica. O leal secretário está diante de um amontoado de fios, milhares de plugues de metal correndo pelos soquetes analógicos. Uma lâmpada pisca. Ele veste uma camisa rosa, clique-clique, o jovem muda os fios na mesa, com sua agilidade de sempre, “estou ouvindo.”

“O Senhor pulou para sua morte. Eu espero que você perceba que eu poderia não ter contado isso. Eu poderia só ter deixado o prédio. Eu espero que você entenda e que você não chame as autoridades por dez minutos. O Senhor gostaria que fosse assim. Que eu não fosse parado, que a investigação não desperdiçasse meu tempo. Assim dita Khan, ao uivo do vento. “Um tempo que eu não tenho. Você entende? Diga que você me entende e que vai fazer desse jeito.”

Do auto falante atrás dele vem um murmúrio trêmulo, como um grito.

“Você me entende?” ele repete, e o auto falante chia: “... dez minutos...” “Certo.”

Khan vira sua cabeça e olha. Uma vastidão brilha debaixo de seus pés. O homem que temia que o mundo estava sumindo se jogou lá, mas ele não teme mais nada. Noo está diante dele e atrás de seus óculos e irises, pensamentos correm. Pensamentos ordenados e estratégicos. É uma abrangente operação de resgate, mas ele está completamente envolto por isso, nenhum outro pensamento resta. Eles ainda o chamam de Khan, mas na verdade, ele é um líder tático que perfeicionou a si mesmo em uma guerra posicional de vinte anos, uma manobra adaptável cujo autor e executor é ele mesmo – um tirano do amor, toda uma visão de mundo em serviço de uma única pessoa. Há outros, mas ele não pode ser parado. Horrores o visitam, e ultimamente, ele nem lembra mais de seus nomes, suas idades estão misturadas. Antes de ir para cama, sua amada olha pra ele com uma cara cansada ao invés de seus olhos. Um *mnemotour de horrores*. E algo ainda mais feio, ligações de madrugada do abismo: “Você sabe quem eu sou. Homem gordo, eu não sou seu brinquedo. Nos deixe!” Como ele chorou quando acordou, mas isso não

acontece mais. Contra medidas foram implantadas; ele sabe o que aconteceu. E ele lembra. Para sempre.

Então o homem fica diante da janela quebrada do sexagésimo andar, uma mortalha turquesa-laranja-violeta flutuando sob seus ombros. Ele é um super herói. Garotas – ele está indo salvar vocês!

Ele anda pelo piso nevado com sua mochila e desde a saída de incêndio. Ali, ele pega o elevador dos hóspedes ao invés do elevador privado dos residentes. Ele desce dezenove andares com um empresário de Vesper e sua escolta, conjura um sorriso, desce no quadragésimo andar, e o tira de sua cara. Trinta minutos antes dos eletricitistas quebrarem as portas do elevador no térreo – e quarenta e cinco minutos antes de Khan emergir do estacionamento nevado para a rua – ele entra em uma suíte alugada no nome de seu amigo sem tirar seus calçados.

O corredor está escuro, Khan não liga as luzes. Ele sabe o que isso significa. Na sapateira há sapatos usados lisos de couro que valem três mil réal, e um casaco bege Perseus Black com manchas de sangue no cabideiro – ficou mórbido demais para Jesper. O telefone toca nas salas vazias. Khan vai até o quarto atender. A cama está arrumada, o ar está fresco, e no meio do quarto em uma mesa em forma de cubo, há uma pirâmide negra feita de pilhas de notas pretas como carvão. Khan abre sua mochila, coloca a mortalha em uma bolsa esportiva, e começa a empilhar as notas em sua carteira sob um toque frio de telefone. Cem, mil, dez mil, cem mil, quinhentos mil réal. Oitocentos mil réal. Bem no fundo, como em uma tumba, está a arma de serviço de Tereesz. O níquel brilha na fraca luz, e Khan a coloca no topo de tudo, então levanta.

Khan olha para o telefone na mesa vazia. A luz vermelha apaga e volta com o toque. Para por um momento, meio minuto se passa, e então começa novamente. Ele coloca sua mão no receptor do telefone e pensa. Seus dedos ficam suados. Ele pega o telefone e o coloca de volta no *gancho*. Então ele o pega novamente, dessa vez em seu ouvido. Dedos amarelo-escuros movem sob as teclas. Quando a sequência de dezesseis números acaba, há silêncio na linha, então um toque de chamada intermitente, um sinal do outro mundo. E então quando o telefone finalmente é atendido no outro lado da linha, o Pálido enche toda a sala. Conexão. Como um oceano distante. Uma voz quase inaudível nas ondas que quebram. “Alô?”

“Mãe, eu não vou mais voltar pra casa.”

Dois meses depois, quatro mil quilômetros ao norte, do outro lado da Reserva Iacuta. A antiga taiga do Noroeste de Graad se estende até a curva do horizonte, e o Pálido brilha numa distância imensurável. E diante dele, oitocentos milhões de hectares de floresta ondulam ao vento. O mundo. O vastidão estrelada pela neve exala oxigênio à atmosfera da noite de inverno. Até os povos originários são proibidos de entrar aqui. Essas geladas toneladas cúbicas são respiradas por toda Graad, elas são seus pulmões – pulmões de Graad. Um área hidrometeorologicamente protegida, um parque de oxigênio. Um veículo automotor cinza-tempestade está um caminho da floresta, na beira de um grande campo, com suas luzes de salão sumindo. A bateria chumbo-ácido está lentamente acabando. As cúpulas de vidro dos faróis apagam na escuridão do final de Dezembro. Uma mangueira de bomba voa do tanque de gasolina da máquina, e um homem de trinta e quatro anos segura uma lata vazia em suas mãos. O interior branco como a neve na frente dele cheira a gasolina, o banco branco escorre ela, assim como o volante de couro branco e o painel.

Ele acende um fósforo, ele apaga em seus dedos frios e vermelhos, e o vento assopra. O homem protege a caixa de fósforos com sua palma e acende outro fósforo, o primeiro não faz nada.

O segundo faz o veículo automotor ficar em chamas. Uma única vela está acesa no meio de um mundo em escurecimento. O couro branco crepita e fica preto, e flocos de fuligem descascam e voam para cima. A maleta branca no banco de trás pega fogo. Ali, seu passaporte se amassa para cima como uma aranha morrendo, e as cartas de Målin flutuam como cinzas pálidas. E todo o resto dos souvenirs que ainda não desapareceram. Um desenho aparece diante de seus olhos, as marcas de nascença das costas de Anni desaparecem. O calor sobe à cara do homem, ele fecha seus olhos. Pontos dançam ali por um momento; e os olhos, a exata cor dos olhos de cada uma ele não mais consegue lembrar; uma face que ele não mais consegue lembrar. Um beijo com a filha da professora, na floresta escura, a língua de quem ele não lembra, mas sem ela, ele próprio seria inconcebível. Tudo isso vai desaparecendo.

O ex-designer de interiores abre sua boca, esfrega pó em suas gengivas sangrentas, e joga o resto do pó mágico no veículo automotor em chamas. Ele brilha quando se incendeia. Ele então ganha impulso e pula em um rio congelado. Tufos de taboa sobressaem do gelo abaixo, e uma estrada florestal corre à distância. À sua frente há um prado de palha, com neve caindo sobre ele. E depois das árvores zigzagueantes, uma parede de abetos, uma vista dos sonhos. Flocos de neve flutuam dos galhos como laços de casamento.

Ele vai, com uma mecha de cabelo loiro tremendo em sua testa, seus olhos úmidos e azul-claros por causa do vento. Ele veste um manto branco-neve, com sapatos brancos de veludo em seus pés; os cantos do colarinho do manto são adornados com âncoras de prata, um tema náutico. Sua silhueta brilha na fraca luz, fina como uma prancha de surfe, garrafas de água tilintando em sua bolsa de ombro. Ninguém sabe onde ele está indo. Ninguém sabe onde está – um pequeno ponto brilhante em um vasto campo de neve. E no outro lado do campo, a floresta acena, escuridão debaixo das árvores cheias de oxigênio, chamando toda a sua vida consciente. Ele entra, o solo macio debaixo de seus pés, espinhoso com os pinhões, o vento se acalmando, e nenhum sino tocando aqui. A voz de ninguém. Desse jeito é melhor, é certo.

O veículo automotor carbonizado permanece na beira da estrada.

Um mês depois, seis quilômetros ao sul. Um trem do metrô acelera em um túnel subterrâneo. Os vagões estão vazios à noite e o aço range. Khan se inclina sob a porta, com a mochila em suas costas. Ele olha abaixo para o sinuoso trilho do vagão, o estômago da minhoca de aço do metrô. Algumas pessoas sentam ali, as luzes em modo de economia. Graad está em guerra, e andar de noite sem uma autorização especial é proibido. Uma noite, quando policiais vieram cutucar ele com cassetetes de borracha na estação de trem, Khan comprou uma para si. Ele agora dorme em bancos de estações e atrás de mesas de cafés abertos, evitando hotéis. Pessoas tem um hábito de se perderem lá. A luz amarela da indústria brilha em janela após janela, o trem do metrô sai do túnel e sobe para a ponte. Abaixo, a jusante do Peremennaja Veera escurece, camadas de gelo cor de arco íris nele, e à frente grandes cilindros de armazenagem de gás às margens do rio e uma fileira de refletores de uma plantação de pepino. E a usina hidrelétrica. Essa é a Polifábrica, a *tiranópolis*, a pós-megalópolis, o penúltimo desenvolvimento do assentamento humano. A parte da cidade para onde Khan veio era antes Lenka, a capital de Ziemsk. Aqui nasceu František o Valente. E Tereesz Machejek, mas aí o tumor já havia engolido Lenka. Cientistas de Graad prevêem que nos próximos dez anos, a Polifábrica Mirova vai crescer com seus subúrbios para formar o último pico de desenvolvimento de assentamentos humanos, uma parte inabitável da geosfera, uma zona de desastre ecológico – uma necrópole. Não vai acontecer, antes disso o Pálido já terá varrido esse pedaço de terra.

No horizonte, sob a baía, um enxame de cruzadores de Graad derivam para o nordeste,

enxames de caças caíndo de suas barrigas como sementes. Essas são tropas reservas. Nessa noite, a marinha de Mesque invadiu a isola de Graad, a isola natal. Não há boas notícias vindo de Katla ou da região de Holodnaya Zemlya. A vanguarda está se aproximando do platô boreal. Trinta e cinco milhões de pessoas ouvem as notícias de guerra da rádio, atrás das janelas do trem na Polifábrica. Eles são todos escravos. Apenas ele não ouve, ele já sabe o que vai acontecer. Esse homem é um niilista e Khan veio aqui por causa dele.

Ele desce para a estação, fechando sua jaqueta. A plataforma está quieta e vazia, com o frio do final de inverno sulista. Choupous farfalham ao vento, e cinzas industriais caem das árvores. Ele desde as escadas ecoantes para o nível da rua, andando entre cabanas parcialmente caídas. O aterro se eleva acima delas, um monumento invencível, cilindros prateados brilhando por causa de projetores de cinco mil watt. A rua é mal iluminada, com casas de madeira ocupando ambos os lados dela, o gelo quebrando em poças de lama abaixo de seus pés. A rua não é pavimentada.

Khan para na frente de um complexo de apartamentos particularmente delapidado. A fachada de madeira crepita ao vento, ameaçando cair nele a qualquer momento. Ele checa o endereço escrito nas costas de sua mão com uma caneta, e então sobe as escadas pelo corredor escuro e com cheiro de amônia. Ele acende um fósforo e duas chamas dançam nas lentes dos óculos de Khan enquanto ele procura pelo apartamento de número três.

Um velho de cueca vem à porta, com sua pele pendurada sob peito e parecendo que foi embalsamado. Ele costumava ser jovem e charmoso com sua visão de mundo extrema, caçoando de tudo e todos e calmamente aceitando aquelas pequenas coisas que levam pessoas ordinárias para longe. Essa palhaçada, junto com a consciência social típica da mulher nortenha, deu a esse kojko a maior vitória de sua vida – a mãe de Zigi. Todavia, o casamento acabou sendo uma farsa para ele. Além do mais, a mulher não permitiu ser disciplinada pelo pai niilista de Zigi. O pai de Zigi não disciplinou Zigi, ele se importava com Zigi, se importava o bastante para deixar o garoto em Vaasa. O niilista em si voltou para a Polifábrica, foi para a academia ali, e ficou saudável para viver como um verdadeiro niilista até que tivesse cem anos, mordiscando em cada hora vil, sabendo que haviam muitas à frente.

Tudo isso está claro para Khan, e está em sua mochila em uma pasta. Ele quer saber o que aconteceu quando Zigi veio a Graad para ver seu pai três anos depois do desaparecimento das garotas. O que aconteceu entre Zigi e as garotas, o que ele deixou passar. O kojko o leva para a cozinha, no meio de louças sujas. Khan mete a garrafa de vodca com uma nota de cem réal na mesa, e o kojko tira a tampa, pondo uma dose e segurando o copo de dose nas pontas de seus dedos do meio e indicador.

“Não é que eu vá trazer algum problema a ele, não me entenda mal,” Khan olha para o copo de dose cheio à sua frente. “É tudo o que eu disse no telefone, mas...” Ele pensa por um momento, então joga a vodca goela abaixo.

“O garoto sabe quem eu sou. Eu sou um niilista.” O velho bate o copo de dose na mesa: “Vá e veja o poderoso niilista enfrentar a morte, hoje à oito em ponto, no centro comunitário. Morte é grandiosa e terrível, mas... mas o o niilismo não é... o que ele é agora?” Ele coloca seu dedo em na boca e tenta lembrar. Mas ele não consegue, seu humor está arruinado e seu corpo se afunda em seus ombros. “Logo tudo vai acabar, qual é a diferença.” O velho acena com a cabeça em direção à porta, “Tudo está do jeito que ele deixou.”

O cadernos se elevam como torres pelas paredes da cabana. A sombra de Khan fica em frente da porta, entre as pilhas, a luz da cozinha brilhando de trás. Então, quando o homem vai pegar um dos cadernos, o resto da pilha começa a cair em cima dele. Ele olha para o pai de Zigi querendo ajuda, segurando a torre bamba contra a parede com seu

ombro. “Deixe pra lá,” ele tosse, “é tudo o mesmo. A mesma história.”

“O que quer dizer?” Khan dá um passo para trás, os cadernos derramando pelo chão, cada capa tem as idades das garotas na caligrafia desleixada de Zigi. Cinco, doze, treze, catorze.

A mesma história!” O kojko vira suas costas a Khan e senta na mesa da cozinha. “Uma história estranha. Não seria uma história estranha para todos nós, e se ela tem um final feliz...”

Khan começa a colocar os cadernos em sua bolsa esportiva. Então, quando ele para na frente da porta, com uma bolsa cheia pendurada sob seu ombro, o kojko ainda está olhando para fora da janela da cozinha. “Ele querem afogar esse mundo no Pálido, sabe. O mesquinos. Ele estão no rádio dizendo que nos levarão para nosso berço. Que estamos todos aqui parados, de boca aberta. E eles vão ter certeza que nós engasguemos em nossas línguas e eles nos alimentarão. Fracasso não é mais niilismo, é uma farsa, eu vi isso, é a quarentena das proteínas da Terra de Lomonossov! O mundo todo quer se tornar a Terra de Lomonossov.

Khan bate no capacho da porta com a ponta de seu sapato. “Bem, eu não sei, eu deveria ir...”

“Ele é uma decepção, esse Saint-Miro, mas quer saber, garoto?” O velho olha para Khan, seus olhos úmidos por causa da vodca, pretos como um cavalo, “eu acho que há mais por vir...”

Os vagões desaparecem em frente de Khan, um por um, o túnel engolindo o trem. Ele senta ao lado da janela em um silêncio escuro, seus ouvidos trancados por causa da troca de pressão. Luzes verdes marcam as saídas; fora isso, está escuro nos vagões, com apenas o som do metal rangendo. Ele pega sua lanterna, enche de pilhas, e o mundo aparece das escuridão em um pedaço quadrado de papel em seu colo. Khan senta com pilhas de cadernos em sua direita e lê.

Página por página, isso se desdobra à sua frente sob o feixe de sua lanterna. Todo detalhe é capturado ali com uma autista atenção aos detalhes, toda palavra e movimento é registrado. Não é bem uma história, mas sim um desenho técnico, um modelo da memória. Instruções para uma força benevolente recompor o mundo perdido de Zygismunt Berg. Corta, dobra, e cola. A trajetória de um tijolo na noite de inverno, as coordenadas da janela de uma sala de estar. Um endereço familiar, a casa das garotas em Vaasa, na parada Fahlu. O labirinto dos subúrbios é revelado em um mapa não desdobrado, uma linha pontilhada marcando a fuga do garoto.

E e detalhes meteorológicos no canto da página. Pressão de ar e umidade. Dezoito graus abaixo de zero. A próxima noite na casa de Alexander Bonitão: sofás contra as paredes, uma batalha de seis fases de passos de dança no chão. E então, escuridão. Uma única voz soando acima dele, acima do garoto, com os fechos tilintando. “Você é Zigi – o pior garoto da escola.” Khan sente algo ruim, ele seca seus olhos com um lenço, e ácido gira em seu estômago. Esse é um ataque iminente de ciúmes.

“E você, minha querida Ruína, é a garota mais bonita do colégio.”

Contudo, o nome da garota com um familiar “ã” no meio não o espera no verso da página. Sua ausência é o que o aguarda ali. Ele e o mundo à sua volta não existe mais, conforme as datas debaixo das páginas avançam do ano novo, um ou duas vezes por semana, menos e menos frequentemente. Até o dia vinte e o oito de Agosto. Mas as páginas em si são apenas uma grade vazia. Khan pega o próximo caderno e o folheia, então o outro, ele pega o resto dos cadernos de sua mochila, e todos eles tem a mesma história. Uma história estranha.

A luz da plataforma joga um feixe nos vagões. Ela radia pelas fileiras de janelas, uma

janela de cada vez. Khan levanta sua cabeça e seus óculos se iluminam. Dois iluminadores brilhantes, a parada final – ele não entende. Um gordo idiota com uma gravata azul clara, em algum lugar dali está Zygismunt Berg, quem sabe que apenas cascas sobraram de sua história. A fita magnética chia, e apenas o coração roda sozinho em um disco de plástico. E os números, eles os tem também, inseparáveis do mundo até o fim. Ele catapulta a si mesmo através do Pálido ultra-profundo, avante em seu carço de damasco metálico. Mas a própria memória de Khan se distorce em sua mente. Os planos B todos acabaram, deixando ele sozinho. Ele não consegue aguentar isso desse jeito, mas ele não consegue viver sem isso.

Hoje ele dorme no banheiro da estação, em um cubo com paredes finas como papel. Ele está enrolado contra a parede, a porta está trancada. Seu corpo está coberto por uma mortalha tricolor, esfarrapada pelo tempo. Fios varrem o chão conforme o homem sacode e se revira. Ele não consegue dormir, algo está errado. Algo está muito errado. *“Fala... você tem sempre umas apresentações tão legais. De história e ciência natural...”* O homem abre seus olhos e olha para uma cara vazia, cabelo loiro suave caindo sob o piso de azulejo. A criança dorme à sua frente. Não respira, não cheira.

“Quem é você?” Uma baixa vibração, a companheira invisível não responde. Khan se enrola o máximo que pode, mas o frio não sai de seus ossos. Ele repete: “Eu estou no fim do mundo. Eu estou no fim do mundo.”

Vinte e um anos atrás, pequenos pés descalços descem as escadas de uma casa suburbana. É a noite do solstício de inverno, e veias correm por sua pele translúcida. Cada unha é uma gema vermelha cor de framboesa, dedões se encolhendo nos degraus gelados da escada. Olhos verde-escuros. A bainha da camisola balança em volta de seus tornozelos.

Então Målin Lund pisa no térreo, no carpete. Na sala escura, uma janela rachada brilha. As cortinas se avolumam como uma vela, um tijolo fica sob o chão, e a porta de entrada está aberta. Ela em si é um espelho, espelho! – uma cópia perfeita do mundo. Mas algo está errado. Sempre esteve. Sua superfície é sem falhas, como a de uma adolescente, radiantemente pura. É a luz que está enganada. É o mundo em si.

Duas jovens garotas ficam ao lado da terceira no escuro. A mais velha está segurando a mão da menor, que aponta para a janela com sua varinha mágica de fada madrinha. A janela fica pendurada como um sorriso rachado em sua moldura.

“Olha!” ela diz, “Está toda errada.”

20. EPÍLOGO – LUZ BRILHA ATRAVÉS DE TUDO²¹

Revachol, 75 anos atrás, dois anos antes da Revolução da Passagem do Século.

De longe, aplausos pode ser escutados de trás do palco da sala sinfônica. As ovações para a estreia são escassas, e não terá um segundo bis. Os instigadores de palmas já organizaram o primeiro. A seção de cordas já está trocando seus vestidos noturnos por roupas de rua em espreguiçadeiras de prata. O céu de fim de janeiro está azul do lado de fora da janela. E em frente dela está *comte* Émile de Pérouse-Mittrecie – em uma sobrecasaca preta, com um dodecaedro em sua mão e seu cabelo desgrenhado de balançar suas mãos durante a condução.

Émile é uma figura controversa. Ele é um aristocrata, o *comte* dos condados de Pérouse e Mittrecie, mas seu ódio pela burguesia, a qual ele acredita ter usurpado a alta classe, faz dele um apoiador do proletariado e, portanto, da revolução. Vivendo de sua herança, Émile passou se considerar um compositor. Ele tem uma sede febril por fama, mas ele decidiu ganhar o coração das pessoas com suas composições dodecafônicas. O estilo musical do *comte* é baseado em um deslumbrantemente moderno sistema geométrico-simbólico de harmonias. Para o ouvido humano, soa como um barulho insuportável. Émile considera a música tonal e tradicional como embriônica, canções de ninar que enevoam a mente, ou música para amebas. Ele conduz seus próprios trabalhos – ninguém mais consegue ou quer – usando um dodecaedro de papelão ao invés de um bastão convencional. Suas bochechas coram de animação, e o dodecaedro treme em sua mão. “Devo voltar?” ele grita, “vou voltar!”

Ele corre pela sala como se estivesse acometido por uma febre. O diretor da orquestra sinfônica para o *comte* discretamente na porta: “Não sei, talvez não seja necessário voltar...”

“Por que não?” o homem não entende. Um sorriso choroso aparece em sua face. “Eles estão me chamando! Foi *enorme*!”

“Foi enorme...” o diretor coça sua cabeça. “Bom, definitivamente foi algo, mas você lá esteve lá uma vez e... Não está na boa etiqueta testa a educação da audiência.” A salão se aquietou. O vento uiva do lado de fora da janela.

“Eu não acho que há nada de errado nisso,” diz um colega gordo, dando um tapinha no ombro do *comte*. “A ideia foi boa. A execução precisa de pouco de polimento. Mas sabe, no fim, tudo encaixou bem. E daí se não for tocado novamente? Você vai polir para a próxima vez, e vai dar certo!” Isso é dito por um homem que compõe principalmente concertos de flauta e peças solo para flauta.

“Hmm... a próxima vez,” o diretor ainda coça sua cabeça. “Talvez seria melhor se você não escrevesse sobre isso...” o *comte* ouve ele sussurrar para o crítico musical. “Os Pérouse-Mittrecies tem sido bem generosos com sua instituição ao longo dos anos...”

O rubor da face do *comte* vira um tremor maligno. O sorriso ainda permanece. Sem ser notado, ele volta ao peitoril da janela, passando por mulheres agitadas. O som da tentativa do diretor de abafar a situação ainda pode ser ouvido, e o crítico fala também. *Complicado...* uma pessoa não consegue se tornar famosa com algo assim, é perturbador de ouvir. Atrás do vidro, os galhos das árvores balançam no entardecer azul escuro.

²¹TesseEsse epílogo não é parte da edição original do livro, ao invés disso foi escrito e postado por Robert Kurvitz no agora defunto blog “www.zaum.ee” em 2014, algum tempo depois que o livro foi publicado.

“*Perturbador de se ouvir...*” o *comte* sussurra. Há um metrônomo no peitoril. Ele deixa a seta balançar. O andamento é *grave*, o mais lento possível. “Não consegue se tornar famosa...”

“Bem, vamos lá!” o concertino exclama. “Em minha opinião, toda pessoa tem sua própria linguagem sonora!” Uma mulher gorda olha em direção ao *comte*. “Eu sinceramente espero que haja uma próxima vez. Talvez só não *tão* complicada.”

Risadas ecoam. Um suspiro de alívio passa pelo vestuário.

“No fim... tudo encaixou bem...” o homem murmura. Ele lentamente vira e olha para a sala cheia de pessoas debaixo de sua franja. “Então eu fui o único que achou que foi enorme, é?”

“Tique,” o metrônomo responde, os galhos das árvores balançando atrás das costas do homem.

“Eu achei que foi não convencional,” diz o concertino. “E de fato, houveram bons momentos.”

“Bons momentos...” diz o *comte*.

“Tique,” diz o metrônomo.

Um homem está jogando o dodecaedro de uma mão para outra. “Mas... quais momentos você mais gostou?”

“Bem, o começo da segunda parte foi lindo...” a mulher mexe com o estojo de seu violino. “E...”

“Tique.”

“Tique.”

“Tique.”

“Azimute!” alguém bate uma palma no meio do silêncio. “Tique.”

“Boreas!” Sector!” Com olhos brilhando como relâmpagos, um pequeno homem entra na sala. Ele bate palmas a cada batida e diz uma palavra a cada passo.

“Nadir!” o pequeno homem termina e se curva diante do *comte*. Todas as partes foram absolutamente uma perfeição matemática. Nem faça uma próxima vez, não estrague isso. Desapareça, não há mais necessidade.” O homem cerra suas pequenas mãos em punhos, seu terno de veludo tem remendos nos cotovelos. “Vou voltar para Graad,” ele se volta para a sala. “Em dois anos, a revolução de Mirova vai começar, varrendo pelo mundo como uma tempestade. E seu fracasso vai dar início a todo o próximo século. O século do declínio da razão humana, onde todo próximo ano é mais sombrio do que o anterior.”

Ele anda pela sala como uma bola de raios, ameaçando pular na cara de alguém a qualquer momento. “Daquele lado, através da noite polar, vem aquela música. Ela toca nos veículos do futuro. Imãs! Mas ainda assim – ela não vem de lá. Você vai ficar famoso, Monsieur Mitrecie e sua música vão chegar a nós do verdadeiro fim, ainda além onde toda a matéria é uma memória. É assim que a luz branca soa, brilhando em cada câmara escura, revertendo todas as revelações.” Ele fica na ponta dos pés, debaixo do nariz do crítico: “Todas as revelações – eu disse – *revertidas!*”

“Tique.”

O pequeno homem vira sua cabeça como uma coruja. Seu olhar busca por um para-raios e ele o chama na forma de um *comte*. A cara deste se espalha em um sorriso. O homem engasga, “Então, eu vou ser famoso afinal? Você realmente acha que acontecerá desse modo?”

“Eu estou certo disso. Pois depois da luz...”

“Ion!” interrompe a voz de uma criança, “Ion, vamos embora logo...” Um garotinho fica de pé na porta, vestido com trajes festivos.

“Me dê licença,” o homem aperta a mão do *comte*, “foi uma honra conhecer alguém cuja mente é receptiva a sons tão brilhantes que revelam a essência memorável do mundo em sua luz.”

“Espera!” o autor gagueja. Ele procura em seu bolso do casaco por um lápis e autografa o dodecaedro com ele. Ele esteve praticando isso por muito tempo. “Para quem devo dedicar?”

“Ion Rodionov,” o homem sorri. Ele está animado.

“Você não é, por acaso, um escritor?”

“Ah, não, eu sou um professor de matemática,” o homem pega o poliedro, seus olhos brilhando de admiração.

“É claro!” o crítico inchado perde a calma perto da porta.

Mas o professor passa por ele, não dando qualquer atenção. Ele pega a mão do pequeno estudante na porta. “Vamos, Ambrosius!” ele diz. “Não é um lindo poliedro?”

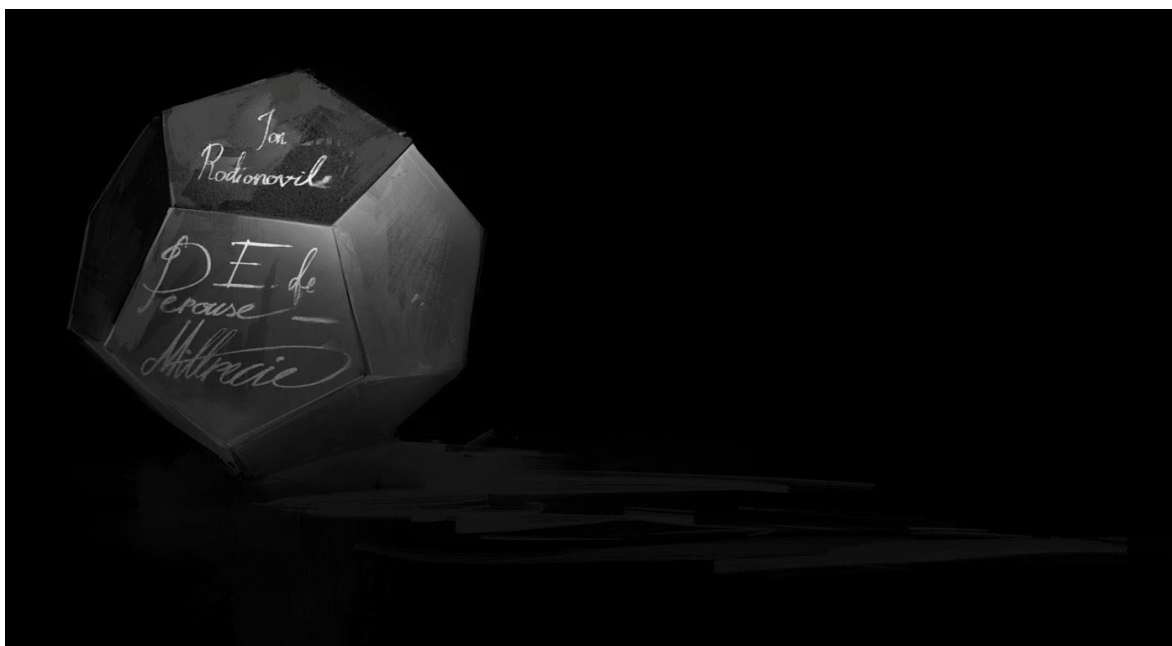


Figura 3: Dodecaedro (por Robert Kurvitz)

Um mês depois, oito mil quilômetros de Revachol, na beira do Grande Azul, nas costas de Insulíndia.

A vela de um iate pega o vento ferozmente. O tecido se agita e o vento uiva ensurdecidamente. É uma noite do final de fevereiro e a última hora azul escura antes do por do sol. O oceano cintila sob a vastidão azul escura, e um único iate manobra pela crosta rachada de gelo. Um icebergue passa pelo grade do iate, fumegando na escuridão. No convés está *comte* Émile de Pérouse-Mittrecie. Ele ainda está em sua sobrecasaca preta, que está esfarrapada e suja. O cabelo do homem sopra ao vento, suas mãos estão vermelhas por causa do frio. Elas estão congeladas no leme.

“Pegue fogo, Revachol! Pegue fogo!” ele grita ao vento. “Eu sei que é formidável, e o mundo sabe que é formidável! Quem é você, afinal?”

O barco estala sob a superfície de gelo. Uma raspagem ensurdecidora contra o casco de madeira. Com seu dente, o *comte* puxa a rolha de uma garrafa de aguardente. “Complicado?!” ele grita e toma um gole. “Eu te trago a música das esferas, e é muito complicado?! Você é o complicado aqui, seu gado!”

Diante dele, o sol nasce pelo vasto e gélido mundo. É uma visão. Uma pálida luz cinza radia como guirlandas de ódio e frieza. O sol nasce do Pálido. O *comte* levanta suas mãos ao céu, e o ruído incomparável o engole. É mais alto do que o vento, mais alto do que as massas de gelo sendo esmagadas. Cuspe borrija da boca do homem, e ele uiva sua cadência favorita. É sua própria composição. E a voz do Pálido à sua frente soa como aplausos, ovações feitas em pé, dezenas de milhares de pés batendo e assobios, assobios ensurdecidores como fogos de artifícios, um átomo que vai um dia ser detonado em Revachol. A única coisa nesse mundo que é mais bonita do que sua própria música são aplausos.

“Eu sou famoso!” o *comte* grita. “Eu sou o músico mais famoso de todos os tempos! Todos os outros músicos não são nada comparados a mim! Ninguém – ninguém! – os conhece, mas t o d o m u n d o me conhece!”

Ele bebe até a última gota de aguardente e quebra a garrafa no convés. “Milhões me amam!” ele grita, delirante, e joga suas mãos ao ar, na direção do Pálido. “Milhões e bilhões, centenas de milhares de bilhões de garotas jovens e apaixonadas amam a mim e minha música de doze notas! Amor é tudo! Amor é luz! Luz e para além – nada!”

BONUS – CENA DELETADA – MÃE DE KHAN ²²

“Por favor,” grandes lágrimas escorrem dos olhos de Khan. “Me diz quem você é...”

“Você sabe quem eu sou.” A vibração emite a voz de uma criança, dizendo coisas terríveis. Khan começa a tremer e cai bruscamente no canto do corredor, com o receptor em mãos.

“Não é você, não é você!” ele grita. O corpo real do homem treme com sua mente. Ele acorda e chora em sua cama. Seu ouvido zumbe e o sonho continua em vigília, apenas o modelo de aeronave está de volta no mostruário, Nadja não sorri mais, e Gon-Tzu segura a bússola.

Cinco minutos depois, Aliyah ouve o barulho de louças batendo na cozinha. Ela tateia procurando pela cabeceira da cama, e o abajur com franjas ilumina. A mulher vai para a cozinha em sua camisola. Ali, no escuro, olhando para a porta, está seu filho na casa dos trinta, chorando. O homem grande lava sua xícara de café, suas costas tremendo.

“Pesadelo?”

Khan não responde, deixa cair a xícara na pia e o cabo cai.

“Senta aí agora, me deixa fazer isso.” A mãe direciona o homem para a mesa. “Você quer que eu te faça um chá?”

“Cafê,” o homem seca suas bochechas, “faz café.”

A idosa liga as luzes da cozinha, água gorgoleja na pia, ela lava a caneca favorita de seu filho. Ali, a última jornada de Ramout Karzai se enrola pelas dunas. Então a mulher coloca água para ferver no fogão e senta perto de Khan.

“Eu perguntei...” ele ofega, “para ela dizer onde estão, mas ela não disse.”

“E ela é...”

“Málin.” Khan engole em seco. “Ela ligou, e as outras estavam lá também. Elas disseram que eu deveria deixar elas para lá. Que eu estou as torturando.”

Está quieto, o bule começa a assoviar. A mãe de Khan levanta e procura pelo café em pó no armário. “Você sabe o que isso significa, não sabe?”

Khan não está mais chorando. Ele olha para seus dedos na mesa com uma expressão vazia e diz, “Todo mundo já vai ter conseguido o que queriam. Só eu que não...”

“Não, querido.” Aliyah coloca uma caneca de café na frente de seu filho em cima de um jornal. “É você que fica se dando esse tipo de conselho. Você sabe o que você precisa fazer. Você não precisa procurar esse Zigi, e você não precisa ir para a pessoa que fala com os mortos. Você precisa trabalhar.”

“Mas eu já estou trabalhando!” Khan toma um gole. “Eu sou um especialista líder no meu campo, tô te dizendo.”

“Talvez seja, mas esse não é um campo normal. Eu falo de um trabalho de verdade. Quando você começar a se cuidar, as mulheres vão vir pra você. Eu tenho uma ideia, escuta! Vá para a agência de empregos amanhã de manhã...”

“Mãe, eu não acabei de te dizer?!”

²²Essa cena deletada foi postada em 2013, depois da publicação do livro, no agora defunto blog em “www.zaum.ee”. Ela continua o fim do capítulo 11.

“Me escuta até eu terminar! Vai lá amanhã e pede por um retreinamento! Eles dão de graça. Você vai ganhar confiança, faça uma rotina diária para si...”

“Claro,” Khan ri de forma vazia, *“uma rotina diária.”*

“... e na sexta, saia com aquela garota. Não resista, ela é bem legal. Agnes é uma mulher muito agradável, eu não acho que a filha dela vai te comer vivo.”

“Que filha?”

“Por que você nunca me ouviu? Eu venho te falando há um mês que a filha da minha colega é da sua idade e também está solteira. Ela realmente quer te conhecer! Coloca uma roupa legal e leva ela para um lugar legal para jantar.”

Khan abaixa sua cabeça entre suas mãos. “Que lugar, mãe... para a restaurante de kebab do Abu-Babu pra gente comer börek? O mesmo lugar que vou fazer aquele retreinamento?”

“Sabe o que vamos fazer? Vou te dar uma mesada. Um adiantamento. Você vai reservar uma mesa logo depois de ir na agência de empregos e vocês vão no Telefunken!” A mãe de Khan olha para ele com uma expressão ardilosa.

O homem levanta sua cabeça de suas mãos e seca seu nariz com um lenço. “E como eu vou fazer isso?”

A mãe abre o jornal à mesa: “Através de contatos.”

Um jovem em uma camiseta e um terno slim posa próximo de uma entrevista na seção de artes. A camiseta tem a capa icônica do álbum de algum dançarino famoso, e o design de interiores do andar panorâmico renovado brilha ao fundo.

GLOSSÁRIO

Termo	Explicação
Antecentenário	Algo que aconteceu antes da vira do século.
Revolução Antecentenária	A Revolução Antecentenária, também conhecida como a Revolução da Virada-Do-Século ou Revolução Mundial, foi um conflito que se espalhou pela isolas, iniciado pelos Comunistas de um lado (também conhecidos como os Comunas) e a Moralinterna e realeza do outro. Ela começou em Graad no ano 02, parcialmente devido a uma epidemia de uma doença de prion chamada “tzaraath” e a um líder político chamado Kraz Mazov (uma figura que se pode comparar a Karl Marx).
Dolores Dei	Uma “imaculada” (veja <i>Os imaculados</i>) representando humanismo e internacionalismo. Ela supervisionou três revoluções científicas e criou as bases do estado de bem estar social. Democracia parlamentar e instituições essenciais como a Moralista Internacional (conhecida como Moralinterna) também foram criadas durante seu regime.
Elysium	O nome do mundo paralelo que estamos explorando. No ano de 51, quando a história começa, sua população é/era estimada de 4,6 bilhões. Elysium é especial por ser composto de duas grandes características geográficas: Isolass, que agem como continentes separados, e o Pálido as cercando. Existem sete isolass conhecidas: Graad, Iilmaraa, Insulíndia, Katla, Mundi, Samara, Seol.
Entroponética	É o estudo sobre o Pálido (veja <i>O Pálido</i>). O nome vem do termo científico de entropia, ou caos.
Entroponauta	Um cientista/aventureiro que estuda o Pálido.
Franconegro militarismo	O imaculado Franconegro é ligado à uma linhagem de filósofo organizado em Elysium. Ele afirmou a noção de governo hereditário e o conflito entre os aristocratas e a burguesia. Ele reinou no que seria o período medieval no nosso mundo.
Os Imaculados seus	A história conhecida de Elysium é amplamente focada em imaculados, que são entidades similares aos papas no catolicismo, mas também arquétipos que representam ideias inteiras. Já existiram seis imaculados eleitos, todavia apenas quatro desses são conhecidos até agora: Pius, o Primeiro Imaculado; Franconegro, o imaculado do militarismo; Dolores Dei, a imaculada da viagem interisolar; e Sola, a anti-imaculada.
Isola	Termo genérico para Continente/Ilha (separada por água e o Pálido)

Termo	Explicação
Moralinterna	Moralinterna combina os termos “moralista” e “Internacional,” uma organização que existe desde a época de Dolores Dei. Membros da organização aderem ao princípio do humanismo e moralismo.
O Pálido	<p>O mundo de Elysium é único pois não é constituído por massas terrestres contínuas, mas sim por uma seleção de vastos continentes ou isolas separadas umas das outras por uma barreira ou “tecido separador” chamado de Pálido. Esse tecido é a característica geográfica mais proeminente do mundo, constituindo 72% da superfície conhecida e superando a realidade numa escala de 2 por 1, o que faz ser impossível orbitá-la sem equipamento especial. Ele pode ser visto como uma névoa cinza que se alastra pelo céu, com ocasionais alargamentos e proeminências arqueando entre as isolas.</p> <p>Experimentos científicos descreveram isso como uma auréola cinza escura cercando o globo (apesar de que não seja claro se o planeta ainda é um globo). Na verdade, a principal característica do Pálido é que ele é a suspensão de todas as propriedades – físicas, epistemológicas, linguísticas – o que o faz ser difícil de descrever ou medir. Ele foi chamado de “a transição do estado de ser para o nada”, e se alguém se aventura mais funda no Pálido, o grau de suspensão fica tão mais aparente que eventualmente até a matemática se torna incerta. Ninguém conseguiu passar desse ponto desde a descoberta do Pálido e pode ser impossível.</p>
Perikarnassis	Perikarnassis é considerada a mais antiga civilização ancestral no mundo de Elysium, tendo sido localizada na “super-isola” de Perikarnassis. A queda dessa civilização aconteceu 8000 anos no passado e foi chamada de <i>Incidente Perikarnassis</i> . Embora ninguém saiba exatamente o que causou o incidente, muito acreditam que o Pálido esteve de alguma forma envolvido.
Tzaraath	Uma excepcionalmente virulenta doença de prion.

País/Região em Elysium	Correspondente em Nosso Mundo
Arda	Arda é um subcontinente na isola de Katla
Coalizão de Nações	Aliança militar e política entre as nações de Graad, Sur-la-Clef, Messina e Oranjenrijk, estabelecida para lutar contra os Comunistas em Revachol.
EPIS OTAN/UE	União Européia, uma coalizão similar à
Graad	Isola/continente inteiro, similar à Ásia do norte; também um país de mesmo nome, uma mistura de Rússia e Polônia
Gottwald	Alemanha
Igaunija	Estônia (é o nome do país em letão)
Iilmaraa	Isola/continente inteiro, similar à América Latina
Insulíndia	Isola/continente inteiro, a mais azul delas (tem um oceano), similar à Oceania
Katla	Isola/continente inteiro, a mais fria delas, similar à Escandinávia
Kedra	Turquia
Mesque	Mistura de Espanha/Portugal com México
Messina	Itália
Mundi	Isola/continente inteiro, a maior e mais antiga de todas, similar à Europa
Ocidente	Subcontinente na isola de Mundi, localizado ao sul de Kedra; é onde ficam os países que fazem parte da EPIS, na qual Sur-la-Clef é considerado o “coração executivo”
Oranjenrijk	Versão dos países baixos que é maior/mais forte/militarizada
Ozonne	Luxemburgo/pequeno país rico
Revachol	Uma decaída cidade no estilo de Manhattan na isola de Insulíndia, fundada há 380 anos como uma colônia do que é o moderno Sur-la-Clef (antes Reino de Suresne); ganhou proeminência durante seu auge sob a monarquia e se tornou a “capital do mundo”, só para ser devastada durante a Revolução Antecentenária, na luta entre os Comunistas e a Coalização de Nações.
Samara	Isola/continente inteiro
Samara, República Popular da(SRV)	Mistura de China e Índia

País/Região em Elysium	Correspondente em Nosso Mundo
Semenese	Costa do Marfim/Congo
Seol	mistura de Japão com Coreia do Sul
Sur-la-Clef	Uma mistura de França e Bélgica e país sede da EPIS
Suru	Os Suru são um povo indígena de minoria étnica em Vaasa, na isola de Katla; similar aos Lapões
Tien-en	Vietnã
Vaasa	Mistura de Suécia com Finlândia
Vesper	República Tcheca
Yugo	Os Balcãs, antiga Iugoslávia
Yekokataa	Similar à Sibéria, “Yekokataa” é uma abreviação do termo Graadiano “Zona de Catástrofe Ecológica,” um mega-projeto agrícola no extremo sudeste da isola de Graad. Ele envolveu abordagens de ponta para a irrigação e um tipo de fertilizante totalmente novo.
Zsiemsk	Polônia